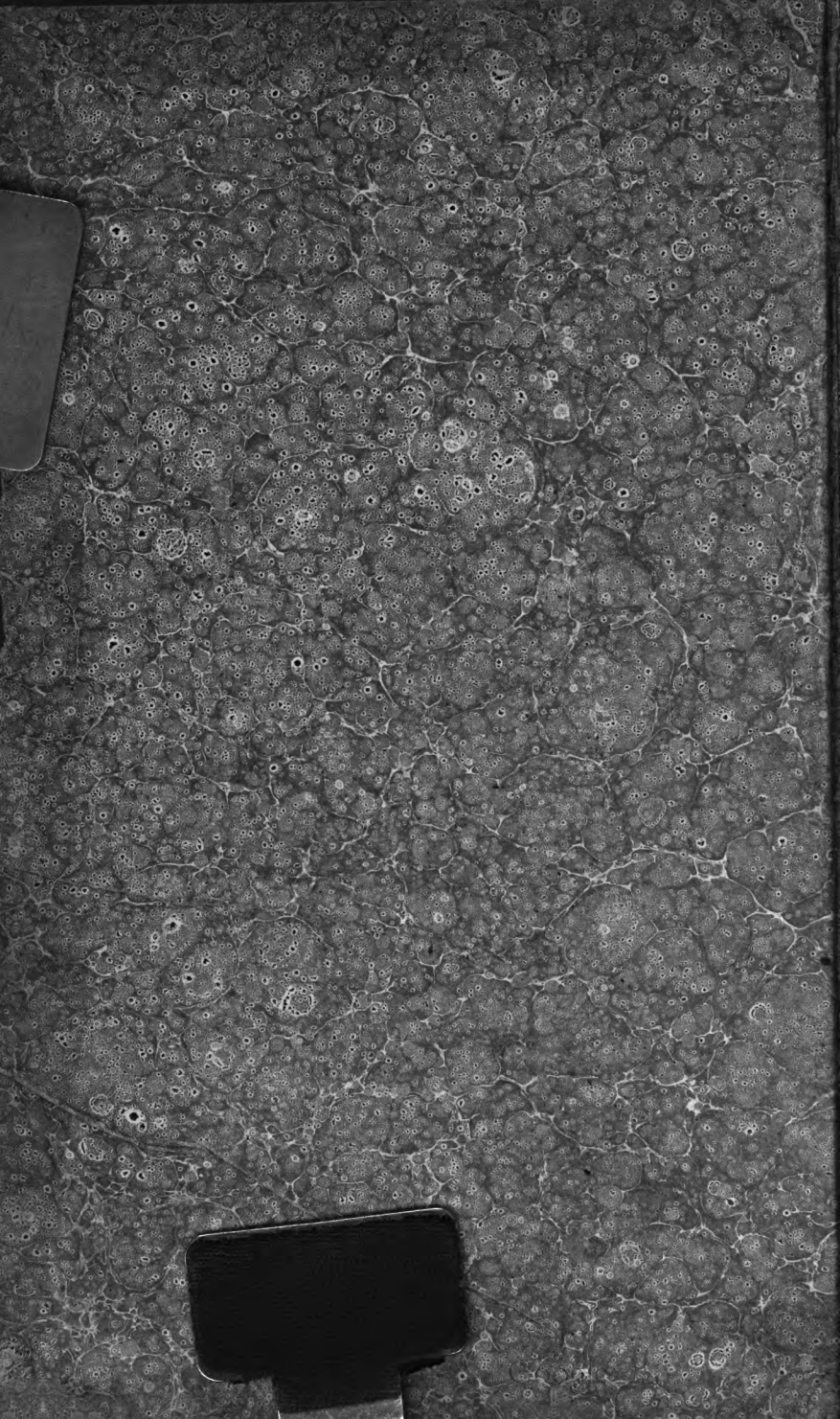






H. Lit. P.

85^c

Costa

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO
SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

1911

1911

1911

1911

ENSAIO BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

POR

José Maria da Costa e Silva,

*Socio Honorario da Academia Lisbonense das Sciencias, e
das Letras, e Socio Correspondente do Gabinete de
Leitura do Rio de Janeiro.*

TOMO II.

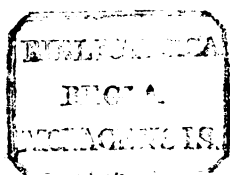
*Tros, Tiriusque mihi nullo discrimine agetur.
Virg. En. Lib. I.*



Lisboa.

NA IMPRENSA SILVIANA.

1851.**



1912

1912

1912

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

LIVRO II.

CAPITULO I.

Introducção.

No intervallo occupado pelos reinados de D. João II, e D. Manoel teve lugar em Portugal uma revolução maravilhosa, que não só alterou o seu modo de existir, mas mudou a face da Europa, e talvez do Mundo inteiro.

Um punhado de Portuguezes intrepidos, e sedentos de gloria, depois de haverem na costa maritima da Mauritania occupado á força d'armas, Ceuta, Asamor, Arzilla, Tanger, Zafim, Alcaçar, e Marsagão, affoutando-se a mares desconhecidos, dobraram os cabos de Náo, e Bojador, descobriram, e povoaram ilhas até ali ignoradas, montaram o Promontorio das Tormentas, costearam a Africa Occidental, e Oriental abrindo tracto com os povos, que ali habitam, foram mostrar as Quinas Lusitanas no Indostão, e abordaram a quarta parte do mundo, aonde em breve haviam de surgir colonias vastas, e florescentes, fontes inexhaustas de ouro, e mil producções preciosas.

As frotas Portuguezas vogavam victoriosas pela costa do Malabar, e Coromandel, pelo golfo de Cambaya, iam subjugar Malaca no regaço da Aurea Chersoneso, entravam pelo mar Erythreo para abrasar as galeras do Soldão do Cairo, varejavam com sua artilheria a cidade imperial de Calcut na costa do Malabar; velejavam nas Molucas, e nas

Maldivas, e iam bater ás portas do Japão, e do imperio da China.

Os Reis mais poderosos da Asia, se reconheciam vassallos do Rei de Portugal, ou curvavam aos golpes da espada Lusitana, que tudo abatia, e revolvía tudo, por espirito de ambição, de fanatismo, de religião, de gloria, e de heroismo.

E que faziam então essas nações da Europa, que hoje nos desprezam, e acoimam de barbaros, sem lembrar-se de que lhe ensinamos a navegar, e negociar, e lhe demos o exemplo da civilisação? Sepultadas na barbaridade, e na ignorancia, opprimidas do jugo feudal, entretinham-se em justas, e torneios, em disputas theologicas, em guerras civis, e religiosas, e dilaceravam-se umas ás outras como os nascidos dos dentes de Dragão semeados por Cadmo.

Os resultados destas expedições, e façanhas portuguezas foram incalculaveis. O commercio das especiarias, perolas, rubins, e das mais drogas, e veniagas indianas, que até ali como uma torrente partindo de Suez, atravessando o deserto, vinha represar-se no Cairo, e Alexandria, donde depois se espalhava por todos os reinos europeos, agora transpondo o Oceano, vinha achar em Lisboa um Emporio exclusivo, onde as nações estranhas concorriam a prover-se daquelles generos preciosos.

O ouro de toda a Europa vinha aqui encontrar-se, a riqueza chegou aos mais remotos angulos do reino, e ás classes infimas do estado.

Eu já vi correr Pardaus
Por Cabeceira de Basto.

Dizia Sá de Miranda, e vendo crescer o luxo acrescentava

Destes mimos Indianos
Hey grão modo a Portugal.

Cresceram as commodidades da vida e com ella as exigencias, e a civilisação. Conhecendo-se que toda esta prosperidade era resultado das sciencias ensinadas na Academia de Sagres, a quem se devia o novo methodo de navegação tornada mais facil pela descoberta, e invenção do

Astrôlabio, Noturlabio, Barquinha, e Cartas Hydrographicas; todos os espiritos se applicaram ao cultivo dellas, e ao exame dos escriptos da antiguidade.

Este ardor de instrução era activado pelos homens, que voltavam dessas expedições longinquoas, com idéas novas que lá tinham adquirido, e pelo tracto com os estrangeiros que afluíam aos nossos portos, ou vinham estabelecer-se entre nós especialmente Venezianos, e Genovezes, que eram então os primeiros negociantes da Europa; e então a Universidade de Coimbra estava no apogeo da sua gloria, tanto pelos Professores, que ali região as Cadeiras dos differentes ramos de instrução, como pelo aproveitamento dos estudantes, que as frequentavam.

Neste fervor de idéas novas, nesta paixão pelo saber, era impossivel que a Poesia ficasse estacionaria. A instrução é o seu alimento natural, e a instrução sobejava então na nossa Patria; a leitura dos exemplares Gregos, e Romanos despertava a emulação. As proezas prodigiosas dos nossos guerreiros inflammando, e exaltando as imaginações ardentes, convidava a celebra-las, e os Poetas conheceram em breve, que a Poesia nacional, e suas Coplas, não eram instrumentos proprios para desenhar tão grandes quadros, e adoptando os metros Italianos, procuraram aproximar-se à correção de estylo, e viveza de colorido, que admiravam nos antigos.

O lance era o mais favoravel para a admissão destes novos metros, a lingua tinha chegado ao maior ponto de regularidade, e de aperfeiçoamento; a alta Poesia era inteiramente desconhecida em Portugal, pois tudo o que até ali se compuzera se reduzia a Coplas amorosas, ou satyricas, em versos de arte menor; pois inda que apparecem alguns hendecasyllabos na Cansão de Gonçalo Hermingues, e alguns Sonetos entre as obras do Infante D. Pedro, e D. Affonso IV., era isso uma cousa excepcional. Não havia pois a grande difficuldade de desavesar os ouvidos do publico de uma harmonia já conhecida, e consagrada por obra de grande importância, para sujeita-los a uma harmonia nova, e tudo dependia do talento dos que emprendessem essa novidade.

O primeiro que trabalhou por introduzi-la com o seu exemplo foi Francisco de Sá de Miranda, sendo mui de

notar que a importante introdução de uma Poesia nova, na lingua Portugueza, e Castelhana fosse obra de dous Poetas mediocres : e ainda assim parece-me que João Buscan, era mais naturalmente Poeta, pelo menos tinha melhores ouvidos, e expressão mais viva que Francisco de Sá de Miranda.

CAPITULO II.

O Doutor Francisco de Sá de Miranda.

Francisco de Sá de Miranda nasceu na Cidade de Coimbra a 27 de Outubro de 1495. Foi filho de Gonçalo Mendes de Sá, e de sua mulher D. Filippa de Sá, ambos mui distinctos por linhagem, e pelos grandes serviços dos seus antepassados, e irmão de Mem de Sá mui conhecido na Historia do Brazil de que foi Governador.

Mostrou desde os mais tenros annos grande vivacidade de engenho, amor do estudo, e facil comprehensão ; mais por comprazer com a ventade de seu Pai, que por inclinação propria, se applicou ao estudo do Direito, em que adquiriu o grau de Doutor : tudo presagiava que o novo alumno de Minerva tomaria assento em algum dos Tribunaes superiores do reino, depois de haver, segundo o costume, exercido alguns dos logares de letras, que serviam de escalla para aquella posição.

Mas Francisco de Sá de Miranda aborrecia a vida de Magistrado, tinha em pouca conta a sciencia juridica, e porisso, tanto que seu Pai morreu, abandonou logo Bartholo, e Accursio, authores antipathicos com o engenho Poetico, oppoz-se a uma Cadeira de Philosophia na Universidade, e sendo provido nella a regeu dignamente por alguns annos, entregando-se todo ao estudo desta sciencia, e ao culto das Musas.

Foi na Universidade que Sá de Miranda contrahiui com Antonio Ferreira uma viva, e sincera amisade, que para honra de ambos nunca se desmentiu, e durou até á mor-

te; e bem que Ferreira considerado como Poeta estivesse mui superior a Miranda, sempre o respeitou como Mestre, sem contempla-lo como rival, e foi elle que com o exemplo das suas composições lhe prestou apoio, e o fez triumphar na grande questão litteraria, que teve com Diogo de Teive.

Este Professor summamente recommendavel por seu grande saber, era escutado na Universidade como oraculo, e como passava por grande Poeta Latino, todos os Membros, que se sentiam com vocação para a Poesia, seguiam o seu exemplo, e o seu conselho, poetando na lingua de Virgilio, e desprezavam como elle a lingua patria, e as linguas vulgares como rudes, informes, e incapazes para o tracto das Musas.

Miranda, sem deixar subjugar-se pela authoridade de tão grande Mestre, não teve duvida em formar um scisma litterario, sustentando os fóros da lingua patria, e dizendo que cada nação devia cantar no seu idioma natural, que um povo vivo não podia contentar-se com uma Poesia morta: que um Poeta Latino moderno não pertencia a nação nenhuma, posto que fosse intendido por todas; que para um Poeta honrar a sua patria era necessario que escrevesse na lingua materna; estas doutrinas, que hoje nos parecem tão claras, que não admittem contradicção, não eram facilmente comprehendidas naquelle tempo, e encontravam sobejas contradicções, ellas com tudo callaram ao animo de alguns bons engenhos, que então frequentavam a Athenas Lusitana, e mui particularmente em Ferreira, mais capaz de comprehende-las, e que primeiro que ninguem tomou o partido de Miranda.

A razão, e o bom senso estavam da parte de Francisco de Sá, e dos seus amigos, porém os Latinistas cantavam a victoria comparando os metros Latinos com os Portuguezes, e achando naquelles mais soltura, e liberdade, mais campo para variar as pausas, e as cesuras, mais harmonia, e flexibilidade para modelar-se á infinita variedade de fórmãs, e de tons, que demanda a imitação dos diferentes objectos, que se offerecem á imaginação, e dos sentimentos, que nos agitam. Todas estas vantagens existiam na versificação da Poesia Toscana, já então mui conhecida entre nós, e nas suas artificiosas combinações de

versos de diferentes medidas com os hendecasyllabos, na copulação musical das suas rymas, e Sá de Miranda, e a sua escola não podiam deixar de adoptal-os, para mostrar aos seus adversarios, que a lingua Portugueza se até ali não havia produzido senão Trovas, não era por falta de cabedal para mais, mas sim porque della se não havia exigido outra cousa.

Adoptou-os pois, talvez sem calcular toda a extensão dos resultados desta novidade, assim como duvido muito, que elle sentisse bem, e se compenetrasse do verdadeiro espirito da Poesia Italiana como Antonio Ferreira, e sobretudo Luiz de Camões.

Parece-me que sem embargo de lhe imitar a fórma externa, Sá de Miranda ficou sempre Trovador, que o manto classico de Petrarcha lhe cahe a cada instante dos hombros desacostumados: que só vêjo nelle um camponez vestido de côrte, que não sabe como ha de ter o chapéo, ou sentar-se com garbo em uma cadeira de espadar.

Escreveu, é verdade, Sonetos á maneira do amante de Laura, Cansões de longos ramos, alternando como elle as rymas, e os versos com os hendecasyllabos, mas nesses Poemas debalde se procura a correccão, a elegancia, a viveza de colorido, a graça, o espirito, a voluptuosidade, e a força de expressão do seu modelo; em uma palavra, Sá de Miranda nunca soube moldar a lingua patria aos hendecasyllabos, nem possuio a cultura, e gravidade do estylo classico.

Os seus metros hendecasyllabos sam de ordinario duros, prosaicos, mal torneados, e tão eivados de desinencias agudas, que a cada instante offendem a quem tiver ouvidos delicados, e sensiveis á harmonia dos sons; e foi este grave defeito que obrigou Manoel de Faria e Sousa a dizer, com a sua costumada graça epigrammatica, que *Francisco de Sá de Miranda era excellente Poeta para os velhos, que já tem perdido o sentido de ouvir.*

E na verdade haverá bem poucas pessoas, a quem não cance de preça a leitura deste Poeta, já pela desarmonia do metro, já pelo seu estylo pouco corrente, e pouco elegante, onde a cada passo os vocabulos nobres se encontram misturados com os baixos, as phrases poeticas com

as prosaicas, e as idéas philosophicas com os riffs, e os adagios populares.

A lyra de Sá de Miranda parece que não tem senão duas chordas. Canções, Eclogas, Cartas, Sonetos tudo é escripto da mesma fórma, tudo apresenta um estylo bocolyco, e sentencioso, de modo que diria que o Author entendia, que lhe não era possível ser Poeta sem traduzir Seneca em estylo pastoril.

Tambem parece, que a febre patriotica não apertava muito com elle, porque a maior parte das suas Poesias, e talvez as melhores, são escriptas em Castelhana, cousa tanto mais para admirar á vista da sua antipathia para os que poetavam em Latim. Julgaria acaso, que escrever em Castelhana era menos offensa da patria do que escrever em Latim? Estaria persuadido de que a lingua dos nossos visinhos era mais harmoniosa, e perfeita do que a nossa? Não sei; mas parece-me, que este Poeta não tinha espirito muito consequente, pois desapprovava que os outros escrevessem em lingua estranha, quando elle as mais das vezes o praticava, e se fez Apostolo de uma Poesia nova, sem deixar de todo as Trovas da antiga Poesia nacional.

Não se persuada porém o leitor, que eu pertendo desabonar a reputação de Francisco de Sá de Miranda, ou tornar menos respeitavel o seu nome. Elle merece a nossa estima, e a nossa veneração como um dos Pais da nossa Poesia; apontar os defeitos das suas obras, não é negar as bellezas dellas, antes faze-las sentir melhor, e que motivo teria eu para ser injusto com um homem, que viveu no seculo 13, e que como Homero, ou Vergilio só é de mim conhecido pelos seus escriptos, que escaparam á voracidade do tempo?

Não sei se por algum desgosto, que teve na Universidade, se por desejo de instruir-se, se por natural inconstancia de genio, o Doutor Francisco de Sá, abandonou a Cadeira de Philosophia, os seus discipulos, e amigos, sahio do reino, e poz-se a correr a Hespanha, e a Italia, visitando as principaes cidades destas duas nações, como elle proprio o aponta nos seguintes versos.

Vi Roma, vi Veneza, e vi Milão
Em tempo de Hespanhoes, e de Francezes,

Os jardins de Valença, e de Aragão,
Em que amor vive, e reina, e força ganha.

Não direi que fructo tirou desta longa digressão. Existiam então nos dous paizes, e muito mais na Italia, grandes Poetas com quem elle devia sem duvida encontrar-se, e conviver em Roma, em Napoles, em Florença, em Veneza; mas não vejo que o tracto, e conversação, que teve com elles, lhe aprefeioasse o gosto, ou lhe augmentasse a affeição á Poesia Italiana, nem acho nos seus versos alguns dirigidos a algum delles, nem que exprimam saudade ou admiração por aquelle paiz encantador, e pictoresco; onde parece que não deixou amigos, nem admiradores, pois de tantos Poetas Italianos que conheço não ha um só que faça menção de Francisco de Sá de Miranda.

Voltando á patria, entrou no serviço do Paço, e dizem que foi muito estimado d'ElRei D. João III., que o condecorou com uma Commenda da Ordem de Christo, denominada das Duas Igrejas, junto de Ponte de Lima, e que fôra mui protegido do Principe D. João, como se vê de alguns Sonetos, que acompanharam a copia de algumas obras, que o mesmo Principe lhe mandára pedir por diferentes vezes. Nem é de admirar que fosse estimado na côrte um homem nobre, de grande saber, que tinha o talento de compor Trovas, de saber bem musica, e tocar rebeca com grande perfeição.

Mas Francisco de Sá não era moldado para a vida de cortesão; a inflexibilidade da sua moral, a franqueza com que censurava as idéas, e costumes dos Aulicos, o tornaram odioso, e uma querella mui viva, que teve com um Palaeano, o obrigou a tomar a resolução de dar d'avesso ás esperanças de grandeza, que concebêra, retirando-se do mundo Aristocratico, e acolhendo-se á Quinta da Tapada pertencente á sua Commenda, na Diocese de Braga.

Ali como em seguro remanso pôde viver livre e independente, versejando, e murmurando á sua vontade, entretendo correspondencia com alguns amigos litteratos como o Doutor Antonio Ferreira, Jorge de Montemaior, João Rodrigues de Sá e Menezes, Pero de Carvalho, Mem de Sá, seu irmão, Antonio Pereira, Senhor de Basto, D. Fer-

nando de Menezes, Nuno Alvares Pereira, Pero de Andradinha, e outros igualmente distinctos por seu saber, e sua nobreza, e alguns delles tambem cultores das Musas.

Outras vezes tomava por desenfadamento o exercicio de montar, a que era muito inclinado, posto que a paixão pela caça não pareça armonisar muito com os habitos, e inclinações de um Doutor, e de um Poeta.

Casou com D. Briolanja de Azevedo, senhora de illustre ascendencia, mas um tanto idosa, e o que mais é, tão pouco favorecida da formosura, que seu Pai recusou muito conceder-lha por Esposa, com receio de que Francisco de Sá depreça se desgostasse della; é porém natural que a virtude, a affabilidade de caracter, e maneiras graciosas compensassem, como ás vezes acontecesse, a sua fealdade, pois consta que Sá de Miranda sempre a amou, e respeitou muito, e se houve por feliz na sua companhia.

Desta Senhora, teve elle dous filhos, Gonçalo Mendes de Sá, que seguiu a vida militar, e morreu em Ceuta combatendo valorosamente contra os Mouros; outro que se chamou Jeronimo de Sá d'Azevedo perpetuou a sua descendencia, que se acha hoje entroncada nas familias mais nobres do reino.

Um facto que mostra a grande estima, que os Portuguezes fizeram sempre de Sá de Miranda, é que tractando este Jeronimo de Sá casar uma filha sua, o Noivo escolhido exigiu, que o manuscripto authographo das obras do Poeta fizesse parte do dote, que havia de receber, e assim se verificou. Este manuscripto se conservou por muitos annos na familia, como grande preciosidade, e na verdade o era, e dizem que se conserva hoje na Bibliotheca Real de Paris, em consequencia de um dos seus descendentes haver feito delle dinheiro !!!

Francisco de Sá de Miranda falleceu na sua Quinta da Tapada, onde viveu feliz, e tranquillo, a 15 de Março do anno de 1558, havendo sobrevivido trez annos á sua estimavel Esposa.

Nenhum dos escriptos deste Poeta me consta que fosse publicado pela imprensa, durante sua vida: giraram por muito tempo em manuscripto pelas mãos dos curiosos, e talvez dahi provenha a variedade de lições, que nelles se encontram, sendo algumas tão grosseiras, e ridiculas que

manifestamente se vê que provieram de alterações feitas no texto por copistas ignorantes.

Tem-se feito diferentes edições das Poesias deste Poeta, em diversos formatos, umas sem as suas Comedias, outras com ambas, e outras só com uma, tal é a que eu posuo, que sahiu da Officina Regia no anno de 1804, e não havendo ainda encontrado uma só, que possa dizer-se boa, não duvido de afirmar, que esta, salvo o papel, que na verdade é bom, a tenho pela peor, e mais incorrecta de todas.

As obras de Francisco de Sá de Miranda começam por vinte e cinco Sonetos, dos quaes onze sam em castelhano, e quatorze em portuguez: entre estes ha alguns de muito merecimento, tal é o seguinte.

SONETO.

O Sol he grande; caem co'a calma as Aves,
De tempo em tal sazão, que sohe ser fria,
A agoa, que d'alto cac, accordar-me-hia
Do somno não, mas dê cuidados graves.

Oh cousas todas vãs! todas mudaves!
Qual he o coração, que em vós confia?
Passando hum dia vai traz outro dia,
Incertos todos, mais que ao vento as naves!

Eu já vi por aqui sombras, e flores,
Vi agoas, e vi fontes, vi verdura,
As Aves vi cantar todas d'amores.

Mudo, e seco he já tudo, e de mistura
Tambem fazendo-me eu fui d'outras côres,
E tudo o mais revive; isto he sem cura.

Este Soneto é bem pensado, cheio de melodia, e amenidade, e até, o que é mais raro, bem versificado. *Caem co'a calma as Aves*, é uma expressão sublime, e das mais felizes, que o Poeta podia encontrar. *A agoa, que d'alto cahe* é um rasgo de harmonia imitativa, bem pouco usual nos Poetas desta epocha, se exceptuarmos Camões. Reina um sentimento profundo, tão poetico como philosophico

na comparação do effeito que o tempo produz n'uma bella paizajem, e na vida do homem, com a differença, que o campo recobra o que perdeu, mas o que o homem perde é para sempre. Até para mais perfeição deste pequeno Poema, acaba em dous tercetos rigorosos, e não, nos desgraçados tercetos quarteados á maneira de Petrarcha, em que tão imitado foi pelos nossos antigos, e os Hespanhoes, apesar do pessimo effeito de tal combinação de rymas. Só dous pequenos senões encontro neste Soneto, a saber, a palavra *mudaveis*, que para acodir ao consoante apparece no primeiro verso do segundo quarteto barbarisada em *mudaves*, e no ultimo verso do ultimo terceto a phrase plebéa, *isto é sem cura*, o que prova a desigualdade do estylo do Author, de que fallei acima.

O genio sentencioso de Sá de Miranda apparece neste Soneto, dirigido ao Principe D. João, com algumas obras suas, que o mesmo Principe lhe mandou pedir.

SONETO.

Ainda que em Vossa Alteza a menos parte
Em que Deos ajuntou tantas, e taes,
Seja esta, nada vi, entre as Reaes
Se contou ella sempre em toda a parte.

Dar favor aos engenhos, e a toda a Arte
Das boas faz os Reys aqui immortaes,
Por fama; inda passando avante mais,
Huns fez Deoses de todo, outros em parte.

A guerra leva o Mor Scipião comsigo
As Musas brandas de seo natural,
Que assi sem armas sam d'altas ajudas.

Ainda nos contam do bom tempo antigo,
Cahiram as Estatuas de Metal;
Que al se podia esperar de cousas mudas?

Se Boileau, que na sua Arte Poetica diz, que Apelle
dando as regras do Soneto

Defendit qu'un vers faible y put jamais entrer,
Et qu'un mot deja mis osat s'y remontrer,

le-se este Soneto, vendo nelle a *menor parte, em toda a parte, em parte*, que diria desta pobreza de rymas? Que diria dos versos empernando-se prosaicamente uns com os outros? Que diria finalmente deste fecho tão sem sabor,

Que al se podia esperar de cousas mudas?

muito melhor do que este é outro Soneto com que o Author acompanhou outra remessa de versos ao mesmo Principe, posto que termine com um daquelles rifões populares, que o Author gosta de introduzir em todas as suas Poesias.

SONETO.

Tardei, e cuido que me julgam mal,
Que emendo muito, e que emendando dano,
Senhor, porque hey gran medo ao meu engano
Deste amor que nós temos desigual.

Todos a tudo o seu logo acham sal;
Eu risco, e risco, vou-me d'anno em anno;
Com um dos olhos só vai mais ufano
Fellipo, asi Sertorio, assi Hannibal.

Ando com meos papeis em diferenças,
Sam preceitos de Horacio (me dirão)
Em al não posso, siga-o em appareças.

Quem muito pelejou como hirá são?
Quantos ledores, tantas as sentenças,
Com vento vellas vem, e vellas vão.

Parece-me que não será mui facil deparar com o fio, que liga estas idéas, pelo menos custa-me a achar relação alguma entre o Poeta que riscava, e tornava a riscar, e Annibal, Philippe, e Sertorio *que era mais ufano com um só olho*, nem me consta que aquellas personagens tivessem muita ufania de serem tortos! Nos ultimos tercetos não ha mais que trez sentenças soltas, que tambem nada tem com Sá

de Miranda imitar Horacio *em apparencia porque não podia em mais!* Mas eram sentenças, e com isso se dava elle por satisfeito; na verdade, si, depois de tanto riscar, e tanto emendar, as suas obras sahiam tão incorrectas, que faria si não emendasse!

O combate do amor contra a razão, eterno, e impertinente thema dos Poetas Eroticos de Hespanha, e Portugal, tambem apparece em Sá de Miranda, veja-se o seguinte

SONETO.

Desarrazoado amor dentro em meu peito
Tem guerra co' a razão; amor, que hi jaz
Ha já de muitos dias, manda, e faz
Tudo o que quer, a torto, e a direito.

Não espera razões, tudo é despeito,
Tudo soberba, e força; faz, desfaz
Sem respeito nenhum; e quando em paz
Cuidaes, que soís, então tudo é desfeito.

D'outra parte a razão tempos espia,
Espia occasião de tarde em tarde,
Que ajunta o tempo; em fim vem o seo dia;

Então não tem logar certo onde aguarde;
Amor tracta traições, que não confia
Nem dos seos; que farei quando tudo arde?

O Soneto é. na verdade bom; mas *desarazoado amor tem guerra com a razão*, é uma incorrecção de estylo; se o amor é desarazoado, que admira, que faça guerra á razão? Eis-aqui outro Soneto, muito elogiado por Bouterweek como pintando bem o enthusiasmo da ternura, e do amor, e que Sismondi paraphraseou em prosa poetica, do modo que deve enganar muito os que não entendem o original.

SONETO.

Não sei que em vós mais vêjo, não sei que
Mais ouço, e amo ao rir vosso, e fallar ;
Não sei que entendo mais the no callar,
Nem, quando vos não vêjo, a alma que vê,

Que lhe apparece em qual parte que esté,
Olhe o Ceo, olhe a terra, ou olhe o mar ;
E mais aquelle vosso suspirar,
Em que tanto mais vai, que direi que he ?

Em verdade não sei ; nem isto que anda
Antre nós ; ou se he ar como parece,
Ou fogo d'outra sorte, ou de outra ley,

Em que ando, de que vivo, nunca abranda ;
Por ventura, que a vista resplandece,
Ora o que eu sei tão mal como o direi ?

Os dous Criticos, que tanto elogiam este Soneto, de certo que se regularam pelas idéas, que na verdade sam boas ; mas na qualidade de estrangeiros podiam acaso sentir o que ha de defeituoso no estylo ? As difficuldades de expressão, a desarmonia dos sons, o prosaismo destes versos, que se vão encadeando uns nos outros, suspendendo o sentido, e a oração, não só de verso para verso, mas de quarteto para quarteto, e de terceto para terceto, que é uma cousa das mais desagradaveis na nossa Poesia ? Sentiriam elles a dissonancia barbara, que faz em nossos ouvidos um Soneto sendo escripto em versos agudos, fórma que só póde ter logar, e tolerar-se em assumpto burlesco ? O que é certo é que em poesia ha defeitos, e bellezas, que só os nacionaes podem sentir bem, ou aquelles raros estrangeiros, que chegam a possuir uma lingua não sua, na mesma perfeição, em que a possuem aquelles, que naturalmente a fallam ; e nesse caso não julgo eu nem o Critico Alemão, nem o Francez, posto que suas traducções mostrem que tinham bastante conhecimento do nosso idioma.

Sem querer dar o meu gosto como regra, prefiro a este Soneto os dous seguintes, repassados de um profundo sentimento de melancholia, que segundo o testemunho dos seus contemporaneos, era feição característica do genio do Poeta.

SONETO.

Alma, que fica por fazer desde hoje
Na vida mais? se a vã minha esperança,
Que sempre sigo, que me sempre foge,
Já, quanto a vista alcança, e não alcança?

Fortuna que fará? roube, despoje,
Prometa d'outra parte em abastança,
Que tem, com que me alegre, ou com que enoje?
Tanto tempo ha que dei mão á balança!

Chorei dias, e noites, chorei annos,
E fui ouvido ao longe, pelo escuro
Gritando, acrescentei muito em meos damnos.

Agora que farei? por amor juro
De tornar a cantar fóra de engano,
E, por muito, do mal posto em seguro.

SONETO.

Aquella fé tão clara, e verdadeira,
A vontade tão limpa, e tão sem magoa,
Tantas vezes provada em viva fragoa,
De fogo, hi appurada, e sempre inteira:

Aquella confiança de maneira,
Que encheo de fogo o peito, os olhos d'Agoa,
Porque eu ledo passei por tanta magoa,
Culpa primeira minha, e derradeira,

De que me aproveitou? não de al por certo,
Que de um só nome tão leve, e tão vão,
Custoso ao rosto, tão custoso á vida.

Dei de mim que fallar ao longe, e ao perto;
Ri, assim se consola a alma perdida,
Se não achar piedade ache perdão.

A escacez de consoantes obrigou o Poeta, a usar da palavra *magoa* no segundo verso, do primeiro quarteto, e no terceiro do segundo ; pena é que em tão bom Soneto se depare este senão ; mas o Author para sua defeza podia sustentar, que não é a mesma palavra, mas duas, pois que a primeira significa *mancha*, e a segunda *pena*, ou *desgosto*, e que nisso não era mais reprehensivel que muitos Poetas, que tem feito rymar *chamma* substantivo, com *chama* terceira pessoa do presente indicativo do verbo *chamar*.

Um dos melhores, (e talvez o melhor) dos Sonetos de Francisco de Sá de Miranda, é o que elle fez á morte de Leandro.

SONETO.

Entre Sesto, y Abido, al mar estrecho,
Lidiando con las ondas sin socio,
Noche alta, el buen Leandro prueba el fuego,
Y lagrimas, que corren sin provecho.

Viendo que es todo en vano buelve el pecho
De nuevo a aquel mar bravo, ojos al fuego,
Que luce en l'alta Torre, ai amor ciego,
Que tanta crueldade has visto, has hecho !

Nadava mientras pude hazia la plaia
De Sesto, deseado, y dulce puerto,
Porque siquiera alli moriendo caia.

Enfin, ondas, vanceis (dixo cubierto
Ya dellas.) mas no hareis que alla no vaia,
Vivo no quereis vos, mas hiré moerto.

Copiei aqui este Soneto, sem embargo de ser escripto em castelhano, porque anda traduzido, sem se declarar que o é, nem o nome do author, entre as Poesias do Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos ; e como tenho ouvido algumas pessoas accusa-lo de plagiario, aproveito a occasião para dizer o que entendo a esse respeito.

Esta accusação é injusta, e despida de todo o fundamento. Nem Antonio Ribeiro, tão rico de suas proprias Poesias, precisava de aproveitar-se de um Soneto alheio,

nem era tão insensato que se persuadissem de que tal roubo podesse ficar por muito tempo occulto, nem uma acção tão ridícula, e absurda é compativel com a sua honradez, e prudencia; mas Antonio Ribeiro estava velho, e quasi cego quando deu á luz as suas Poesias, confiou de um amigo, (e eu sei a quem) o colligir, e rever as provas das suas obras, e não admira que este achando entre os seus manuscritos este Soneto sem declaração alguma, com a melhor fé do mundo, o includesse assim entre os Sonetos do seu amigo. Estas observações sam só para aquelles, que não conheceram pessoalmente Antonio Ribeiro, porque para os que tractaram de perto com esse honrado homem eram absolutamente desnecessarias.

A Canção, que na Poesia Romantica occupa o mesmo lugar, que a Ode occupava na Poesia Grega, e Latina, foi invenção dos Trovadores de Provença; de quem a receberam os Scicilianos, e Italianos, e destes os Hespanhoes, e Portuguezes, sem que em nenhuma destas nações soffresse alteração alguma, antes todas lhe conservaram religiosamente o seu character primitivo, a saber, as longas Estrophes, que chamam ramos, o chistoso, e artistico enlçamento das rymas, a combinação dos versos hendecasyllabos com os septenarios, e mesmo outros de menor medida, o character elegiaco do seu estylo, e até a apostrophe ao mesmo Poema, ou ao objecto d'elle, feito pelo Poeta; no fim da obra, em uma Estrophe, desigual das outras, que uns chamam *Cabo*, outros *Endereça*, outros *Cauda*, outros *De-dicação*, etc. posto que alguns, não a admittem na Canção Heroica, que chamam Real.

Francisco de Sá de Miranda, talvez conscio da sua pouca disposição para a Poesia Lyrica, só nos deixou uma Canção a Nossa Senhora, e essa mesma imitada, ou livremente traduzida de Petrarcha. Parece-me que não perdemos muito em elle se não provar mais neste genero; mas apesar disso ha nesta Canção alguns trechos, que não deixam de fazer honra ao talento do Poeta, por exemplo

Virgem, porto seguro, amparo, e abrigo
A's mores tempestades, ah que tinha.
Aos ventos esta vida emcomendado;
Sem olhar já a que parte hia, ou vinha,

Descuidado de mim, e do perigo,
 Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada.
 Não vos seja em desprezo esta coitada
 Alma, que ante vós vem,
 C'os receios, que tem
 De Imigos grandes mal ameaçada ;
 E em que eu tão pecador, e errado seja
 Vença vossa bondade
 Minha maldade grande, e assi sobeja.

.....
 Virgem, e Madre juntamente, quem
 Tal nunca ouviu ? nem d'antes, nem depois
 Somente em vós então quem o entendeo ?
 Vós Madre, e Filha, vós Esposa sois,
 Daquelle que apertado ao peito tem
 Vossos braços, o que não pode o Ceo,
 Na vossa alta humildade se venceo
 O Soberbo Tyranno,
 Que com inveja, e engano
 Nos fez tão perigosa, e longa guerra :
 Por Molher se causou tal damno nosso :
 Quem nos restituiu
 De vós sahio, Senhora, o preço he vosso.

Apesar de ser esta Canção a obra de estylo mais elevado, e elegante que sahiu da penna de Sá de Miranda, não deixa a critica de encontrar nella algumas negligencias, e incorrecções, sendo mui notavel esta, em que o Poeta diz, fallando á Virgem

Virgem nossa esperanza, hum *alto Poço*
 De vivas agoas, que continuo corre.

Parece-me, que o bom gosto não póde approvar, que a Mãe do Redemptor seja denominada um *Poço*.

Sem ofendido ser *tanto nem quanto*

Tanto, nem quanto é uma expressão plebéa, e indigna do estylo lyrico.

Sá de Miranda deixou oito Eclogas, seis das quaes, talvez as melhores, sam escriptas em castelhano : Deixo aos

Criticos Hespanhoes, a quem ella pertence, a tarefa de examina-las, e decidir se merecem os louvores, que lhe deram Bouterweek, e Sismondi, e se acaso sua linguagem é bastante pura, de que eu muito duvido.

Estas Eclogas sam escriptas em toda a casta de combinações metricas promiscuamente, estanças octosylabas, oitavas, tercetos, coplas de pé quebrado, redondilhas, etc. A scena é sempre nos nossos campos, e o estylo é como o das Cartas, e de quasi todas as outras composições. Os Pastores, que nellas apparecem sam todos Catões de aldêa, e Senecas dos matos, que conversam, namoram, suspiram, choram, e cantam arrebeçando sentenças, e moralidades. Outro defeito destas Eclogas é a sua prolixidade, que seria insoffrivel mesmo quando os versos, e o colorido podessem emparelhar com os de Theocrito, e de Virgilio. Toda a sua belleza está na graciosa simplicidade de algumas pinturas, e na vivacidade das imagens pastoris, e sentimentos delicados que nellas se encontram ás vezes.

A primeira Ecloga que se encontra em portuguez é dedicada a Nuno Alvares Pereira, e contém um longo dialogo em que dous pastores Gil, e Bicito, conversam, e discursam sobre uma immensidade de objectos, e ás vezes bem disparatados. Citaremos alguns trechos para darmos idéa do estylo Bocolico deste Pai da Poesia Lusitana.

GIL. "

De leite, e sangue empolado
O Bezerrinho viçoso
Vai brincando pelo prado,
Depois tira preguiçoso,
Ora o carro, ora o arado;
C'os dias, e co' trabalho
O saltar d'antes lhe esquece.
Já não he o que era almalho;
E vende-se para o talho
O Boi velho que emfraquece.

.....

BICITO.

Dia de Mayo chuveo;
A quantos a agoa alcansou,

O miolo revolveo ;
 Houve hum só que se salvou,
 Que ao coberto se acolheo.
 Dera vista ás sementeas,
 As que tinha mais visinhas,
 Vio armar as trovoadas,
 Acolheo-se ás bem vedadas
 Das suas baixas casinhas.

Ao outro dia hum lhe dava
 Piparotes no nariz,
 Vinha outro que o escornava
 Ahi tambem hera o Juiz,
 Que se de riso finava.
 Bradava elle « Homens estae ! »
 Hiam-lhe co' dedo ao olho,
 Disse então « He assim que vae ?
 Não creio logo em meo Pae,
 Se me desta agoa não molho. »

Apaixonado qual vinha
 Andou a hum charco, que farte,
 O conselho havido os tinha,
 Molhou-se de toda a parte ;
 Tomou-a como mezinha ;
 Quantos viram lá correram,
 Hum que salta, outro que trota,
 Quantas graças hi fizeram !
 Logo todos se entenderam,
 Ei-los vam n'huma chacota.

Parece que Francisco de Sá de Miranda durante o tempo, que viveu na Italia se applicára ao estudo da Lingua Provençal, e lêra os Trovadores daquella nação, que ainda naquella epocha tinham grande voga entre os Italianos, visto que estes versos sam imitados de um Poema, ou Satyra do Trovador Pedro Cardinal : pôrei aqui o texto para que os que estiverem no caso de intende-lo possam ajuizar da similhança.

Una Ciutat fó, no say quals,
 Hou cazée una plueya tals,

Que tuy le home de la ciutat,
Que toqué, foro forcenat ;
Tuy desse n'ero mals, solo us,
Et aquel escapet, ses pus,
Que era dins una mayzò,
Que dormia quant ayssò fo.
E vet, quant at domit,
Del plueyas diquit.
E foras entre la gens
Fero de essenamens
Arroquet, l'autre fosseis,
Utre estupit versueis,
E trays peras contre estellas
S'autre esquisset las gonelas,
Us ferie, el antrem peys,
E l'autre cuyet esser Reys,
Et tene se riquement pels flanex,
Et l'autre s'asset pels banex,
Lus menasce, et l'autre maldux,
L'autre plorec, et l'autre riz,
L'autre parlec, e no saup que
L'autre fe meteys de se.
Aquel que havia so sen
Meravilha se molt formen,
Que vee que be destate son,
E gardá ad aval, el amon,
E grans meravilha a de lor ;
Mas molt l'han illi de lui mayor,
Qui'l vezon estar saviemen,
Cuio que aia perduto sen
Car so qu'elh fan no lh vez fayre,
Que a caseu de lores veyaire.
Que illi non savi, et assenatz,
Ma lui teno per dessenzatz,
Qu'il fer en gansa, qui en col,
Nos pot mudar que nos degol,
L'us l'empenh, et l'autre bota,
El cuia issir de la rota,
L'us l'esquina, l'autre li tray,
E pren colos, e leva, e chay,
Cascul leva a gran gabantz,

El fui a sa mayzo deffiantz,
 Fangoz, e battutz, e mieg mort,
 E ac gaug can lor fo estort.

A imitação é clara ; mas não póde negar-se, que independente da originalidade da invenção, na pintura de Pedro Cardinal ha mais viveza mais acção, mais variedade, mais movimento, e até mais graça.

Ha porém entre estas duas pinturas uma differença notavel no modo de acabar a fabula, entre os dous Poetas ; o Portuguez faz que o homem de juizo vá banhar-se n'um charco feito pela chuva, que fizera endoidecer os outros ; e o Provençal finge que havendo elle escapado das mãos dos doidos, vai fechar-se em sua casa, coberto de lama, desancado, quasi morto, e sem embargo disso muito satisfeito de haver escapado a tamanho perigo : este desfecho me parece mais verosimil, do que suppor que um homem de juizo busque de proposito os meios de endoidecer para andar a geito dos alienados, que o rodêam ; e mesmo porque não vêjo porque meios elle soube que aquelle endoidecimento geral era resultado das chuvas, que haviam cahido em quanto elle estivera dormindo. Continuemos com a Ecloga.

GIL.

Tu sabes que me obrigava
 A esta vida de Pastor,
 Vinha mui corrido á vara,
 Cuidei que ella hera melhor,
 Como quem a não provara !
 Determinava-me já
 De andar com minhas ovelhas,
 A conta sabiu-me má,
 Más fadas ha cá, e lá,
 Como bem dizem as Velhas.

Andei d'aquem para além,
 Terras vi, e vi logares,
 Tudo seus avessos tem :
 O que não exprimentares,
 Não cuides que o sabes hem,
 E ás vezes quando cuidamos

Que alguma couza entendemos,
A Cabra cega jogamos.
Achei-vos cá fortes amos,
Querem que os adoremos.

Para as couzas, que accontecem
Quando os buscas, ora o sono,
Ora achaques mil te empecem,
Ao tosquiar achas dono,
Nas pressas não te conhecem,
Tudo lhes o demo deu,
The razões más, que nos dão;
Quando te ham mister hes sen,
Quando os has mister hes teu,
Que não tens amos então.

Essa vez que sacm á rua,
Estremece toda a Aldêa,
Elles behem, e Homem sua,
Doe-lhes pouco a dôr alhêa,
Querem que nos dôa a sua.
Inda que damno he em grosso
Poderão dessimular;
Isto, parceiro, não posso,
O entendimento que he nosso
Não lho queremos deixar.

Polo qual co' meo fardel
Fugi das vossas Aldeias,
Não trago nos beiços mel,
Que não sou crestaculmeias,
Nem posso ser Menestrel.
A saudade não se estreia,
Mas caiu-me em coração,
Em sorte que muito empece,
Que outro Senhor não conhece,
Salvo justiça, e razão.

Então queixo-me a ti logo,
Que em casos, que aconteceram,
Vi-me por elles no fogo,
Bradei, e não me valeram

Brados, queixumes, nem rogo ;
Assi me sahi mui quedo,
E quedo ; e fará hum dia
O que outro não fez ? hei medo
De vêr mór vingança cedo
Do que jágora queria.

BICITO.

Trouxeste-me ora á lembrança
Aquelle amigo Foão
Que ao tempo desta mudansa
Tua, foi-te assim á mão,
Como a quem os dados lansa
E lembra-me ora bem tudo,
Que era eu lá no tal ensejo ;
Inda que então me fiz mudo,
Fallo-te como sisudo,
Parece-me ora que o vejo.

« Seja (disse elle) em boa hora,
» Que eu tambem entre este gado,
» Fazendo contas cada hora,
» Cada hora me acho enganado
» Desta esperança traidora.
» E disto que me acontece
» Quando neste valle estou,
» Qualquer outro que apparece
» Muito milhor me parece,
» Não he assi quando lá vou. »

Assi disse aquelle amigo,
Agora digo eu que ei medo
Quando debates contigo,
Que te estem mostrando ao dedo.
Gomes, Gonçalo, e Rodrigo.
Não queiras hir muito ao fundo,
Inda que ora tanto intendas :
Nesta só razão me fundo.
Não has de emendar o Mundo
Por mais razões, que despendas.

Perigosa he a dianteira
Deixa hir diante os mais velhos,
Com a paixão tençoeira,
Nunca hajas os teus conselhos,
Sempre foi má conselheira;
Quem consigo traz rancor,
E em espreita anda do mal,
Nunca lhe fallece dor,
Mas se o bem igual não fôr
Seja o coração igual.

GIL.

Se co' os teus olhos não vêjo,
Nem ouço co'teus ouvidos,
Todo o debate he sobejo.
Por meus sentidos me rejo,
E tu pelos teus sentidos.
Comes túbaras da terra,
Eu não as posso comer,
Nem hum, nem o outro erra.
Para que he sobre isto guerra?
Come o que te bem souber.

Não digo que cada hum faça
Quanto lhe á vontade vem,
Que essa seria má graça,
Mas entendo, o sabes bem,
Do que se vende na praça,
Porque o tempo fez aballo
E somos em forte ensejo,
Inda levanto outro valo,
Que nos doentes não fallo
A quem mata o seo dezejo.

Bem vejo que a verdade hera,
Hir polo fio da Gente,
Co' muitos te respondera,
E o amigo, e o parente,
Que murmurar não tivera.
Porem assi si não minto,

Não fujo, não lizongeo,
Si sou farto, ou sou faminto
Que máu he o meu destinto,
Antes seguir que o alheio?

Vou fugindo ás armadilhas,
Que vi com manha esconder,
Não quero ouvir maravilhas,
A's vezes mui más de erer.
De má May nascem más filhas,
Querem que Homem ouça, e creia,
Não já eu; creia o nosso Joanne,
Creia o baboso da Aldeia,
Que traz sempre a boca cheia
Das Filhas de D. Beltrane.

Olha se a razão emcrude,
Hes doente, teu Pay não,
Digo outro tal da Virtude,
Pola ventura hes tão são
Porque teu pay tem saude?
Não, que cumpre outra mezinha,
Olhe cada hum per si,
O bem não he como tinha,
Não se pega tão azinha,
O mal pode ser que si.

Le-me primeiro outra lenda,
Deixaram-te os teus passados
Do Gado, e vinhas de renda?
Olha que andam misturados
Os encargos co'a fazenda.
Cumpre a cada hum que arribe.
Per si, si dezeja a honra,
Não dizes, bons donos tive,
Que quem como elles não vive,
Tanto mais a si deshonra.

Esta Ecloga pecca por falta de acção, pois não é mais
que uma conversa entre dous pastores, que discutem, e
senequisam interminavelmente, pecca por espressões bai-
xas, e incorrectas, e por uma prolixidade interminavel.

Sá de Miranda era homem mui douto, conheceu perfeitamente os originaes Gregos, e Latinos, mas de que lhe serviram elles? Acaso Theocrito, e Virgilio, os modelos do genero pastoril, é que lhe ensinaram a preferir o estylo rustico, á linguagem pura, elegante, e nobremente singela de que elles se serviram? Foi delles que aprendeu a encadéar sentenças umas nas outras, e ás vezes bem inverosimeis na bocca das pessoas, a quem as faz dizer, como estas, por não citarmos mais.

O Entendimento que he nosso
Não lho queremos deixar.

.....
Se eu co' teus olhos não vejo,
Nem ouço co' teus ouvidos,
Por meos sentidos me rejeo
E tu pelos teus sentidos.

Não foi de certo para imita-los, que Sá de Miranda escreveu uma Ecloga em oitenta Coplas de dez versos, que fazem em sua totalidade oitocentos, o que mostra que elle contava demasiado com a paciencia dos Leitores.

A outra Ecloga Portugueza, que tem por titulo o *Encantamento*, é na minha opinião mui superior a esta, tanto pelo estylo, quanto por ser mais dramatica, apesar de ser tambem um pouco estirada.

Principia por uma Dedicatoria em oitavas a D. Manoel de Portugal, fidalgo mui instruido daquelles tempos, e grande amigo do Author, e depois o comprimenta por sua acceitação no Paço, e por sua nobreza, como Membro da Casa de Vimioso, e agradecendo-lhe outra Ecloga que o dito D. Manoel lhe enviára, accrescenta

Andando a por a paga, houve aos zizes
Grão medo, eu o confesso, e a huns pontosos
De notas carregados, e de huns risos
Sardonios, ou mais claro, maliciosos;
Quem tantos tentos, quem tantos avisos,
Terá, que ampare os golpes perigosos,
E acostumados ora entre Pastores,
Que vos venham cantando os seos amores?

Querem-vos por Senhor, não por Juiz,
Louvores á departe, que sam dinos,
De perdão os começos, já que fiz
Aberta aos bons cantares perigrinos,
Fiz o que pude, como de si diz
Aquelle, hum só dos Lyricos Latinos,
Provemos ora esta nossa Lingoagem,
E ao dar da vella ao vento boa viagem !

Estas estanças provam duas cousas. 1.^a Que já no seu tempo havia Sá de Miranda achado quem o censurasse, ou pela inelegancia do seu estylo, ou pela escabrosidade da sua versificação, ou talvez por ambas as cousas. 2.^a Que elle blasonava de ter sido o primeiro que introduzira entre nós o gosto da Poesia Italiana, mas dos Sonetos do Infante D. Pedro transcriptos no Livro antecedente se vê que esta proposição não póde tomar-se em sentido absoluto, pois que aquelle Poeta o precedera nessa empreza, mas sim no sentido mais restricto de que fôra elle quem ajudado de Ferreira fizera perder o gosto das Trovas, lançando os fundamentos a uma nova Eschola.

Os dous versos com que termina esta dedicatória sam na verdade cousa bem singular.

Provemos ora esta nossa lingoagem,
E ao dar da vella ao vento boa viagem !

O primeiro é muito ruim verso, como o sam em nossa lingua todos os de quarta e setima, de que os bons versificadores nunca fazem uso, deixando-os aos Poetas Francezes, porque só naquelle idyoma parecem bem; quanto ao segundo não sei que ligações possa ter com o antecedente, ou com as idéas expendidas na oitava; mas que emportava isso a Sá de Miranda? Todo o seu ponto, nesta, assim como em outras muitas vezes, era fechar a estança fosse como fosse, e não perder uma phrase popular, por tanto *boa viagem*, e o leitor que accommode lá isso como poder.

A Ecloga intitula-se *Encantamento*, não porque nella se façam algumas bruxarias, ou celebrem alguns ritos magicos, como na oitava das de Vergilio, ou no segundo Idylio de Theocrito, mas sómente porque a Pastora Beatriz a ter-

mina cantando a Fabula de Psychis, que fallando em rigor não é um encantamento, em uma Canção, que de certo corresponde mui pouco á belleza do assumpto, que tão bem se prestava ao colorido poetico, e de que o genio de Camões saberia tirar todo o partido. Já se vê pois que o titulo não corresponde ao assumpto como o demandava a boa razão.

Posto que esta composição tenha, como todas as Pastoraes do Author, o defeito de ser demasiado extensa, contem os melhores hendecasylabos de Sá de Miranda, e alguns trechos que fazem honra ao seu talento. Tal é o exordio.

GONÇALO.

Quantas cousas, Ignez, Madrinha e Thia,
Se me vão descobrindo de hora em hora
Inda que faça corpo, e gesto, e ria.

Pela alma de quem mais não pode, afora
Outros respeitos cumpre haver paciencia.
The que seja da vida, ou da dôr fora.

Aos erros he devida a penitencia
Por seu conto, e medida, e por balança
Polo que sabe a propria consciencia.

Però quando, ao contrario da esperanza,
Em vez de galardão accode a pena
Quem terá sofrimento em abastança?

Amor, que por antolhos tudo ordena,
Mui pouco se lhe dá nem da fé santa,
Quebrada, ou tida, grão culpa, ou pequena!

Faz huma, e outra cousa o Gallo, e canta,
Ora eis-me aos pés, ora eis-me á cabeceira,
The que o cansaço vence, e me alevanta.

E vou-me ao meo fuzil, e pederneira
Em fogo acceso, o fogo accendo, e ando
Do quente ao frio, do frio á fogueira.

Assi de cá, de lá cansado ando,
Dou volta á cama, abrolhos me semelham,
De claro em claro o coração passando.

Os fracos dos sentidos ajoelham,
Trabalham por soltar-se, aperto o laço,
Em poder da sua dôr mal me aconselham.

IGNEZ.

Afilhado, e Sobrinho, juras faço,
Que disso mais não sei certo que seja,
Só que perdeste muito em pouco espaço.

Quem não morria por aqui de inveja
De ti, Gonçalo, em tudo que fazias
De graça, manha, e força athe sobeja?

Todos nas festas, onde apparecias,
Hum rosto, outro tenção logo mudava,
Ciscava-se outro pelas companhias.

Onde cantavas, ninguem mais cantava,
Onde tangias, ninguem mais tangia,
Quando te espias, ninguem mais luctava.

E lembra-me que estando,.... ora qual dia?...
Comigo Andreza, Joanna, e Beatriz,
Tinhamos entre nós certa porfia.

Como ves que huma diz, e que outra diz,
Naquelle proprio ensejo eis que passavas,
Passando diceste alto « Eu que lhe fiz? »

Parece que contigo aprofiavas
Como acontece, que hias bracejando,
Sem dar vagar a alguem, nem o tomavas.

Vi-te, ouvi, mas callei-me, senão quando
Disse huma contra mim, « qual vai Gonçalo? »
« Como muitos (disse eu) vai fadejando. »

« Tudo aquillo sam mimos, e faz callo. »
(Disse outra) « n'hums assanhos de mimoso,
« Ou que olho mau lhe fez algum aballo. »

Quando eu aquillo ouvi « si elle he pontoso,
« Ou se ha na Aldêa, samica, outro tal,
« Cantemo-lo entre nós por trabalhoso. »

A primeira tornou como hum coral,
A companheira toda descorada,
Parece que ambas o tomaram mal.

Tanto te sei dizer he pouco, ou nada
Salvo que ás vezes estes nadas são
Muito ao miolo que já tens pancada.

GONÇALO.

Quantos sonhos que vem, quantos, que vão

Coutado do dormente que assim jaz,
 Ora torcendo-se, ora rindo em vão.
 Quanta conta se faz, e se desfaz,
 Erradas as pequenas, e as maiores
 Feitas em desavença, e inda em paz.

IGNEZ.

Certo, mal comedidos sam Pastores,
 Haja de ti perdão, sempre queixosos,
 Não os entendo nestes seus amores,
 Chamam isto entre nós ser ruvinhosos,
 Não sabem estremar o mal do bem,
 Sempre agravados, sempre suspeitosos.

GONÇALO.

Mal te saberia ora por ninguém,
 Nem por mim responder, seja o que fôr,
 Corram ventos d'aquem, corram d'alem.
 Mas diz-me, Thia, pelo meo amor,
 Isso das mais louças de toda a terra,
 Quanto ha que foi? lembra-me a minha dôr.

IGNEZ.

Por certo, si a memoria me não erra,
 Contando, o Sol depois não se escondeo
 A nós dez vezes, dez deo vista á Terra,
 Inda te mais direi que acconteceo
 O que já disse, por mais signal logo,
 Onde tu já cantaste, outrem gemeo.
 Dia de muito riso, e muito jogo,
 Venceste á lucta, e á choca, e avantajado
 Correste, e emfim cantaste a nosso rogo.
 E mais aquelle teo cantar gabado
 De todos, tão sentido, e tão queixoso,
 «Onde me acolherei, tudo he tomado!»

GONÇALO.

Como fazendo vai o Sol trigoso

Tantas mudanças, quanto dos cantares,
E quanto de cantar fui cubigoso!

De todos me esqueci, muitos a pares,
Athe as vontades muda o tempo, e leva
Comsigo, e do praser faz maos pezares.

Elle he o em que vai tudo o que releva,
Faz, desfaz a desora as agonias,
Não olha mais se chove, venta, ou neva.

Mas quanto ora ao contar, que antes dizias,
Disso me lembro hem, era em setembro
Quando as noites voltam sobre os dias,
De cantar provarei se me ora alembro.

Canta.

Onde me acolherei? tudo he tomado,
Não apparece esperança nenhuma,
Sombras negras, e feias, mal pecado,
Estas sam que apparecem! cousa algũa
Não ficou por fazer, tudo he provado,
E tua por demais; ouça-me a Lua,
Delgada, que transpoem pelo alto monte,
Seus trabalhos c'os meos coteje, e conte.

E se nos velhos solãos ha verdade,
Bem sabe ella por prova, como Amor
Magoa, e haverá de mim piedade;
Endimio tão fallado, e tal Pastor,
Entre as flores dormia em flor da idade,
Ella, olhando do Ceo, mudava a côr,
The das flores ciosa, e agoa clara,
Que o seo formoso Amor lhe adormentara.

Contam, e contam mais que houve hum Tyrano
De poder grande, e muito grande haver,
Vendo hũa moça, e minina em corpo humano
Que andava a colher rosas, e a prazer
Saltcou-a, roubou-a, e foi-se ufano
Por força, e por vontade houve de ser,
Riquezas más, injusto senhorio,
Que apuram a vontade, o alvedrio.

Ora a May perguntando longamente
 Por hum só bem que tinha onde o achará,
 De huma gente passando em outra gente,
 Tambem os Deozes culpa, oh sorte má!
 E justiça maior, que tal consente,
 Buscando por de mais todo o de cá,
 Acha-a no Reino das sombras escuras,
 Correm lagrimas vãs, fazem leys duras.

Porem o tempo de todo devido
 A May triste, e roubada, a que dos Reys
 Da li veio este nome de partido
 Em que seja forçado, e contra as leys,
 Que se pode fazer de já perdido,
 As vossas lagrimas, que as enxugueis,
 Como poderdes oh, oh, oh, oh, oh!...

Bouterweek gaba muito as duas primeiras Estanças deste Canto, e com bastante razão, e mesmo nas seguintes ha alguns bellos versos, mas não diz nada nem da maneira porque aqui está mascarado o roubo de Proserpina, nem da obscuridade que reina na última Estança, nem da maneira burlesca com que termina a cantiga com aquelle desaventurado oh, oh, oh, oh, oh!

Continúa o dialogo do Afilhado, e da Madrinha, a quem elle canta umas cantigas castelhanas, que tinha ouvido a um cego, que passára pela Aldêa.

Passou, ora qual dia? hum Camphonina
 Pela Aldêa cantando, elle hera cego,
 Guiava-o loura, e bella huma Menina,

Ora qual dia? apparece pela segunda vez nesta Ecloga, e desta pobreza de expressão ainda se poderiam apontar outras; *um Camphonina*, por um homem que *tocava samphona*, é phrase pouco elegante; mas o ultimo verso do Terceto é excellente. Torna a seguir a conversação, e é interrompida por um pastor Bicito, que passa fallando só, e o que é peor ainda, em versos em que a ryma vai do fim do primeiro verso ao fim do primeiro hemistichio do segundo, o que lhe dá ar de um chocalho, e os torna o mais

cançados, e enfadonhos, que é possível; e de que, por um gosto depravado, todos os nossos Bocolicos antigos, sem exceptuar Camões, fizeram uso; supponho que para apurar a paciência dos Leitores.

Finalmente a Madrinha Ignez diz ao Afilhado,

Um pouco se nos vai fazendo escasso
O tempo, porem poem peito á montanha,
Crescem as sombras, vai crescendo o passo.

GONÇALO.

Passadas dizes? Ólha esta tamanha,
Que aqui te dou, logo outra, e outra aperto,
Ora veja-mos quem mais terra apanha.

Vão andando, e fallando; mas param para escutar uma Pastora, que toca um adufe. É Beatriz, que canta a Canção do Encantamento; isto é, a historia de Pshyches, que o Poeta extrahiu de Apuleio, mas de uma maneira tão secca, tão embaralhada, e sem sabor, que os que conhecem o original não podem soffre-la, e os que não o conhecem, não podem entende-la; e acabando Beatriz de cantar, acaba-se o Poema.

É pois evidente que esta Ecloga, que não contém mais que uma conversação vaga entre a Madrinha, e Tia Ignez, e o Sobrinho, e Afilhado Gonçalo não tem fabula, nem nexo, nem desfecho, o que é grave defeito, pois a Ecloga é uma especie de Drama, que os episodios sam de materia estranha, e desligada do assumpto, se acaso é possível dizer-se qual é o assumpto, e que todo o seu merito está em algumas sentenças, alguns trechos, cheios de naturalidade, como por exemplo

Cada hum só chama facha ardente o lume
E fragoa, onde se apura sua fineza,
E destes taes queixume a poz queixume.

Quizera nos amores mais simpreza,
Ou digo que os quizera mais singelos,
E mais dissimulada essa tristeza

.....

Outro por Julho, e por Agosto treme,

Arde em Dezembro, foge á claridade,
Suspeitoso de si mesmo se teme.

.....
Cada huma destas Moças anda ufana,
Cuidam que o Sol lhes baila, sam gabadas,
E já não ha quem cuide que se engana.

Temos trez Elegias de Sá de Miranda, uma a certa Senhora mui instruida, em nome do seu amante; outra em castelhano a Jorge de Montemor, em resposta á que este Poeta em castelhano lhe dirigira; e outra, a melhor de todas, ao Doutor Antonio Ferreira, respondendo a outra que aquelle Poeta lhe endereçara, consolando-o pela morte de seu filho Gonçalo Mendes de Sá.

O estylo destas Elegias é em geral mais espirituoso, que elegiaco, mas sam bem escriptas, e menos mal versificadas. Estes assumptos eram mais favoraveis para o Poeta, do que aquelles que demandam força de phantasia, e invenção, dous dotes de que a natureza foi mui pouco liberal com elle. Citaremos alguns trechos que justifiquem a nossa opinião.

Aquella vista, que a todos espanta,
Aquelle entendimento tão profundo,
Não sei quem nisto o cega, ó quem o encanta.

Hercules tão fallado pelo Mundo
Quantos trabalhos venceo? mas a dura
Madrasta nem por isso se quebranta.

Emfim vê-o no fogo inda segura,
Seos olhos farta, e quanto ás immortaes
Honras, que se lhe devem, torna escura.

Julgam-se as cousas pelos seus signaes
Milhor, que por palavras, que farei?
Tudo me lembra, e tudo por demais.

.....
Os remos n'agoa parecem torcidos,
Os olhos nos enléa hum jogo leve,
De mãos, e assi se enganam os ouvidos.

Senhora, bem sabeis o que se escreve
De dois Pintores nobres á porfia,
Em que cada hum vencer a outro se atreve.

Fruitas pintou hum delles, que de dia

Vinham Aves comer; outro de hum véo
Pintado fez que a obra se encobria.

Vêde quanto a Arte pode, não valeo
Ali vista, e saber; o véo de diante
Mandava levantar o que perdeo.

Diz lêdo o Vencedor: « foste bastante
» A enganar Aves? que victoria a minha
» Enganando hum Pintor tão posto ávante! »

Entre tanto que cuida a leve gente
Destes que vêmos tantos a milhares,
Regidos do só Acaso, e do Accidente?

Ondas c'os Ventos vam correndo os mares,
Andabatas, que ferem às escuras,
E sem certeza dam por esses ares.

Estas seriam as desaventuras
Que Heraclito chorava em vida andando,
E Democrito ria por loucuras.

Com muitas outras, que fazem gran bando,
Peró sempre ham de ser as principaes
Dos que perdendo vam-se, outrem buscando.

Meus desatinos onde me levaeis?
Vadiamento assi de monte em monte,
Ou, como dizem, por Andurriaes.

Tornaste-me jazendo á minha fonte,
O caminho não mingua, antes mais cresce,
Por muito que a rasão clara desconte.

E não me abasta o mal, que me acontece,
Que he tanto em meo quinhão, inda a vergonha,
Que de mim e que d'outrem me recrece.

Elegia I.

A segunda Elegia, em que tracta da morte de seu filho, não só se aproxima mais ao tom, e estylo deste genero de Poema, mas respira muita resignação com a vontade do Altissimo, e o fervor christão, que anima o Poeta, e que o consola de tamanha perda com a lembrança de que seu filho havia dado a vida pela defesa da Religião, combatendo contra os infiéis.

Quando mandei meo filho em tal idade

A morrer pola fé, si assi cumprisse,
Que esta era a verdadeira sua verdade.

« Tu vás pelo caminho agro (lhe disse)
« Que tu mesmo tomaste á tua conta;
« Sem perigos quem se acha, que subisse?
» Do tempo, que assi foge, que te monta?
« Vinte annos, trinta mais, que montem cento? »
Ergueo a vista a mim alegre, e prompta.

Suspirando por ser lá n'hum momento,
(Se ser podesse) tão depreça os Fados
Corriam, nunca vão, sem fundamento.

Então o encarreguei destes cuidados,
Deos, e logo honra, logo o Cappitão,
Quam prestes a cumprir foi taes mandados!

Parece que os levou no coração
Não soltos por defóra nos ouvidos,
Como outros fazem, que perdendo-os vão.

Do corpo aquelles esportos sentidos
Mais inda os d'alma tão limpa, e tão pura,
Já agora os bons dezesos sam cumpridos.

Vio onde a deixaria em paz segura
De preça a occasião arremetteo,
Não quiz mais esperar outra ventura.

No dia do começo a conta encheo,
Seguro vio a morte, espanto antigo,
Nós sonhamos aqui, tu vás ao Ceo.

Ditoso aquelle Mestre Dom Rodrigo
Manrique, a quem em seo tempo louvou
O Filho, e deo ao corpo em morte abrigo.

Hera ella conta igual que quem entrou
Primeiro á vida, sahisse primeiro,
Eu sou quem dêvera hir, quem nos trocou?

Cordeiro ante o throno alto do Cordeiro
Lavado hirás no teo sangue sem magoa,
Oh quem, como hera Pay, fôra parceiro!

Diz Pardo da fé nossa ardente fragoa,
Que para o Filho o Pay faça thesouro,
Parece natural hum correr d'agoa.

Nam assi aqui perto abaixa o Douro,
Ao contrario no mar se lansa escuro,
Mondego, e o Tejo das aréas de ouro.

Quanto mais certo contra o inimigo duro,
Podes que outrem dizer vim, vi, venci,
Cerrando, e abrindo a mão posto em seguro.

Nem se vejam mais lagrimas aqui,
Salvo as que por nós forem, que em taes trevas
Em tão cega prisão deixaste assi.

Vai-te embora que já não tens que devas
Temer, lá tudo he paz, tudo assossegado,
A quem leva o seguro, que tu levas.

Não acho em todas as obras do Doutor Francisco de Sá de Miranda, um só trecho mais pathetico, mais elegante, e puramente escripto do que este é; porque o Poeta tinha a dôr reconcentrada no coração, e é de um coração profundamente commovido, que brota a verdadeira eloquencia, e a verdadeira, e sublime Poesia.

Nada direi da Elegia a Jorge de Montemor, por ser, como já disse, escripta em hespanhol, assim como de algumas Trovas, Vilancicos, Esparças e Voltas no antigo estylo, compostas em ambas as linguas, e talvez nos primeiros annos do Poeta, como cousas de mui pouco vulto, e estranhas á nova Eschola, e passarei a tractar daquellas obras de Sá de Miranda, que sam as mais lidas, e as mais estimadas, e pôde ser que o verdadeiro fundamento da immortalidade do seu nome.

Estas obras sam as suas Epistolas, ou Cartas, como elle lhe chama, em numero de seis, sendo cinco em Estanças octosylabas, e uma em Tercetos hendecasylabos. Não direi que nestas Cartas haja toda a correccão, e a elegancia continuada, que exige a Eschola Italiana, mas o Poeta ahi se faz admirar por certo arrojo philosophico, e pela profundidade das sentenças, e pureza de moral.

É certo que Bernardes, e Caminha, e muito especialmente o Doutor Antonio Ferreira o excederam muito neste genero: mas Miranda abriu com ellas um caminho novo, e por isso lhe não cabe pouco louvor, sendo pelos Contemporaneos recebidas com enthusiasmo; força é porém confessar, que ha nellas um merito intrinseco, e independente da novidade; pena é que o Author, mesmo querendo imitar Horacio, não podesse descartar-se da mania do estylo bocolico, porque desgraçadamente não sabia cantar

senão n'um tom; si ás vezes se eleva á altura das idéas do seu modelo, ~~tambem depressa cabe na prolixidade ver-~~bosa do estylo romantico, ficando assim muito longe da ~~concisão, e da força de expressão, que tanto nos encanta~~ no Poeta Latino. Vê-se que a sua erudição é toda ~~es-~~cholastica, e que a sua moral tem um travo mui pronunciado de monachismo; que se foge de profundar as idéas, e ~~quasi que se arrepende dos seus arrojões;~~ nem era de esperar outra cousa de um Poeta Jurisconsulto do decimo sexto seculo; ~~seus pensamentos tem mais de verdadeiros~~ que de novos, e o seu maior merito poetico está no bem applicado das suas observações aos costumes, e aos caracteres.

Mostra-se porém menos tímido no que respeita á politica; conhecendo bem a côrte, tendo vivido no centro das suas intrigas, e das suas perfidias, nunca poudeser bom cortesão, porque nunca poudedessimular a verdade, nem mentir á propria consciencia, e foi porisso que ali gran-geou inimizades, e malquerenças, que o constrangeram a ir procurar no fundo de uma provincia, e longe dos negocios públicos, a tranquillidade, e a paz. E como poderia ser bem visto em Palacio um Poeta, que escrevendo ao proprio Monarcha lhe dizia, sem hesitação, nem melindre, que se acautelasse das perfidias dos Aulicos, e da hypocrisia dos falsos devotos?

Sobre obrigações tamanhas
Velem-se contudo os Reys
Dos rostos falsos, e manhas
Com que lhe fazem dar leys
Fracas téas das Aranhas.

Que se não pode fazer
Por arte, por força, ou graça,
Salvo o que a justiça quer,
Senhor, não chamam poder,
Salvo o que lhes vai na praça.

E por muito que os Reys olhem
Vam por fora mil enchaços,
Que ante vós, Senhor, se encolhem,

De hum Gigante de cem braços,
Com que dão, e com que tolfem.

Estes *inchaços que vão por fóra, e que se encolhem
diante do Rei, e que sam de uns gigantes de cem braços
com que dão, e tiram*, sam um apontado de palavras
incoherentes, que provam a difficuldade, que o Poeta en-
contrava em expressar as suas idéas com precisão, e
clareza.

Quem graça ante o Rey alcança,
E hi falla o que não deve,
Mao grado da sua privança,
Pessoa na fonte lansa
De que toda a terra bebe.

Quem joga onde engano vai
Em vão corre, e torna a traz,
Em vão sobre a face cai,
Mal hajam as manhas más,
D'onde tanto damno sai.

Homem de hum só parecer,
D'um só rosto, huma só fé,
D'antes quebrar que torcer,
Elle tudo pode ser,
Mas de côrte Homem, não he.

Esta Quintilha, mil vezes citada, que todos os amigos
das Letras sabem de cór, que em tão poucas palavras nos
pinta o espirito das côrtes, é uma das mais bellas cousas
que Sá de Miranda produziu pela verdade do pensamento,
e pela força, e energia da expressão, mas uma setta tão
bem dirigida, e cujo golpe feria tão profundamente, não
podia deixar de grangear ao Poeta o odio daquelles con-
tra quem era disparada.

Ouçõ gracejos de cá
De quem vai inteiro, e são,
Nem se contrafáz mais lá,
« Como este vem Aldeão
« Que não sabe onde se está.

As publicas santidades,
Estes rostos transportados,
Não em ermos, mas Cidades
Para Deos sam vaidades,
Para nós vam rebuçados.

Mas depois que lhe fazemos
Pode ser, pode não ser,
Adiante o saberemos,
Estamos hum pouco a vêr,
Cae-lhes o rebusço, e vêmos.

Senhor, hey-vos de fallar,
Vossa mansidão me esforce,
Claro o que posso alcansar,
Andam pera vos tomar
Per manhas, e não per força.

Por minas trazem suas hazes
Encobertos seus assanhos,
Falsas guerras, falsas pazes,
Por fóra sam mansos anhos,
Por dentro Lobos roazes.

roazes me parece epiteto pouco proprio para *lobos*, algumas edicções trazem *robazes*, mas é, bem que mais proprio, vocabulo deseuphonico, e tão estranho, que me não lembro de o haver lido em outro algum Classico; persuado-me que o Author escreveria *vorazes*, que satisfaz igualmente á harmonia, e ao sentido.

Tudo sua cura tem,
Que he assim bem o sabeis,
E o remedio tambem.

« O que eu sei é que isso é bem pelo contrario, do que me dizeis. » Diria El-Rei respondendo-lhe, e com razão, porque entre os males moraes, assim como entre os phisicos, ha muitos que não tem cura, ou atégora ninguem lhe sabe o remedio. Quando se usa de uma sentença é necessario que não possa admittir replica. . . .

Quereis-los conhecer bem?

No fruto os conhecereis.

é o mesmo que diz o Evangelho « *ex fructibus eorum cognos citis eos.*

Obras, que palavras não;
 Porem, Senhor, somos muitos,
 E entre tanta obrigação
 Trasmalhamos-vos os frutos,
 Que não saibaes, cujos são.

Que não saibaes, significa *porque*, ou *para que não saibaes*. Esta construcção elliptica acha-se em quasi todos os nossos Escriptores de boa nota, e tem muita graça, e energia. Foi adoptada por muitos dos nossos melhores Poetas, que por ella tem soffrido a censura dos leigos na materia, que á força querem reduzir-nos á Syntaxe Franceza.

Hum que por outro se vende
 Lansa a pedra, e a mão esconde,
 O dano longe se estende,
 Aquelle a quem doe entende
 Com sos suspiros responde.

.....
 Pena, e galardão igual,
 O Mundo em pezo sustem,
 He huma regra geral
 A pena deve-se ao mal,
 E o galardão ao bem.

.....
 A tudo dam novas côres
 Envolvendo os peitos puros,
 E fallam sempre em primores
 Ante os Reys vossos Senhores
 Vindes com rostos seguros.

Contaes, gabais, estendeis
 Serviços, e lealdade,
 Olhai que não a daneis,
 Fallai em tudo verdade
 A quem em tudo a deveis.

.....

Que eu vejo nos povoados
Que muitos dos Salteadores
Com nome, e rosto de honrados,
Vam quentes, e andam forrados
De pelles de Lavradores.

Quintilha excellente pela verdade das idéas, e pela força, e poetico da expressão.

E, Senhor, não me creaes
Se não as acham mais finas
Do que as dos Lobos cervais;
Que Arminhos, e Zibelinas
Custam menos, duram mais.

Como podia deixar de ser detestado dos Aulicos, quem assim fallava delles ao Rei!

Sá de Miranda não poupa mais as trapaças dos Magistrados, e as suas cavilosas interpretações das leis.

Que estas Leys Justinianas,
Si não ha quem as bem veja,
Fóra das paixões humanas,
Sam hum campo de peleja
Com razões fracas, e ufanas.

Morre o nobre Conradino
Co' Parceiro em tudo igual,
Cada um de tal morte indino,
Porque o duro, ou o malino
Doutor interpreta mal!

Quantas victimas das más, ou malignas interpretações dadas pelos Doutores ás leis, não poderia o Poeta ajuntar a esta? Mas tambem é verdade, que se as leis fossem bem feitas seriam escusados Doutores, porque seriam tão claras, que qualquer homem de bom senso as poderia entender, e applicar. Mas ha por esse mundo taes leis, que será impossivel achar dous Letrados, dous Juizes, dous Tribunaes, ou dous Homens, que as entendam do mesmo modo.

Foi sempre considerado como um dos melhores trechos desta bella Epistola, aquelle em que o Poeta faz o elogio da fidelidade, e amor dos Portuguezes para com os seus Reis, e compara a segurança com que estes vivem entre nós, com os receios, em que os outros vivem dos seus póvos.

Não acobertam soldados
Aqui, nem sôa o tambor ;
Os outros Reys seos Estados
Guardam d'armas rodeados,
Vós rodeado de Amor.

Achar-nos—ham as divinas
No meio dos corações
Esculpidas vossas Quinas ;
Estas sam as guarnições
De vós, e dos vossos dinas.

He sem duvida o Francez
Por seo Rey de amor acceso,
Não lho nega o Portuguez,
Tem porem guarda Escoccez,
Que não he de pouco pezo.

Os adjetivos em *or* em *ez*, e mais alguns, eram antiga-mente commum de dous ; por isso achamos tantas vezes nos Authores antigos, e mesmo em João de Barros, *Cidade competidor, uma Portuguez, uma Hollandez, &c.* Mesmo muitos tempos depois deste uso ter cessado, Antonio Diniz da Cruz e Silva, que de certo sabia a sua lingua, não duvidou dizer no Hyssope.

He *nossa Portuguez*, casta, lingoagem.

Não deve por tanto admirar, que Miranda diga aqui

Tem porem *Guarda Escoccez*.

O Padre Santo assi faz,
A quem certo se devia
Alto assossego, alta paz,
E tem guardas todavia,
Com que vai seguro, e jaz.

Que se pode hir mais ávante
C'os olhos, e c'o sentido?
Sem ferro, e fogo, que espante,
Com duas canas diante
His amado, e his temido.

Aqui se vê, que naquelles tempos de verdadeira grandeza, e de singelleza de costumes, quando os nossos Reis sahiam do Paço a cavallo, ou a pé, eram precedidos de dous Porteiros, que com uma canna verde na mão lhes iam abrindo caminho. É pena que em nenhum dos nossos Poemas Epicos se ache consignado este uso tão poetico, e verdadeiramente Patriarchal! ao menos inspirou elle a Sá de Miranda estes dous bellos versos, que correm estampados na memoria de todos.

Com duas canas diante
His amado, e his temido.

Huns sobre os outros corremos
A morrer por vós com gosto,
Grandes testemunhas temos
Com que mãos, e com que rosto
Por Deos, e por vós morremos!

Outro si pera os revezes
(Queira Deos que não releve,)
Em vós tem os Portuguezes
Códros dos Atheniezes,
Decios, que só Roma teve.

Iguaes bellezas se encontram na Carta a João Rodrigues de Sá e Menezes, fidalgo mui respeitavel por seus serviços, e bom saber.

Dos nossos Sás Coloneses
Grão tronco, e nobre coluna,
Grande ramo dos Meneses,
Em sangue, e bens da Fortuna,
Que he tudo entre os Portuguezes,

Mas vós que sempre vos ristes
Do povo que não vê mais,

Ricamente a alma vestistes,
O mais tendes por demais.

O Poeta já no seu tempo censurava a tendencia dos Portuguezes para só apreciarem as riquezas, ter em pouca conta os talentos, e a sabedoria. Luiz de Camões se queixa tambem amargamente deste defeito nacional, que cada vez se tem augmentado mais, em logar de corrigir-se.

Aos grandes, aos valorosos
Passados, de quem herdastes
Sobrenomes tão lustrosos,
Des que nas armas pegastes
Não fostes dos ociosos,
Podereis tambem folgar
Que foram tempos de paz,
Podereis rir, e jogar
Como se na terra faz.

Mas entrastes n'outra afronta
Hi fizestes novo emprego,
Desejando de dar conta
Tambem daquelle assego
Como de Catão se conta.
As Letras, que hi não achastes,
Trouxestes de fóra á terra,
A' nobreza as ajuntastes
Com quem d'antes tinham guerra.

Para entender o que se segue, é necessario ter presente, que El-Rei D. João III., espirito de pequena esphera, vergado ao peso da superstição, e do predominio monachal, sem ter as forças necessarias para sustentar o grande edificio levantado por D. João II., e D. Manoel seu Pai, deu principio á nossa decadencia Literaria, e Politica introduzindo em Portugal, os Jesuitas. Toda a grandeza, todo o brilhantismo do saber, das Artes, e da Poesia, que tanta gloria deram ao seu reinado, não se deveu a elle, *era impulso que vinha de traz*, (como bem advertiu o Collector do Parnaso Lusitano) eram os fructos do que se havia plantado nos dous reinados antecedentes, e arrancar,

e destruir essas arvores, era o grande projecto dos discipulos de Santo Ignacio.

Para dar começo á sua obra, tinham-se aquelles Regulares apoderado do ensino público, e das consciencias, ao passo que nas aulas estabeleciam a *Philosophia Peripathetica*, e a *Theologia Escholastica*, para com ellas depravam os engenhos; começavam a propalar nos salões, e nos confessionarios, que as Sciencias eram perigosas para a Religião, e o Estado. Sá de Miranda, que tinha aprendido com outros mestres, bem que subjugado pela authoridade religiosa dos Jesuitas, não perfilhava o seu modo de pensar a respeito da instrucção, nem se persuadia que della proviesse a ruina, e decadencia dos Estados; e por isso declara aqui a sua opinião de que a corrupção de Portugal vem mais depreça do luxo, e das riquezas, resultado da conquista do Oriente, e do tracto, e maus exemplos dos povos affeminados daquellas regiões longiquas, e por isso diz

Dizem que os nossos passados
Os mais não sabiam lêr,
Heram bons; heram ousados;
Eu não louvo o não saber
Como alguns ás graças dados;
Louvo muito os bons costumes,
Doe-me se hoje não sam taes,
Mas as Letras, ou Perfumes
Quaes nos los danarão mais?

Os Jesuitas não gracejavam; conspiravam sem descanço para estabelecer entre nós uma instrucção de argucias, e de palavras vãs, uma ignorancia scientifica, cem vezes peor do que a ignorancia illiterata; queriam embrutecer a Nação para nos entregar ao jugo da Hespanha, como com effeito conseguiram, com a sua alliada natural a Inquisição, que perseguia, dava ás fogueiras, e affugentava do Reino todos os homens verdadeiramente instruidos, e os amigos da Patria, que os Jesuitas com suas manhas não esperavam corromper.

Destes mimos Indianos
Hey gran medo a Portugal.

4 *

Que nos recresçam taes damnos
Quaes os de Capua a Hannibal,
Vencedor de tantos annos.
A tempestade espantosa
De Trebia, e de Trasymeno,
De Cannas, Capua viçosa
Venceo em tempo pequeno.

O Marquez de Santilhana,
Homem de braço, e saber
Antre a Nação Castelhana,
Da lança sohia dizer,
Que co'as Letras se não damna,
Este he a quem João de Mena
Fez alta coroação,
Tinha elle já grande penna,
Mas aparada inda não.

Dois vencedores do Mundo
Cesar, e Alexandre o Grande
Nas Letras foram the o fundo,
Em que a fortuna não mande
Ponho aqui Bruto segundo,
E os Grandes dois Scipiões
Fim, como dizem, fatal
De Carthago, e dois Catões,
Poderá por Hannibal.

A Fortaleza louvada
Anda em braços co'a Prudencia,
Irmãa sua muito amada,
Porem ávante a Experiencia
Tudo sem governo he nada,
Pouco por força podemos:
Isso, que ha, por saber veio:
Todo o mal jaz nos extremos,
O bem todo jaz no meio.

Os Poetas vam a tudo
Buscando por alto o Cravo,
Olhando pelo meudo

O seo grande Achylles bravo
Rege o Centauro sizudo,
Que lhe abrande aquella sanha
Natural sua, que he muita
N'uma Cova subterranea
Tange o Velho, o Moço escuita.

Veados correm c'o vento
Em contenda, e os Leões
Tem força, e atrevimento,
Tem seos bravos corações ;
Nós temos entendimento.
Por onde entre nós devemos
Estimar aquelles sós,
Que naquillo em que os vencemos,
Nos vencem elles a nós.

Não póde fazer-se uma defesa mais bella das Letras, e das Sciencias, o mais bello adorno da humanidade, posto que tantas vezes calumniadas, pelos que especulam com a ignorancia, a superstição, e a tyrannia, de que ellas sam inimigas irreconciliaveis, e naturaes.

O bom Sá de Miranda levado dos seus preconceitos Escholasticos, e Theologicos, receiava que a nossa decadencia viesse do luxo, e das riquezas, e não via já dentro em casa as duas causas motoras dessa decadencia, que tanto temia. As riquezas podem, é verdade, perder uma nação quando esta não tem um bom governo, que saiba dirigi-las bem. Quando essa nação, ufana de possuir ouro, se faz fidalga, isto é, se entrega ao ocio, aborrece o trabalho, e se contenta de comprar aos estrangeiros o sustento, o vestir, e todos os objectos para satisfazer as necessidades, e commodos da vida ; e foi isto que nos aconteceu. Porém as riquezas sam fontes de prosperidade para as nações, quando se empregam em animar a Agricultura, o Commercio, a Industria, em fundar Fabricas, em cultivar as Artes Mechanicas, as Liberaes, as Letras, e as Sciencias ; é assim que as riquezas tem sido uteis, e tem engrandecido a Inglaterra, a Hollanda, e a França ; e é então que o luxo se torna indispensavel elemento da prosperidade pública. Não foram pois as rique-

zas quem nos perdeu, foi o não sabermos usar bem dellas, foi a perda da independencia, a indolencia, e inercia em que nos submergiu embrutecidos o jugo do Monachismo, e o orgulho Aristocratico.

Na Carta a seu Irmão Mem de Sá, ou Mendo de Sá, como outros escrevem, creio que mais correctamente, discorre Sá de Miranda mui philosophicamente sobre a mania de andar atraz das esperanças enganadoras da côrte, diligenciando a posse de cargos, contrapondo a esta vida agitada o socego que disfrutava na sua habitação campestre.

Em quanto de huma esperança
Em outra esperança andaes,
Fazer-vos quero lembrança
Como he leve, e não se alcança,
Que sempre adiante he mais.

Cuidaes que sois já com ella,
Quando vô-lo mais parece,
E quereis lansar mão della,
Mete remos, mete véla,
Vai rindo, e desaparece.

Sentença palpitante de verdade, e mui concisa, e poeticamente expressada.

Mas não sofre o coração
Solta-la assi levemente,
Tamanha deleitação;
Ah que eu a tinha na mão
Se fôra mais diligente.

Dos Alchimistas se diz
Despeza he fadiga vã,
Cobiça he cégo Juiz,
Deixai que, se hoje o não fiz,
Falo-hei logo ámanhã.

Não lhe val vêr a fazenda
Hir a poz de experiencias,
Andam de emenda, em emenda

Da Fornalha para a Tenda,
De assoprar fazem Sciencias.

É ás bellezas de este, e de outros trechos tão hem pensados, e tão hem enunciados, que estas Epistolas devem a reputação de que gozam, e seu Author o ser contado entre os Pais da nossa Poesia, apesar das incorrecções, e mais defeitos das suas outras obras.

Aporfiou, e cahiu
Phaeton, do carro do dia,
Que ao Pay, por seo mal, pediu;
Sentiu-o a Terra, sentiu
Hum rio da Lombardia.

Não soube Icaro reger
As azas, que houve do seu,
Subindo veio a descer,
Aos Peixes deu que comer;
E ao mar nome novo deu.

A poz o que hade cahir
Por alevanta-lo andamos,
Que não nos deixa dormir.
A' alma, que pode subir,
A essa, as azas cortamos.

Em quanto hum busca seos danos,
E outro já the os olhos jaz,
Por muitas sortes de enganos,
Morte, que não conta os annos,
Vem, e leva o que lhe apraz.

Aqui a sublimidade das idéas é realçada pela singeleza, e direi, até pela familiaridade da phrase.

.....
Po-lo qual a este abrigo,
Onde me acolhi cansado,
E mais indo a gran perigo,
E áquellas Letras que sigo,
Devo que nunca me enfado.

Qual foi esse perigo, que o Author diz *grande*? Sabemos que elle se retirou da côrte por causa de desgosto, que teve com um Cortezão ; mas elle falla aqui de um perigo, e de um *perigo grande* ; isto devia ser claro, e intelligivel para o Irmão, a quem Miranda dirige a Carta, e que tinha perfeito conhecimento da sua vida particular, e pública ; mas essa circumstancia não torna esta Quintilha menos obscura para os Leitores, que não estão no mesmo caso de Mem de Sá.

Devo á minha muito amada,
E só rica Liberdade,
Que tive aos dados jogada :
A que sómente he mandada
Da Razão boa, e Verdade.

Nas Côrtes não pode ser,
Vêdes os tempos, que correm,
Vêdes fugir, e correr,
Por fugirem the morrer
Dos logares d'onde morrem.

O Poeta tinha razão de presar muito a *sua rica Liberdade*. E que maior fortuna pôde ter um homem de sizo, que viver longe dos bolícios, e intrigas das côrtes, das penções, e enfadamentos do serviço público, senhor da sua vontade, e das suas acções, entregue ao estudo, em uma herdade, que lhe dá o necessario para a sua subsistencia ? Mas esta ventura só pôde ser comprehendida pelo homem verdadeiramente philosopho, e não pelo ambicioso, que á maneira do hestrião, necessita de subir ao tablado para ser applaudido, e parecer alguma cousa.

Ora pôr peito á corrente,
Que sejaes forçoso, são,
E de sangue inda fervente,
Grão nadador, claramente
He quebrar braços em vão.

Cansar, e sonhar privansas,
Dar d'avesso á Liberdade,

Logo pôr vâas esperanças,
Estes jogos, e estas dansas
Passem com a Mocidade.

Ando alimpando a pousada,
Lembra-me quem diz que está
Ante a porta, bate, e brada,
E se a sentir despejada
Pela ventura entrará.

Olhai as Aves do Ar,
(Diz o Senhor, que enriquece
O Ceo, a terra, e o Mar,)
Vêde-las todas cantar,
Dizei-me, que lhe fallesse?

Da muita vossa fraqueza
Vem estes tantos suores,
Estes, medos á pobreza,
Vêdes como a Natureza
Veste ricamente as flores?

Estes versos, e outros muitos que poderíamos citar, mostram quanto os livros sagrados eram familiares ao Doutor Francisco de Sá.

Esta Carta termina com uma imitação da Fabula do Rato do Campo, e do Rato da Cidade, inventada por Horacio; e se esta imitação não iguala a concisão, e a força do Poeta Latino, excede muito a de Lafontaine, que foi muito infeliz com este assumpto.

Na Epistola dirigida a Antonio Pereira, Senhor de Basto, que se retirava para Lisboa, e que é uma das mais bellas deste Cancioneiro, torna o Poeta a levantar a voz contra as riquezas do Oriente, que chamavam á côrte todos os fidaldos, que desamparavam seus Solares, despovoando as Provincias, e nisso tinha elle sobeja razão; mas que diria elle, se vivesse no tempo em que passou por dogma governativo, chamar com todo o empenho a Nobreza das Provincias para se estabelecer na Capital, gastando nella os seus rendimentos, deixando arruinar suas herdades, o que foi a origem da pobreza, e miseria a que

estão reduzidas as terras do interior, ao passo que a Capital, se sobrecarregava de uma população sobreabundante, que aqui vinha vegetar na moxilagem, na vadiagem, na mendicidade, e no crime; roubando uma multidão de braços robustos á Agricultura, e á Industria das Provincias? Então é que elle gemeria amargamente de vêr verificadas as suas prophcias, não por causa do ouro do Oriente, mas pelos erros da Administração, mal fundadamente medrosa.

O exordio desta Carta me parece excellente.

Como eu vi correr pardaos
Por Cabeceira de Basto,
Crescerem Cercas, c'o gasto,
Vi por caminhos tão máos
Tal trilha, e tamanho rasto.

Logo os meos olhos ergui.
A' caza antiga, e á Torre,
E disse comigo assi,
« Si Deos nos não val aqui,
« Perigoso imigo corre. »

Não me temo de Castella
D'onde inda guerra não sôa,
Mas temo-me de Lisboa,
Que ao cheiro desta Canella
O Reyno se despovoa.

E que alguém embique, e caia,
(A fóra vá mau agouro)
Falas por aquella praia
Da grandeza de Cambaia,
Narsinga das Torres de ouro.

Ouves, Veriato, o estrago,
Que cá vai nos teus costumes?
Os Leitos, Mezas, e os Lumes
Tudo cheira; eu oleos trago,
Vem outros trazem perfumes.

E ao bom traje dos Pastores,
Com que sahiste á peleja,
Dos Romãos tão vencedores,
Sam mudados os labores
Não ha lá quem te haja inveja.

Entrou, dias ha, peçonha
Clara pelos nossos portos,
Sem que remedio se ponha :
Huns dormentes, outros mortos,
Alguem pelas ruas sonha.

Fez no começo á pobreza
Vencer os ventos, e o mar,
Vencer quasi a natureza.
Medo hey de nova á Riqueza
Que nos venha captivar.

Estas Serras, e penedos
Fazem-se-vos vistas fêas,
Já torceis rosto ás Aldêas ;
Direis dos vinhos azedos
O que já disse Cineas.

A quem nos convites dado
A provar, si lhe approuvesse,
Depois nos Olmos mostrado,
« Nunca vi, (disse) emforcado,
« Que a forza assi merecesse. »

As vorazes montarias,
Derribar Aves, que vão
Cantando inverno, e verão,
Que al he, salvo remir dias
Do enfadamento Aldeão ?

Que trabalhosos concertos
De Vilãos desentoados,
Os de Vilãos mal cobertos,
E o que he peor, pouco certos,
Muito desarrazoados.

Direis, e eu não vô-lo nego;
Mas quereis tambem que diga?
Este Mundo he armado em briga,
Não busqueis nelle assocego,
Nem n'uma alta Ermida antiga.

Todavia ha differenças
Entre o de cá, e o de lá,
Cá no meio ás desavenças
Ereis mestre das sentenças
Pera onde ha outrem, que as dá.

Tereis em troca manjares
Composições delicadas,
Humas por outras grosadas,
Pelos tempestuosos mares,
A gran perigo buscadas.

Convites de quem convida,
Amostram-vos suas tendas,
Quanta cousa hi ha perdida!
Ceas imigas da vida,
Imigas mais das Fazendas!

Disto o cheiro, disto a côr,
Que preço não tem igual,
Milagre de Portugal,
Cousas de tanto sabor,
Pera saberem tão mal!

Onde se hade lansar tanto?
Aquillo he pagar o Pato,
Em fim quando me levanto,
Ou heide morrer de espanto,
Ou, si não me espanto, matto!

Pagar o Pato, é phrase chula, e plebéa, mas o Poeta parece que tinha muita effeição por estas expressões vulgares, pois é rara a composição em que não emprega alguma; isto prova, que no seu tempo ainda não estava formado o gosto, nem discreminado da prosa o dialecto poetico, nem se ainda saber bem

Discriptas servare vices, operumque coloris.

tâmbem estes versos

Em fim quando me levanto,
Ou heide mòrrer de espanto,
Ou, si não me espanto, matto.

me dão ares de um verdadeiro amphigouri! Pelo menos não vêjo a ligação destas idéas com as antecedentes, nem com as subseqüentes; mas este Poeta adoece frequentes vezes deste achaque.

Que cósas vam tão erradas!
Enfastia o que sobeja,
Quem come o que não dezeja?
Sohiam ser convidadas
Vontades, agora he a inveja!

Estes dous ultimos versos offendem os ouvidos por falta de harmonia; os seguintes não sam melhores.

Entra comvosco a manhã,
Fallam-se muitas lingoagens,
A tal cea cortezã
Quanto mistura vai vã
Afora as novas potagens!

Os bons Convites antigos,
Antes de se tudo alçar
Heram pera conversar
Os Parentes, e os amigos,
Que não pera arrebentar!

E de viver juntamente
Houveram convites nome,
Soltos os olhos da Gente
Porque vissem que sómente
Ali se matava a fome.

Aquella ufana Raynha
Irmãa do vil Ptolomeo,

Que o rico pendente deo
Prodigamente á cozinha
N'um grande banquete seu.

Em primeiro logar Cleopatra não era sómente Irmãa de Ptolomeo, mas tambem sua Mulher, segundo o costume dos Egypcios, e dos Persas, costume que ainda hoje conservam os Guebros; depois Cleopatra não mandou para a cosinha o pendente, de que falla o Author; os Cosinheiros o teriam guardado, em logar de o cosinharem, e nisso andariam com mais juizo do que ella: eis-aqui como alguns Authores contam o factio, a que o Poeta alude.

Cleopatra havia appostado com Marco Antonio, que em toda a occasião que viesse cêar com ella nunca lhe daria um banquete, que não importasse em uma somma exorbitante, que foi convencionada entre elles.

Uma noite que o Triumviro chegou tão tarde que a Rainha já estava á meza, ella não querendo perder a apposta, e vendo que a cêa estava longe de valer a quantia convencionada; tirou muito depressa dos brincos uma grossa perola, de um valor exorbitante, e desfazendo-a em uma taça com vinho lho deu a beber; e assim evitou a perda da apposta com uma perda muito maior.

O cæcas hominum mentes! o pectora cæca!

Vendo tudo hir-se a perder,
Os amigos convidava,
Não já porem de viver,
Mas de a si juntos morrer,
Em sua lingua os chamava.

A vossa fonte tão fria
Da Barroca em Julho, e Agosto,
Inda me he presente o gosto,
Quam bem que nos hi sabia
Quando na meza hera posto.

Nesta Quintilha ha uma embrulhada grammatical, que não é facil desenvolver; o que é que sabia bem? Acaso a fonte fria da Barroca? Mas então a que se refere *posto*, que é do genero masculino? Acaso a *gosto*? Mas que quer

dizer um gosto posto na meza? Deixo aos admiradores exclusivos dos nossos Classicos o elucidar esta difficuldade; porque eu contento-me de citar as seguintes Quintilhas, como compensação desta.

Ali não mordia a graça,
Heram iguaes os Juizes,
Não vinha nada á praça,
Ali da vossa cachaça
Ali das vossas Perdizes.

Ali das frutas da Terra
(Que tem cada mez a sua)
Colhida em sazão cada hũa,
Nunca o sabor a côr erra,
Nem o nome de nenhũa.

Oh Ceas do Paraíso,
Que nem cá o tempo vos vença,
Sem falla trocada, ou riso,
Nem carregadas de siso,
Nem danadas da licença.

Des hi, o gosto chamando
A mores outros sabores,
Liamos pelos amores
Tão bem escriptos d'Orlando
Envoltos em tantas flores.

Liamos os Assolanos
De Bembo, engenho tão raro,
Nestes derradeiros annos,
C'os Pastores Italianos
Do bom velho Sannázaro.

Liamos pelo alto Lasso,
E seo amigo Boscão,
Honra de Hespanha que são;
Hia-me meo passo a passo
Aos nossos, que aqui não vão.

Se eu isto estimado agora
Vira, como d'antes hera,
Por meo conto ávante fora,
Mas não diz hora com hora,
Vai-se como ao fogo a cera.

Que troca! vêr lá Paschinos
Desta terra cento a cento,
Quem os vê sem sentimento
Tractar os Livros divinos
Com tal desacatamento!

O pouco affecto á leitura, e á Poesia é vicio tão anti-
go em Portugal, que já aqui Francisco de Sá de Miran-
da, se queixa d'elle, e Camões depois ainda mais amar-
gamente, e aponta como razão disso

Que quem não sabe a arte não a estima.

E o que não devem de ousar
Dizer, si em joelhos não,
(Que graças pera chorar!)
Torcem, fazendo fallar
Ao som da sua paixão.

Esquecidos do Conselho,
Mas que digo eu? do mandado,
Sendo por quem foi vedado,
No Santissimo Evangelho,
« Aos cães não deis o sagrado. »

Peitos, que sonhando andaes,
O muito não o troqueis
Por nadas, como trocaes,
As perlas orientaes
Aos Porcos não as lanseis.

Jogareis? oh razão céga,
Sempre o jogo foi defeso,
Que tem noite, e dia preso
O triste, que assi emprega
O seu tempo todo em peso.

E desde o Grou a Folosa,
Homens de seiscentas côres,
Só no jogo não tem grossa,
Conversação Perigosa
Missa de renegadores.

Se *Grou*, e *Folosa* não sam nomes de dous jogos usados no tempo do Poeta, não será facil perceber o sentido desta Quintilha, que mesmo assim em sua totalidade não é um modelo de clareza.

Mal sem emenda é o Jogo
Antre os seos males maiores;
Hum Rey de grandes primores
Dos nossos, mandou por fogo
A' casa, e aos Jogadores.

O sentido dos dous primeiros versos não é claro; e o louvor dado ao Rei, que mandou deitar fogo a uma casa, queimando os que estavam jogando dentro della, pouca honra faz de certo ao coração de Sá de Miranda. Um Magistrado, que devia conhecer a proporção entre os delictos, e as penas, cumpria que achasse este tormento desproporcionado ao simples crime de jogar! Deos livre a todo o fiel christão de Juizes como Sá de Miranda.

Das leys antigas imigo,
Despresador das modernas,
Continuador do perigo,
Dores sempre aqui comsigo
Vai caminho das Eternas.

Qual será o sentido desta oração? As incorrecções grammaticaes sam peccado de costume neste Poeta.

Passemos para outros jogos,
Que lá vam por outros tratos,
Fazer, desfazer contratos,
Salamandras nos seos fogos,
De Herodes para Pilatos.

Alguma vez havia Pilatos apparecer peor collocado, que no *Credo*.

E aquelle grande alvoroço
 D'Atabor, que á guerra chama,
 Leva o Velho, leva o Moço,
 Que entram primeiro em destroço,
 Que percam de vista Alfama.

Oh vida dos Lavradores
 Si elles conhecessem bem,
 As vantagens, que tem,
 Co' aquelles santos suores
 Que a si, e ao Mundo mantem!

Imitação mui formosa daquelles versos de Virgilio

*Oh fortunati sua si bona norint
 Agriculæ.*

Tractando co'a madre antiga
 Que de quanto em si recebe
 (Não entre engano, ou má liga,)
 Singelamente se obriga
 A pagar mais do que debe.

Aquelles maiores nossos
 Antigos Padres primeiros,
 Eram no começo inteiros
 Eram santamente grossos
 Sem mal como os seos cordeiros.

Regidos da Natureza,
 Sem tanto papel escripto,
 Vem hum reza, e outro reza,
 Sem cansar, e sem certeza
 Buscam, nunca acham o fito.

Foi sem malicia, e mau erro
 A boa Edade dourada;
 Apreçou-se a prateada;
 Não tardou nada a de ferro,
 Que tudo poz á espada.

Quanta sombra, que apparece!
 Tapai-me a boca co'as mãos,

Ora atroz, que não me esqueça,
Tambem por cá se adocee
Vam porerem ares mais sãos!

Por isso a Gentilidade,
Que em tudo philosophava,
Ao Deos da saude alçava
Templo, fóra da Cidade,
Hi por ella se ofertava.

E aquelle Virbio, a quem
Dera vida, nunca ás festas
Nunca da Cidade vem,
Sempre só por fóra o vem,
Caçando pelas florestas.

Hi que encontre c'hum Leão,
Com vaso, que anda ao travez,
Traz com sigo a seus líbrés,
Com que lhe o caminho dão
Não ha aquella a sua rez.

Da cousa má claramente
Logo quem a vé se véla,
Chega-se á que branda sente,
Por isso á antiga Serpente
Pintam rosto de Donzella.

Quando os antigos a alguém
Louvavam, não de Senhor,
Nem de rico hera o louvor,
Chamavam-lhe Homem de bem,
E ainda bom Lavrador.

A nossa Gente que quiz
Arremedar nos louvores,
Que agora parecem vis,
Aos bons Reys Sancho, e Diniz
Chamaram-lhe Lavradores.

Os prudentes dos Romanos
Antes que o tino perdessem,

Donde cuidaes que escolhessem
Cincinatos, e Serranos,
Que ante si em Campo posessem?

E aquella sua grandeza
Que o tempo não quer que moura,
Vêmos que a mais da Nobreza
Sobrenomes da riqueza,
Não poz, antes da Lavoura.

Inda hoje vêmos que em França
Vivem nisto mais á antiga,
A' Villa o Villão se abriga,
Donde traz nome de Herança
Mantem-no a sua fadiga.

Accende a fragoa o Ferreiro
Juntamente o Gallo canta,
Morde o Couro o Çapateiro,
Brada c'o Moço ronçeiro
Que inda se envolve na manta.

Vive a Nobreza por fóra
Segura, os despovoados
Corre c'os Lobos ousados,
Por de redor d'onde mora
Mantem livre o monte aos Gados.

Da má gente aventureira,
Que ás escuras traz seo tracto,
Que possa livre quem queira
Cantando hir de noite á Feira
Ou dormindo no mulato.

Bom tempo, quando segura
A cabeça se encostava
Onde o somno a convidava,
Contente da cobertura
Tam rica, que o Ceo lhe dava.

Bebiam, tomada ás mãos,
D'agoa, que fosse em velhice,

Milhor que por vasos vãos;
Lavava ella os peitos sãos,
Antes da garganteice.

Jacob fugindo ao Irmão,
Que o mal tinha ameaçado,
Pastor aos campos usado,
Passou o Rio Jordão
Na ajuda do seo cajado.

Como o Sol ao mar desceo,
Comeria do fardel,
D'agoa no rio bebeo,
N'uma pedra adormeceo
Poz nome ao Logar Bethel.

Natureza nos posera,
Como os olhos nos abrio,
Ao perto, tudo o que vio
Que necessario nos era,
Do mais tudo se surrio.

Como huma Ave já vezada
A toda a delicadeza,
He melhor ajuizada,
Foge á gaiola dourada,
Vai buscar a Natureza.

Huma disposição má,
Longa enfermidade, e dôr,
Que vai de mal em peor,
Onde remedio achará,
Se a Natureza não fôr?

Cégo da minha profia,
Que em vão tanta razão gasta,
Que fazeis? que vos obriga?
Deixaes essa Madre antiga,
Hi-vos buscar a Madrasta.

Dos vossos nobres Avós
As Cruzes, em sangue abertas,

Vos põem obrigações certas,
Que não as deixeis lá sós
A ser de musgo cobertas.

O que porem não dirão
Em quanto cá tem tal feira,
Como he a de tal Irmão,
Que não houve o nome em vão
De Nuno Alvares Pereira.

Por toda esta grande Hespanha
Froes, que souberam chamar,
Fez em Pereira mudar,
Não do Rey Mouro a patranha,
Mas vosso antigo Solar.

Do qual, não ha muitos annos,
Que hum, que aqui Braga regeo,
Pondo á parte os longos panos,
Hum passo aos Castelhanos
A' espada defendeo.

Ao Reyno cumpre, em todo elle,
Ter a quem o seo mal dóa,
Não passar tudo a Lisboa,
Que he muito o peso, e com elle
Mete o Barco n'agoa a proa.

E mais hivos muito ao ponto
Para qualquer appetito,
Então já ouvi hum conto
A quem espreita, e está prompto
Não vades mudar o fito.

Tereis lá conversações,
Tereis graças delicadas,
Do ar do Paço adubadas,
E ás vezes das pregações
Com muito gosto furtadas.

Transposeram os amores,
Deixaram o Paço ás cégas,

Sãem de novo mantedores,
Continuos murmuradores
Pela praia de Emxobregas:

Vereis barcos hir á vêla,
Huns que vam, outros que vem,
Como que se desavem
C'huma viração singela,
Tanta força a Arte tem.

Os Marinheiros vadios,
Que vilmente a vida apreçam,
Polas chordas dos Navios,
Volteam como Bogios,
Inda que vos al pareçam.

Não hey por perda esta leve,
Que sejam palavras tudo,
Mas ao coração accudo
Sinão dizei quem se atreve
A dôr espera-la a miudo.

Sam ellas porem já muitas,
Fa-las hir crescendo a magoa,
Lembro-vos as vossas frutas,
Lembro-vos as vossas Truitas,
Que andam já por vossas n'agoa.

Copiei esta Epistola por inteiro de proposito para os Leitores poderem ajuizar das bellezas, e defeitos destas tão gabadas composições de Sá de Miranda. Elles ahi teram notado, que o estylo é o mesmo de todas ellas; isto é, bocolico misturado de rifões, e phrases rusticas, e plebéas; terão notado de mais, pensamentos fortes, e idéas philosophicas expressadas com concisão, e energias, sentenças judiciosas, e a par dellas reflexões triviaes, e pueris; carencia de colorido poetico, e de poesia descriptiva; obscuridades de phrase, descuido, e incorrecções de estylo, e de metro, e falta de nexo entre as idéas; de modo que parece que o Poeta escreve o que lhe occorre sem referencia ao que já disse, e ao que tenciona dizer.

É necessario haver a coragem de observar estes defeitos dos Poetas, que de ordinario se nos citam como modelos, para que a Mocidade inexperta, levada de um respeito servil, não os imite, e reproduza como bellezas.

A gloria dos grandes Authores não está em não cometerem erros, em não ter defeitos, nenhuma obra pôde ser inteiramente despida delles; mas em ter bellezas que resgatem, e recompensem bem estes defeitos; é nisso que está a gloria de Miranda, de Ferreira, de Bernardes, e dos mais Authores, que compõem o seculo de ouro das nossas Letras.

A unica Epistola que Sá de Miranda escreveu em tercetos hendecasyllabos, á maneira dos Italianos, é dirigida a D. Fernando de Menezes em resposta de outra, que o dito fidalgo lhe mandara de Sevilha, onde então residia.

Esta composição tem alguns tercetos bem fabricados, mas a par delles apparecem outros, que sam prosa, como dizem, nua, e crúa, por exemplo

Senhor meu, Dom Fernando de Menezes,
Eu vi Roma, Veneza, e vi Milão,
Em tempo de Hespanhoes, e de Francezes

.....

Espreita onde vê rica ociosidade
Hi arvora bandeira á solta, a vã
Desemfreada prodigalidade,

Imiga das leys santas, e da sãa,
Da boa temperança, e vida pura
Mas dessa Sevilhana amada Irmãa.

Dirá alguém, que tenha ouvidos, que estas regras sam versos, que este estylo é a linguagem das Musas?

Aquelles Dantes, que versos danaram,
Perdoem, ah, que o digo vergonhoso,
Com dó dos bons engenhos, que enganaram.

Aqui não ha só a notar a dureza, e o prosaismo, mas a injustiça feita ao creador da Poesia Toscana; ponhamos de parte os *Dantes*, que versos danaram, que é uma verdadeira charada: em que enganou Dante os Poetas da Italia?

Acaso em crear-lhe a lingua, e uma Poesia energica, e sublime, que elles não souberam imitar? Pois á fé, que se o Doutor Francisco de Sá devia estar *vergonhoso* de alguma cousa, era de não sentir a sublime poesia do Poema de Dante, e de não conhecer que só os episodios do Conde Ugolino, e de Francisca de Rimini, valiam mais do que tudo quanto elle escrevera em sua vida.

Francisco de Sá de Miranda compoz duas Comedias os *Vilhalpandos*, e os *Estrangeiros*. Estas Comedias sam em prosa, e nellas não ha nada portuguez, afóra a linguagem, em que estão escriptas: local da scena, acção, costumes, caracteres, nomes, tudo é italiano. Não falta, é certo, a estes Dramas nem força comica, nem bastante jocosidade, porém a cada passo se encontram nelles cousas, que denunciam a infancia da arte, e a falta de conhecimento do effeito theatral; extensos dialogos, e muitas vezes pesados, falta de ligação entre as scenas, de que resulta mil vezes ficar o theatro vasiu, pouca acção, e menos interesse, e soliloquios, sem termo, nem fim. O Poeta dá a entender, que o seu fim havia sido imitar Plauto, e Terencio; pôde ser, mas parece-me que essa imitação não foi directa, mas feita pelas imitações, que os Italianos haviam feito daquelles; pois o seu estylo se parece muito com o da *Callandria* do Cardeal Ribiena, e se devo dizer o que sinto, é muito natural que estes dous Dramas não sejam mais do que imitações de alguns Dramas hoje desconhecidos, a cuja representação o Author tivesse assistido na Italia.

As Comedias de Sá de Miranda, apesar dos seus visiveis defeitos, e dos seus desgraçadissimos desfechos, foram representadas com todo o apparatus, e pompa no Palacio do Cardeal D. Henrique, que fazia dellas muito apreço, e até as mandou imprimir á sua custa, depois da morte do Author; nem deve estranhar-se que um Cardeal se divertisse, fazendo representar Comedias no seu alcaçar, quando o Summo Pontifice, Leão X., despendeu grossas rommas na representação das de Bibiena, e de Ariosto, sem comparação mais livres, e muito menos modestas, que as de Sá de Miranda.

O Poeta ficou mui satisfeito com os applausos com que as acolheu o auditorio, composto de Fidalgos, Prelados,

Frades, e outros Ecclesiasticos, reunidos no Paço do Infante Cardeal, mas se nesse tempo existisse em Lisboa um theatro público, e nelle se representassem as duas Comedias, é mais que probavel, que lá não fossem recebidas tão lisongeiramente.

Sá de Miranda foi homem de grande saber, e de pouco genio. Conhecia a fundo a lingua Grega, e Latina, mas a leitura dos grandes Poetas de ambas as linguas, nada, ou pouco lhe aproveitou para aprefeição o seu estylo, dando-lhe a correção, e elegancia, que sam a alma da Poesia. Contemporaneo de Ferreira, Bernardes, e Caminha, que o respeitavam como Mestre, se cotejamos a sua linguagem com a delles, parece ser-lhes anterior, pelo menos, de um seculo. Não soube versificar, nem colorir como elles, como não os iguala em variedade, em imaginação, e pureza; e com tudo a sua reputação se tem conservado até hoje sempre respeitada; que maior prova de que, apesar dos seus defeitos, ha nelle um merito real? (*)

CAPITULO III.

O Doutor Antonio Ferreira.

Nada mais usual do que ouvirmos todos os dias chamar Eschola de Sá de Miranda á Eschola Italiana; mas para fallar com propriedade, deveria ella ser nomeada a Eschola de Ferreira. Se bem examinarmos este negocio, acharemos, que supposto ter sido Sá de Miranda quem deu o impulso para se adoptar o estylo Toscano em Portugal, é tambem certo, que este Poeta, não tinha as forças necessarias para sahir ao cabo com esta reforma.

(*) Tout cela prouve enfin que l'ouvrage est plein de grandes beautés, puisque depuis deuxcents ans il fait les délices d'une nation spirituelle, qui doit en connaitre les fautes.

*Voltaire. Essai sur Poesie Epique
(a propos du Camoens).*

As poesias de Sá de Miranda, nem pelo número, nem pela qualidade, podiam arrastar os seus Contemporaneos para imita-lo. Era preciso que um Poeta de igual saber, e de muito superior talento pozesse hombros á empresa, e pela correcção, e elegancia dos seus versos mostrasse como a Poesia Portugueza, marchando por aquelle caminho, podia elevar-se á perfeição classica.

Este Poeta foi Antonio Ferreira: foi elle quem sustentou a reforma, proposta por Miranda, reforma, que nas mãos deste se malograria, como se teria malogrado em Hespanha entregue ás forças de um Poeta mediocre, como João Buscan, se não viesse prestar-lhe auxilio o raro talento de Garcilasso.

Cumpre porém advertir que os reformadores Portuguezes não tiveram que vencer os obstaculos que encontraram os que tentaram a mesma obra em Hespanha. A poesia entre nós havia sido sempre Aristocratica, havia sido quasi exclusivamente cultivada por Fidalgos, e Doutores, e por isso a mudança se effectuou tranquillamente, e sem contradicção. E quem havia contesta-la? Os Latinistas olhavam com desprezo para a poesia vulgar, ou ella cantasse á Portugueza, ou á Toscana: e os Doutos, que queriam poetar na lingua patria, estavam de accordo; porque além da disposição, que houve sempre entre nós, para imitar, e applaudir tudo que vem de fóra, não era possivel que homens instruidos, e de bom juizo não conhecessem a imperfeição dos metros até ali usados em Portugal; não podiam deixar de vêr que as Coplas de pé quebrado eram antipathicas com toda a harmonia; que as Redondilhas eram proprias para o Madrigal, a Cançoneita, a Satyra, mas não para imitar Horacio, e Pindaro; finalmente, que as Estanças de arte maior, de que alguns haviam lançado mão como equivalentes do hexametro grego, e latino bem examinadas em seus elementos, não passavam de uma enfadonha combinação de versos hexasyllabos, cuja chocalhada dançante, se tornava insupportavel em obras de alguma extensão. Convencidos disto os Doutos, nada mais havia que fazer, porque o povo, nem lia versos, nem se interessava com materias poeticas.

Não corriam porém assim as cousas em Hespanha; as circumstancias eram outras; os Poetas eruditos fizeram-

se sem custo Petrarchistas; mas não estava nisso tudo. A poesia era ali popular; e a diversão de todas as classes. Cantar, lêr, e recitar Coplas, e Romances, e acompanhá-los com a guitarra era o recreio do Artista, do Mercador, do Soldado, do Marinheiro, e até das Mulheres, e dos Mendigos. Todos queriam compôr Trovas, e Romances; e na verdade pouco talento era preciso para o fazer; já se vê que alaridos não levantaria esta gente, vendo introduzir uma poesia nova, e superior á sua comprehensão: estas vosarias populares tiveram por auxiliar a indignação daquelles, que não podiam passar de Copleiros, com mais, ou menos talento, e ninguém ignora o renhido combate literario que os reformadores tiveram de sustentar contra elles; basta dizer, que Castillejo invocava as Fogueiras da Inquisição contra os que introduziam esta novidade no Parnaso Hespanhol, novidade que elle julgava mais perniciososa, que as que Luthero introduzia na Fé Catholica: isto parecerá ridiculo, e impossivel, mas vêja-se como se exprimia este Trovador Frade.

Pues la Santa Inquisicion
Suele ser tan deligente
En castigar con razon
Qualquer secta, e opinion
Levantada novamente;
Resuscite-se su zelo,
A castigar en España
Una mui nueva, y estraña
Como aquella de Luthero
En las partes de Alemãna.

Bien se pueden castigar
A cuenta d'Anabaptistas,
Pues por ley particular
Se tornan a baptisar,
Y se llaman Petrarquistas.
Han renegado lá fé
De las trovas Castellanas,
Y traz las Italianas
Se pierden, diciendo que
Son mas ricas, y galanas.

Vejam os Leitores qual seria a sorte de Buscan, Garcilasso, e D. Diogo de Mendonça se o Reverendo Padre Castillejo acertasse então em ser Inquisidor Geral. Talvez algumas pessoas tomem este nosso dizer por um mero gracejo, mas não o julgarão assim aquelles que sabem, que la Ramée foi assignado em desaggravo da Philosophia de Aristoteles, como foi tratado Galitei por entender mais de Physica, e de Astronomia que os seus contemporaneos, e Harvey por haver descoberto a circulação do sangue.

Castillejo, não contente das censuras, que havia dirigido contra os Petrarchistas, quiz dar-lhe mais força com a authoridade de João de Mena, e de Jorge Manrique. E por isso finge, que Buscan, e Garcilasso comparecem nos Elysios perante aquelles, e outros antigos Poetas; que Buscan recita um Soneto, e Garcilasso uma oitava, e acrescenta:

Juan de Mena quando oyó
La nueva troba polida,
Contentamento mostró,
Com que se sonrió
Como de cosa sabida.
Y dixo « segun la prueba,
Once syllabas por pié
No hallo causa porque
Se tenga por cosa nueva,
Pues io tambien las usé. »

Don Jorge dixo « no veo
Necessidad, ni razon,
De vestir nuestro deseo
De coplas que por rodeo
Van deciendo su intencion
Nuestra lingua es mui devota
De la clara brevedad,
Y esta troba a la verdad
Por el contrario denota
Obscura prolixidad. »

Carthagena dixó luego
Como pratico en amores,

Con la fuerza deste fuego
No nos ganaran el juego
Estes nuevos trovadores.
Mui melancolicas son
Estas trobas a mi ver,
Enfadosas de leer,
Tardias de relacion,
Y innemigas de placer.

« Si João de Mena, e Manrique (diz a este respeito, com muito siso, o erudicto Quintana) podessem mostrar então algum sentimento, seria o de não terem achado a nova versificação já estabelecida quando escreveram. O genio fugoso, e atrevido de um, e o grave, e sisudo do outro teriam achado para a expressão de seus pensamentos um instrumento proprio no hendecasyllabo.

Sem estes contrastes, e sem obstaculos, ao menos que sejam conhecidos, se estabeleceu entre nós a Eschola Italiana, pela veleidade de Sá de Miranda, e pela constancia, e perserverança de Antonio Ferreira.

Nasceu este em Lisboa, patria de quasi todos os nossos grandes Poetas, no anno de 1528; teve por pais Martim Ferreira, pessoa muito distincta, e como tal condecorado com o habito da Ordem Militar de S. Thiago da Espada, e que serviu o emprego de Escrivão da Fazenda de D. Jorge, Duque de Coimbra, e sua esposa D. Mexia, ou como outros escrevem D. Mecia Froes Varella.

Mostrou logo dos seus primeiros annos grande vivacidade, e amor aos estudos, e muita aptidão para a cultura da poesia, e seus Pais, aproveitando estas felizes disposições da natureza, resolveram invia-lo á Universidade de Coimbra, que naquelles tempos estava muito florescente, não só para se aprefeioar nas Bellas-Letras, mas para frequentar o Curso de Direito Civil, que era então a principal porta por onde se entrava para o exercicio dos cargos públicos.

Antonio Ferreira não illudiu as esperanças de seus Pais, pois á força de contínuo estudo conseguiu não só ser um profundo Latinista, e Hellenista, mas fez grandes progressos no estudo da Philosophia racional, e moral; foi bom

Mathematico, e passava por um dos mais habéis estudantes da sua faculdade.

Não se fez menos notavel pelas suas poesias, com que apoiou a doutrina de Sá de Miranda sobre a necessidade de poetar em lingua vulgar, mas o seu accendrado amor da patria o levou mais longe do que elle, pois protestou solememente de nunca escrever um só verso, que não fosse em portuguez ; considerando, e com razão, que toda a composição em lingua alheia é um furto, que se faz á gloria nacional, e uma desáiroza ingratitude para com a patria, que nos deu o ser.

Ferreira desempenhou fielmente aquelle honrado protesto, pois é o unico dos nossos Poetas antigos, que nunca escreveu senão em portuguez. Por isso o seu amigo Diogo Bernardes, na Elegia em que deplora a sua morte, disse, sem receio de ser desmentido,

Que dando á Patria tantos versos raros,
Um só nunca lhe deo em lingoa alheia.

E bem haja elle, que assim soube mostrar que sabia conhecer o valor do Idioma Lusitano, e que preferia a tudo a terra, em que havia nascido. Queria que a linguagem materna, que ruins filhos despresavam, cultivada, e enriquecida com os fructos do seu talento, podesse disputar a palma ás mais celebradas da Europa.

Floresça, falle, cante, ouça-se, e viva
A Portugueza lingoa, e já onde fôr
Senhora vá de si, soberba, e altiva.

Exclamava elle no seu justo entusiasmo, accrescentando logo uma verdade, hoje reconhecida de todos, mas então d'elle, e de poucos, pois que havia tantos que davam por tosca, e grosseira a lingua materna.

Si athequi esteve baixa e sem lavour,
Culpa he dos que a mal exercitaram,
Esquecimento nosso, e desamor !

Concluido o curso de Direito Civil, fez um Acto brilhante, e foi condecorado com o Capello, e grau de Dou-

tor, e pouco depois nomeado Lente da Universidade, que se honrou de o contar no número dos seus Membros.

Antonio Ferreira estudava continuamente os Poetas Gregos e Latinos, e os Italianos, cujos metros adoptou, como mais aptos para imitar os primeiros, e com especialidade Horacio, que mais se ajustava ao seu modo de cantar, e de pensar, e para essa imitação lhe pareciam pouco aptas as combinações metricas, que se havia usado até então.

Grande parte das obras de Ferreira, que compõem o primeiro volume, parece fóra de dúvida terem sido escriptas em Coimbra, tanto no tempo de estudante, como no em que exércia ali o magisterio; o mesmo pôde affirmar-se da Comedia de Bristo, feita durante umas ferias.

Este volume tinha elle apromptado, e corregido para o dar á luz no anno de 1557, isto é, aos vinte e nove de sua idade, segundo affirma seu filho Miguel Leitão Ferreira; mas ficou sepultado na sua carteira durante sua vida, e depois de sua morte até que o mesmo seu filho o fez imprimir junto com o resto de suas obras, quarenta annos depois.

Destas obras consta, que o Poeta sofrêra algumas paixões amorosas, tanto em Lisboa, como em Coimbra, e no Porto, mas não consta em qual destas duas ultimas Cidades se submetteu ao jugo do matrimonio; pois sabemos que já era casado quando deixou a Universidade, para vir a Lisboa occupar o logar de Desembargador da Relação, para que fóra despachado; obtendo, ao mesmo tempo, a mercê de Fidalgo da Casa Real.

Nem o serviço no Paço, nem o desempenho dos seus deveres na Casa da Supplicação o afastaram do commercio das Musas, empregando o tempo, que lhe ficava livre, na conversação, e tracto de Francisco de Sá de Miranda, que elle considerava como Mestre, e de Diogo Bernardes, Pero de Andrade Caminha, Antonio de Castilho, e de outros illustres Poetas, que se ufanavam de ser seus discipulos.

No Paço, não só gozava do favor d'El-Rei D. João III., e de El-Rei D. Sebastião, do Principe D. João, do Cardinal Infante D. Henrique, mas era tractado com cordial, e sincera amisade pelas mais respeitaveis Personagens

da Côrte, como D. Constantino de Bragança, D. Jorge Marquez de Tavora, o Conde do Redondo D. Francisco Coutinho, então Regedor das Justças, Affonso d'Albuquerque, filho do Conquistador de Malaca, e de Goa, D. Jorge Marquez de Torres Novas, e seu irmão D. Pedro Diniz, D. João de Lencastro, filho do Duque de Aveiro, o Secretario de Estado Pero d'Alcaçova Carneiro, e outros muitos distinctos por sua linhagem, e saber.

Em Lisboa, e neste feliz remanso de sua vida pública, e particular é que o Doutor Antonio Ferreira compoz a maior parte das suas Epistolas, a sua Tragedia *Castro*, a sua Comedia do *Cioso*, em que se descobre toda a madureza dos annos, os fructos da experiencia do Mundo, o conhecimento do coração humano, e os fructos da mais profunda, e severa *Phylosophia*.

Em nenhum tempo faltam espiritos mal formados, que tenham em desprezo as boas Artes, e que julguem que um Magistrado desce da sua dignidade cultivando a poesia; houve por tanto um *ruim*, para me servir da expressão de Ferreira, que começou a censura-lo, porque juntava ás qualidades de Juiz a de Poeta; Ferreira, impacientado com os latidos daquelle sabujo ignorante, ou invejoso, em sua Epistola, endereçada ao Cardeal Infante, então Regente do Reino, respondeu cabalmente ás invectivas deste, e de outros inimigos da poesia: dizendo, que o Juiz, que respeita bem as leis, deve ser estimado do Rei, e do Povo, e honrada, depois da morte, a sua memoria, accrescenta

Mas nem por isso logo o Povo chame
Vãas outras Letras, e o honesto exercicio
Das brandas Musas tão mal julgue, e infame.

Em nenhum estado bom pode haver vicio,
As Artes entre si se communicam,
Cada uma ajuda a outra em seu officio.

A arêa, a cal, a pedra, aos que edificam
Baixas, mas necessarias miudezas,
As Torres erguem, que tão altas ficam.

Tem tambem seos principios as grandezas,
E ás cousas grandes pequenas ajudam,
Boas Letras, Senhor, não sam baixeças.

Pera o publico bem tambem estudam,

E cantam os Poetas, deleitando
Ensinam, e os mãos afeitos em bons mudam.

E ás vezes aos Reys vam declarando
Mil segredos, que então só vêm, e sabem,
Mil rostos falsos, linguas más mostrando.

Em poucas bocas as verdades cabem,
Terão ás vezes a culpa os ouvidos,
Os versos ousam, e em toda a parte cabem.

Dos bons amados, e dos mãos temidos,
Assi he a justiça, assi a verdade,
Assi sejam tambem favorecidos.

Usem da sua honesta liberdade,
Rindo do Povo chamar só Letrados
Os que aconselham roubo, e crueldade.

Ou outros que se fazem affamados
Julgando, e interpretando duramente,
Dos innocentes fazendo culpados.

Outro se venda por piedoso á Gente,
Deixe o delicto passar sem castigo,
Da vã piedade usando cruelmente.

Tambem, Senhor, contra mim fallo, e digo
Que em nossas Letras não está a Justiça,
Está n'hum peito da Justiça amigo.

Não tiram a ambição, nem a cobiça,
Si a accrescentam, duvido; cada hum vêja
Quem lhe vence o trabalho, o engenho atija.

Seja mais rigoroso o exame, e seja
Grande das Letras, maior do Letrado;
Saiba-se o fim que leva, e o que dezeja.

Da Patria Pay será o Rey chamado,
Que a justiça comece dos que a tractam,
Antes de ser do Povo provocado.

Onde todos se roubam, e se matam
Defende-se cada hum da força injusta,
E os que mais podem seus imigos atam.

Nós que vivemos por regra tão justa,
Que os mesmos Reys ás suas leys se obrigam,
Remedio temos certo, e a pouca custa.

O Doutor Antonio Ferreira conhecia bem os defeitos,
e crimes dos Magistrados do seu tempo, e tinha, como

se vê, a nobre ousadia de não dessimula-los, antes lhes advertia assim, que não despresassem os que cultivavam a poesia, que os igualavam em saber, e cujos defeitos, e erros, quando os comettiam, nunca podiam ter resultados tão prejudiciaes para o bem público, e particular dos Cidadãos, como os daquelles, que vestiam a toga.

Que mal ha que os Poetas isto digam?
 Si o mal reprehendem, á Virtude inclinam,
 Por que assi injustamente os mal persigam?
 Almas indoutas, que cá peregrinam,
 Captivas em seos corpos, e forçadas
 A nenhum bem, nenhum saber atinam.

.....
 De que vem tanta insignia em armas dada?
 Tantas Cappelas cheias de Letreiros?
 E a triste sepultura tão dourada?

Mais geraes, mais constantes pregoeiros
 Sam os bons versos, que continuos fallam,
 E duram the os dias derradeiros.

Nem as victorias, nem as grandezas callam
 Dos clarissimos Reys de gloria dinos,
 E o passado ao presente tempo igualam.

Chamados foram os Poetas divinos
 Quem tal, que tal furor não mova, e espante
 Mas quantos foram de tal sorte indinos!

A Musa Lusitana nunca se havia expressado com tanta força, e elegancia, nem cantado tão bellos versos.

.....
 Determina a Razão esta contenda,
 O mau Juiz rouba, o mau Medico mata,
 O mau Poeta enfada, antes que offenda.

Demos bens todos, a Razão não ata;
 Mais a Justiça val, mais a saude,
 Mas nem por ouro se despresa a prata.

Não tira a mór Virtude á outra Virtude.
 Seo preço, antes se abraçam, e entre si se amam,
 Porque huma irmanmente a outra ajuda.

.....
 Não fazem mal as Musas aos Doutores,

Antes ajuda a suas Letras dam :
E com ellas merecem mais favores,
Que em tudo cabem, pera tudo sam.

É preciso confessar, que a honra da poesia nunca foi defendida com razões tão valentes, nem por modo tão poetico.

A falta de commodidades da vida, a grossaria dos costumes, e de alimentos, que então dominavam na Europa, obrigavam os seus habitantes a viverem em uma miseria, e sordidez quasi Africanas; e como das mesmas causas provêm sempre os mesmos effeitos, as invasões da peste eram tão frequentes, nesta parte do mundo, como o sam agora no Egypto, na Torquia, e nas Provincias Barbarescas; assim como se foram tornando raras, até cessarem de todo, depois que a boa policia, a boa hygiene, e a civilisação, por meio do asseio público, e domestico, o modo mais judicioso de edificar, e a melhor qualidade dos alimentos destruíram os principios de tamanha calamidade.

Contava Antonio Ferreira quarenta e um annos de idade, quando, em 1569, a peste se declarou nesta Capital com tamanha força, que parecia querer devorar todos os seus habitantes, e deixa-la inteiramente deserta; as precauções eram tão inuteis como os remedios, e o que tinha a desgraça de ser atacado contava-se logo por morto; e o Poeta foi uma das primeiras victimas dessa inexoravel epidemia. Os seus amigos tributaram sinceras lagrimas á sua perda, Diogo Bernardes, Pero de Andrade Caminha, e Francisco de Sá e Menezes desaffogaram a sua saudade, em sentidos versos, que ainda hoje testificam o quanto era por elles amado.

Assim pereceu, no vigor da idade, um homem que tanto honrou a Athenas Lusitana, a nossa Magistratura, e as nossas Letras; o homem que amou a sua patria, e a sua lingua, e illustrou uma, e poliu, e enriqueceu a outra com os seus escriptos: que abriu aos contemporaneos, e aos seus vindouros a estrada da poesia classica, e lhes inculcou, com seu exemplo, a necessidade de imitar as bellezas, e a natural elegancia dos cantores Gregos, e Romanos. E posto que as obras, que nos deixou, sejam sobre maneira estimaveis, não é por isso menos para lamentar que

a sua morte prematura nos privasse de outras mais feitas, que da madureza do seu estro podiam, com razão, esperar-se.

Ferreira era tão erudito como Sá de Miranda, mas sem dúvida nenhuma muito mais apurado em gosto, muito mais Poeta do que elle, sem com tudo ser um Poeta de genio. Tem fraca imaginação, e menos invenção ainda. O que o destingue de todos os Poetas que o precederam, e dos seus contemporaneos, aos quaes, exceptuando Camões, é superior, é a nobreza dos pensamentos, a pureza da linguagem, e a correcção, e elegancia do estylo. Amante apaixonado da lingua patria, e desejoso de mostrar que ella podia competir com as mais bellas da Europa, elle a poliu, a enriqueceu, adoptando muita cópia de palavras novas, e dando a outras novas significações.

Lendo, e estudando continuamente os modelos Gregos, e Latinos aspirava mais que tudo á gloria de Poeta Classico, e de reformar a Poesia Portugueza; trabalhou por despoja-la de todos os orientalismos, que os seus antecessores haviam contrahido com o tracto dos Mouros; aborrecia tudo o que lhe parecia commum, ou excêntrico; preferia as idéas nobres, ás idéas extraordinarias. Segundo a sua opinião a boa poesia estava na elegancia, e energia pictoresca das pinturas, e na simples elegancia da expressão, por isso evitou religiosamente o escrever em alguns dos generos conhecidos na antiga poesia nacional.

Cumpre porém advertir, que quando imita, e mesmo quando copia os antigos, é sempre pela maneira um pouco verbosa dos Italianos, pensando talvez que o colorido da nova poesia, que pretendia introduzir entre nós, devia constar de um meio termo entre o estylo, e o gosto de uma, e de outra. A sua versificação não tem a rudeza da de Sá de Miranda, nem é tão cheia de agudos, que tão mal parecem nos hendecasyllabos portuguezes; porém bastantes de seus versos sam duros, já por césuras mal collocadas, já pela mania de supprimir o *m*, á maneira dos Latinos, nas terceiras pessoas pluraes dos verbos; sendo muito para admirar que os Seiscentistas, a quem não pôde negar-se que muito aperfeiçoaram a metrificacão, abraçassem tambem esta pratica.

Ferreira foi o primeiro que introduziu a poesia des-

criptiva nos nossos Poemas, e que presentiu o grande partido que o talento poetico podia tirar do verso solto; elle o aventurou, primeiro que ninguem, na Epistola a D. João III., e na *Castro*, apesar disso o seu bom senso lhe fez conhecer, que ainda era muito cedo para se estabelecer essa novidade, para que era preciso que a lingua tivesse adquirido toda a sua flexibilidade, e um talento de primeira ordem a tentasse: elle exprime o seu desejo, e a sua opinião nestes versos.

Oh doce rima! mas ainda ata, e dana,
Inda do verso a liberdade estreita
Em quanto com som leve o juizo engana!
Não foi a consonancia sempre acceita
Tam repetida, assim como a doçura
Continua o appetite cheio engeita.
Mas soframola em quanto hum a figura
Não vemos, que mais viva represente
Daquella Musa antiga a boa soltura.

O Doutor Antonio Ferreira, sem embargo da sua philosophia, das suas bellezas de linguagem, e de estylo, dos applausos que lhe tributaram, e da estima que d'elle fizeram os Doutos do seu tempo, nunca foi um Poeta popular, antes no seculo de seiscentos cahiu em esquecimento o seu nome, todos os que blasonavam de Criticos zombavam do seu estylo; e como podia o seu estylo, singellamente elegante agradar a homens, que haviam tomado a Gongora por modelo? Como podiam sofrer as suas doutrinas, que eram a condemnação directa do systema de poetar, que elles haviam adoptado?

Os Arcades, resuscitando o bom gosto, e o estudo da antiguidade, tiraram tambem do esquecimento Ferreira, Bernardes, e outros bons Poetas antigos; então tornou Ferreira a ser lido, e admirado, e teve até entusiastas, e entre elles se conta o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, que em uma das suas melhores Epistolas fez um panegyrico de Ferreira, tão elegante, como bem merecido.

Ferreira é o Poeta da razão, e do bom senso; a cada passo se encontram nelle cousas que louvar, mas, diga-se a verdade, nada que transporte, que arrebate o coração, e o

espírito do Leitor, e que lhe accenda a imaginação, não é essa obra da arte, mas do genio, e o genio nunca foi favoravel a Ferreira.

Os Sonetos deste Poeta, posto que não tenham a plenitude de idéas, as pinturas brilhantes, e a harmonia, que admiramos nos de Luiz de Camões, sam depois destes, os melhores, que se escreveram naquelle seculo. Vê-se que trabalha por imitar Petrarcha, mas, na graça das imagens, no volupioso das pinturas, e no arrebatado alheamento amoroso, e sobre tudo na harmonia está elle muito longe do grande Poeta Italiano; e, o que é mais para admirar em espirito tão judicioso, e severo não deixa de cahir ás vezes nas extravagancias, que tanto vogaram no seculo seguinte; por exemplo, no Soneto 21 do Livro I.

Quem vio neve queimar? quem vio tão frio
Hum fogo, de que eu arco?

.....
E Amor, que aqui está sabe a verdade,
Que nesta agoa tão fria está accendendo
O fogo de meus olhos destilado.

Esta neve, que queima, este fogo tão frio, este fogo destilado dos olhos, que o Amor accende em agoa tão fria, diziam melhor em Sonetos de Frei Jeronimo Vahia, ou Simão Torresão, que em um Poema do reformador da antiga poesia portugueza.

Entre os bons Sonetos de Ferreira parece-me que tem destinto logar o seguinte, apesar do terceiro verso do primeiro quarteto ser algum tanto duro.

SONETO.

Quando a entoar começo com voz branda
Vosso nome d'amor, doce, e suave,
A Terra, o Mar, Vento, Agoa, Flor, Folha, Ave,
Ao brando som se alegre, move, e abranda.

Nem nuvem cobre o Ceo, nem na Gente anda
Trabalhoso cuidado, ou pena grave,
Nova cor toma o Sol, ou se erga, ou lave
No claro Téjo, e nova luz nos manda.

Tudo se ri, se alegre, e reverdece,
 Todo o Mundo parece que renova,
 Nem ha triste Planeta, ou dura sorte.

A minha alma só chora, e se emtristece,
 Maravilha d'Amor, cruel, e nova!
 O que a todos traz vida a mim dá morte!

Póde competir com elle este, imitado em parte, de Petrarcha.

SONETO.

D'onde tomou Amor, e de qual vêa
 O ouro tão fino, e puro para aquellas
 Transas louras? e de que esphera, ou Estrellas
 A luz, e o fogo, que assi em mim se atêa?

D'onde as perlas? a voz de que Serea?
 Os brandos Lyrios d'onde, e as rosas bellas?
 Aquelle vivo espirito pondo nellas
 De que formou hũa nova ao Mundo idea?

Antes a neve a alvura, a côr as rosas
 Do seu rosto tomaram, e a harmonia
 As Aves da voz doce, suave, e branda.

Nem sam ante ella as Estrellas mais formosas,
 Nem mais sereno o Ceo, ou claro o Dia,
 Nem mais formoso o Sol na sua esphera anda.

O mesmo caracter de amenidade Petrarchesca se encontra no Soneto 24 do primeiro Livro, aos cabellos da sua amada, em que o Poeta derramou, com mão prodiga, as imagens agradaveis, e voluptuosas.

SONETO.

Em quanto, solto ao Sol, brando Ar movia
 O ouro, que Amor de sua mão fia, e tece,
 De amorosos Espritos o ar se enchia
 De que amor doce em toda a parte cresce.

Hum lhe dava o nó crespo, outro tecia
 Laço, em que toda a alma livre empece,
 Outro o soltava ao vento, e parecia
 Descer então o Sol mais do que desce.

Namorava-se o claro Sol da Terra,
 Hia crescendo o Dia mais formoso,
 Minha alma de si mesma estava fóra.

Mas, recolhendo o Amor, eis que se cerra
 Triste o Ceo, scuro o Dia, o Sol queixoso,
 E minha alma dali sempre em vão chora.

Este Soneto deve parecer pessimo aos supersticiosos discipulos de Boileau, que diz expressamente no segundo Canto da sua Arte Poetica, expondo as regras do Soneto

Defendit qu'un vers faible y pût jamais entrer,
 Et qu'un mot deja mis osat s'y remontrér.

e em despeito daquella regra, de que nem Italianos, nem Hespanhoes, nem Portuguezes em nenhum tempo fizeram caso, ha neste Soneto não só uma, porém muitas palavras repetidas, sem que porisso pareça menos bello; e até ha, não só muitos Sonetos dos nossos Poetas, mas de Petrarcha, que perderiam grande parte da sua graça se lhe tirassem essas repetições de palavras. A verdade é, que ninguem tem mais rigorosos preceitos para a composição deste pequeno, e formoso Poema do que os Francezes, e ninguem apresenta mais escasso número de Sonetos, já não digo bons, mas soffríveis do que elles. Voltemos a Ferreira.

O Soneto 27, do mesmo Livro, faz-se notavel pela expressão apaixonada, e delirante do amor, que abrazava o peito do Poeta, na occasião, em que o escreveu.

SONETO.

Muitas vezes quisera, tal me vêjo,
 Não ter nascido, ou não ter visto aquella,
 Por que assi morro, quando espero vê-la,
 Como de não a vêr, quando dezejo.

Mas logo torno, e me emvergonho, e pejo
Do meu mesmo erro, a culpa he tua, ou della,
Amor cruel, que em ama-la, e teme-la
Se converte em fim sempre alma, e dezejo.

Mais quero assi viver, que qual vivera
Sem ter visto o que vi; ditosa sorte
Quando olhos meus tão altamente olhastes !

Perdido fôra si me não perdera ;
Que inda que morro, bem comprada morte,
Por esta gloria, que me vós mostrastes !

O mesmo character, com maior abundancia de imagens,
e sentimentos de terna melancolia, se encontra nos Sonetos 44, e 48 do mesmo Livro.

SONETO.

Os dias conto, e cada hora, e momento,
Que alongando-me vou dos meus amores,
Nas Arvores, nas pedras, hervas, flores
Parece que acho magoa, e sentimento.

As Aves, que no ar vôam, o Sol, e o Vento,
Montes, Rios, e Gados, e Pastores,
As estradas, e os campos mostram as dores
Da minha saudade, e appartamento.

E quanto me hera lá doce, e suáve
Mais triste, e duro amor cá mo presenta,
A que entreguei da minha vida a chave.

Em lagrimas, força he, que as faces lave,
Ou que não sinta a dor, que na tormenta
Memoria da Bonança faz mais grave.

SONETO.

Quando se envolve o Ceo, o Dia escurece,
Assopra o bravo vento, e alto mar geme,
O Sol se nos esconde, a Terra treme,
Trova a noite, o raio resplandece.

Eu olho aquella parte onde esclarece
Hum Sol que eu vêjo só, e elle só vê-me,
E com sua luz em quanto o Mundo teme
De lá me alegra o espirito, e fortalece.

Meo perpetuo Verão, meo claro Oriente,
D'onde o dia me vem, d'onde douradas
Vejo as nuvens correr os Ceos formosos!

Ditosas Aves, a que foram dadas
Pennas, ditosa a Terra, a que he presente
A luz destes meos olhos saudosos.

Seria longo se quizesse notar todos os Sonetos de Ferreira, que se distinguem por alguma belleza saliente de idéa, ou de expressão; terminarei estes extractos com o Soneto 28 do Livro segundo, que dá alguns ares da maneira de Bocage.

SONETO.

N'hum concavo penedo onde quebravam
Sua mór força as ondas furiosas,
Dois brandos nomes de duas mais formosas
Nymphas Lilia, e Celia se cortavam.

Abrindo a pedra as letras, aclaravam
As nuvens, brandos ares, amorosas
Virações espirando, as mais irosas
Ondas naquella parte socegavam.

Ao pé dos doces nomes, que cortaram
Aonio, e Vencio em immortal memoria
Seos nomes, e estes versos escreveram.

» Em duas aqui quatro almas se juntaram,
» Aqui porto quieto ás ondas deram
» Lilia, e Celia a amor honra, ao Mundo gloria.

Comparem-se estes Sonetos de Ferreira com os que deixamos copiados de Sá de Miranda, e então se conhecerá a que grande distancia, um do outro, estão estes dous Poetas.

O Livro dos Epigrammas de Ferreira consta de dez destes pequenos Poemas, que se aproximam mais do estylo Grego, que da fórma, que os modernos deram depois a este breve, e chistoso Poema; alguns delles sam traduzidos livremente de Anacreonte, e outros Authores; transcreverei o ultimo, que talvez seja o melhor de todos.

Forjava em Lemnos, com destreza, e arte
Settas a Amor, de Venus o marido;
A branda Venus lhe põem mel d'ũa parte,
Mas de outra parte lhe põem fel Cupido.
Entrou, brandindo a grossa, lansa, Marte,
Rio-se das Settas. Queres ser ferido
D'huma? (Amor diz) prova ora se te apraz.
Feriu-o, rio-se Venos, Marte jaz.

Ferreira deixou treze Odes divididas em dous Livros. Em todas ellas ha excellente, e pura linguagem, e sentimentos nobres, estylo elegante; mas é de balde procurar nellas aquella elevação de idéas novas, os vôos elevados, e ardentes, aquella expressão de fogo, e bella desordem que elevam, e arrebatam o espirito do Leitor, e que formam o character deste genero de Poemas; Ferreira não era Poeta lyrico, no sentido restricto desta expressão, não tinha azas de aguia para remontar-se ás regiões do sublime, e receber de perto a inspiração de Phebo; imita ás vezes Horacio, e até o copia, e é então que melhor se conhece que lhe falta. Veja-se o exordio da Ode I., do primeiro Livro.

Fuja daqui o odioso,
Profano Vulgo! eu canto
As brandas Musas; a huns Espritos dados
Dos Ceos ao novo canto
Heroico, e generoso,

Não nos demoraremos com a expressão baixa, e plebéa « *fuja daqui* » que tão mal assenta no principio de uma Ode, escrevamos, como ella deve escrever-se, esta prosa dividida em regras curtas, e compridas, em que o verbo segue o nominativo, o accusativo o verbo, o adjectivo o substantivo, passando de regra a regra em todo o rigor da ordem grammatical.

« *Fuja daqui o odioso vulgo profano! eu canto as brandas Musas, a huns espiritos dados dos Ceos ao novo canto heroico, e generoso.* » Dirá alguém que isto é o número lyrico? a poesia da Ode? Dirá alguém que esta prosa insossa representa em portuguez a soberba harmonia, e a poesia sublime da Estrophe I. da Ode I. do Livro III. de Horacio, que o Author se propoz a imitar?

Odi profanum vulgus, et arceo,
Favete linguis; carmina non prius
Audita, Musarum Sacerdos,
Verginibus, Puerisque cano?

Dirá alguém que o exordiu da Ode aos Reis Christãos

Onde, onde assim correis,
Correís tão furiosos.

Dirá alguém, torno a repetir, que este desgraçado *correis, correis* foi escripto com o intuito de imitar os primeiros versos da Ode VI. do Livro dos Epodos do Cantor de Veneza.

Quo, quo, scelesti, ruitis? et cur dextris
Aptantur enses conditi?

Que julgaria Horacio de um Poeta, que o admirava, e estudava affincadamente, e que julgava imitar as suas Odes, com a verbosidade, e a fôrma da Canção Italiana? E na verdade a grande parte das Odes de Ferreira cabe mais o titulo de Canção, que aquelle com que as chris-mou; ou se attenda ao estylo, ou á longura das Estrophes, ou á expressão pomposamente verbosa dos pensamentos. Tal a dirigida aos Principes D. João, e D. Joanna, cujas Estrophes principiam todas com este verso

Vivei felises, pios, vencedores,

á excepção da primeira, e essa mesma lá tem no meio esse mal estreado verso. Tal é a que dirige a Manoel de Sampaio, a Antonio de Vasconcellos, a Affonso Vaz Caminha, a Antonio de Sá e Menezes; as outras lá se apro-

ximam um pouco á fôrma externa, e ás vezes á fôrma interna da Ode Grega, e Latina.

Outro defeito, que muito prejudica as Odes de Ferreira, é a continuada dependencia que o verso anterior tem do seguinte para completar o sentido da oração, a que, em termos de arte, se chama *empernamento*; este defeito é mais ou menos grave segundo o capricho, e genio das linguas. Na Latina, e Grega eram bem acceitos estes enlaços, no Inglez, e Italiano admittem-se sem grande custo; em Francez produzem pessimo effeito, e em Portuguez só se admittem raras vezes, e quasi sempre com o intuito da harmonia imitativa.

Quanto a mim facilmente desculpo nisto a Ferreira, Miranda, e os mais Poetas contemporaneos, que ainda trabalhavam por ageitar a lingua aos metros Toscanos, e não podiam ainda ter estudado as modificações porque devia passar o hendecasyllabo para ajustar-se ao genio da lingua.

Mas Ferreira não contente de empernar os versos, emperna tambem as Estrophes, o que é peor ainda, sirva de exemplo a Ode a D. João d'Alemcastro, filho do Duque d'Aveiro.

Porque tão cruelmente,
 Meo João humanissimo, sem culpa
Tua te afliges tanto?
 E porque esse *innocente*
Peito, que de nenhum vicio te culpa,
 Tão puro, casto, e *santo*
Com tristes pensamentos
 Que essa tua alma branda estão roendo,
 Em tanto damno *meu*
Maltratas? taes tormentos
Deixa, a quem com rasão está *temendo*
 Algum grande erro seu.
 Não teme, não espera,
 Não pende da Fortuna, ou vãos cuidados
 A consciencia pura:
 E assi não *desespera*
De chegar aos bons dias esperados,
 Tão leda, e tão segura,

Que, o Mundo despresando,
 Comsigo se enriquece, e mais descansa ;
 De si tão satisfeita,
 Que em si só está *presando*
De despresar o porque o Mundo cansa.
 De vêr, que ella a *direita*

Via seguindo vai,
 A *Virtude*, levando só por guia.
 Não torce não duvida ;
 Jámais della se sai,
 Por mais que o Mundo della se desvia,
 A coroa *devida*

Voando, que *guardada*
Nos Ceos está, da terra se levanta.
 Tem sempre o que dezeja
 Com não ter nunca nada.
 Pisa a Fortuna, nada a vence, e espanta.
 Que por forte que *seja*

Falsa Deosa, e tyrana,
 (Segundo a fez a sabia Antiguidade,)
 Que val contra a Prudencia ?
 Em que lhe empece, ou dana ?
 Falso Poder, e falsa Devindade,
 Nascida da *imprudencia*

Daquelle Povo errado,
 Que a qualquer Appetite mau, e injusto,
 Logo hum Deos levantavam,
 Só pera seo *pecado*
Ficar honesto, desculpado, e justo,
 Aquelles *adoravam*

Os appetites seus.
 Ditosos nós, que tão alto subimos,
 Que nos Ceos hum *thesouro*
Temos, quaes esses *teus*
Olhos, bom João, vem, apoz este himos :
 Tu, de palma, e de *louro*

Com razão corôado,
 Eu da humildê, e sempre verde Hera
Seguindo tuas pizadas,
Nas nuvens levantado
Assi serei, Senhor! descansa, espera.
Já chegam as douradas

Horas, que te esperando
Estiveram thegôta; e vem correndo
Para o teu bem, e gloria
Por ti só vem chamando
 Aquelles claros titulos trazendo
 Porque tua memoria
 No Mundo eternamente hirá vivendo.

Veja-se agora quantos versos emperoados, em tão pequeno Poema! E note-se mais, que de onze Estrophes, que tem a Ode, só uma, a segunda, não lança o sentido para a seguinte. Bem sei que podem alegar-me, em defeza de Ferreira, que em Pindaro, Horacio, e até em alguns dos melhores Lyricos modernos, se encontram exemplos destas ligações de Estrophes; não o ignoro; mas sei tambem, que nenhum delles compoz uma Ode inteira enlaçando todas as Estrophes umas com outras, como élos, ou argolas de uma cadêa. E mesmo quando houvesse algum exemplo desses, não deveria ser imitado por quem tivesse ouvidos sensiveis á verdadeira harmonia.

Nem se argua esta critica de minuciosa, e nimio severa; os defeitos dos Escriptores, que passam por modelos, devem ser cuidadosamente apontados, para que os Alumnos inexperientes os não imitem: Ferreira, Camões, Francisco Manoel, Antonio Diniz, foram, é certo, grandes Poetas, mas a natureza, que os enriqueceu de tantos, e tão ricos dotes, não lhe concedeu diploma de nunca errarem; *summi sunt Homines tamen*. A sua gloria não está em não ter defeitos, mas em ter bellezas, que largamente os compensem. E podem servir de prova os bellos trechos de poesia, que Ferreira espalhou nesta mesma Ode.

Iguaes trechos, e superiores ainda, se encontram nas outras, por exemplo este, da Ode V. do Livro segundo, pelo qual se póde avaliar o talento descriptivo do Poeta.

Eis-nos torna a nascer o Amor formoso,
Zephyro brando, e doce Primavera,

Eis o campo cheiroso ;

Eis cinge o verde Louro a já nova Hera :

Já do Ar cahido gera

O cristalino Orvalho hervas, e flores.

As Graças, e os Amores,

Croados de alegria,

Em doce companhia

De Nymphas, e Pastores ao som brando

Doces versos d'amor vam revezando.

A poz a branda Deosa do terceiro

Ceo, que triumphando vai d'Apollo, e Marte,

E entre elles o Frecheiro

Seu doce fogo aonde quer reparte.

Fugem de toda a parte

Nuvens, a neve ao Sol the então dura,

Se converte em brandura,

E d'alta, e fria *serra*

Cahindo, rega a Terra

Agoa já clara ; a cujo som adormece

Toda fera Serpente, e o Myrtho cresce.

Eis aqui um empernamto, que não é vicioso, antes dá força á idéa pela harmonia imitativa ; a pausa que a voz é obrigada a fazer no pronunciar a palavra *cahindo*, faz sentir o effeito da agua, que se arroja do alto formando catadupa ; é assim que a nossa poesia os admite ; mas passar com o sentido do fim de um verso para o principio do outro, só porque o pensamento não coube na clausula metrica, é difficuldade de expressão, e não artificio, e faltar á harmonia em pura perda.

Renasce o Mundo, e torna a fôrma nova

Do seo dia primeiro, o Sol mais puro

Sua luz nos renova,

E afugentando vai o Inverno escuro.

O monte calvo, e duro

O valle d'antes triste, o turvo Rio,

Ar tempestuoso, e frio,

Os tornam graciosos
 Aquelles amorosos
 Olhos de Venus, faces de Cupido
 Creando em toda a parte hum Chipre, hũ Gnido.

Si não ha erro de impressão, aqui temos Chipre, do genero masculino, subentendendo *Reino*, em logar de Ilha; faço esta advertencia, não como censura, mas como de uma liberdade, de que outro qualquer Poeta poderá usar como lhe convenha.

Quanto sam bellas estas Estrophes philosophicas da Ode a Pero de Andrade Caminha, que é a segunda do segundo Livro.

A fonte d'onde manam
 Do nosso erro os perigos,
 Que he senão proprio amor mal conselhado!
 Desejos vãos que enganam,
 E a pura alma profanam,
 E entregam a seos imigos
 D'onde tarde vem ser o mal chorado!

Quanto Mundo he passado!
 Soberbas Monarchias
 D'Asia, de Grecia, e Roma imperios tantos,
 Que o Mundo subjugado
 Tinham como forçado,
 Vês em quão poucos dias
 Cahiram suas grandezas, seos espantos?

Que ficam, senão prantos,
 E saudades tristes
 Daquellas cousas grandes, que acabaram
 Quantos triumphos, quantos
 Lédos, e doces cantos
 Passados tempos, vistes
 Que, senão magoa, e espanto nos deixaram.

O Doutor Antonio Ferreira me parece muito maior Poeta nas suas Elegias, que nas suas Odes, é nellas que o seu estylo, e colorido sam legitimamente Latinos, e marcha affouto pelo trilho de Tibulo, e de Propercio; escolheu

para ellas os tercetos, que de todas as combinações rithmicas era a que podia melhor representar a marcha pausada, e magestosa dos Disticos Gregos, e Latinos, e a prova de que esta escolha foi judiciosa, é que este exemplo foi seguindo, com mui pequenas excepções, pelos Poetas de todas as Escolas, e inda hoje os tercetos sam a lingua da Elegia.

A Elegia no seu estado primitivo serviu sómente para tractar assumptos funebres, e deplorar as desgraças da humanidade, porém com o correr do tempo alguns Poetas Gregos, e com especialidade Mynermo, a applicaram a cantar amores, banquetes, e outros desenfadamentos da vida. Este exemplo foi seguindo pelos Latinos, como o testificam as numerosas composições, que neste genero nos deixaram Catulo, Ovidio, Tibulo, e Propertio, que tão admirados foram no seu tempo, e o sam ainda no nosso; foi attendendo a esta alteração de assumptos, que Horacio escreveu na sua Poetica

Versibus empariter junctis quærimonia *primum*
Mox etiam inclusa est voti sententia compos;

E muito mais poeticamente Despreaux no Canto II. da sua Arte Poetica

La plaintive Elegie en longe habits de dueil
Scait, les cheveux epaisse gémir sur un cercueil
Elle peint des amants la joye, et la tristesse,
Flate, menace, irrite, appaise une maitresse :
Mais pour bien exprimer ces caprices heureux
C'est peu d'être Poete, il faut être amoureux.

Ferreira, como discipulo fiel dos antigos, seguiu esse exemplo, e por isso a par das Elegias á morte de Diogo de Betancourt, do Principe D. João, vemos as endereçadas a Affonso de Albuquerque, e a Pero de Andrade Caminha, e a do Amor fugido, traduzida livremente de Moscho, e a do Amor perdido, paraphraseada de uma Ode de Anacreonte, e a do mez de Maio, que passo a transcrever como a sua mais bella composição, deste genero.

A MAIO.

ELEGIA.

Vem Maio de mil hervas, de mil flores
As fontes coroando, e riso, e canto
Com Venus, com Cupido, c'os Amores.

Vença o Prazer a Dor, o Riso ao Pranto
Vá-se longe daqui Cuidado duro,
Em quanto o lêdo Mez de Venus canto.

Eis mais alva a manhã, mais claro, e puro
Do Sol o Raio; eis correm mais formosas
Nuvens afugentando o ar grosso, e escuro.

Sahe a branca Diana entre as lumbrosas
Estrellas tal qual já ao Pastor fermoso
Veio pagar mil horas saudosas.

Mar brando, sereno ar, campo cheiroso
Foge a Tristeza, o Prazer solto vóa,
O Dia he mais dourado, e vagaroso.

Tecendo as Graças vam nova coroa
De Myrto á May, ao Filho mil espiritos,
O fogo resplandece, a aljaba sôa.

Mil versos, e mil vozes, e mil gritos
Todo de doce amor, e de brandura,
Hums se ouvem, hums nos troncos ficam escriptos.

Ali soberba vem a Formosura,
Apoz ella a Affeição céga, e captiva,
Quanto huma mais chorosa, outra mais dura.

Ah! manda Amor assi! assi quer que viva
Contente a triste do que seu Deos manda,
Dezeja inda mais dor, pena mais viva.

Mas quanto o Moço encruesce, a May abranda;
Ella a peçonha, e o fogo lhe tempera;
Assi Senhora de mil almas anda.

Ali o Engano, em seu mal cégo, espera
Huma hora doce, ali o Encolhimento
Sem cauza de si mesmo desespera.

Aos olhos vem atado o Pensamento,
Não vóa a mais, que ao que ali tem presente
E em tanto mal tudo he contentamento.

Em riso, e festa corre a lêda Gente,
Traz o formoso fogo em que sempre arde,
Cada hum, quanto mais arde, mais contente.

Manda Venus ao Sol, manhã, e tarde,
Que seos crespos cabellos loure, e estenda,
Que em vir se appresse, que se torne tarde.

Ao brando Norte, que assopre, e defenda
Do ardor da Sesta a branda companhia,
Em quanto alçam de Myrtho fresca Tenda.

Corre por toda a parte clara, e fria
Agoa, cae doce sombra do alto louro,
Canta toda Ave canto de alegria.

Ella a neve descobre, e solta o ouro,
Banham-se as Graças na mais clara fonte;
Apparece de Amor rico thesouro.

Cahem mil flores da dourada fronte,
Arde d'amor o bosque, arde a alta Serra
Aos olhos reverdece o campo, e o monte.

Desprende Amor seos tiros, nenhum erra,
Mil de baixo metal, alguns do fino,
Fica de seos despojos chêa a Terra,
De huma Mulher vencida, e d'hum Minino.

Este Poema é, si não me engano, uma obra prima de graça, de poesia, e de pintura agradável, e velupiosa, e em nenhum dos nossos Poetas antigos se encontra outra, que lhe seja superior. Até os versos sam de uma perfeição, e harmonia como raras vezes se encontram em Ferreira. Alguns delles se destacam do todo, e vem ferir agradavelmente o ouvido, e estampar-se na imaginação.

Vença o Prazer á Dor, o Riso ao Pranto

Eis mais alva a Manhã, mais claro, e puro
Do Sol o Raio.

Mar brando, sereno ar, campo cheiroso.

Assi Senhora de mil almas anda.

Aos olhos vem atado o Pensamento.

.....
 Em riso, e festa corre a lèda gente

Manda Venus ao Sol manhã, e tarde
 Que seos crespos cabellos loure, e estenda.

Iguaes bellezas encontraremos na imitação do *Amor fugido* de Moscho, e na do *Amor perdido* de Anacreonte ; em geral Ferreira é mais Poeta nas Elegias Eroticas, que nas Elegias funebres, posto que nestas tambem se depa-rem alguns trechos de bastante merecimento.

Não frias sombras, não os brandos leitos
 Altos Espritos provam, que occiosos
 Se gastam, como em cinza estam desfeitos.

Milhor comprados foram, mais custosos
 Aquelles altos nomes, que inda soam,
 Dos que Virtude, e Esforço fez famosos.

Inda entre nós de boca em boca vôm
 De tanto tempo já os Espritos puros :
 Inda de verdes folhas se coroam.

Por duras armas, por trabalhos duros
 Varios costumes, varias gentes vendo,
 Tornaram inda a erguer famosos muros.

Hora a furia do bravo mar rompendo
 Ora os lansava a Sorte á praia imiga
 Quanto mores perigos, mais vencendo.

Eleg. a Luiz Fernandes.

Aquella Real Planta, que crescer
 Com tanta formosura começava
 Prometendo da Terra ao Ceo se erguer.

Aquella Flor formosa, que alegrava
 Tantos olhos e almas que tua mão
 Com tanta deligencia nos criava,

Colheram-te ante tempo, e já no chão
 Cortada, e secca jaz ! vais-la seguindo
 Com a alma, e co' desejo triste em vão !

Vejo-te hir em suspiros consumindo
 Aos Ceos queixoso por que te apagaram
 A clara luz, que se hia descobrindo.

.....

As Musas de Acipreste se coroam,
E toda Arvore triste; deixam Louro,
E ao som desse teo pranto o seo entoam.

Suas capellas, seo cabello de ouro
Arrancam, e desfazem, tu as guias,
Dizendo, perdeu o Mundo o seo thesouro.

Ah! que tu mais que todos conhecias
Aquelle gran João por ti creado,
Novo lume, nova alma nelle vião.

Eleg. á morte do Principe D. João.

Como será meo coração tão duro,
Que te não ame, que te não suspire
Pois sem ti acho todo este ar escuro?

Que cousa pode vir que mude, ou tire
A lembrança de ti, meo doce amigo,
Que, cousa a que já lêdo os olhos vire?

Chorarei eu, e chorarão comigo
Musas, Graças, Brandura, e Cortezia,
E tudo mais, que se nos foi contigo?

.....
Já crescias nova hera, já crescias
Novo Loureiro para dar coroas
A quem tão justamente te devias,
.....

Quantos valles pisamos, quantos montes,
Meo Bitancourt, colhendo hervas, e flores!
Quantos rios bebemos, quantas fontes!

Ora cantando a vida dos Pastores,
Que tu amavas tanto; ora escrevendo
Nos tenros troncos nossos bons amores.

Outrora hum ouvindo, outro dizendo
Aquelles são conselhos, bons segredos,
Que huma alma, e outra alma estava vendo.

Ouvidos só dos Ceos, e dos penedos
Das mansas Aves, e das agoas claras
Que nos ambos banhavam, estando quedos.

Quantas verdades, e surpresas raras
Guardareis sempre em vós bosques sombrios,
Ditoso tempo, si me mais durara.

Eleg. á morte de João de Betancourt.

O Doutor Antonio Ferreira deixou doze Eclogas, que Manoel de Faria e Sousa, na Introducção ás de Camões, avaliou pela maneira seguinte; « *las escribió con perdurable dureza, y poca dicha en pensamientos, y afectos, aunque se muestre visto en los Poetas antiguos para que se acabe de entender que estudio sin espirito, y espirito sin estudio no pueden obrar cosa de provecho.* »

Quando chegarmos a examinar as Eclogas de Manoel de Faria e Sousa, veremos se elle era Juiz competente na materia para pronunciar uma sentença tão aspera. Por ora direi sómente, que Antonio Diniz da Cruz e Silva, Poeta mui superior a Faria e Sousa, na sua Desertação sobre o estylo das Eclogas, conta a Ferreira entre os nossos melhores Bocolicos.

Se Faria e Sousa se limitasse, a dizer que as Eclogas de Luiz de Camões eram mais ricas de imaginação, e de Poesia, que as de Ferreira, e que este lhe era inferior na harmonia da versificação, ter-se-hia mostrado Critico judicioso, e avaliador desapaixonado, mas deprimir injustamente Ferreira para exaltar Camões, é offender a reputação de um, sem accrescentar a gloria do outro.

Não dou a minha opinião como regra, mas não cessarei de dizer, que as Eclogas de Ferreira sam, depois das de Camões, as melhores, que se escreveram naquelle seculo. Encontro nellas o estylo simples, e elegante de Theocrito, facilidade de expressão, colorido campestre, e forma dramatica, pois cada uma dellas tem sua exposição; seu nexo, e desenvolvimento. Não vêjo nellas, como nas de Sá de Miranda, Pastores, que descretêam como Letrados, e que se explicam em termos tão polidos como estes.

Grandes cousas capa em cabo
Conta, se ellas assi são,
Que me dão volta ao miolo,
Devo-me de ter por tolo,
E eu a elle porque não?

Ferreira tinha demasiado gosto, para abandonar o triho dos seus Gregos, e Latinos, para abraçar o estylo rustico, ou para transformar os Pastores em Philosophos, e em Estadistas.

Outro merito das suas Eclogas é serem todas de uma extensão razoavel, e não cançarem a paciencia do Leitor.

Alguns trechos mostrarão melhor si nas Eclogas de Ferreira ha essa dureza, e infelicidade de pensamentos, que Manoel de Faria lhe attribue. Eis aqui o principio da Ecloga III.

Huma fresca manhã, fria, orvalhosa
Ao longo do Mondego, que corria
Com a agoa clara, mansa, e graciosa.
Quando já o claro raio reluzia
Do louro Phebo n'agoa, e começava
O orvalho derreter, dourar o dia.
O pé de hum gran Ceiceiro rodeava
O gado de Castalio, e de Serrano,
Que ambos hum bom amor sempre juntava.
Mas outro amor cruel, amor tyrano
Os trazia ambos taes, que pareciam
Dois Espritos perdidos traz seu dano.
Ambos mancebos, ambos se perdiam,
Hum por huns olhos verdes, outro brancos,
Ambos cantavam sempre, ambos tangiam.

Vêja-se como sam bellos estes versos da Ecloga IV.

Oh Lilia, Nympha branca, Nympha loura,
O dia nos teus olhos amanhece,
Nos teus cabellos, Nympha, o Sol se doura!
Com tua vista hum novo Abril floresce,
Em toda a parte: á tua luz se abranda
O Amor na mór ira, e se adormece!
Lilia, formosa em tudo, em tudo branda,
A mim só dura, em que errei? em amar-te?
Amor te me mostrou, e amor me manda.
Meu descanso só he Nympha cantar-te,
Ao sol, á sombra, em campo, em bosque, em rio
E meu premio, ah cruel! em vão chamar-te.
Ora co' rosto descorado, e frio
No ardor do Sol, ora no Inverno ardendo
Ou todo chama e fogo, ou neve, e frio.
Oh cruel Lilia, e não te hirá movendo
Já que meo amor não, piedade hum tanto

O fogo, que em meos olhos estás vendo ?

.....
 Não despreses meos versos, que inda espero
 Com teu nome aos Pastores ensinado,
 Dos bosques amansar-se o Amor fero.

Tambem eu canto, tambem sou chamado
 Dos Pastores Poeta, e eu não os créo
 Em quanto de ti sou tão despresado.

Pois tão rustico sou, Lilia, ou tão fêo ?
 Pouco ha que me vi n'agoa ; a côr mortal
 Desque te vi, e te chamo, em vão me vêo.

Quanto melhor me fôra, pois não val
 Comtigo Amor, não deixar nunca a triste
 Phylis, inda que a ti em nada igual.

Choraste, Phylis, ah ! quando me viste
 Partir de ti, e d'alma saudosa
 Suspirando, c'os olhos me seguiste.

Alva Philis tambem, não tão formosa,
 Oh Lilia, nem tão loura, porem hera
 Inda que de amor livre, piedosa.

.....
 Olha, Nympha formosa, que pintura
 De campos, e de Ceos, manhãas, e tardes,
 Vem tu acrescentar sua formosura.

Sólta ao vento os cabellos, não os guardes
 Em vão ; estende os olhos pelos prados,
 Vem, Nympha, fuge o dia, vem, não tardes.

Aqui ao tirar, e recolher dos Gados
 Sôam rusticas flautas namoradas,
 Dos rusticos Pastores namorados.

Aqui seguindo eu, Lilia, tuas pizadas
 Vivendo dos teus olhos te traria
 As maçãas brancas, e Uvas orvalhadas.

Das Nymphas, huia te ofereceria
 Os cestinhos de Lyrios escolhidos,
 E lèda com tos dar se tornaria.

Outra os louros cabellos esparzidos
 Te cingiria d'Hera, ou verde louro
 Com versos bem cantados, bem tangidos.

Não será este o puro estylo da Ecloga ? Não resumbrá

nestes versos a imitação de Virgílio, e sua expressão affectuosa? Acha o Leitor nestes versos a dureza, de que Faria e Sousa os acoima? Haverá em Bernardes muitos trechos tão bem escriptos?

O mesmo saber Virgiliano me parece vêr no seguinte trecho da Ecloga IX.

Perdeste, Apollo, já tua formosura
Do teu Poeta sempre tão cantada
Perdeste, Amor, teu fogo, e tua brandura.

Oh doce, e grave Lyra temperada
Daquella mão, que assi te fez famosa,
Não consintas o ser d'outrem tocada.

A nossa idade, que tu tão ditosa
Fizeste, te honre sempre, e louve, e ame,
Pois por ti será sempre gloriosa.

E quem ha já, que co' som brando chame
As bellas Nymphas a logar sombrio
E pelo verde chão flores derrame?

Quem vestirá dos Olmos já o rio?
Quem cobrirá de sombra as claras fontes,
E os tenros Myrthos guardará do frio?

Aquelle som, que enchia d'herva os montes,
Que o Gado derramado a si juntava,
E que os rios detinha nas suas pontes?

Aquelle som, que tão doce soava,
Por toda a parte, ah! já morreo contigo,
Que fará quem ouvирte dezejava.

Ah meo bom Mestre! ah Pastor meo amigo,
Como minha alma, e olhos se estendiam
Por vêr-te, e o duro tempo foi-me imigo.

Mas inda que meos olhos te não viam
Cá te tinha minha alma, e teus bons cantos
Lá me levavam, e de tí todo enchiam.

Dai ao vosso Poeta tristes prantos
Têjo, Mondego, Douro, Lima, Odiana,
Oh Indo, oh Ganges, dai-lhe lá outros tantos.

Terminarei estas citações, com o Canto dos Segadores da Ecloga X., dedicada a D. Duarte; é tida, na opinião de alguns, pela melhor das doze de Ferreira. E escripta em oitavas, e começa assim

No Campo do Mondego ao meio dia,
Dois Segadores, Falcino, e Sylvano
Em quanto os outros jazem á sombra fria
No mais ardente Sol de todo o anno,
Elles só segam, e cantam á porfia,
De amor hum seos bens canta, outro seo dano.
Arde o Mundo, a Cygarra só responde
Amor ora apparece, ora se esconde.

Acabada a exposição, e a dedicatória, o Poeta nos faz ouvir ou dous Segadores, que cantam alternadamente um de Celia, outro de Lilia, pela maneira seguinte.

SYLVANO.

Quem te não ama, Amor, não te conhece,
Quem se queixa de ti, de todo he cego;
Com amor se semêa, e madurece,
O branco Trigo, que eu cantando sego.
Com amor a agoa do Mondego crece,
Com amor cantam Nymphas no alto pégo,
Com amor cantarei os meos amores,
E vencerei cantando os Segadores.

FALCINO.

Quem a Amor chama amor o nome lhe erra,
E inda he mais cego quem lhe cego chama,
Frechas, e fogo que sam senão guerra?
D'onde, senão dos olhos, lansa a chama?
Não embebe tanta agoa a grossa terra,
Nem tanto a huma Espiga a fouce chama.
Que eu mais agoa dos olhos não derrame,
É que mais polo Amor em vão não chame.

SYLVANO.

Si tu, oh Celia, aqui chegasses ora,
Logo desses teus olhos esforçado
Mais feixes destes segarei n'uma hora,
Do que Falcino tem hoje segado.
Não venhas, Celia, ah! não saias fóra

Que arde o Sol muito, está o tempo abrazado,
E inda o Sol arderá mais em te vendo,
Que por te vêr se vai assi detendo.

FALCINO.

Se a minha Lilia aqui ora viesse,
Não arderia o Sol quanto agora arde,
Que eu sei que antes os Raios encolhesse,
Mudando a Sésta n'uma fresca tarde.
E que, ante ella, a sua luz escurecesse;
Roga, Sylvano, ao Sol que hum pouco aguarde,
Verás, si Lilia vem, a diferença,
Verás, quem nos no amar, e em segar vence.

SYLVANO.

Puz-me a olhar a manhãa como sahia
Alva, e rosada, e tão resplandecente,
Eis que por outra parte apparecia
Celia, abrindo ao Mundo outro Oriente;
Em quanto hũa formosura, e outra via
Conheci a diferença claramente.
Perdoai (disse) Estrellas radiosas,
Inda as cousas mortaes sam mais formosas.

FALCINO.

Fugio-me a alma, já o sei, para a formosa
Lilia, ali acolheita tem segura,
Que fizera si branda, e si amorosa
Lilia lhe fôra, assi como lhe he dura
Ou si o não avisára que enganosa
Hera de Lilia aquella formosura,
Hi-la-hei buscar, e hey medo que fiquemos
Lá ambos; dize, Amor, que aqui faremos?

SYLVANO.

Quem seu trigo semêa em terra boa
Recolhe sempre o desejado fructo,
Quando Abril suas agoas brando côa,

E quando Maio vem ventoso, e enxuto,
 Não venha o mau soão, que a espiga môa,
 Nem muito frio o Sol, nem quente muto,
 Assim a Amor tambem seus tempos vem,
 E quem seus tempos lhe erra não o tem.

FALCINO.

Eu semeei, Sylvano, em hora escura
 Em parte, onde não chove nem orvalha,
 Enganou-me da Terra a formosura,
 Nem semente colhi, nem grão, nem palha.
 A Aristo nasce o trigo em pedra dura,
 Que parece que ao Vento o lansa, e espalha.
 Assim co' Amor mais a ventura val
 O mal paga co' bem, o bem co' mal.

SYLVANO.

Lilia falla, e Amor está fallando,
 Lilia ri, Amor tambem está rindo,
 Lilia chora, Amor está chorando,
 Lilia abre os olhos, sta—os Amor abrindo,
 Lilia canta, Amor está cantando,
 Lilia vai-se, e Amor tambem vai-se hindo.
 Nisto só desconformam; Lilia he dura,
 E dizem, que o Amor todo he brandura.

FALCINO.

Nos cabellos de Celia Amor se tece,
 Nos seos olhos Amor seo fogo accende,
 Amor na boca, e testa resplandece,
 N'alva, e rosada face Amor se entende.
 Amor nos brancos peitos lhe adormece,
 Em tudo nella Amor se vê, e entende.
 Mil amores com sigo Celia traz,
 Quem Celia ouvindo, ou vendo, terá paz?

SYLVANO.

A Ceres he devida a Sementeira,

As rosas ao Verão, a Flora as flores,
A Bacho a vide, a Palas a Oliveira,
A Abril o verde prado, a Maio as côres,
A Lilia a formosura verdadeira,
A Lilia as graças, a Lilia os amores.
Os suspiros e as lagrimas em sorte,
A Amor cabem, e a mim por Lilia a morte.

FALCINO.

O Sol o Inverno, o Sol o Verão traz,
O mesmo Sol a noite, o Sol o dia,
Assi Amor faz guerra, Amor faz paz,
O mesmo Amor tristeza, e prazer cria.
O Sol a calma, o Sol a chuva faz,
O mesmo Sol a Terra aquece, e esfria,
Assi agoa co' fogo ajunta Amor,
E lagrimas mistura, riso e dor.

SYLVANO.

Se lagrimas não foram tudo ardêra,
E si não fôra o fogo, todo em agoa
Por ti, oh Lilia, já me desfizera,
Assi por ti sou Lilia viva fragoa,
Si Amor a hum contrario outro não dera,
Quem tanto ardor sofrêra, quem tanta agoa?
Assi co' agua, e co' fogo sou mais forte,
Assi passo por ti, dobrada morte.

Os trocadilhos, e pensamentos alambicados contheudos
n'esta Estança parecem mais proprios de Manoel de Vas-
concellos, ou de Fonseca Soares, que do espirito solido, e
judicioso do Doutor Antonio Ferreira.

FALCINO.

Tu passas, oh cigarra, a sesta ardente
Cantando á sombra destes verdes ramos,
A noite fria dormes docemente,
Não te queixas d'Amor, nem seo bem amas.
Vives cantando, e como quem não sente.

Cantando morres, e tua morte chamas.
Oh ditosa Cigarra, se tu amasses,
Eu sei que não dormisses, nem cantasses.

SYLVANO.

Quando mostrar-te quero o pensamento,
Lilia, que n'alma escondo, e o que queria,
As palavras se vam da boca ao vento,
E de hum mortal suor a alma se esfria.
Arço por ti, e em vão mostra-lo tento,
Mas bem to mostra a minha cobardia,
Si me callo os meos fogos sam mais fortes
E assim morro por ti, Lilia, duas mortes.

FALCINO.

Pastores buscaes fogo? vinde aqui.
Que mais fogo quereis que o que estaes vendo?
Fogo sou, des que a branda Celia vi,
E tudo quanto toco em fogo accendo.
Accendei vossas iscas, e fugi,
Não vos chegueis a mim, que estou ardendo.
Arderá si o tocar o bosque logo,
Fugi, que quanto vêjo he calma, e fogo.

SYLVANO.

Falcino, a voz, e a fouce te emfraquece,
A ordem de segar levas errada,
A espiga, que entre os pés se te oferece,
Deixas, e segas a que está arredada,
A mão te treme, o rosto amarelece,
Hum rego mal segaste, do outro nada,
Falcino, vai-te á sombra, vai-te ao rio,
Que eu segarei cantando ao Sol, e ao Frio.

FALCINO.

Bem podes tu vencer na fouce, e braço,
Mas serás no Amor de mim vencido,
Esses erros, Sylvano, eu não os faço,

Que não trago na fouce o meu sentido.
Mas tu, a quem amor dá tanto espaço
Não tens jornal tão grande merecido,
Si eu hoje Lilia vira, eu só segara,
Sem descansar, outra maior Seara.

O delirio amoroso de Falcino, que se persuade que está transformado em fogo, e que póde inflammar um bosque tocando-lhe, foi imitado por Diogo Bernardes na sua Ecloga III. pela maneira seguinte.

A viva chama, aquelle intenso ardor,
Que brando sinto já pelo costume,
De noite dá de si tal resplendor,
Que mil Pastores vem a buscar lume :
Pasmados ficam vendo em mim d'amor
O fogo, que por dentro me consume,
E tu por quem eu arço noite, e dia,
Quando tal ardor vês, ficas mais fria.

A copia do Discipulo me parece muito inferior ao original do Mestre ; nelle Falcino no seu arrebatamento, e delirio julga que todo elle é fogo, que póde abraçar tudo, mesmo uma floresta inteira, pede aos Pastores, que fujam delle para se não queimarem, isto é mais forte, é mais poetico, do que dizer, como o Pastor de Bernardes, que de noite o fogo, *que já sente brando pelo costume*, lança tal luz que os Pastores vem buscar lume a elle ; e depois compassar friamente uma antithese neste verso

Quando vês tal ardor, ficas mais fria.

Seria facil apontar muitos outros trechos das Eclogas de Ferreira escriptos com a mesma pureza, e elegancia de linguagem, sem jámais transpôr as raias do estylo Pastoril, e sem que os interlocutores digam cousa que esteja fóra do alcance da sua condicção. Mas outros objetos nos chamam, e temos ainda que dar conta do segundo volume.

O Epithalamio no casamento da Infante D. Maria com o Principe de Parma Alexandre Farnese, filho de Octavio

Farnese, e Margarida d'Austria, filha natural do Imperador Carlos V., é, como todos os Poemas deste genero, um tecido de Louvores hyperbolicos, de vatecinios de prole, e de futuras prosperidades, que custam a lér, porque não tem interesse senão para aquelles, a quem sam dirigidos. O que ha louvavel nesta composição, reduz-se á pureza da lingua, e algumas pinturas mythologicas, tal a seguinte, das occupações dos Amores.

Estava Amor seo arco guarhecendo,
Em novo fogo as settas temperando
Cercado dos Amores; hums tecendo
A chorda, outros a aljaba cruel dourando.
Pelos floridos prados vam colhendo
Outros mil flores, só d'amor cantando,
Mil flores, que todo anno ali florecem,
Das quaes ao Filho, e á May cappellas tecem.

Nunca vistas no Mundo nem cheiradas
As Flores sam, que Amor pera si cria:
D'humas o licor faz, em que apuradas
As settas ficam, quando as elle afia.
D'humas o licor frio, em que banhadas
As outras sam quando as do fogo esfria,
Em todas cruel, em todas espantoso,
Inda mais nas segundas temeroso.

Ardem duas forjas, duas bigornas batem,
Não os feios Ministros de Vulcano,
Hums formosos Amores, que debatem
Sobre quem fará mais ao Mundo dano.
Ali os tiros, com que se combatem
Os duros peitos, ali a arte e engano,
Ali os desejos, e temores suam,
Hums corações abrandam, outros emcruam.

Tempera huma agoa o chumbo, e outra o ouro,
Escolhe Amor dos tiros quaes lhe aprazem,
Aqui está o seo poder, e o seo thesouro,
Aqui os vencidos seus despojos trazem.
Hums coroados vem de Myrtho, e Louro,

Outros miscramento mortos jazem,
Segundo a cada hum lhes coube em sorte,
Assi ou vive em gloria, ou vive em morte.

Tal é a pintura da Infanta, que Venus faz sentar no seu Carro porque tiram nadando os Cisnes, e o cantico alternado das Nereidas, e dos Tritões, que o acompanham. Este cantico é imitado de Catulo, e cheio daquelle poesia volupiosa, que tanto destingue o Cantor de Lesbia,

NEREIDAS.

Amor, que cousa ha hi tão fera, ou crua,
Que a Filha á May arranque do seo seio,
E faça, que jámais não seja sua,
E assi a entreguem ao poder alheio?
Como hes Amor, si esta crueza he tua?
Que mais faz o inimigo de ira cheio,
Na entrada Cidade, ao sacco dada?
Boa Estrella te leve, hora dourada.

TRITÕES,

Amor, e que cousa ha mais piedosa?
Que o puro amor com outro puro pagas,
E o doce fogo de chama amorosa
Com outro fogo, e doce chama apagas.
E que força he que a Esposa vergenhosa
A' May a tomes, e ao Esposo a tragas?
Que mór bem ha que huma hora desejada?
Boa Estrella te leve, hora dourada!

NEREIDAS.

Como o Lyrio formoso no cercado
Horto, co' brando Sol, co' orvalho cresce,
Nunca o Gado o tocou, Pastor, arado,
Sombra, ou geada, ou vento não lhe impece.
Das Moças he, e dos Moços desejado,
Mas si a mão toca, secca, ou emmurchece,
Tal he a Dama antes de ser cazada.
Boa Estrella te leve, hora dourada.

TRITÕES.

Como a Vide, que só nasce em deserto,
 Nunca já se ergue, nunca fructo cria,
 Cortada cae do frio, e Ceo aberto,
 Nem Lavrador a lavra, nem queria,
 Mas se fôr junta ao Olmo, que está perto
 Já o Lavrador a quer, já a lavraria.
 Tal he a Dama depois de que he cazada.
 Boa Estrella te leve, hora dourada.

NEREIDAS.

Leve o Esposo a Esposa prometida
 Quem lha pode negar? quem tal consente?
 Quem pode a prometeo, he-lhe devida,
 A Filha a Amor, e a May obediente,
 Ajuntem-se duas almas n'hum vida,
 Este o principio foi da humana gente,
 A cada hum sua Estrella está guardada,
 Boa Estrella te leve, hora dourada.

TRITÕES.

Vivei, Principes altos, cedo vejam
 Os Olhos, que vos amam, o que esperam,
 Dai Principes ao Mundo, que o bem rejam,
 Quaes já vossos Avós, e Pays lhe deram.
 Outros Mannoeis, e outros Carlos sejam,
 Honra do Mundo, quaes aquelles heram.
 Seja de vós sua alta Estrella herdada,
 Boa Estrella vos leve, hora dourada.

• OS DOUS CHOROS.

Lá te levam, Senhora, forças grandes,
 Nam valem contra amor nenhuns reparos,
 Mas móres foram as forças, que as de Flandres,
 Accenderam em ti fogos tão raros.
 Sempre de ti alegres novas mandes,
 Sempre conformes sede, Espritos raros,
 Almas ditosas, almas bem trocadas,
 Em versos immortaes sejaes cantadas.

O Poema de Santa Comba, ou Colomba, com que termina o primeiro Volume, é mais uma prova da pouca habilidade, que os Portuguezes, e Hespanhoes mostram para a composição de Poemas sagrados. Pelo menos não conheço um só que possa dizer-se bom. Nem a Santa Ursula de Bernardes, ou talvez de Camões, nem a Quiteria Santa de José dos Couto Pestana mostram grande merecimento poetico; o mesmo digo da *Innocencia perdida* de Feliz José Reinoso; e sem embargo de D. João Melendes Valdes ser um dos melhores Lyricos modernos da Hespanha, o seu Poema da *Queda de Luzbel* não deixa por isso de ser uma composição insipida, e indigna de tão grande engenho.

A legenda de Santa Comba reduz-se ao seguinte. No tempo, em que a Peninsula estava dominada pelos Sarracenos, havia nos campos que se prolongam proximo ao rio Tamega, uma Pastora *mais formosa que Diana, Venus, e Minerva* para me servir da expressão pouco conveniente do Poeta. Esta Pastora, mui virtuosa, mui devota, e sobre tudo muito amante da castidade, chamava-se *Colomba*, e passava a sua vida pastoreando o seu rebanho, e entoando cantigas devotas. Tendo empregado em Deos todo o seu amor, desprezava os affectos, e rendimentos dos Zagaes da terra, posto que por isso não deixasse de assistir ás suas innocentes Festas.

Só uma cousa a trazia atemorizada, e esta era nada menos que a paixão, que por ella havia concebido certo Rei Mouro muito rico, que reinava naquella terra. Os leitores sabem mui bem que naquelle tempo, a cada canto da Peninsula Iberica havia um Rei Mouro, visto que assim o affirmam todos os Historiadores Castelhanos, e Portuguezes, que sabiam disso mais que os Arabes, que afóra dous ou trez, que houve nos ultimos tempos, não reconhecem senão um Emir, ou Califa, que vivia em Cordova, e d'ali governava toda a Africa, e toda a Hespanha. Mas quem dá credito ao que dizem barbaros? Houve o Rei Mouro na terra de Colomba, e encontrando-a um dia andando á caça, deu a correr atraz della como Apollo atraz de Daphe.

A Pastora fugia ligeira como o vento, mas foi dar a um sitio onde um rochedo lhe fechava o caminho: o lan-

ce era apertado, e a sua virgindade estava em grande perigo, se não implorasse o soccorro do Ceo; e como este nunca falta aos que sam seus, abriu-se o rochedo, e fechou dentro a Pastora. Era tempo, porque já chegava o Mouro, esporeando o seu cavallo, que já se vê que correndo a toda a brida, corria menos do que Comba. Não sabemos com que fim deu elle uma lançada na rocha, de que logo rebentou uma fonte de agua milagrosa, e ao pé della ainda está impressa a ferradura do cavallo.

Esta legenda podia dar um lindo Poema, se fosse tratado por um Poeta Alemão. Elle faria do Mouro um gentil mancebo, animado de todo o fogo, e impetuosidade de um amor Africano, e pintaria na Pastora os combates, entre o amor que a inclinava ao Rei, e a virtude, que a obrigava a fugir delle, ajudada dos soccorros sobrenaturaes. Porém não estava no character de Ferreira, nem no estado em que então se achava a arte, o encarar o assumpto debaixo deste ponto de vista.

Ferreira contentou-se de fazer deste facto uma fria relação em oitavas, que só interessa pela elegancia da linguagem, e o que é peor fez do pobre Rei Mouro esta pintura brulescamente monstruosa.

Foi o cruel Pagão, e monstruoso
Segundo aquellas gentes fama dão,
Grande, membrudo, e como *Urso veloso*,
E hum a orelha d'Asno, outra de Cão,
A todos feio, a todos espantoso,
Chamado hera de todos *Orelhão*,
Pode com tudo Amor por sua brandura
Naquella Fera mostruosa, e dura.

Parecerá na verdade impossivel, que um Poeta, que de certo não tinha *Orelha d'Asno*, um escriptor tão judicioso, e de gosto tão fino como Ferreira, escrevesse semelhante desproposito, e que emendando tanto as suas obras, o deixasse subsistir na revisão. Devemos porém lembrar-nos, que Antonio Ferreira era devoto, supersticioso, e credulo, como quasi toda a gente do seu tempo, e que accreditava nesta lenda fradesca como na Biblia, e no

Evangelho. Teria por uma especie de sacrilegio o alterar alguma cousa della, e como lá achou a *Orelha d'Asno*, e a *Orelha de Cão*, conservou-a religiosamente.

Que Ferreira accreditava esta legenda, e que por devoção a pôs em verso, é cousa que não admitte duvida, por que elle proprio o diz.

Senhores, canto o que meos olhos viram.
Vi os signaes da pedra milagrosa,
Bebi a agoa santa; e outros que o sentiram
Agoa santa lhe chamam, e preciosa.
Isto os vivos aos Pays, e Avós ouviram,
Historia divina he, não fabulosa,
Os templos, o os altares dam boa prova,
E com milagres mil o Ceo o approva.

E sendo *uma historia divina*, como havia Ferreira atrever-se a altera-la? Como havia deixar de pintar o Mouro como um Orang-Otang, e peor ainda do que isso, pois ao menos o Orang-Otang inda que seja coberto de pello, não se apresenta

Com hum a Orelha d'Asno, e outra de Cão!

Debalde a boa razão lhe prégaria, que a natureza não creou nunca um homem de figura semelhante; debalde a poetica lhe advertiria que tal circumstancia deminuia muito o merito de sua Heroína, visto que não precisava de grande amor á castidade para horrorisar-se, e fugir de semelhante monstro; qual seria a Lays, ou a Messilina, que deixasse chegar a si um Adonis cabelludo como um Urso, e de mais a mais

Com hum a Orelha d'Asno outra de Cão?

Para Ferreira bastava, que a legenda o dissesse, para elle não admittir reflexões; e talvez por elle o encontrar na legenda, é que esquecido de sua habitual elegancia, descrevendo a morte dada pelo Orelhão a Leonardo, irmão da Santa, a terminou com este verso ridiculo

O santo moço
Estripado lansou ali n'hum poço!

Basta ; lancemos um véo sobre estas miserias de um homem, que tanto honrou a nossa Literatura, e passemos a mencionar outras obras, que dão credito ao seu talento.

CAPITULO IV.

Epistolas, e Obras Dramaticas de Ferreira.

E opinião geralmente recebida entre os Criticos, tanto naturaes, como estrangeiros, que as suas Epistolas tem o primeiro logar entre as poesias do Doutor Antonio Ferreira, e esta opinião me parece assentar em solidos fundamentos, o espirito de Ferreira prebendia muito para o estylo didatico, e as materias que tracta nas suas Epistolas mostram bem que foram escriptas na idade madura. O Poeta vivia então na Còrte, e é muito probavel, que as intrigas dos Cortesãos, e o seu modo de viver estivessem em contradicção com as suas maximas de Philosophia moral, e a elevação do seu character. Nesta disposição de espirito, não admira, que encontremos nas suas Epistolas muitos trechos, que indirectamente condemnam, e censuram os costumes, e o proceder das pessoas, que o rodeavam, e com quem era obrigado a viver.

Grande parte dellas é endereçada aos Poetas, que se davam por seus discipulos, e que com elle trabalhavam na grande obra de reformar a Poesia Portugueza segundo os principios dos Classicos antigos adoptados pelos Italianos, como Miranda, Bernardes, Caminha, Antonio de Castilho, Francisco de Sá de Menezes, e outros.

Em nenhum genero de poesia me parece que Ferreira se aproximou tanto ao estylo de Horacio, cujo discipulo se presava de ser; é porém menos conciso que o seu modelo, e fica mui longe daquella chistosa, e viva alacridade, que o caracterisam ; nem o espirito Escolastico-

Theologico da Philosophia de Ferreira podia habilita-lo para tanto.

Juizo recto, e gravidade sem pedantaria formam o caracter da Poesia Didatica de Ferreira, o seu modo de encarnar as loucuras, os erros, e as desgraças da humanidade, participa mais da austeridade religiosa, que da impassibilidade estoica, ou da indifferença epicuristica: mas apesar de tudo isso, parece-me que Ferreira em qualidade de Poeta Epistolar, tem melhores fóros ao titulo de Horacio Lusitano, do que os deus Argensolos para serem denominados Horacios Castelhanos, como todo o mundo lhe chama.

Nas Epistolas de Ferreira reina o mais vivo enthusiasmo patriotico pelo bem estar da Nação, pelo seu bom regimento, pela sua gloria militar, pela reforma dos costumes, e pelo cultivo das artes, da civilisação, e de todo o bom saber. Tão mau Cortesão como bom patriota, não receia cahir no desagrado dos Reis lembrando-lhe os seus deveres, e advertindo-os de que ser amado dos povos, trabalhando em seu beneficio, e regendo-os com brandura, e rectidão, vale mais do que as victorias, e as conquistas. Elle diz a D. João III.

Amemos-te nós sempre, e te chamemos
Clemente, bom, Christão, Pay do teu Reyno.
Filhos teus nos chamemos. Como Pay
Nos ama, nos castiga, e nos perdoa.
Pendamos de teus olhos, mostra-os sempre
Seguramente rindo. Essa tua graça
Mais força tem que ferro, ou fogo d'outro.
Nossas almas nos levas apoz ti,
Onde quer que te viras, Tu só Rey
Hes verdadeiro nosso. Em seo lugar
Deos na Terra te poz, da sua mão.
Amor faz os bons Reys, não medo; amor
Estados dá, e conserva, o que he temido
De muitos, muitos teme. Nós te Amamos.
O nome, e a honra que aos bons Reys passados,
Com amor demos, vivo já te damos.

Com maior affouteza ainda escrevia a El-Rei D. Sebastião.

Deu o remedio Deos ; eis hum erguido
Por elle em poder alto, de que o Povo
Seja ou por bem levado, ou constrangido.

Não he nome de Rey titulo novo :
Com elle começou o Mundo, e dura,
Por fabulaç antigas não me movo.

Depois que daquella alta formosura
Cahio o primeiro Homem, triste sorte
O envolveu nesta sombra grossa, escura.

Fugio a luz, entrou armada a morte :
Cumprio nova vegia, guarda, e ley,
Que ao cégo mostre a luz, e abrigue o forte.

Elegeu Deos Pastor á sua Grey,
Vio tambem a Rasão necessidade,
Eis aqui eleito hum Rey, eis outro Rey.

Conforme, e junto o Povo n'ũa vontade
N'um só, por bem commum, poz seos poderes
Prometendo obediencia, e lealdade.

Obrigaram suas vidas, seus haveres
Prometeu o bom Rey justiça, e paz,
E remedio, e soccorro a seus mesteres.

Dali sugeito ao Rey o Povo jaz,
Dali sugeito o Rey á boa razão
Da mesma ley, qu' em si esta força traz.

A quem todos seos bens, e vidas dão
Pelos livrar da injuria, e da violencia,
Se lhas elle fizer a quem se hirão ?

Seja Juiz a justa consciencia,
E aquelle santo, e natural preceito
Deve á ley, o que a fez, obedecendo.

Quem o caminho hade mostrar direito ?
Si torce delle, e segue a falsa estrada,
Como terá seu Povo á ley sugeito ?

Pôz Deos na mão do Rey a vara alçada
Para guia do Povo errado, e cégo,
Mas não foi só á sua vontade dada.

Como destro Piloto no alto pégo
C'o leme guia a Nau, ora a huma parte,
Ora a outra, e a desvia do vau cégo,

Ali não valem forças, val só arte ;
Arte vence do mar a ira espantosa,

Arte vence, e emcadêa o bravo Marte,
Hydra de mil cabeças, enganosa,
Pégo de tantos Ventos revolvido,
Não se vence, Senhor, com mão forçosa.

Em duas iguaes partes repartido
Te deu Deos seo poder; em premio, e pena
Dê-se a cada hum o que lhe fôr devido.

Aquelle que suavemente ordena
Todas as cousas, olha com amor,
Paga o bem logo, e de vagar condena.

Não se acha ali respeito, não favor,
Tanto val cada hum quanto merece,
Iguaes ante elle sam Servo, e Senhor.

Olha-te bem, gran Rey, e a ti conhece,
Nascido só para reger a tantos,
E dessa grande alteza ao teu fim desce.

Ver-te-has igual na humanidade a quantos
Mandas; verás o fim tão duvidoso,
Como quem tambem morre, e nasce em prantos.

Que presta ser na Terra poderoso?
No alto fim do Ceo se poem em sorte
Que athe ao filho de Deos foi tão custoso?

Corte o bom Rey primeiro por si, corte,
Mais vence o exemplo bom, que o ferro, e fogo,
Não póde errar quem contra si he forte.

Nem a propria afeição, nem brando rogo
Tire a força á rasão, e á igualdade,
Não se lhe faça sempre falso jogo.

Sómente em Deos razão he a vontade,
Absoluto poder não o ha na Terra,
Que antes será injustiça, e crueldade.

Que vontade mortal, Senhor, não erra
Si a ley justa, e a Razão a não emfria?
De que nasce a injusta, e cruel guerra?

É assim, que um Magistrado Portuguez, do decimo quinto seculo, instruia o Rei nos seus deveres, e advogava, perante elle, a causa da humanidade, fazendo-lhes vêr que elles eram os que deviam dar o exemplo de obedecer ás leis, porque o seu exemplo é mais poderoso para corregir os homens, do que todo o apparato do poder, e

as violencias? É assim que se honra a linguagem das Musas, e se desempenha a alta missão de Poeta,

Na verdade um Poeta que fallava assim aos Reis tinha direito para dizer, escrevendo ao Cardeal Infante então Regente do Reino,

Para o publico bem tambem estudam,
E cantam os bons Poetas, deleitando
Ensinam; máos affeitos em bons mudam.

E ás vezes aos Reys vam declarando
Mil segredos, que então só vem, e sabem,
Mil rostos falsos, linguas vãas mostrando.

Em poucas bocas as verdades cabem,
Terão ás vezes a culpa os ouvidos,
Os versos ousam, em toda a parte cabem.

Dos bons amados, e dos máos temidos,
Assi he a Justiça, assi a verdade
Assi sejam tambem favorecidos.

Usem da sua honesta liberdade
Rindo do Povo chamar só Letrados
Os que conselham roubo, e crueldade.

Em algumas das Cartas de Ferreira, aos seus amigos mais intimos, resumbra claramente o pesadume que sentia vivendo entre as intrigas Palacianas, e o vivo desejo de viver só no retiro do campo em fortuna mediocre, e entregue aos livros, e ao cultivo da Poesia. Vêde como elle se expressa a esse respeito escrevendo a Diogo de Teive, seu Mestre, Collega, e Amigo na Universidade.

Quantas vezes saudoso cá te chamo!
Quantas vezes contigo me dezejo
Lá á doce sombra d'algun verde ramo!

Ora de cá teu sancto ocio lá vêjo,
Ora por só meu bem cá te queria,
Onde o meo amor te chama, e bem dezejo.

Mais val, amigo, lá hum queto dia
Que mil annos, e mil cá inquietos,
D'onde eu, se tivesse azas, fugiria.

Não te sam meus intentos lá secretos,
Puz-te nas mãos minha alma; á minha vida
Sabes que dezejei portos quietos.

Si a vida temos pera ser vivida,
Si chão si hade escolher pera morada,
Onde melhor que em campo he escolhida?

Vida dos Sabios sempre dezejada,
Vida de paz, d'amor, e de brandura,
Por meus versos serás sempre cantada.

Onde estará mais sã, e mais segura
A alma innocente? onde mais sem cuidado
De medos, de perigos, de ventura?

Pera a saude onde he mais temperado
O frio Inverno? onde he do brando Norte
Ou o Cão, ou o Leão mais amansado?

Mais larga vida, menos triste morte,
Somno suave, seguro, brando, inteiro
Sem sobresalto, que to quebre, ou corte?

O verdadeiro gosto, o verdadeiro
Deleite, he ocio quieto entre hervas, e agoas
Em Julho frias, quentes em Janeiro.

Não vez choros alheios, não vez mogoas,
Ou tuas, ou dos teus; livre de invejas,
Em que cá ardem como em vivas fragoas.

Si o que convem á vida só dezejas,
Estimarás mais doce liberdade,
Que quantas minas d'ouro a outros vejas.

Mais val a curta geira, a pobre herdade,
Que, oh rica Arabia, oh India, o teu thesouro,
Si á Justiça se rouba, si á Verdade.

Mais val no campo coroar o Touro,
No fresco Maio, d'hervas de mil côres,
Que altos leitos pintar d'azul, e de ouro.

Oh bem aventurados os Pastores
Se seu bem conhecessem, dá-lhe a Terra
A' vida mantimento, aos olhos flores.

Este ultimo toque é imitado de Vergilio na sua Georgica.

Oh fortunati nimum sua si bona noscent
Agriculæ!

Os mesmos sentimentos, o mesmo desejo da solidão, e da vida do campo, independente, e livre, manifestou Fer-

reira na Epistola IX. do Livro II. endereçada ao Doutor Francisco de Sá de Miranda, que vivia então longe da Côrte no socego da sua Quinta da Tapada, onde findou os seus dias, e aonde foi sepultado.

Quem dos Ceos hum socego bom alcança
Mais não dezeja : he livre, he Rey, he rico,
E tem da vida a hemaventurança.

Que aproveita o que ajunta, o que edifica,
Por agoa e fogo pondo a vida a preço
Si quanto ajunta mais, mais pobre fica ?

Porque a alma, tão custosa a Deos, offreço
Ao fragil ganho, si hum momento d'hora
Como hum sombra ao Sol desapareço ?

Quanto vivem melhor os que estão fóra !
Contentes do que sam, não mais dezejam,
Vivem dia por dia, hora por hora.

Sejam chamados ociosos, sejam,
Bom he o ocio, que do mal apparta,
Inda que outros mais bens nelle não vejam !

Este dezejo, que se nunca farta,
Ali mais obedece á Natureza,
Que quer que o bem por todos se reparta.

Mais magnifica ás vezes he a Pobreza
D'hum que os thesouros d'outro ; a alta tenção
Estima Deos ; as obras vãs despresa.

Tudo se torna em bem no que está são,
O doce, e proveitoso amarga ao Doente,
Erra com côr de bem o Povo vão.

Só andava Scipião fugindo á Gente,
Então mais occupado quando menos,
Fabricio pobre só, Fabio paciente.

O campo ensina ser justo aos pequenos,
Despresador dos mãos, só no bem forte,
De si contente, e a si só somenos.

Não acha, quando vem armada a Morte
Mais que o seu vil despojo ; oh Serra ! oh Monte !
Ditoso aquelle a quem cahiste em sorte !

Lá me escondas, lá onde ninguem conte
Minhas ditosas horas, lá sem nome
No Mundo, coma o fructo, e beba a fonte.

Antes co' duro arado a Terra dome,
E della as más espinhas arrancando,
Do meo trabalho santo exemplo tome !

Alma de mãos dezejos appartando
Nella, e na terra má raizes planto,
Que vão formoso fructo alevantando.

Ferreira não podia procurar melhor confidente destes seus desejos, e desta *Phylosophia* do que Sá de Miranda ; penetrado dos mesmos principios, igualmente desenganado dos enganos da vida cortezã, elle tinha executado, o que Ferreira desejava ; e no fundo de uma Provincia vivia em paz no seio da sua familia com os seus livros, e amigos de quem era amado, e admirado ! Compadeçamo-nos pois de Ferreira, que via, e conhecia o caminho, e o modo de ser feliz nesta vida, e a quem a fortuna negou os meios de realisar os seus tão justos desejos.

Mas a idéa dominante de Ferreira, o objecto, que tinha mais a peito, parece ter sido o polir, e enriquecer a nossa bella lingua, e reformar a Poesia Portugueza, tornando-a classica, segundo as idéas dos antigos, a sua imitação, e a dos Toscanos ; para esse fim empenhava a doutrina, e o exemplo : escrever em lingua estrangeira lhe parecia crime de deslealdade contra a Patria, e de menoscabo, e desamor da lingua materna.

Veja-se a indignação patriótica com que elle reprehende ao seu presado amigo Pero d'Andrade Caminha por haver composto alguns versos em idioma estranho, e então se conhecerá quanto era Portuguez o coração de Antonio Ferreira, e com quanta razão dissera

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha Terra ameí, e a minha gente !

E o mais é que parece que as suas razões callaram no animo de Caminha, pois sendo as suas obras bastante volumosas, sam todas ellas escriptas em Portuguez ; parece que de corrido queimára todas as estrangeiradas ; póde pois dizer-se, que o nosso Poeta não prégera a surdos, quando escreveu a Caminha, na sua *Epistola III.* do Livro I.,

Quanto foi mais sentida, e mais chorada

A morte do alto Homero por seo canto,
Que a tua, Achyles, que elle fez honrada.

Pois com quanta rasão me eu mais espanto
Do que em ti vêjo, tanto vêr perdido
Sinto o que me assi move a magoa, e espanto.

Mostrastes-te athe qui tão esquecido,
Meu Andrade, da Terra em que nasceste,
Como sí nella não fôras nascido.

Esses teus doces versos com que ergueste
Teu claro nome tanto, e que inda erguer
Mais se vira, a estranha gente os deste.

Porque o com que podias nobreecer
Tua Terra, e tua lingoa lho roubaste,
Por hires outra lingoa emriquecer?

Cuida melhor que quanto mais honraste
E em mais tiveste essa lingoa Estrangeira,
Tanto a esta tua, ingrato te mostraste.

Volve, pois, volve, Andrade, da carreira,
Que errada levas, com tua paz o digo,
Alcansarás tua gloria derradeira.

The quando contra nós, contra ti imigo,
Te mostrarás? obrigue-te a Rasão,
Que eu como posso a tua sombra sigo.

As mesmas Musas mal te julgarão,
Serás em odio a nós teus naturaes,
Pois, cruel, nos roubas, o que em ti nos dão.

Sejam a boa tenção obras iguaes,
E a boa tenção, e obra á Patria sirva,
Dêmos a quem nos deu, e devemos, mais.

Floresça, falle, cante, ouça-se, e viva
A Portugueza Lingoa, e já onde fôr
Senhora vá de si, soberba, e altiva.

Se athequi esteve baixa, e sem louvor,
Culpa he dos que mal a exercitaram,
Esquecimento nosso, e desamor.

Mas tu farás com que os que a mal julgaram,
E inda as estranhas Lingoas mais desejam,
Comfessem cedo ante ella quanto erraram.

E os que depois de nós vierem vejam
Quanto se trabalhou por seo proveito,
Porque elles pera os outros assim sejam.

O homem, que devia levar a Lingua, e a Poesia Portuguesa á sua perfeição, e mostrar aos Estrangeiros para quanto ella era; o Poeta que havia separar o dialecto poetico do prosaico, e chegar a versificação ao maior apuro, já existia; já se tinha dado a conhecer por composições brilhantes, cheias de inspiração, e de fogo; Camões em fim, o Virgilio Portuguez, era conhecido de Ferreira; e Ferreira que derramou prodigamente louvores não merecidos a Sá de Miranda, a Caminha, a Bernardes, e a outros muito somenos Poetas, nem uma palavra diz a respeito desse homem de genio, unico, que então florescia, e os seus amigos guardam o mesmo silencio. Este esquecimento é na verdade notavel, e prova que a mediania, si não ousa declarar-se contra o talento superior, vinga-se ao menos pelo silencio, com que affecta desconhece-lo.

Na Epistola XII. do Livro I. respondendo Ferreira a outra, em que Diogo Bernardes lhe pedia o seu parecer sobre algumas obras, que lhe mandára para rever, aproveita o ensejo para lhe expender, e explicar os principios do bom gosto, que professava, e adverti-lo da necessidade de estudar para escrever bem, e adquirir aquella correção de linguagem, metro, e elegancia classica, em que Ferreira fazia consistir a boa Poesia. Esta Epistola é talvez o melhor trecho Didatico da nossa Poesia antiga.

Mas tractarei contigo amigamente
Do Conselho, que pedes; juizo, e lima
Acha em si todo o humilde, e deligente.
Quem tanto a si mesmo ama, tanto amima,
Que assi se favorece, e se perdoa,
Que espirito mostrará em prosa, ou rima?
Taes alguns a que a triste Hera corôa,
Roubada do vão Povo ao claro espirito,
Que esconder-se trabalha, e então mais sôa.
Aquelle dá de si publico grito,
Este calla, e se encolhe; o Tempo emfim
Hum apaga; immortal faz d'outro o escripto.
A primeira ley minha he que de mim
Primeiro me guarde eu, e a mim não crea,
Nem os que levemente se me *rim*.

Rim em lugar de *riem* não é a linguagem pura, e cor-

recta de Ferreira ; é um sacrificio feito á necessidade; e tyrannia da ryma , a que pôde applicar-se a sentença de Lope de Vega Carpio

Fuerza del consonante, a quanto obligas !
Haces que sean blancas las hormigas !

Conheço-me a mim mesmo ; sigo a vêa
Natural, não forçada : o juizo quero
De quem com juizo, e sem paixão me lêa.
Na boa imitação, e uso que o fero
Engenho abranda, ao inculto da arte,
No conselho de amigo douto espero.

A imitação é a base da doutrina da Eschola de Ferreira, e de todos os Reformadores, e na verdade é o caminho, que mais convem aos que pertendem ser Poetas sómente com saber, e talento ; e é por meio da imitação que podem chegar a ser escriptores pollidos, e elegantes, e estimaveis, e já não é essa pequena gloria. Mas os Poetas de genio, e sam esses os verdadeiros Poetas, criam, e não imitam, abrem caminhos novos, e no meio dos seus desvios, e dos seus erros, que ninguem desconhesse, subjugam o espirito, transportam os Leitores, e arrebatam os seus applausos, como acontece a Shakespeare, e a Goethe

Muito, oh Poeta, o engenho pode dar-te,
Mas inda mais que o engenho o Tempo, e Estudo,
Não queiras de ti logo contentar-te.

He necessario ser hum tempo mudo
Ouvir, e lêr sómente ; que aproveita
Sem armas com furor cometer tudo ?

Caminho por aqui ; esta he a direita
Estrada dos que sobem ao alto monte
Ao brando Appollo, ás nove Irmãs acceita.

Do bém escrever saber primeiro, he fonte
Enriquece a memoria de Doutrina

Do que hum cante, outro ensine, outro te conte.

O primeiro verso deste terceto é uma bella traducção do verso de Horacio

Scribendi recte sapere est et principium, et fons.

O Leitor instruido deparará não só nas Epistolas de Ferreira, mas nas outras obras, muitas imitações de Horacio, que provam o afinado estudo, que elle fazia das obras do grande Lyrico Latino, que havia escolhido para modelo.

Isto me disse sempre huma divina

Voz á orelha; isto entendo, e creio,

Isto ora me castiga, ora me ensina.

Cada hum para seu fim busca seu meio,

Quem não sabe do officio não o tracta,

Dos que sem saber escrevem o Mundo he cheio.

Si ornares de fino ouro a branea prata,

Quanto mais, e melhor já resplandece,

Tanto mais val o engenho se á Arte se ata!

Não prende logo a planta, não florece

Sem ser da destra mão limpa, e regada,

Com tempo, e Arte flor, fructo apparece.

Questão foi já de muitos disputada

Si obra em verso Arte mais que a Natureza,

Huma sem outra val ou pouco, ou nada.

Mas eu quizera antes a rudeza

Daquelle que o trabalho, e Arte abrandou,

Que de estoutro a corrente, e vãa presteza.

Ferreira, que estava precisamente neste caso, faz bem de se decidir pela Arte, mas é muito probavel que Homero seguisse o parecer contrario, e o caso é que os seus dous grandes, e famosos Poemas eram um forte argumento a seu favor. Talvez tendo-os em vista, Boileau que era um Poeta d'Arte, na sua Poetica se decidiu pela Natureza.

C'est en vain qu'au Parnasse un temeraire Auteur

Pense de l'Art des vers attendre á la hauteur,

S'il ne sent point du Ciel l'influence secrette,

Si son Astre en naissant ne l'a formé Poete.

Esta questão é muito antiga, e parece-me, que prescindindo de casos excepçionaes, a solução mais judiciosa, que pôde dar-se-lhe é a que Horacio expendeu nos seguintes versos.

*Natura ferit laudabile carmen, an arte
Quæsitum est; ego nec studium sine divite vena,
Nec rude quid prosit ingenium: alterius sic
Altera poscit, opem res, et conjurat amice.*

Vence o trabalho tudo; o que cansou
Seo espirito, e seos olhos, alguma hora
Mostrará parte alguma do que achou.

A palavra, que sae huma vez fóra,
Mal se sabe tornar; he mais seguro
Não tê-la, que excusar a culpa agora.

Vêjo teu verso brando, estilo puro,
Engenho, arte, doutrina; só queria
Tempo, e lima, da Inveja forte muro.

Ensina muito, e muda hum anno, hum dia,
Como em pintura os erros vai mostrando
O Tempo, os erros, que olho antes não via.

Corta o sobejo, vai acrescentando
O que falta, o baixo ergue, o alto modera
Tudo a huma igual regra conformando.

Ao escuro dá luz, e ao que podéra
Fazer duvida aclara; do ornamento
Ou tira, ou poem; co' decoro o tempera.

Sirya propria palavra o bom intento,
Haja juizo, regra, e diferença
Da pratica commum ao pensamento.

Dana ao estilo ás vezes a sentença,
Tão igual venha tudo, e tão conforme,
Que em dúvida está vêr qual delles vença.

Mas deligente a Lima assi reforme
Teu verso, que não entre pelo são,
Tornando-o, em vez d'orna-lo, então deforme.

O vicio que se dá ao Pintor que a mão
Não sabe erguer da tabua, fuge; a graça
Tiram quando mais cuidão que lha dão.

Ruendo o triste verso como traça,

Sem sangue o deixam, sem espirito, e vida;
Outro o parto inda informe traz á praça.

Ha nas couzas hum fim, ha tal medida,
Que quanto passa, ou falta della he vicio,
He necessaria a emenda bem regida.

Necessario he, confesso, o arteficio
Não affeitado; empece a tenra Planta
O muito mimo, o muito beneficio.

A's vezes o que vem primeiro tanta
Natural graça traz, que humas das nove
Musas parece que o inspira, e canta.

Qual he a lingua cruel que inda assim proye
Em vão ali seos fios? deixe inteiro
O bem nascido verso, o mais renove.

Emendilhar de continuo; e não emendar nada, sam dous vicios, igualmente perniciosos, e estragadores do bom estylo, e da boa poesia. O primeiro conduz á affectação, e estranheza da phrase; o segundo á incorrecção, ao desleixamento, e ao prosaismo: ha espiritos micuculosos, que á força de emendar, e de mudanças, e correções tiram toda a louçania aos versos, e todo o vigor á expressão. Deste numero era Belchior Manoel Curvo Semedo, de cujos versos pôde dizer-se com razão

Que limados no son, pero lamidos.

Nada mais difficil que achar nas suas obras um verso ruim, mas como todos sam perfeitamente iguaes, uma tirada longa delles fatiga o ouvido por sua monotonia, que se assimelha ao chiar de uma nora; a sua linguagem é pura, e escolhida; mas o esmero que põe na escolha das palavras, o não deixa exprimir-se com força, e com violencia. Ha outros, e entre esses conto eu José Agostinho, e Vicente Pedro Nolasco, que por preguiça de emendar, ou por vaidade, deixam desfigurados com expressões viciosas, termos baixos, versos duros, ou pouco numerosos alguns trechos, que com pequenas correções podiam ficar excellentes. Acho pois que Ferreira dá aqui uma prova do seu bom juizo, quando aconselha a Bernardes, que lime os seus versos, mas que tenha cuidado, que a lima não entre pelo são.

A estes conselhos accrescenta outro, que me não parece menos importante, isto é, consultar um amigo intelligente, e sincero, posto que não seja mui facil encontrarlos taes.

Não mude, ou tire, ou ponha sem primeiro
Vir aos ouvidos do prudente, experto
Amigo, não invejoso, ou lisonjeiro.

Engana-se o Amor proprio falso, incerto,
Tambem se engana o medo de apraser-se,
Em ambos erro he quasi igual, e certo.

Por isso he bom remedio ás vezes lêr-se
A dois, ou tres amigos; o bom péjo
Honesto ajuda então melhor a vêr-se.

Ali como Juiz quasi me vêjo
Sinto quando igual vou, quando descaio,
Quando d'outra maneira me desejo.

Quando eu meus versos lia ao meu Sampaio

« Muda (dizia) e tira; hia, e tornava.

« Inda (diz) na sentença bem não caio. »

O que mais docemente me soava,
O que me enchia o espirito por mau tinha,
O que me desprasia me louvava.

Então conheci eu a dita minha,
Em tal amigo, tão desenganado
Juizo, e certo, em quem confiado vinha.

É na verdade mui raro encontrar um amigo, que possa servir de censor entendido, e franco, como o Quintilio de Horacio, e o Sampaio de Ferreira; mas é ainda mais raro encontrar Authores, que peçam conselho, com desejo de aproveitar-se d'elle para melhorar a sua composição. Na maior parte da gente pedir conselho, não é mais que um pretexto de vir mostrar os seus versos para que lhos louveis. Eu não tenho certamente a presumpção de ser um Quintilio, ou um Sampaio, tenho sido consultado algumas vezes; mas depois que perdi um amigo, porque lhe aconselhei que mudasse uma palavra baixa, que desfeia um Soneto excellente, que elle havia composto, tomei a deliberação de achar boas todas as poesias que seus Authores me mostram, e nisso achei a pedra phylosophal para nenhum se queixar de mim!

Creio que bastam estes extractos para se ajuizar das Epistolas de Ferreira, e do seu estylo didatico. Sam na verdade bem pensadas, bem escriptas, e em geral, melhor versificadas, que as outras obras do Author.

Seria para desejar, que não estivessem tão nûas de comparações, sam estas, quando proprias, e usadas a tempo; um dos mais bellos adornos destes Poemas. As comparações não só recreiam a imaginação do Leitor, interrompendo a monotonia dos preceitos, mas lhos fazem comprehender melhor, e provam no Poeta, o dote, que não é mui trivial, de descobrir o ponto de relação, que se dá entre objectos differentes.

Aos dous livros d'Epistolas segue-se um livro de Epitaphios, escriptos todos em oitavas, em numero de dezenove. Sam feitos a alguns dos nossos Reis, e Principes, e outras personagens, a algumas senhoras, e amigos do Author, e os dous ultimos sam dedicados a D. Maria Pimentel, sua Esposa. Tenho pelo melhor de todos o seguinte, que é dedicado a El-Rei D. Diniz.

EPITAPHIO.

Quem é este de insignias diferentes
Sceptro, e Picão, e Livro, e espada, e arado?
Este foi Paz dos Reys, e Amor das Gentes,
Grandê Diniz, Rey nunca assaz louvado;
Outros foram n'hũa só cousa excellentes,
Este com todas nobreceo seo estado.
Regeu, edificou, lavrou, venceu,
Honrou as Musas, poetou, e lèu.

O Doutor Antonio Ferreira deixou duas Comedias, *Bris-to*, e o *Cioso*, em as quaes come nas de Sá de Miranda, nada ha Portuguez afora a lingua, em que sam escriptas.

A respeito destas duas Peças não posso deixar de ter a mesma opinião, que emitti ácerca das de Miranda, isto é, que não sam originaes, mas imitações, ou traducções livres de Comedias Italianas; e as principaes razões, em que me fundo, sam as seguintes.

1.^a O Author diz na dedicatória da Comedia *Bris-to*, que a escrevêra durante umas férias, e não é possivel que

em tão pouco tempo, e em um paiz, onde não havia theatro, um estudante, sem experiencia do mundo, e sem modelo do genero, produziu um Drama tão perfeito, em relação ao tempo, em que foi escripto.

2.^a Que esse Drama se chegue tão pouco á maneira de Plauto, e de Terencio, que o Author diz que quizera imitar, e que mostre tanta identidade com as Comedias Italianas do Seculo XV.

3.^a Que o Author em lugar de imitar nas suas Comedias os costumes Portuguezes, que conhecia, e tinha diante dos olhos, preferisse pintar nellas os costumes, vicios, e ridiculos dos Italianos, de que não tinha conhecimento, e pratica alguma.

4.^a Que essa pintura dos costumes Italianos seja tão exacta, e tão viva não havendo o Author sahido de Portugal, nem viajado nunca na Italia.

5.^a Serem essas Comedias escriptas em prosa, quando o estudo, e a imitação de Terencio, e o exemplo de Gil Vicente naturalmente o deviam conduzir a escreve-las em verso, e não em prosa, pratica de que só na Italia podia achar exemplos.

Estas razões sam em grande parte applicaveis ás Comedias de Sá de Miranda. Bem sei que poderá alguém dizer-me em defesa dos dous Poetas, que ninguem ainda descobriu os suppostos originaes de que foram copiadas, ou traduzidas, as quatro Comedias. Póde ser; mas isso não prova que ellas não existissem, ou existam. Conhecemos nós por ventura todas as Comedias, que na Italia se escreveram no Seculo XV.? Fez alguém já as necessarias investigações a esse respeito? Sam as Comedias de Ferreira, e de Sá de Miranda tão conhecidas, que obrigassem os Criticos averiguar este facto? Não podem ter-se perdido esses originaes como se perderam tantos outros Dramas, compostos então, e que hoje não apparecem, ou porque ficaram manuscriptos, ou porque houve descuido em reimprimi-los, ou finalmente porque não mereciam que se tomasse esse trabalho?

Em ultimo resultado eu não dou esta opinião como certa, mas meramente como conjectura probavel, a que os Leitores darão o pezo, que lhe approuver, e até por isso me abstenho de citar alguns trechos, que poderiam far

vorecer a minha assersão, visto que são mais no genio da lingua Toscana, que da nossa.

Os defeitos das Comedias de Ferreira, sam os mesmos das de Sá de Miranda, e das Comedias Italianas daquelle tempo. Falta de unidade na acção, episodios, que se não ligam com ella, nem della se derivam, falta de movimento progressivo, e ás vezes de verosimilhança nos incidentes; fastidiosa difusão nos dialogos, monologos interminaveis, recheados de moralidades, e relações feitas ao vento, e soluções postigas, e romanescas.

O estylo comico de Ferreira é superior ao de Miranda, assim como a sua linguagem é mais rica mais elegante, e mais pura; porém Miranda o excede na arte de dialogar. Ferreira é ás vezes indecente nas situações, e até obsceno na expressão. E para o provar basta citar a scena primeira do Acto terceiro do Cioso entre Faustina, e Clareta; a scena segunda do mesmo Acto em que um mancebo honrado como Octavio se presta a pedir á sua amante, que receba Julio por uma noite para Bernardo poder entrar em casa delle para fallar a Livia, sua esposa, tornando-se a si dobradamente terceiro; e para não fallar em outras, a scena sexta do Acto quarto, em que a velha Bromia recusa abrir a porta a seu amo Julio, em quanto Bernardo está de dentro fallando com sua mulher, e Ardelio, e Janoto observando escondidos a desesperação do pobre Cioso, acerescentam ditos que tornam mais indecente esta situação, que já o é demasiado de si.

Os caracteres das Comedias de Ferreira sam em geral bem desenhados, e bem sustentados, tal é o de Bristo, os dos dous Pais Caledonio, e Roberto, o de Leonardo; porém o do Commendador Annibal, e do seu soldado Montalvão sam absolutamente fantasticos, estravagantes, inverosímeis, e com especialidade o primeiro cuja estupidez, e credulidade chega a ponto não só de accreditar todas as mentiras de Montalvão, mas até a persuadir-se de ter feito, e dito o que nunca fez, nem disse.

No Cioso nada mais natural, nem mais gracioso, que o caracter de Bromia; porém o de Julio é demasiadamente carregado, e a sua conversão me não parece verosimil, nem sufficientemente preparada. O ciume é a paixão me-

nos susceptivel de emenda, e por isso talvez, que o melhor desenlace desta Peça, fosse que o Cioso se matasse, eu morresse por alguma imprudencia, em que o precipitasse o seu frenesi, e que Livia, casando com Bernardo, alcançasse assim a recompensa dos seus padecimentos, e desgostos.

Se estes Dramas sam verdadeiramente de Ferreira, não pôde negar-se que tinha um decidido talento comico, e que as Comedias devem contar-se no numero das suas melhores obras.

Maior abono dos seus talentos deu elle com a sua Tragedia de D. Ignez de Castro. O patriotismo de Ferreira o levou a escolher um assumpto tirado da Historia Portugueza; assumpto pouco tragico, como se prova sobeijamente por haver sido tractado por differentes Poetas, alguns delles de grande merecimento, como Lamothe, Guivarra, Figueiredo, Quita, Lemerrier, sem que nenhum delles podesse tirar delle uma Tragedia boa; e os que delle tiraram melhor partido, que foram Lamothe, e Lemerrier, foi alterando-o de modo que inteiramente o tornaram outro. Nem sempre um acontecimento desastroso, e funesto é um acontecimento tragico, bem lamentosa é a morte de Marianna, e nem Voltaire foi capaz de fazer delle uma boa Tragedia.

Não sei se Ferreira tinha lido a Sophonisba de Trissini, e as duas Tragedias de Rucellai; mas Ferreira conhecia, e estudava como aquelles Poetas os Tragicos Gregos, e como elles adoptou o seu systema tragico, e por elle modelou a sua Castro, posto que seja o menos proprio para a Tragedia declamada, e muito mais de assumpto moderno.

E que outra cousa podia elle fazer, se como Trissini, e Rucellai não tinha outros modélos? Foi o uso das representações tragicas, em theatros públicos, e permanentes, a observação do effeito, que este espectaculo produziu nos Espectadores, quem foi ensinando aos Poetas, que vieram depois, a conhecer a differença, que devia fazer a nossa Tragedia declamada, da Tragedia cantada dos Gregos; a necessidade de complicar a fabula, desenvolver os caracteres, e paixões, augmentar o espectaculo, multiplicar os lances, e as situações, e conhecer a inutilidade,

e inconvenientes do Choro, que não estava em harmonia nem com os nossos costumes, nem com a forma dos nossos theatros. Se Ferreira fosse capaz de conhecer, e inventar tudo isto no tempo, em que escrevea, seria, sem dúvida o mais assombroso genio, que teria apparecido no Mundo; muito louvor merece elle pelas muitas bellezas, que soube derramar naquella rude composição.

Não é necessario ser grande entendedor da Arte Dramatica para conhecer os defeitos da Castro de Ferreira; elles consistem na demasiada simplicidade da fabula tecida sem artificio, e sem aquellas alternativas de susto, e de esperanza, que entretem a attenção, e despertam o interesse: na falta de proporção entre os fins, e os meios, em scenas desligadas, e até direi mesmo na falta de pathetico, e no estylo, que muitas vezes descahe da magestade tragica, no familiar, e trivial.

Os caracteres não sam menos defeituosos, que a contextura do Drama. D. Pedro é absolutamente inutil, não apparece se não uma vez no primeiro acto para alterar com o Secretario, e outra no quinto para ouvir narrar a morte de D. Ignez. E com tudo pouca invenção era preciso para tirar grande partido desta personagem, empenhando-o na salvação, e defesa da sua amante, mas Ferreira estava tão longe do espirito da Tragedia, que nem uma vez o fez encontrar com Castro.

Posto que o carácter de D. Ignez seja, geralmente falando, o que deve ser, e quasi a Tragedia toda, parece-me apesar disso, que no primeiro Acto mostra uns visos de singelleza infantil, que não parecem convenientes em uma dama, que não podia ter menos de trinta annos, e que apparece rodêada de trez filhos.

D. Affonso IV. representa um papel *ignobil*, e quem assim o classifica, é nada menos que D. Francisco Martines de la Rosa, a quem me parece que ninguem pôde negar com justiça o titulo do maior Poeta tragico de Hespanha.

Os Choros da Castro de Ferreira tem sido sobremancira elogiados; não nego que sejam excellentes trechos de poesia lyrica e talvez os melhores, que neste genero sahiram da penna de Ferreira; mas serão elles igualmente bons considerados como Choros de uma Tragedia? Em primeiro lugar sam demasiado longos, e em segundo, estão bem na

boca das donzellas de Coimbra duas Odes ao amor escriptas em linguagem mythologica? Será verosimil que umas poucas de raparigas christãs se expliquem por este gosto?

Jupiter, transformado
Em tão varias figuras,
Deixando despresado

O Ceo, quam baixo o mostram mil pinturas!

Poderosas branduras,
Que assi almas se convertem
No que amam, se sovertem
Por manha a grande alteza

Do Esprito, que se enterra em vil fraqueza!

Não basta que as cousas sejam bellas; é necessario que estejam bem collocadas, para que se não diga, *sed non erat hic locus*.

Porém Ferreira compensa estes defeitos com muitas belezas, que seria facil apontar, e ás vezes o seu dialogo, é tão energico, e serrado, que faz lembrar o estylo vigoroso d'Alfieri. Vejamos.

REY.

Vence o mal ao remedio: vejo o Infante
De todo contra mim determinado
Duro aos meos rogos, mais duro aos mandados,
Que Estrella foi aquella tão escura?
Que mau signo, ou que fado, ou que Planeta?

PACHECO.

Em quanto ha occasião, dura o pecado.
Tirando-lha, hei-lo livre!

REY.

Forte couza!

Endurecer-se assi aquella vontade!

PACHECO,

Endureça-se a tua com justiça.

REY.

Duro remedio! quanto melhor fôra
Amor, e obediencia! meos pecados
Quam gravemente sobre mim cahiram!

COELHO.

Senhor, pera que he mais? morra essa Dama.

REY,

Que morra todavia!

PACHECO.

Senhor, morra

Por salvação do Povo.

REY.

Não he crueza

Matar quem não tem culpa?

COELHO.

Muitos podes

Mandar matar sem culpa, mas com cauza.

REY.

Com que côr? com que cauza esta matamos?

PACHECO.

Não basta que em sua morte só se atalham
Os males, que sua vida nos promete?

REY.

Ella que culpa tem?

PACHECO.

Dá occasião.

REY.

Oh que ella não a dá; o Infante a toma.

Que ley ha que a condemne, ou que justica?

COELHO.

O bem commum, Senhor, tem taes larguezas
Com que justifica obras duvidosas.

REY.

Assi que assentais nisso?

COELHO.

Nisto, morra.

PACHECO.

Morra.

REY.

Huma innocente!

COELHO.

Que nos mata!

REY.

Não haverá outro meio?

PACHECO.

Não o temos.

REY.

Mete-la-hei n'hum Mosteiro.

COELHO.

Ei-lo queimado.

REY.

Manda-la-hei de meo Reyno.

COELHO.

O amor vòs.

Este fogo, Senhor, não morre logo,
Quanto mais lhe resistes mais se accende.
Contra amor que logar darás seguro?

Ei-lo queimado, o amor vòs sam dous rasgos de sublime que não tem que invejar ao *qu'il mourout* de Corneille nem ao *Medea surperest* de Seneca.

Vejamos agora como é pathetico, e digno do estylo tragico o monologo, em que o Rey, depois de haver involuntariamente assentido á morte de D. Ignez de Castro, ficando só, desaffoga a oppressão do seu espirito nestes termos.

REY.

Entre medo, e conselho fico agora.
Matar injustamente he gran crueza.
Soccorrer o mal publico he piedade.
D'huma parte receio, mas d'outra ousou.
Oh meu Filho, que queres destruir-me!
Ha dó desta velhice tão cansada,
Muda essa pertinacia em bom conselho,
Não dês ocazião pera que eu fique
Julgado mal na Terra, e condemnado
Ante aquelle gran Juiz que está nos Ceos.
Oh vida filicissima, a que vive
O pobre Lavrador lá no seo campo,
Seguro da fortuna, e descansado
Livre destes desastres, que cá reinam!
Ninguem menos he Rey que quem tem Reino.
Ah! que não he isto Estado, he captiveiro
De muitos desejado, mas mal crido!
Huã servidão pomposa, hum gran trabalho,
Escondido sob nome de descanso!
Aquelle he Rey sómente que assi vive,
Inda que cá seu nome nunca se ouça,
Que de medo, dezejo, e de esperança

Livre passa seos dias. Oh bons dias,
Com que todos meus annos tão cansados
Trocára alegremente! Temo os Homens,
Com outros dessimulo, outros não posso
Castigar, ou não ousar. Hum Rey não ousa?
Tambem teme se o Povo, tambem sofre,
Tambem suspira, e geme, e dessimula.
Não sou Rey, sou captivo; e tão captivo
Como quem nunca tem vontade livre.
Salvo-me no conselho dos que creio
Que me serão leaes! isto me salve,
Senhor, contigo; ou tu me mostra cedo
Remedio mais seguro, com que viva
Comforme a este alto Estado, que me deste.
E me livra algum tempo antes, que morra,
De tanta obrigação, pera que possa
Conhecer-me melhor, e a ti voar
Com mais ligeiras azas, do que pôde
Huma alma carregada de tal peso.

Este monologo é excellente, e no puro estylo tragico; pinta bem ao vivo a fluctuação, e incertezas do animo de D. Affonso IV. Vêmos que elle procura acalmar a sua consciencia, como todos os Reis praticam, lançando a responsabilidade sobre os que o aconselham, e que julga leaes. É certo que isto os justifica perante os homens, a quem pôde parecer bem que um prefira o parecer alheio aos dictames da propria razão, e da consciencia; mas succederá o mesmo perante Deos? Não lhe pedirá elle contas do mal que fizeram, e do que deixaram fazer?

Não é menos bello o monologo com que D. Pedro abre a primeira scena do Acto quinto! O enthusiasmo do amor escandece a sua imaginação, e lhe figura que ao aproximar-se a Coimbra, onde existe D. Ignez de Castro, a natureza inteira toma um aspecto novo, e o circunda de encantos e de prestigios, que o fazem phantasiar venturas, que espera desfructar na companhia da sua amada, de que suppõe impossivel, que alguém o possa separar; a mesma morte lhe não parece poderosa para tanto, e pergunta se poderá vir tempo em que se não vejam um ao outro; tudo isto é muito poetico de si, mas o que o torna não só mais

poetico, porém tragico, em grau mui subido, é que os Espectadores, que o ouvem, todos sabem que D. Ignez já é morta, e quam cruamente, e por entre aquelles transportes de alegria já vem borbulhar as lagrimas de sangue que tem de sahir dos seus olhos dali a um minuto.

D. PEDRO.

Outro Ceo, outro Sol me parece este!
Diferente daquelle que lá deixo,
D'onde parti: mais claro, e mais formoso.
Onde não resplandecem os dois claros
Olhos da minha luz, tudo he escuro.
Aquelle he só meo Sol, a minha Estrella,
Mais clara, mais formosa, mais luzente,
Que Venus quando mais clara se mostra.
Daquelles olhos se alumia a Terra,
Em que sombra não ha, nem nuve escura.
Tudo ali he tão claro que athe a noite
Me parece mais dia, que este dia.
A Terra ali se alegra, e reverdece
D'outras flores mais frescas, e milhores.
O Ceo se ri, e se doura diferente
Do que neste horisonte se me mostra.
O soberbo Mondego com tal vista
Parece que ao gran Mar vai fazer guerra.
D'outros ares respira ali a Gente,
Que fazem immortaes os que lá vivem.
Oh Castro! Castro! meu amor constante,
- Quem me de ti tirar, tire-me a vida.
Minha alma lá me tens, tenho cá a tua;
Morrendo hũa destas vidas ambas morrem;
E havemos de morrer? pode vir tempo,
Que ambos nos não vejamos? nem eu posso
Hindo buscar-te, oh Castro, achar-te lá?
Não achar os teus olhos tão formosos,
De que os meus tomam luz, e tomam vida?
Não posso cuidar nisto, sem os olhos
Mostrarem a saudade, que me fazem
Tão tristes pensamentos. Viviremos
Muitos annos, e muitos; viviremos
Sempre ambos neste amor tão doce, e puro,

Raynha te verei deste meo Reino,
 De outra nova coroa coroada.
 Diferente de quantas coroaram
 Ou de homens, ou Mulheres as cabeças.
 Então serão meus olhos satisfeitos ;
 Então se fartará da gloria sua
 Esta alma, que anda morta de desejos.

É, quando acaba de fallar neste arrebatamento enthu-
 siastico, que um mensageiro vem quebrar o encanto do
 Principe, e lança uma nuvem de luto sobre o seu coração
 tão radioso de prazer, e contentamento, narrando-lhe a
 morte de D. Ignez de Castro. Na verdade não pôde dar-se
 um lance theatral mais bem inventado, mais natural, nem
 mais pathetico, e é muito mais de admirar porque o vê-
 mos em uma Tragedia, que foi talvez a segunda, que se
 escreveu na Europa, depois da restauração das Letras.

Tratando porém da Castro, não posso deixar de tocar
 em uma circumstancia, que me parece que ninguem ain-
 da mencionou entre nós, pelo menos, que eu saiba.

Existe em lingua castelhana uma Tragedia intitulada
Nise lacrimosa cujo assumpto é a morte de D. Ignez de
 Castro. Esta Tragedia foi composta por um Dominico Gal-
 lego, por nomo Fr. Jeronymo Bermudes, que o Author da
 Bibliotheca Hespanhola, D. Nicolau Antonio não duvidou
 chamar, *Homem notavel por sua erudição sagrada, e pro-
 fana*, e que foi contemporaneo de Ferreira.

Comparada a Tragedia deste com a de Bermudes, vê-
 se que salvas, algumas pouco importantes omissões, ou
 augmentos de versos, e algumas transposições de scenas,
 força é confessar, que ambos estes Dramas apresentam
 tal identidade de ordem, de personagens, de pensamen-
 tos, de estylo, e de versos, que se tornam uma, e a mes-
 ma cousa. Vejamos alguns exemplos.

REY.

Oh sceptro rico a quem te não conhece !
 Como hes formoso, e bello ! e quem soubesse
 Bem quam diferente hes do que prometes,
 Nesse chão que te achasse, quereria
 Pisar-te antes c'os pés, que levantar-te !

Não louvo os que se louvam por Imperios
 A ferro, fogo, e sangue, destroirem,
 O seo proprio estendendo, mas aquelles,
 Oh grandeza espantosa, animo livre!
 Que, tendo-os muito grandes, os deixaram.
 Mór alteza, e mór animo he as grandezas
 Desprezar, que acceitar, e mais seguro
 A si cada hum reger, que o Mundo todo.
 O resplandor deste ouro nos engana,
 E he terra em fim, e terra a mais pesada.
 De huma alta fortaleza estamos sempre
 Póostos por Atalaias á Fortuna;
 Por escudos dos Povos, ofrecidos
 A receber seus golpes: não faze-lo
 He usar mal do sceptro, e bem faze-lo
 He não ter vida mais segura, e certa,
 Que quanto estes perigos nos prometem.

Ferreira.

D. ALONSO.

Es, sceptro, de valia inestimable
 A quien nó te conosco, porque cierto
 Quien viesse sin passion, y sin antojos
 Quan otro, de lo que pareces, eres,
 Caído en este suelo que te hallasse,
 Antes debria con los pies calcarte,
 Que llevartarte del: nunca yo alabo
 A los mui alabados de que a costa
 De sangre, y guerra Imperios destruíerom,
 Por estender el proprio; antes alabo
 Aquellos que con animo Christiano,
 Teniendo reinos muchos, los desechar.
 Maior grandeza d'animo es grandezas
 Despreciar que acceptar, es mas seguro.
 El resplendor del oro nos deslumbra
 Y es tierra al cabo, y tierra mui pesada
 D'un alto alcazar siempre atalaiamos
 La Fortuna cruel que nos combate,
 Como escudos del Pueblo aventurados
 A recibir sus golpes: no hacello
 Es mal usar del sceptro; bien hacello

Es non tener la vida mas segura
De lo que estes peligros nos prometem.

Bermudes.

CASTRO.

Nunca mais tarde para mim que agora
Amanheceo! oh Sol claro, e formoso,
Como alegras os olhos, que esta noite
Cuidaram não te vêr! oh Noite triste!
Oh Noite escura, quam comprida foste!
Como cansaste esta alma em sombras vãs!
Em medos me trouxestes taes, que cria
Que ali se me acabava o meo amor!
Ali a saudade de minha alma
Que me ficava cá; e vós, meus Filhos,
Meus Filhos tão formosos, em quem vejo
Aquelle rosto, e olhos do Pay vosso,
De mim ficaveis cá desamparados.
Oh sonho triste, que assi me assombraste!
Tremo inda agora, tremo! Deos afaste
De nós tão triste agouro. Deos o mude
Em mais ditoso fado, em melhor dia.
Crescereis vós primeiro, filhos meus,
Que choraes de me vêr star-vos chorando,
Meus Filhos tão pequenos! ai, meus Filhos!
Quem em vida vos ama, e temé tanto,
Na morte que fará? mas vivereis,
Crescereis vós primeiro, que veja eu
Que pizaes este campo, em que nascestes,
Em formosos Ginetes arraiados,
Quaes vosso Pay vos guarda, com que o Rio
Passeis a nado a vêr esta May vossa;
Com que canseis as Feras, e os imigos
Vos temam de tão longe! que não ousem
Nomear-vos sómente, então me venham
Buscar meos fados, venha aquelle dia
Que me está esperando; em vossos olhos
Ficarei eu, meus Filhos, vossa vida
Tomarei eu por vida em minha morte.

Ferreira.

CASTRO.

Nunca mas tarde pera mi que agora
El Sol hirió mis ojos con sus raios !
Oh Sol claro, y hermoso, como alegras
La vista, que esta noche te perdió !
Oh noche oscura quanto me duraste !
En miedos, y en assombros me trageste,
Tan tristes, y espantosos, que creia
Que alli si me acababan los amores !
Alli desta alma triste los afectos
Acá empleados ; y vos outros, hijos,
Mis hijos tan hermosos, en quien veo
Aquel divino rosto, aquellos ojos
De vuestro caro padre, aquella boca,
Tesoro peregrino, mis amores
Quedabades sin mi !
Oh sueño triste quanto me assombraste ;
Tiemblo aun agora, tiemblo, Dios me libre
De tan mal sueño, y de tan triste aguero !
En mas dichosos hados Dios lo mude,
Premero crescereis, amores mios,
Que de me ver que os lloro estaes llorando.
Mis hijos tan quiridos, tan hermosos
En vida quien os ama, y tiene tanto,
Moriendo que hará ? mas vivereis,
Y crescereis primero, y estos ojos,
Que agora os son de lagrimas arroyos,
Dos solos os seran, quando con ellos
Os vea rutilantes, y gallardos
Correr por esses campos do nascistes,
Delante vuestro Padre, en muy lozanos
Caballos á porfia, qual primero
El rio passará a ver vuestra madre.
Dos Soles os seran quando con ellos,
Os vea rutilantes, y gallardos
Cansar las fieras y mostrar tal brio
Que amigos os adoren, y inimigos
De vuestro nombre tiemblen ; esto vean
Mis ojos, vean esto, y logo vengan
Per mi mis hados, aquel dia venga,
Que ya mi esta esperando. En vuestros ojos

Hincaré yo mis ojos, hijos mios,
Mis ojos tan queridos, vuestra vida
Por mia la tendré quando esta acabe.

Bermudes.

Para que é citar mais? Ambas as Tragedias estão escriptas assim, não é possível achar uma scena, uma fallá, que não se encontre na outra, e ás vezes com os mesmos versos; as proprias Canções Lyricas dos Choros, o que se torna ainda mais notavel, sam idénticas. Eis aqui para prova o primeiro Choro do segundo Acto da Tragedia Portugueza.

Quanto mais livre, quanto mais seguro
He aquelle Estado, que de si contente,
Não se levanta, mais que quanto pode
Fugir miserias!

Tristes pobrezas ninguém as deseje,
Cégas riquezas ninguém as procure,
Num meio honesto está felicidade

Dos Ceos, e Terra.

Reys poderosos, Principes, Monarchas,
Sobre nós pondez vossos pés, pisais-nos,
Mas sobre vós está sempre a Fortuna,
Nós livres della.

Nos altos montes soam muito os ventos,
As mais crescidas arvores derrubam,
As mais inchadas vellas no mar rompem
Com mores torres.

Pompas, e ventos, titulos inchados
Não dam descanso, nem mais doce somno,
Antes mais cansam, antes em mais medo
Poem, e perigo.

Como se volvem no gran mar as ondas,
Assim se volvem estes peitos cheios,
E nunca fartos, nunca satisfeitos,
Nunca seguros.

Se eu me podesse á minha vontade
Formar meos fados mais não quereria
Que mansamente segurar a vida
Co' necessario.

Quem mais deseja muitas vezes se acha
Triste, enganado ; muitas vezes dorme
Temendo o fogo, ventos, ares, sombras,
Temendo os Homens.

Rey poderoso, tu por que deseas
Nunca ter Reyno ? porque essa coroa
Chamas pesada ? pelo pezo d'alma,
Que te carrega.

Vejamos agora o mesmo Choro na Tragedia castelhana, e conheceremos se acaso ha entre um, e outro alguma differença notavel.

Cuanto mas libre, quanto mas seguro
Es el estado que, de si contente,
No se lleva mas de quanto huye
Grande miseria,

Tristes pobreza nadie las desee ;
Ciegas riquezas nadie las procure ;
La bienaventurança desta vida
Es mediania.

Princepes, Reyes, y Monarchas summos,
Sobre nosotros vuestros pies poneis,
Sobre vos otros la cruel fortuna
Tiene los suyos !

Sopla en los altos montes mas el viento,
Los mas crescidos arboles derriba,
Rompe tambien las mas inchadas velas
La tramontana.

Pompas, y vientos, titulos hinchados,
No dan descanso mas, ni mas dulzura
Antes mas cansan, y mas antes quitan
Al que los ama.

Como sosiegan en el mar las ondas
Assi sosiegan estes pechos llenos,
Nunca quetos, nunca satisfechos
Nunca seguros.

Si la fortuna yo cortar podiesse
Ala medida del deseo, nunca
Querria mas que assegurar la vida
De menesteres.

Quen mas desea las mas veces se halla
Triste, y burlado, poucas veces duerme,
El fuego teme, vientos, Ayre, sombras
Teme los hombres.

Rey Dom Alonzo, porque no te gozas
Deste tu sceptro? porque essa corona
Pesada llamas? el peso del alma
Tanto te aflige!

A mesma identidade acharemos entre os Choros do
Acto terceiro de uma, e de outra Tragedia, que passa-
mos a confrontar.

Teme teus erros, Mocidade céga,
Fuge a ti mesma, logra-te do tempo,
Que assi te deixa, correndo, e vôando
Com suas azas.

Oh quanto hũa hora, quanto hum só momento
Breve algũa hora, quererás debalde,
Poupa o presente, guarda-o, enthesoura-o
Tê-lo has seguro!

Todo ouro, e prata, pedras preciosas,
A que correndo vam todos perdidos,
Por agoa, e fogo, não temendo a morte
Cavar nas veias.

Nunca poderam, nunca poderão
Comprar hum ponto deste tempo livre,
Que assi atraz deixa Principes, Senhores
Como os mais baixos.

Igual a todos, igualmente foge,
Não valem forças, não val gentileza,
Por tudo passa, tudo calca, e pisa
Ninguem o força.

Com sua fouce cruel vai cortando
Vidas a moços, trabalhos a velhos,
Só boa fama, só virtude casta
Pode mais que elle.

Esta se salva sómente em si mesma,
Esta o espirito segue, sempre vive,
Esta seguindo, vencerás o Tempo,
Rir-te-has da Morte.

Vive pois, vive, mocidade céga,
Vive co' Tempo, delle te enriquece,
Delle só te arma contra aquelle dia
Do grande apperto.

Ferreira.

Teme tus yerros, juventud lozana,
Abre tus ojos a las postrimerias,
Piensa del tiempo, siempre te aprovecha,
Que va volando.

Oh como en vano del passado tiempo
Breve momento querrás alguna hora!
El que presente tienes atesora,
No se te pierda.

Oro, ni plata, ni las margaritas
Mas preciosas, que los hombres aman,
Y por habellas de las hondas venas
Muerte no temen.

Nunca podieron, ni jamas podran
Comprar un punto deste Tiempo libre;
Princeps, Reys, y Monarchas summos
No se descuiden.

Corre mas que ellos el ligero Tiempo,
Ni valen fuerzas, ni belleza vale,
Todo deshace, todo huella, y pisa,
Nadie le fuerza.

Con tyrania fiera va cortando
Vidas a Mozos, lastimas a viejos,
Solo la fuerza de virtude clara
Puede vencello.

Esta le vence, su valor es mucho,
Esta al eterno Espirito siguiendo
Vive reindo-se de la Fortuna
Y de la muerte.

Vive, pues vive, joventud lozana,
Ama virtudes, con el tiempo vive,
Per que te valgas del en aquel dia
Del grande aprieto.

Bermudes.

É a todas as luzes evidente, que uma destas Trage-

dias foi copiada da outra. Mas quem seria o Plagiario? Acaso Bermudes? Acaso Ferreira? Pergunta é esta, a que não é mui facil responder! Bouterweek foge da questão, porém o Sr. Martinez de la Rosa entra nella com affouteza nas notas á sua Arte Poetica, e não hesita em declarar, que Bermudes foi o Plagiario, eis aqui como elle se expressa.

« A primeira Tragedia de Bermudes, intitulada *Nise lastimosa*, versa sobre o interessante argumento de D. Ignez de Castro, tão bello, e proprio para a scena, que em todos os tempos, e em todas as nações tem conseguido merecidos applausos; disputa-se porém se foi o citado Author hespanhol, ou o portuguez Antonio Ferreira o que primeiro o reduziu á fôrma dramatica, visto que as Tragedias de um e de outro se assimelham tanto, que parece indubitavel que um se aproveitou, posto que sem declara-lo, do trabalho do outro: mas qual delles foi? Direi o que me parece a respeito desta questão sem engolfar-me nella, mas com franqueza, e lisura. A *Nise lastimosa* imprimiu-se em Madrid em 1577, e tambem consta que já dous annos antes estava composta, e dedicada. A Tragedia portugueza, intitulada *Castro*, não sahiu á luz senão mais de vinte annos depois, em 1598, como porém o Author desta última havia já muito tempo que tinha fallecido, em 1569, é evidente que a sua obra estava escripta, sem embargo de não ter-se publicado. Consta por outra parte, que o Monge Bermudes, de nação Gallego, residiu algum tempo em Portugal, poudé por tanto dar-se com um humanista de tanto credito como Ferreira, e ainda que possa disputar-se qual destes mostrou ao outro a sua composição manuscrita, e mesmo alegar-se a favor do hespanhol a anticipação em publica-la, devo manifestar de boa fé, que cotejando ambas as obras me parece, que se descobre na portugueza o verdadeiro original. »

Como Portuguez não posso deixar de adoptar esta opinião, especialmente vindo ella de pessoa tão competente, e sabedora na materia, e que a examinou com tanta imparcialidade: confesso porém que se me offerecem duas dúvidas, que muito desejava vêr como o Sr. Martinez de la Rosa as resolvesse. A primeira é, que havendo Ferreira

composto dous livros de Odes, entre ellas não apparece uma Saphica, e que apparecem duas nos Choros da Castro, e que essas mesmas se deparem na Tragedia de Bermudes, em cuja *Nise laureada* se encontra tambem outra, o que parece provar, que era elle, que estava costumado a usar destes metros latinos.

Consiste a minha segunda dúvida, em que sendo possivel que traduzindo-se uma obra de uma lingua para outra tão parenta, e semelhante, como   a hespanhola da portugueza, o Traductor, sendo homem de talento, possa imitar a expressão, as phrases, modos de dizer, e versos do Poema; que a cópia se confunda com o original, visto que tem o mod lo   vista, que p de contemplar, e estudar   sua vontade; tenho porém que é muito difficil, por não dizer impossivel, que esse mesmo Traductor compondo uma obra original, apresente os mesmos rasgos de semelhança, e a mesma identidade com a composição, que traduziu; e   isso o que observamos na *Nise lauriada* de Bermudes, que elle de certo não copiou de Ferreira, que nunca tractou tal assumpto.

Esta Tragedia, que tem por objecto a coroação de D. Ignez de Castro, depois de morta, e a vingança que D. Pedro tomou dos dous Conselheiros que tramaram, e levaram a effeito a morte daquella infeliz Dama,   na verdade muito inferior à primeira Peça, o que se deve à inferioridade do assumpto, não tragediavel para me servir da expressão de Alfieri, mas não deixa por isso de nella se encontrar a cada passo o estylo, e modo de pensar, e de versificar de Ferreira na Castro, e para prova disto citarei um trecho della, no que me parece que farei serviço aos Leitores portuguezes, para a maior parte dos quaes esta Tragedia, e a *Nise lastimosa*, tem sido absolutamente desconhecidas, pois em nenhum dos nossos livros as encontrei ainda mencionadas.

REY.

Que piedad quisieras tu que usara
Com estos tres honrados Castellanos,
Que ac  pensaban guarecer su vida?

COND.

Que no los entregaras a la muerte.

REI.

A su Rey les entrego, deles vida.

COND.

Quitola a quien la suia habia dado.

REY.

Jusgue-lo Dios !

COND.

Si, juzgará que es justo.

REY.

Los hombres no porque los juzguen Reys.

COND.

Juzganlos mal los que no les mantienen
Las leys, y costubres que los salvan.

REY.

Que ley salvaba a estos?

COND.

La que salba

A quien en ti se ampara, y puede poco.

REY.

El Rey que no se vinga puede menos.

COND.

El Rei, que ampara a muchos puede mucho.

REY.

De mi se han de amparar contra mi hermano?

COND.

Hermano es hoy el que innemigo ayer.

REY.

No me entrega los otros alevosos?

COND.

Entrega, y trueca digna de memoria !
Trocar los justos por los pecadores,
Los innocentes per los desalmados !

REY.

Tan innocentes te parecen estos?

COND.

Si no lo han sido acá debieran sello,
O por tales juzgados alo menos ,
Al sagrado acogidos de tu Reyno.

REY.

Valiera les sagrado alá en Castilla?

COND.

Ni aca tampoco pues assi lo quieres.

REY.

Es cosa justa que los otros vengan.

COND.

Es cosa injusta que estos alla yaian.

REY.

Alla se lo haga el Rey que los juzgare.

COND.

E alla se lo hayas tu que los entregas.

Este dialogo energico, rapido, e cortado não se assimelha a muitos que lêmos na Castro? Juntemos a isto o primeiro Choro do terceiro Acto, escripto em versos sapphicos, e adonicos, como os dous da primeira Tragedia.

Todos agora nos regocijemos,
 Todos cantemos el triumpho, y gozo
 Destas solemnes, y sagradas bodas
 Tan deseadas.

Todos al tono de los Seraphines
 Demos al Cielo la debida gloria,
 Y la gososa pas al amoroso
 Orbe de Luso.

Los refulgentes Cielos, y Planetas
 Vangan a punto con los Elementos,
 Y todos juntos a porfia canten
 Gloria tanta.

Los Coimbranos montes, y collados
 Desde su cumbre leche, y miel destilan,
 Como la antigua Poesia canta
 Sabiamente.

Los regulados arboles, y plantas
 Por regocijo su frescura muestren,
 Vease en ellos quan alegre torna
 La Primavera.

Las violetas, y las matutinas
 Rosas, y flores de rocío llenas,
 Todas se ofrescan ala coronada
 Nise famosa!

Las Avecillas, que sus queexas suelen

Hir de una en otro ramo recantando,
Con melodia de suave canto
Rompan el Cielo.

Las plateadas agoas del Mondego
Con su murmureo blandó se componjan,
Para pujar sobre las de Hypocrene
En la blandura.

Los amorosos Phaunos, y Silvanos,
Las Amadrias, Dryades, Napeas
Sus lyras toquen, y discanten estos
Dulces amores.

Las sacras Musas su furor divino
Todo le empleen, todo lo derramen
Solemnizando con Apollo fiestas
Tan gloriosas.

Venga pues, venga todo lo creado
Al regocijo de la laureada
Nise, de niñas, y amorosas almas
Almo dechado.

Deste Choro consta, que os campos de Coimbra no reinado d'El-Rei D. Pedro I. estavam incados, e povoados de um grande numero de Driades, Napeas, Amadriades, Phaunos, y Silvanos, e que as raparigas daquelles contornos tinham grande conhecimento destas deidades rusticas, aliás não fallariam tanto dellas neste seu Choro. Estas idéas mythologicas, podem, como dissemos em outra parte, figurar bem em uma Odô, ou outro Poema em que o Poeta falle em sua propria pessoa, mas admittirlas nos Choros de uma Tragedia de assumpto nacional, e em que os herôes sam Christãos, com o devido respeito, me parece um completo disparate.

Temos, ao que nos parece expellido quanto é necessario para os Leitores resolverem, com conhecimento de causa, esta questão, mas parece-me que a opinião do Sr. D. Francisco Martinez de la Rosa a este respeito deve ser maduramente considerada.

Do exame dos differentes Poemas do Doutor Antonio Ferreira me parece, que se deduz que é elle o mais classico, e correto dos nossos Poetas antigos, bom Lyrico, e Elegiaco para o seu tempo, melhor Sonetista, e Bocolico,

excellente Epistolar, e si as duas Comedias, e a Tragedia *Castro* sam verdadeiramente suas, o melhor Poeta Comico, e Tragico do seculo, em que floresceu.

O Doutor Antonio Ferreira foi sepultado no cruzeiro da Igreja do Convento do Carmo, e sobre a sepultura collocaram uma lapida com o seguinte epitaphio latino.

Hic Doctor jacet é Cathedra quem jura tonantem
 Mente avida audiret Bartholus, imo Solon,
 Carmina scribentem cythara sequeretur Apollo,
 Diceret et numeris non satis esse Chelin.
 Jus et Pieridas Patria decoravit, amore
 Illius hoc capiti laurea major erat
 Nec Vati magnum, ac fuerit quod in Urbe Senator,
 Sed suo quod regnum scripta Thalia regit.
 Si legis, una tuos componet Epistola mores,
 Maximus est Doctor, qui docet é tumulto.

Na cabeceira desta lapida está escripto, « Epitaphio do Doutor Antonio Ferreira, Lente que foi da Universidade de Coimbra, Desembargador da Relação, raro Poeta. Falleceu no anno de 1569. » Esta inscripção era indispensavel para saber-se de quem era a sepultura, visto que o epitaphio o não diz.

Pelo terremoto de 1755 cahiu o tecto da Igreja do Carmo, e é talvez por isso que o Author da Vida do Poeta, que acompanha a edição de 1771, que eu julgo ser obra do Professor Regio Pedro José de Fonseca, adverte que no seu tempo estava quebrada a lapida, e com dous disticos de menos; hoje essa igreja está tornada em officina de serrador, sabe Deos, que caminho terão levado os ossos do Horacio Lusitano.

CAPITULO V.

Diogo Bernardes.

Passar de Ferreira a Bernardes é descer alguns degraus na escalla do merecimento poetico, e sem embargo disso foi elle sempre Poeta mais popular, e mais conhecido do que Antonio Ferreira, de quem Bernardes se contentou sempre de ser havido por discipulo, de quem foi sempre amigo, consultando com elle os seus escriptos, e respeitando-o como mestre.

Os Biographos de Bernardes não só discordam uns com os outros, mas até comsigo mesmos ácerca da sua patria, filiação, e data do seu nascimento.

O Abbade Barbosa no primeiro Tomo da sua Bibliotheca Lusitana diz, que foi natural da Villa de Ponte da Barca, e filho de Diogo Bernardes Pimenta, e de Anna Dias Pimenta, sua mulher, porém no Tomo quarto, da mesma obra, diz que seus Pais foram João Rodrigues de Araujo, e Catharina Bernardes Pimenta, e nem naquella, nem neste logar assigna a data do seu nascimento.

D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho, Conego Regraute, e Director da Classe de Literatura da Academia Real das Sciencias de Lisboa, concordando com a segunda opinião de Barbosa, quanto á filiação do Poeta, affasta-se della quanto á patria, dando-o por nascido em Ponte de Lima, e por uma conjectura, que parece'aproximar-se muito á verdade, colloca a epocha do seu nascimento entre os annos 1530, e 1540, não podendo em caso algum exceder este ultimo anno, por que nelle nasceu Frei Agostinho da Cruz, que indubitavelmente era mais moço que seu irmão Diogo Bernardes.

Manoel de Faria e Sousa nos seus Comentarios ás obras de Camões, fallando de Diogo Bernardes no discurso, que segue a Ecloga VIII. tambem diz, que nascêra em Ponte de Lima. Apesar da authoridade de dous homens tão

eruditos; apesar de Barbosa haver abandonado parte da sua primeira opinião, eu com o Author do Agiologio Lusitano, a perfilho toda inteira, por uma razão, que me parece ponderosa.

O Padre José Caetano de Mesquita, Reitor que foi do Seminario Patriarchal de Santarem, e Prior da igreja de S. Lourenço de Lisboa, fôï Editor das poesias de Frei Agostinho da Cruz, irmão de Diogo Bernardes, e diz na Biographia, com que acompanhou os Escriptos daquelle Poeta, que elle fôra filho de Diogo Bernardes Pimenta, e nascêra em Ponte da Barca, e esta assersão me parece decisiva não só por conhecer a Mesquita por homem instruido, e diligente, mas porque sei de sciencia certa, que elle para ordenar o seu opusculo examinára os registos dos conventos de S. José de Ribamar, e da Arrabida, que é natural que fossem exactos no que respeitava á filiação, e naturalidade daquelle Religioso.

Ponte da Barca é uma povoação, que fica a obra de meia legoa da Villa dos Arcos, ao Sul do Rio Lima, e nesta villa vivia Diogo Bernardes Pimenta, Cavalheiro de boa linhagem entre as da Provincia do Minho, e muito estimado dos seus patricios, pelas optimas qualidades, de que era adornado.

Este Diogo Bernardes houve de sua mulher D. Anna Dias Pimenta dous filhos, ambos Poetas, a saber, Diogo Bernardes, de que tractamos neste Capitulo; e Agostinho Pimenta, mais conhecido pelo nome de Frei Agostinho da Cruz, que tomou quando vestiu o habito de S. Francisco, de quem fallaremos adiante.

Nasceu pois Bernardes na Villa da Ponte da Barca, e é natural que a sua educação não fosse muito esmerada porque em seus escriptos se não descobrem vestigios de grande saber: houve porém da natureza bastante engenho, e muita propensão para a Poesia, a que deveu depois ser muito acceito na côrte, e honrado com a amizade dos melhores Poetas, que então floresciam como Sá de Miranda, Caminha, Jeronymo Côrte Real, Antonio de Castilho, e o Doutor Antonio Ferreira, que valia mais do que todos elles.

Dizem que Diogo Bernardes concebêra o projecto de escrever a Historia Geral do Reino, porém disistiu des-

sa empresa, ou pela reconhecer muito superior ás suas forças, ou por falta de quem o animasse para isso, ou por outra razão, que não chegou ao nosso conhecimento.

Desejoso de augmentar os seus meios de subsistencia, que das suas obras consta que não eram muitos, e de exercer uma vida mais activa, tomou a resolução de acompanhar á côrte de Madrid, em qualidade de Secretario, o seu amigo, e protector Pero de Alcaçova Carneiro, que El-Rei D. Sebastião havia nomeado seu Embaixador junto de Filippe II.

É muito probavel, que uma côrte, a que presidia o tetrico, austero, e desconfiado Filippe II. fosse habitação não só pouco propria, mas sobre maneira desagradavel para um Poeta de temperamento alegre, e com a phantasia preocupada de quadros eroticos, e pastoris. Affeito aos costumes amenos de Portugal, á alegria tumultuosa dos Cortezãos de Lisboa, aos bailes, sarãos, momos, e mais divertimentos do nosso Paço, como se não acharia estranho entre os Aulicos taciturnos, que copiavam, e exaggeravam os modos de affectada devoção de um Monarcha sempre rodeiado de Frades, de Inquisidores, sempre meditando vinganças, e cujo rosto nunca se desfranzia? de um Monarcha, que á semilhança dos Soberanos Orientaes, raras vezes apparecia em público, e sómente para assistir a algum Auto da Fé, a algumas Procissões, e algumas festas de ingreja, que eram os seus unicos recreios, os seus unicos divertimentos?

O desterro de Thormes não podia ser mais desagradavel para Ovidio, costumado ás delicias, e aos prazeres da capital do mundo, do que para um Poeta do character do Cantor do Lima a habitação de Madrid, de Santo Ildefonso, e do Escorial, guardada pelo terror, a etiqueta, e o silencio, e sobre as quaes continuamente pairava a sombra ensanguentada do Principe D. Carlos derramando o medo, e a tristeza sobre todos os corações.

Parece com effeito que Diogo Bernardes não trouxe de Madrid nem saudades, nem recordações; pelo menos não transfloram ellas dos muitos versos, que nos deixou.

Tornando á patria continuou Diogo Bernardes cortejando as Musas, e a Fortuna, mas com differente resultado; as Musas o consolavam nos seus desgostos, e lhe grangeavam estima, e reputação; mas a Fortuna caprichosa, e ingrata, si ás vezes por demais lhe sorria, de pressa lhe voltava as costas.

Havendo El-Rei D. Sebastião sahido de sua minoridade, e tendo tomado posse do governo, começou a desenvolver-se o plano tenebroso, e traiçoeiro dos Jesuitas por quem se governava, que era conduzi-lo ao precipicio para assim sugeitarem Portugal á Hespanha.

Fanatisado por elles julgava o Monarcha moço, e inexperienced, que para subjugar toda a Africa bastava desembarcar em suas praias, e ameaçar a Mourisma com a sua espada. Despresando o conselho dos fidalgos velhos, encanecidos nos combates da Mauritania, que lhe representavam os perigos de semelhante expedição, e a insufficiencia das forças, que para ella apparelhara, só dava ouvidos aos Cortezãos da sua idade, que nunca tinham visto a guerra, ás rogativas do Xarife, que lhe prometia uma sublevação dos Mouros a seu favor, e ás promessas dos Jesuitas, que lhe asseguravam a victoria em nome do Ceo.

O Rei contava tanto com o bom exito da expedição, e a certeza do triumpho, que resolveu levar comsigo um Poeta, que presenciasse as suas proezas, e as descantasse, e consignasse á posteridade em um Poema, digno do seu nome.

Parece que a escolha devia naturalmente recahir em Luiz de Camões, reconhecido por militar de grande esforço, versado na guerra com os barbaros, tanto na Africa, como na India, e, o que é mais, que acabava de publicar o seu Poema dos Lusíadas, que fôra recebido com os mais vivos applausos. Mas Luiz de Camões era aborrecido dos Jesuitas, e dos seus devotos, e o pobre Diogo Bernardes, que de todos os Poetas da epocha era talvez o menos proprio para aquella empreza, foi lembrado por aquelles padres, e por desgraça sua acceito, e accompanhou El-Rei naquella empreza malaventurada, e tão funesta para o reino.

Ninguem ignora o lamentoso resultado da batalha, da-

da nas margens do Mocazem, a quatro de Agosto de 1578, em que morreram trez reis, e se eclypsou a gloria de Portugal.

Naquelle batalha combateu Diogo Bernardes com esforço verdadeiramente Portuguez, e nella ficou prisioneiro com muitos outros companheiros do seu valor, e dos seus infortunios.

Captivo de barbaros, pobre, e carregado de trabalhos pôde bem fazer-se idéa, de qual seria a vida do Poeta entre aquelles povos barbaros, e despeitados com invasão tão recente, e o que é mais tão injusta, e não provocada.

Bernardes, que era devoto, e destituído da força d'alma, que nem sempre se une com a valentia militar, e que depende da philosophia, que elle não tinha, se consolava compondo grande quantidade de Poesias espirituaes, que apenas servem de nos dar idéa de seu abatimento de espirito, e dos trabalhos, que passava. Tal é uma Canção á Virgem, cujos terceiro, e quarto ramos sam os seguintes.

Oh Virgem das mais Sanctas a mais Sancta,
Do inconstante mar fiel Estrella,
Porta do Paraíso, estrada, e guia.
Volvei os olhos bellos, Virgem bella,
Vêde tanta tristeza, magoa tanta,
Quanto com magoa choro noite, e dia
Não me deixeis sumir, doce Maria,
Neste profundo pégo :
Porque Povo tão Cégo
Como se ri de mim de vós não ria,
E saiba que deixastes castigar-me
Por gran pecado meo,
E não por não poder do seo livrar-me.

Oh Virgem de humildade, e graça cheia,
Que converteis em riso o triste pranto,
Da triste, miseravel vida nossa.
Como vos cantarei alegre canto
Captivo, sem repouso em terra alheia,
Entre barbara gente imiga vossa ?
Desatai vós esta cadeia grossa,

Que meos erros sem fim,
 Forjaram contra mim,
 Porque solto por vós cantar-vos possa
 Nas ribeiras do Lima sem receio;
 Oh Madre de Jesus,
 Não do turvo Lucus de sangue cheio.

O resto é da mesma força. Dirá alguém que estas regras de prosa, porque poucas ha entre ellas, que mereçam o nome de versos, não são mais uma variante da Laidinha, que um canto lyrico sabido do espirito de um Poeta? Não estarão no mesmo caso os Sonetos ás Cinco Chagas do Redemptor escriptos neste gosto.

SONETO.

Que flores vos darei tão peregrinas,
 De tão suave cheiro, de taes côres,
 Que fiquem junto dellas baixas flores
 Os Lirios, as Violas, e as Boninas?

Que rimas cantarei, que sejam dinas
 De receber em si vossos louvores,
 Oh hum só amor meo, oh cinco amores
 Oh chagas de Jesus, chagas divinas!

Em lugar destas flores, que não tenho,
 Em lugar destas rimas, que não canto,
 Hum puro amor vos dou, que dar-vos posso!

N'elle mui comfiado a vós me venho,
 Que sei que pode amor comvosco tanto,
 Que destes por amor o sangue vosso.

.....
 Aquella dor immensa, que sentiram
 Comvosco os membros seus chagas serenas,
 Fazei que chore, e cante, escreva, e sinta.

Papel seja a minha alma, sejam pennas
 Os tres Cravos crueis, que vos abriram,
 Tinteiro o lado seja, o sangue tinta.

Será falta de intelligencia minha ; mas ingenuamente confesso, que não posso descobrir nestes versos, já não digo elegancia, correccão, e poesia, mas nem se quer propriedade, decóro, e verdadeira compunção religiosa ! A que vem aqui tantos contrapostos, tantas methaphoras, mal apropriadas, tantos conceitos esquisitos, *hum qmor*, e *cinco amores*, *flores que não tenho*, *rymas que não canto* &c. ? É semilhante affectação propria para tractar assumptos desta natureza ?

Assim foi Bernardes entretendo o longo, e penoso tempo de seu captiveiro, longo por sua duração, e mais longo pela saudade, que devia ter das commodidades da patria, da conversação dos amigos, e parentes, e pelos ruins tractamentos, e trabalhos desacostumados, e zombarias, que necessariamente havia sofrer de um povo barbaro, naturalmente cruel, juntando-se a tudo isto a pouca esperança, que a sua pobreza lhe dava, de ser em breve resgatado.

No entanto Filippe Segundo ajudado das armas do Duque d'Alba, das intrigas dos Jesuitas, do Clero, e da Nobreza, que por deligencias de D. Christovão de Moura, que distribuia por ella cédulas promissorias de grandes recompensas, havia conseguido assenhorear-se do Throno Portuguez, usurpado á Serenissima Casa de Bragança, a quem de direito pertencia, e desejando popularisar-se, tractou de remir o cadaver d'El-Rei D. Sebastião, seu sobrinho, e os Portuguezes captivos em Africa, e com elles voltou á patria o nosso Diogo Bernardes.

Passado o primeiro alvoroço de vêr-se livre de ferros, e no meio dos seus patricios, e amigos, sentiu Bernardes bater-lhe á porta a mão ferrenha da necessidade. Pobre, e arruinado de saude, pelo muito, que padecêra no captiveiro, que al podia elle fazer, que recorrer á beneficencia, e protecção dos amigos, e fidalgos, que n'outro tempo o festejavam, acolhiam, e louvavam os seus talentos ? Mas os amigos depreça se cançam, e os grandes, prodigos de boas palavras, raras vezes se tornam em effectivos proctectores do homem de engenho, que a elles recorre na indigencia.

Da Ecloga XVI. só deprehendo que Diogo Bernardes recorreu a dous homens mui poderosos naquelle tempo,

Francisco de Sá, e D. Christovão de Moura, a fim de alcançar um emprego em recompensa dos seus serviços.

BICITO.

Huma couza de ti saber queria,
Ou muitas, si tu mais vagar tiveras,
Mas deixemos das mais a demasia.

Quaes são esses amigos, em que esperas
De tornar desta vez avantajado
Correndo novos Mundos, novas eras?

BIEGO.

Sam dois, e para mais hir confiado,
Hum tem de Christo o nome, outro daquelle
Que foi das suas chagas assignado.

Ambos tanto favor alcansam delle,
Que comtarte não posso os seus louvores
Por mais que nisso cance, e me desvelle.

Ambos sam hum refugio dos Pastores,
Ambos por amar todos sam amados,
Dos grandes, dos meãos, e dos menores.

Ambos por serem nisso doutrinados
Repartem a cada um como merece
O passo no bom campo, ou nos montados.

Amor, nem desamor, nem interesse
Os torce dos caminhos da verdade,
A justiça, a razão nelles florece.

Ambos esteios sam da nossa idade
Trabalhosa por certo, ambos espelho
Da sã prudencia amigos da bondade.

Usam do mando seu com tal conselho
Que quem os nunca vio, os louva, e ama,
Pois que fará um seo amigo velho?

Emfim que destes dois bem tem a Fama
Que contar por mil bocas annos mil,
Que por tantas se diz, que a voz derrama.

BICITO.

Lembra-me que por Março, e por Abril
Já desses dois Pastores me contaste
Encerando de novo o Arrabil.

Que posto que quem sam não declaraste,
Seo nome vai vôando pelo Mundo.
Sem do tempo temer nenhum contraste.

O primeiro, olha tu si bem me fundo,
De Christo ser Christovão se deriva,
Por certo que Francisco he o segundo.

BIEGO.

Bofé, que tens mui gran maginativa,
Hum nome tem, tem hum por sobrenome
Moura, tem outro Sá de casta altiva.

Qualquer pois destes dois que a cargo tome
Pinchar-me na piscina, como espero,
Tu me verás bem são do mal da Fome.

Bernardes tinha razão de esperar-se na protecção de taes dous homens, então de grande valia em Portugal, e com especialidade na de D. Christovão de Moura, que como grande Privado do Usurpador podia tudo; mas sem embargo disso o nosso Poeta houve de contentar-se com o officio de *Moço da Toalha*, que exerceu durante todo o tempo da governança do Cardeal Alberto, Vice-Rei de Portugal por Filippe II.

Creio que foi neste tempo que Bernardes mudou de estado, casando com uma senhora de distinta extracção, mas de que a Historia nos não transmetiu o nome; mas é certo que destrahido por este casamento abandonou por algum tempo o culto das Musas, como elle proprio assevera na Carta XXIV. a D. Manoel Coutinho.

Passou aquelle tempo, em que sohia
Cantar versos alegres, e suaves
Junto do Patrio Lima á sombra fria.

Carregaram em mim cuidados graves,
Depois que me entreguei ao Hymeneo,
Que fecha a Liberdade com mil chaves.

Ando das brandas Musas tão alheo
Tão longe da Hyppocrene, e do Parnaso
Tão sumido nas agoas do Letheo.

Que tenho pouco gosto, e menos aso
Para poder formar hum culto verso,
Si não sahe da penna algum acaso.

Que os ultimos annos da sua vida se passaram no meio das privações, e da pobreza, é facto, de que não póde duvidar-se á vista das suas obras, em que solta repetidos queixumes contra a sua sorte; basta citar o seguinte trecho da Carta ao Marquez de Castel-Rodrigo, D. Christovão de Moura.

A muito não se estende o meo dezejo;
 Não presumo de mim que em vaso estreito
 Recolher possa o Douro, o Lima, o Tejo.

Só a poder viver tenho respeito;
 Antes que em mór miseria a vida caia,
 Com pouco fica o Pobre satisfeito.

.....
 Descuido, ou maior falta inda seria
 Faltar-me em regia caza pão, e panno
 Como quando servi em Berberia.

.....
 Fazei conta, Senhor, que El-Rey me empresta,
 A mercê, que por vós, delle pertendo,
 Por que de vida já pouco me resta.

Semilhantes queixumes foram em diversos tempos repetidos por grandes Poetas, e com exito igualmente infructuoso, Camões, Santos e Silva, Bocage, e muitos outros pereceram de miseria no meio de uma nação desprezadora das Artes, e que em tantos seculos de duração inda não teve uma epocha notavel pela protecção das Letras, e auxilio dos seus cultores. Vêja-se tambem a Carta XXVII. a D. Gonçalo Coutinho, a que dirigiu ao Licenciado João Pimenta seu sobrinho, a Jorge Baccarrau, e finalmente todas as que escreveu aos seus amigos intimos, nas quaes se não cança de pintar energicamente a differença dos ultimos tempos da sua vida, comparados áquelles, que os haviam precedido; e com tudo Bernardes tinha serviços, que alegar como soldado, pois combatêra valorosamente, e derramára seu sangue na batalha de Alcacer Quibir, e gemêra por alguns annos na escravidão dos Barbaros.

Da Carta XXX. a Gaspar de Sousa, sobrinho de D. Christovão de Moura, se conhece que Diogo Bernardes havia formado o projecto de colligir, e publicar as poe-

sias dos seus contemporaneos, que vagavam dispersas, e ineditas por mãos de alguns curiosos.

Si vêjo, como espero, responder-me
De maneira que possa a mais quieto
Com as Musas em ocio recolher-me.
De juntar os bons versos vos prometto
Dos Poetas insignes Lusitanos,
Approvados por Phebo em seo Decreto.

Deve ser objecto de grande magoa para os amadores da gloria Literaria deste reino, que Bernardes por falta de protecção não podesse desempenhar este projecto, visto que taes poesias eram nada menos que as de Sá de Miranda, Camões, Ferreira, Caminha, Antonio de Castilho, e muitos outros, cujos escriptos pela maior parte se perderam, ou se imprimiram posthumas muito tempo depois, e Deos sabe com quantas faltas, e alterações, que as deturpam, e desfiguram.

Illudido pelas promessas dos Grandes, rodeiado de desgostos, e de privações, e atido quasi aos restos do escasso patrimonio, que herdára de seu Pai, entregue ao cultivo das Letras, e ás praticas de devoção, ultimo conso-lo, e refugio dos desgraçados, quando o seu coração se comprime, e murcha na desventura, passou Diogo Bernardes o derradeiro periodo da sua existencia, até que a morte veio cobrar d'elle o feudo irrimissivel, em Lisboa, em 1596, e foi sepultado na igreja de Santa Anna, então Freguezia, em jazigo proximo áquelle em que Luiz de Camões jazia desde o anno de 1579.

As poesias de Diogo Bernardes não foram publicadas por elle, á excepção do *Lima*, que sahio á luz no mesmo anno do seu fallecimento, impresso em Lisboa, formato de quarto; e esta circumstancia pôde ser sufficiente desculpa da falta de boa classificação, e das muitas negligências, que se encontram em quatro volumes publicados por Editores, em diferentes annos, a saber
Rimas varias, Flores do Lima. — Lisboa, 1597, em 8.^o
Rimas Portuguezas, e Castelhanas. — Lisboa, 1601, 8.^o
Varias Rimas ao Bom Jesus. — Lisboa, 1616, 8.^o
Rimas Devotas. — Lisboa, 1622, 8.^o

Não foram porém só estas as obras, que Diogo Bernardes deixou. Em um Cancioneiro, que se conservava na livraria do Cardeal de Sousa, em manuscrito, e que se consumiu no incendio subsequente ao Terramoto de 1755, existiam de Bernardes cento e dezeseis Sonetos, vinte e seis Eclogas, cinco Cartas, quatro Canções, e uma Ode, que Diogo Barbosa Machado, na sua Bibliotheca Lusitana, affirma ter elle proprio visto, e examinado.

As poesias de Bernardes, que possuímos impressas, consistem em Sonetos, Canções, Eclogas, Epistolas, Elegias, Epigrammas, Cantigas, Vilancetes, Sextinas, Voltas e outras Trovas no gosto da antiga poesia nacional. Parte destas obras sam escriptas em lingua Castelhana, parte espirituaes, e parte profanas.

De todas estas poesias as peiores sam sem dúvida as de devoção, os Poetas Portuguezes, e com especialidade os antigos, raras vezes encontram o lado poetico do Christianismo, e por isso as suas poesias sacras não passam de orações em verso, antiphonas, jaculatorias, e respondos, escriptas em estylo prosaico, e quasi sem sabor de poesia.

Para maior desgraça, Bernardes escreveu estas poesias, ou no meio do desalento, e oppressão de espirito, provenientes do seu captiveiro em Berberia, ou nos seus ultimos annos, quando com as forças se lhe ia tambem esmorecendo o estro, e já se vê, que estas duas circumstancias não podiam ser favoraveis para a perfeição destas composições. Bernardes contenta-se de recordar a graça inexaurivel do Redemptor, a sua misericordia, o muito que o peccador deve affligir-se pelo haver offendido, o medo das penas eternas, e outros semelhantes topicos, que ainda que se revistam de phrases poeticas, não podem arrebatrar a imaginação, e eleva-la ás regiões do sublime.

Com esta poesia de Cartilha junta Bernardes, em alguns Sonetos á Virgem, certa tinctura de amor romantico, que dá bastantes visos de puerilidade, tal é o seguinte

SONETO.

Oh Virgem bella, e branda, quem já vira
Este coração meu tão inflamado
Em vosso doce amor, que outro cuidado
Outro querer em si não consentira !

Oh quem azas me dera que subira,
Das aflicções humanas desatado,
A tão seguro, e venturoso estado
Onde em vão não se chora, nem suspira.

Em tanto como pode dezejar-vos
Sem culpa, quem reparte o seo dezejo.
Tudo devido a vós sem faltar nada.

Tal vos vêjo, Senhora, e tal me vêjo,
Que sei de mim que não mereço amar-vos,
Merecendo vós só de ser amada.

Se algum Editor de Bernardes imprimindo este Soneto substituisse no principio do primeiro verso a palavra *Virgem* pelo nome de *Nise*, ou de *Laura* estou certo de que nenhum Leitor suspeitaria que estava lendo um Soneto espiritual.

Peior acontece ainda quando os sentimentos de Bernardes se exprimem nas trovas do antigo estylo, é então, que os seus pensamentos se tornam mais pueris, e a sua expressão mais prosaica como acontece nestas cantiguinhas de cego dirigidas á sua alma.

Alma minha, oh alma
De ti esquecida,
Por que dás á vida
De ti mesma a palma !

Ella te maltrata,
Tu traz ella corres,
Por que tanto morres
Pelo que te mata ?

Quanto só deseja
 Quanto se procura,
 Dou-lhe que se vêja,
 Que vale o que dura?

Não sei d'onde vem
 Desconcerto tal,
 Trocar certo bem
 Por mui certo mal.

Será isto poesia? Serão isto versos, que mereçam tal nome?

Entre estas obras devotas ha trez Poemas em oitavas ryma *As Lagrimas de S. Pedro, As Lagrimas de S. João Evangelista, e Santa Ursula*. Nos dous primeiros ha muita affectação, conceitos, torcadilhos, mas nada que tenha sabor de poesia: para se julgar do modo por que sam escriptas citarei as seguintes Estanças das Lagrimas de S. João, que assim mesmo valem mais, que as de S. Pedro.

Mas já que a minha dôr não pôde tanto,
 Oh amor da minha alma, oh meu Senhor,
 Que rompa desta vida o carnal manto,
 Como não morro eu de puro amor!
 Disto corrido estou, disto me espanto,
 Inda que de crêr he, meo Redemptor,
 Que com amor penando me detendes,
 Por que mereça, amando, o que me tendes.

Com tudo nesta triste despedida
 A vida, que de vós, Senhor, se parte,
 Leva comsigo o bem da minha vida,
 E de minha alma leva a melhor parte,
 A qual anda comvosco tão unida,
 Que vos seguirá sempre em toda a parte,
 Que não pôde appartar tempo, nem morte
 O que juntou amor muito mais forte.

.....
 Os Pais destes crueis, des que sahiram
 Da dura sugeição d'Egyptianos,
 Falta, por mercê vossa, não sentiram

Duraram-lhe os vestidos quarenta annos,
E dos vossos os filhos vos despiram,
Si filhos estes sam de Homens humanos,
Nessa Cruz vos pregaram nú, e pobre,
Huma toalha nella só vos cobre.

Corrido de um oprobrio tão esquivo,
Esconde o claro Sol seos raios de ouro,
A Terra, sem ter mais outro motivo,
Treme, o Leão urra, e brama o Touro;
E eu que vivo em vós, e em mim não vivo,
Morrendo vós assim, como não morro?
Que maravilha é esta tão estranha?
Que vida sem a minha me acompanha?

A' vista destas Estanças, forçoso é confessar, que o estylo de Frei Jeronymo Vahia, e de Antonio da Fonseca Soares, é muito mais antigo do que se pensa; a differença está só em que estes dous Poetas nunca versificaram tão prosaicamente.

O Poema de Santa Ursula é na verdade producção de outra ordem, e merito poetico, posto que não seja um modêlo do genero; porém Manoel de Faria e Sousa intentou por elle a Diogo Bernardes um processo de pelagiato, accusando-o de o haver roubado a Camões, cujo era, dando-o por seu, com pequenas alterações para peor. E pretendeu provar o facto com grande apparato de razões.

Esta opinião foi perfilhada pelo meu amigo José Victorino Barreto Feio, na edição das obras de Camões, que publicou em Hamburgo, e que é a melhor, que se tem feito até ao presente. Não posso deixar de accommodar-me com o parecer destes eruditos, porque vêjo que o Poema de Santa Ursula, pelo estylo, e pela versificação é muito superior a quanto podia esperar-se de Diogo Bernardes. Voltaremos ao assumpto quando se tractar das Eclogas.

Bernardes me parece muito mais feliz nas Elegias, do que nas Canções, nos Sonetos, e outras poesias lyricas. Entre ellas creio que se deve distinguir a seguinte, composta em Berberia, para desaffogar as saudades da patria, e deplorar a malaventurada expedição de Alcacer,

motivo do seu captiveiro. Esta Elegia é um Poema quasi perfeito no seu genero.

ELEGIA.

Sobre hum alto rochedo em Berberia
O sem ventura Alcido se sentava,
Quando o cruel Senhor lho concedia.

Ali seo fraco corpo repousava,
O trabalho do seo cansado espirito
Naquelle vão repouzo se dobrava.

Em suspiros emvolto, choro, e grito,
Soltava pelos ares estrangeiros
O mal, que na sua alma estava escrito.

A vista dos fructiferos outeiros,
Dos cristallinos Lagos, e das Fontes
Fazia de seos olhos dois Ribeiros.

Lembravam-lhe outros valles, outros montes,
Outras agoas mais claras, outros Rios,
Outros mais affastados horisontes.

Lembravam-lhe outros bosques mais sombrios,
Verdes no frio inverno, e abrigados,
E quando o Sol mais arde então mais frios.

Lembravam-lhe outros mais floridos prados,
Outros ares mais leves, mais suaves,
A' vida humana mais accomodados.

Lembravam-lhe outras feras, outras Aves,
Outras hervas, e flores, outras plantas,
E outros pensamentos menos graves.

Emfim que suas magoas heram tantas
Quantas naquella parte as causas heram,
Que de muitas não posso dizer quantas.

Hum dia, que mais largo espaço deram
Os vis trabalhos seos, a seos queixumes
Os echos com som novo responderam.

Os asperos, incultos, altos cumes,
Não de nocivas Feras habitados,
Mas de gente de mais feros costumes.

E os valles, inda apenas cultivados,
Mostravam desusado sentimento
Os accentos ouvindo desusados.

- “ Si lá, onde amor leva o pensamento,
“ Tristes suspiros, (disse) vos levasse
“ Algum não amoroso, e brando vento,
“ Não sinto, coração, que vos negasse
“ Amor, e Saudade, o que comigo,
“ Inda que de tão longe, não chorasse.
“ Mas este alpestre monte, duro imigo,
“ Onde ninguém de mim se move á magoa,
“ O vento não vos quer levar comsigo.
“ Pelas concavidades desta fragoa,
“ Sereis confusamente repetidos,
“ Em quanto a dôr tirar dos olhos agoa.
“ Quantos longe daqui tenho perdidos
“ Foram, inda que tristes, venturosos,
“ Por serem, quando menos, entendidos.
“ Nos antros d’outros montes cavernosos
“ Em peitos, onde nunca entrou brandura,
“ Moveram mil affectos amorosos.
“ Ah vida no melhor menos segura !
“ Quem podia cuidar quando cantava,
“ De Silvia a peregrina formosura,
“ Quando da prisão d’alma me queixava,
“ Que já divina mão cá nesta parte
“ Estes pesados ferros me forjava.
“ Mas pouca rasão tenho de culparte,
“ Porque, sendo de Phebo, e de Cupido,
“ Hum, e outro deixei por seguir Marte.
“ Não choro quanto a mim vêr-me perdido ;
“ Choro que vi perder em breve espaço
“ Hum Rey tão belicoso, e tão temido.
“ Na ventura lhe foi o Ceo escasso,
“ Tanto quanto em esforço liberal
“ O que bem nos mostrou seo forte braço.
“ Que nunca Scipião, nunca Annibal
“ Fizeram nos imigos tal estrago,
“ Mas emfim contra mil hum só que val ?
“ Vendo a Morte que dava justo pago,
“ A quem chegar-lhe perto não recêa,
“ Emviou-lhe de largo o mortal trago.

- “ Cahio na rubicunda, e ardente arca
“ O Lusitano Rey, e a lingoa fria
“ Deu o final suspiro em terra alhêa.
“ Vai-te, animoso espirito á companhia
“ D’outros mil, que por ti no Ceo esperam,
“ Vai-te á vida melhor, a melhor dia.
“ As azas, que, da Fama, se estenderam,
“ Teu nome espalharão pelo universo,
“ Como teus pensamentos pertenderam.
“ Eu triste, e só nos montes que converso,
“ Em quanto me durar a vida breve,
“ A ti darei meo pranto, a ti meo verso.
“ E não aliviará o tempo leve
“ A pezada tristeza, em que me vêjo,
“ Que si póde ser mór, mór se te deve.
“ Ai triste Río Lima, ai triste Téjo,
“ Quem vos tivera dentro do meo peito,
“ Para poder chorar quanto dezejo !
“ Que posto que me tem a magoa feito
“ De lagrimas amargas viva fonte,
“ Mais lagrimas me pede tal sugeito.
“ E tu, pues só me escutas, duro monte,
“ Si brando espirito algum dentro em ti mora,
“ Em pallida converte a verde fronte.
“ Ai triste Lusitania, triste chora,
“ Que nunca para choro eterno, e triste,
“ Tanta causa tiveste como agora.
“ Aquelle, que com lagrimas pediste,
“ Quando tão duramente a tenra vida
“ Do Principe seo Pay cortada viste.
“ Agora nesta sua despedida
“ De lagrimas te quiz deixar herdeira,
“ Ou inda a peor mal offerecida.
“ Mas o Ceo o permita de maneira
“ Que do teu rico sceptro Soberano
“ Se conserve a potencia sempre inteira.
“ Ah jornada infelice ! ah cégo engano !
“ Deixar tão rica terra, hir a destertos
“ Por livrar de hum Tyrano, outro Tyrano.
“ Ambos imigos nossos, ambos Perros

- " Ambos despresadores da Cruz Santa,
 " Ambos tinham hum culto, ambos mil erros.
 " Quem poem os olhos nisto não se espanta,
 " De permitir o Ceo castigo tanto
 " A descuido tamanho, a culpa tanta.
 " Dia cheio de dôr, cheio de espanto,
 " Em quanto o Ceo der luz, verdura os prados
 " Celebrado serás com triste pranto.
 " Morrestes, Cavalheiros esforçados,
 " Daquella multidão de bruta gente
 " Vencidos não, mas de vencer cansados.

Este terceto vale uma Elegia! É uma grande idéa expressada com força, e mesmo com sublimidade.

- " Soará vossa fama eternamente
 " Da callida Ethiopia ao Norte frio,
 " E donde o Sol nos nasce athe Poente.
 " O mar não tomará corrente Rio,
 " Que de choro não tenha o vaso chéu,
 " Sendo do Lusitano Senhorio.
 " Detem-te em seo materno tenro seo
 " As flores, e as rosas encerradas
 " Com dôr de quanto mal ás Nymphas véo.
 " As que sam a Diana dedicadas
 " E as que de Juno guardam os preceitos
 " De cá as véjo andar como pasmadas.
 " Ferem com branca mão os ternos peitos,
 " Descompoem suas transas de ouro fino,
 " Seus olhos em mil lagrimas desfeitos.
 " Rompem o Ceo sereno, e cristalino
 " Os suspiros mortaes, que á Saudade
 " Arranca de sua alma de continuo.
 " O Filho, que perdeo na tenra idade,
 " A magbada mãe suspira, e chama,
 " Movendo tudo em vão á piedade.
 " Por seo amado Pay magoas derrama
 " A innocente Moça em cuja vida
 " A sua consistia, e honra, e fama.

Magoas derrama não o diria de certo Ferreira, destas e de outras incorrecções, que frequentemente se encon-

tram em Bernardes, o exhortava elle para que se emendasse.

- “ E tu do teu amor já desunida,
- “ Oh tristissima Espoza, como, e quando
- “ A ti mesmo serás restituída ?
- “ O teu Esprito triste vai vôando
- “ Apoz do que se vai do Espozo caro
- “ Do corpo, que frio deixa, descuidando.
- “ O Sol, que nunca foi de luz avaro,
- “ Porque se vê de vós aborrecido,
- “ Não amanhece já formoso, e claro.
- “ O Téjo chora o seo valor perdido,
- “ O doce cristal seo corrente, e puro
- “ Em turvo, e amargoso, convertido.
- “ Ah vida, onde não ha gosto seguro,
- “ Quem menos de ti foge entende menos
- “ Quam pouco claro tens, e quanto escuro !
- “ Muito mais tempo duram nos amenos,
- “ E solitarios vales crespas flores,
- “ Do que duram em ti dias serenos.
- “ Em fonte de miseria, mar de dôres,
- “ Abismo de tristezas, e cuidados ;
- “ A quem dás mais de ti dás penas môres.
- “ Mas sinto reucos já, sinto cansados
- “ Os Echos de me ouvir, e responder
- “ Com meos accentsos tristes, magoados.
- “ E vêjo, o que fará por me não vêr ?
- “ Que vai transpondo aquellas altas fragoas
- “ O Sol pera nas ondas se esconder.

O Poeta queria, e devia dizer *fragas*, e não *fragoas*, que é cousa, como todos sabem, mui differente, mas precisava de um consoante para *magoas*, e *agoas*, e alterou assim aquelle vocabulo para valer-se em tanta necessidade.

*Fuerza del consonante a quanto obligas !
Haces que sean blancas las hormigas !*

- “ O que me força a dar já tregoa ás magoas,
- “ Tornando á prisão dura, antes que Phebo
- “ De todo apague sua luz nas agoas.

- " Forçado tornarei onde concebo
 " De novo novas queixas, novos gritos,
 " Onde com pão de dôr lagrimas bebo.
 " Por isso, felicissimos Espritos,
 " Em cuja vida, vida, e gosto tinha,
 " Vos deixo para mais altos Escriptos.
 " Mas porque não se acabe tão asinha
 " Esta alegria triste, sem ventura,
 " Mais sem ventura, e triste por ser minhg.
 " Primeiro que se cerre a noite escura
 " Escripta a deixarei, antes cortada
 " Com duro ferro nesta rocha dura.
 " Que pois não tem firmeza o tempo em nada,
 " Metido em tão cruel, e estranha Terra
 " Da minha natural tão appartada.
 " Aqui pôde trazer quem desta Serra
 " A leve á Lusitania vencedor,
 " De outra mais pera nós felice guerra.
 " Onde com magoa tal com tal amor
 " De tantos, tristes olhos será lida,
 " Que haste a renovar tamanha dôr,
 " Si já tamanha dôr fôr esquecida.

A Elegia V. emparelha com esta no merito do estylo, e lhe é superior pelos diversos movimentos patheticos, de que está cheia. Ora o Poeta lamenta o captiveiro em que se acha, ora lamenta o sangue portuguez inutilmente derramado naquelles arêaes barbaros, ora deplo-
 ra a morte d'El-Rei, ora rompe em invectivas contra quem lisongeando a sua ambição juvenil, o conduzio á aquelles perigos tendo conhecimento delles, ora em um transporte sublime apostropha as sombras dos companheiros, que combateram, e morreram valerosamente a seu lado, e inveja a fortuna que tiveram, em não ficar como elle prisioneiros dos Barbaros, e finalmente arroja seu pensamento atravez dos desertos, e dos mares, e contempla nelle as lindas margens do rio Lima, onde nasceu, que tanto celebrou nos seus versos, e porque suspira saudoso, e que tanto deseja tornar a vêr, restituindo á liberdade: não posso resistir á tentação de transcreve-la aqui para credito do Poeta, e para que os Leitores

vêjam a altura, a que havia subido, em alguns generos, a poesia portugueza neste seculo.

ELEGIA.

Eu, que livre cantei ao som das agoas
Do saudoso, brando, e claro Lima,
Ora gostos d'amor, outr'ora magoas,
Agora ao som do ferro, que lastima
O descoberto pé, choro captivo
Onde choro não val, ou amor se estima.

Cuido que me deixou a morte vivo
Vendo que não chegava seo tormento
A tormento tamanho, e tão esquivo.

Acabando co'a vida o sentimento
Ficarás escondido, oh dia triste,
Nas agoas do turvado esquecimento.

Oh Sol, como tua luz não emcobriste
Quando do Real sangue Lusitano,
As hervas, que secaste, humidas viste.

Que Libico Leão, que Tigre Hircano
Negará desusada piedade,
A lastima tamanha, a tanto dano?

Não te valeo, oh Rey, a tenra idade,
Não te valeo esforço, nem destreza,
Não te valeo suprema Magestade.

Das armas a provada fortaleza
Poderosa não foi pera guardar-te
Da mão de fogo armada de crueza.

Conjurou contra ti o fero Marte,
Vendo que sua fama escurecias,
Si vencedor ficavas desta parte.

Acabou, juntamente com tens dias,
Dó Lusitano Reyno a segurança,
Que tu estender tanto pertendias.

Dos teus na tua incerta comfiansa
Qual se enganou, se não do Imigo
O pelouro mortal, o alfangê, a lansa?

Cobriam com teu gosto o teu perigo
Estando teu perigo já tão claro,
A fim de não valer menos contigo.

Os Cortezãos não fallam verdade aos Reis, porque os Reis não gostam de ouvi-la quando se oppõem ás suas idéas, e aos seus desejos, então perferem engana-los, li-songeando-os, a cahir no seu desagrado, e perder o va-limento, com damno seu, e sem proveito de ninguem.

Fosse quem quer que fosse, oh Peito avaro,
A tua pertensão, em ar desfeita,

Bem fôra que a ti só custasse caro.

Diante do Juiz que não acceita

Ser nas palavras hum, outro no peito

Darás, si já não deste, conta estreita.

Esquecido do justo, e do respeito,

Deixastes cometer á sorte leve

O proveito commum por teu respeito.

Do innocente Abel exclaimar deve

O sangue, em terra imiga derramado,

Contra quem lhe encurtou vida tão breve.

Si fôras com bom zelo aconselhado

Não vieras com poucos buscar tantos,

Oh Rey, por nosso mal, tão esforçado.

Não sei, ainda que o suspeito, quem é a pessoa a quem Diogo Bernardes allude nestes versos; mas todo o mundo sabe, que não foi por falta de ser *com bom zelo aconselhado* que D. Sebastião foi enterrar em Africa a si, a gloria, e a independencia do reino. Não faltou quem lhe representasse os perigos; a que ia expôr-se, na impolitica expedição, que meditava. Todos os fidalgos velhos, e versados nas guerras da Mourisma lhe fallaram com verdade, e franqueza no Conselho de Estado, mas elle fanatisado pelos Jesuitas, que machinavam sua perda, desatendeu as suas discretas razões, e só deu assenso ás bravatas dos fidalgos moços, que nunca tinham visto a guerra, e se julgavam capazes, e bastantes para contrastar com o mundo inteiro; a sua fé nos Padres da Companhia, que lhe prophetisavam a victoria, o cegava a ponto, que um dia que o Duque d'Alba, D. Fernando de Toledo, a quem os mesmos, que o creminam da barbaridade, com que assolou os Paizes Baixos, não negam a gloria do maior General do seu tempo, e cujo voto, em cousas de guerra, de-

via merecer toda a attenção, o dissuadia de commettimento, que progetava, demonstrando-lhe a insufficiencia dos meios, de que podia dispôr para ella; elle o interrompeu no meio do seu arrazoado perguntando-lhe, em ar de zombaria, « *Duque, de que côr é o medo? — Da prudencia, Senhor,* » respondeu o austero Veterano, e logo deu por trabalho vão o querer dissuadir da sua empresa temeraria um Principe que não ouvia conselhos, nem attendia raciocinios.

Oh cégo entendimento! em vez de quantos
Tropheos, nesta empresa prometeste
Que vimos senão mortes, senão prantos?

Não só prodigamente enriqueceste
Com despojos reaes o pobre Mouro,
Mas inda nossa fama escureceste.

Os que pertendem palmas, e os que louros
Na batalha cruel, feia, e sanguenta,
Com ferro se guarnecem, não com ouro.

A vista do que tanto nos contenta
A pérola, e a pedra reluzente
As forças dos Imigos accrescenta.

A riqueza vencida no Oriente
Veio, n'hum dia só, por varia sorte
A vencer cá a vencedora Gente.

Cahio o fraco ali junto do forte,
Não houve d'alto a baixo differença,
A todos igualou a dura morte.

Logo como do Ceo teve licença,
Sem esperar mais termo natural,
Cumprio a cada hum sua sentença.

Oh illustre valor de Portugal,
Quem podia cuidar perda tamanha?
A quem não abrangéo tamanho mal?

No gran campo que o turvo Lucos banha
O ar vos deixam só por cobertura!
Que não vos quiz cobrir a terra estranha,

E ainda por ser mór a desventura,
As Feras com as Aves carniceiras
Vos deram em seus ventres sepultura.

Mas vós, Espritos puros, nas Cadeiras

Da gloria merecida, a que subistes
Dá-vos pouco das honras derradeiras.

Não tendes que temer successos tristes.
A que vos obrigava a humana ley,
Estando na prisão, de que sahistes.

Oh amigos, com quem me aventurei,
Com quem fui, sem ventura, aventureiro,
Sempre, pois vos perdi, triste serei.

Sendo no fero assalto companheiro,
A vós pôz-vos no Ceo o fim da guerra,
A mim em miseravel captiveiro.

Bem vêdes qual o passo nesta Serra;
Inda que não é justo que véjaes
Terra, que vos negou tão pouca terra.

Terra, que quanto nella choro mais,
Tanto mais com meo choro se endurece
E menos move a dôr seus naturaes.

Tudo o que nella vêjo me emtristece,
Triste me deixa o Sol em trasmontando,
Triste me torna a vêr quando amanhece.

Sempre com humor triste estou banhando
O pé deste soberbo alto Rochedo,
Que minha dôr está acrescentando.

Dôr tenho de o vêr sempre estar quedo,
De vêr correr as agoas tenho inveja,
Porque podem no mar entrar mais cedo.

E porque minha dôr muito mór seja,
A vista me detem daquella banda,
Que tanto esta alma triste vêr deseja.

Com suspiros, que lá continuo manda,
N'outra parte abrandára bravas Feras,
Aqui peitos humanos não abranda.

Ah desventura minha, se quizeras
Já desviar de mim tua crueldade,
Na terra onde nasci morte me deras.

Não entre fera gente, em tal idade,
Que sem afronta minha me obrigava
A viver em soccoço, e liberdade.

A Patria, a quem devido louvor dava
Por ti me foi contraria, e odiosa,
Tanto que della já me desterrava.

Mas nunca deixará de ser formosa;
No meo atribulado pensamento;
A ribeira do Lima saudosa.

Não causará em mim esquecimento,
Inda que tem virtude de esquecer,
O teu brando, e suave movimento.

E si, por dom do Ceo, tornaria vên
A sua verde relva, a branca areia
Livre, que lédo já não pôde ser.

Da batalha cruel, da morte fêa
Darei em triste carne larga copia;
Chorando com tal dôr a dôr alheia,
Como captivo choro a minha propria.

Nas Elegias de amores, ou eróticas, encontram-se com frequencia excellentes trechos, taes sam estes da segunda Elegia das Rymas Varias.

Agora, que Mavorte está movendo
Os brandos corações á dura guerra,
Iroso fogo nelles accendendo,

Agora, que de Jano se não cerra
O Templo á santa Paz offerecido;
Estimado no Ceo, pouco na Terra,

Agora, que Neptuno embravecido
Por mais soberbas ondas, que levante,
Navegado se vê, e não temido,

Agora manda Amor, Silvia, que cante
A tua peregrina formosura,
Que della tema só, que só me espante.

Nesta verde, e solitaria espessura
Onde não sôa estrondo bellicoso
Do tiro, que não pára em armadura.

Onde com dôr não vêja o cubicoso
Vender a cara vida tão barata
Por ser d'ouro, e de fama cubicoso.

Onde nunca se cuida, nem si trata
Sinão de forças, roubos, crueis mortes,
Onde a divina ley se desacata.

Onde temendo estam the peitos fortes
Ouvindo o som, que ao fero assalto chama,
Receosos então de suas sortes.

Onde o ferro, onde o fogo se derrama
 Por campos, e por Villas, e Cidades,
 Das quaes apenas fica o nome, e a fama.

Onde não vêja em fim mil crueldades
 Usadas dos que vam seguindo Marte,
 Em todo o sexo, em todas as edades.

Mas vêja em logar disto a fresca parte
 Que vai regando o Lima claro, e puro,
 Saudoso da fonte, d'onde parte;

Onde logre do bosque verde, e puro
 A sombra fresca, a fria herva miuda,
 Onde dorme o Pastor livre, e seguro.

E delle ouvindo esté a flauta aguda
 Namorada porém, cujo som brando
 Ora a cantar, ora a chorar me ajuda.

Mas que direi de ti, Silvia, cantando,
 Formosissima Silvia, que direi,
 Que vá meo canto a teu valor chegando?

Onde palavras novas acharei,
 Onde estilo, que possa saber tanto?
 Cante por mim Amor, pois eu não sei.

.....
 Os teus olhos d'Amor tiros dourados,
 Cuja doce ferida me consume,
 Como poderão ser de mim cantados?

.....
 As Flores pera ti mais cedo crescem
 As agoas em te vendo correm brandas,
 Os dias mais formosos amanhecem.

Si tu nos prados, si nos bosques andas,
 Ali nunca falesce a Primavera,
 Ali toda a aspereza logo abrandas.

As arvores ali cingidas de Hera,
 Convidão a cantar mais docemente,
 Quem fiar do Cunhado não devera.

D'ali, ou onde quer que estés presente,
 Toda a dôr e toda a magôa se desvia,
 Todo o goso da vida ali se sente.

On estes extrahidos da Elegia III. do mesmo volume.

Busquei remedios mil, busquei enganos,
Para emcobrir meo mal, tendo respeito
A não vos dar materia a desenganos.

Mas tudo foi trabalho sem proveito,
Que em fim Amor, que resistido cresce,
Já não sofre em silencio estar no peito.

Comigo a vós, Senhora, se oferece,
Si nisto vos agravo, ou vos offendo,
Porém culpa de Amor perdão merece.

Quisera, desque sube conhecer-me,
Em vós occupar tanto a phantasia,
Que de mim mesmo viera a esquecer-me.

Em vós cuidar continuo noite, e dia,
Sentir por vós prazer, por vós tristeza
Por vêr si com constancia vos movia.

Mas não canse esta mostra de firmeza,
D'hum peito, que por brando he tão louvado
Com novo damno meo, nova crueza.

Da seta de ouro puro traspassado,
Remedio pera a vida buscar venho,
Que em vós pôde sómente ser achado.

Porque força não val, não val engenho
Nem hervas, nem palavras tem virtude,
Pera curar a dôr, que n'alma tenho.

Hums olhos sós me podem dar saude,
E sam os vossos; si me não soccorrem,
Venho a morrer por quem viver não pude.

Ditosos sam os tristes quando morrem,
Começando a ser tristes, pois não sentem
Quam de vagar grandes tristezas correm.

Como é terna, e poetica esta exclamação na Elegia V.
do mesmo livro!

Que dia largo, ou breve se passava?
Que podesse passar quietamente,
Si a luz de vossos olhos me faltava!

Hera neve ante vós, e fogo ardente,
Sem pertender mais gosto para mim,
Que aquelle de que vós fosseis contente.

Mas ai quam diferente foi o fim,
Do bem imaginado no começo,
Por onde em tal extremo a parar vim!

Vida pera tal vida não vos peço,
Morte pera tal morte qual me mata,
Si ma quiserdes dar, eu a mereço.

Porque com dór a lingua se desata,
E com rasão, vos chama ou sem rasão,
Fementida, cruel, soberba, ingrata.

Por isso acabai já vossa tenção,
Fazei o que vos pede o vosso gosto,
Cumpri com vossa altiva opiuião.

Os Sonetos profanos de Diogo Bernardes sam muito superiores aos seus Sonetos espirituaes; delles pôde apontar-se alguns dignos de muito apreço, tanto pelas idéas, como pela expressão, posto que nenhum delles seja para emparelhar com os bons, que não sam poucos, de Luiz de Camões, que em todos os modos de poetar deixou muito atraz de si a todos os seus Contemporaneos. O Leitor julgárá pelos que lhe aqui apresentamos.

SONETO.

Poem-me onde queima o Sol toda a verdura,
Ou onde seo ardor a neve esfria;
Poem-me onde pelo meio o carro guia,
Ou onde cobre, ou mostra a luz mais pura.

Poem-me ou em baixa, ou prospera ventura,
No sereno da Lua, ou na sombria,
Escura noite, em longo, ou breve dia,
Em sasão inda verde, ou já madura.

Em valle, em monte, em agoa, em fogo, em ar,
Nas Estrellas me poem, ou no profundo,
Esprito leve, ou inda á carne atado.

Com nome escuro, ou claro em todo o Mundo
Serei qual fui, não deixarei d'amar,
A quem amei thegora desamado.

SONETO.

Desaparecem já, por mais que estendo
 Os tristes olhos de chorar cansados,
 Os campos de mil flores matizados
 Por onde o branho Téjo vai correndo.

Inda delles agora estive vendo
 Hums brancos, e hums verdes retalhados,
 Dos rodeios das agoas descuidados,
 Que me fazem de mim hir esquecendo.

Pois que será passando aquelles montes!
 Que valles hirei vendo, e descobrindo,
 Que tristes, e abafados horizontes!

A pena, que já disto vou sentindo,
 No meo ardente peito novas fontes
 De lagrimas correntes vai abrindo!

O Soneto trinta e dous respira um profundo sentimento de saudade, e melancholia.

SONETO.

Verdes, e baixos valles, alta serra,
 Duras, e solitarias penedias,
 Correntes agoas, frescas fontes frias,
 Testemunhas do mal, que em mim se enserra,

De suspiros o Ar, de pranto a Terra
 Encho, vós o sabeis, silvas sombrias,
 Onde chorando vou noites, e dias,
 Saudades de Amor, de Ausencia a guerra.

Si vosso natural só de si move
 A triste sentimento os mais contentes,
 Que sentirão os tristes de saudade?

Ah! não vos espanteis que em vós renove
 Saudades passadas, e presentes,
 Pois tudo o que em vós ha ha saudade.

Eis-aqui outro que se assemilha muito pelo estylo aos de Camões.

SONETO.

Com seo cabello louro destacadado
 Dos braços de Thitão se despedia.
 A vergonhosa Aurora, e vinha o Dia.
 D'alvas, e roxas flores coroadado.

Nos Lyrios, e nas mais hervas do prado
 Na pura rosa, que inda então abtia,
 Aljofar derramado parecia.
 O celeste rocio derramado.

Quando de hum alto monte á mesma Aurora,
 Que já passava o Gange presorosa,
 Gritou Delio Pastor de madrugada :

« Ah Filha de Thitão não saias fora
 » Si não queres ficar mais vergonhosa
 » Vendo Marilia mais avantajada »

Pela semilhança do estylo, e pela lembrança de outros plagiatos, que se dizem feitos por Diogo Bernardes a Camões, talvez alguém se pressuada que o Soneto é deste ultimo: deve porém observar-se, que Camões não era homem que dissesse que a Aurora *sahia dos braços de Thitão*, e que no mesmo Soneto lhe chamasse *filha de Thitão*; os genios daquella ordem não cahem em taes contradicções.

As Canções de Diogo Bernardes não tem o movimento lyrico, nem a linguagem apaixonada, nem os vãos sublimes, que admiramos nas de Petrarcha; tambem se não parecem com ellas no corte dos ramos, que de ordinario sam menos extensos em Bernardes, nem na travação dos versos, que neste Poeta sam ao contrario do uso daquelle mais numerosos os septenarios, que os hendecasyllabos. O estylo de Bernardes nas Canções é gracioso, corrente, facil, mas ás vezes tão singello, que apenas se lhe encontra poesia.

CANÇÃO.

Inda que pouco dito,
Amor, thegora temos
Dos claros olhos d'onde *acceso accendes*
Em fogo o meo Esprito ;
Rasão é que cantemos
Dos laços de ouro d'onde *preso prendes*.
Amor, tu bem entendes,
Que dos cabellos digo
Do novo *Sol da Terra*,
Que nesta dura guerra
Nelles prendes a ti, e a mim contigo.
Por isso não me *culpes*
Nem menos *te desculpes*.

No puro ouro encrespado
Te vi como tecias
Huma formosa rêde, onde ficaste
De *pés, e mãos atado*,
Que tal me deixarias
Quando tu a ti mesmo te enlaçaste ;
Ali de novo ataste
A Liberdade minha,
Podendo ser n'hum só,
Em cada hum seo nó,
Lhe deste sobre quantos d'antes tinha.
Preso fiquei ali,
Ali preso te vi.

Oh prisão branda e forte !
Em vós estando emvolto
De tantos gostos tenho sentimento,
Que si por varia sorte
De vós me visse solto
Seria pera mim grande tormento.
De vós o pensamento
Nunca jámais se parte
Oh laços d'ouro puro !
Em vós está seguro,

Em mim perdido sempre, e em toda a parte
 Onde quer que se veja
 Que fóra de vós seja.

Si por alta ventura
 Derramados vos véjo,
 Ou entre varias côres recolhidos
 A rara formosura
 Vossa cantar dezejo
 Com versos pera vós mais escolhidos,
 Mas ficam meos sentidos
 De mim tão apartados.
 Em vós tão enlevados
 Que não sei mais que vér-vos
 E com os olhos, sem fallar, dizer-vos,
 Que soltos me prendeis,
 E presos me vendeis.

Não se pagam, Cantíga, taes cabellos
 De louvores tão breves.
 Mais do que sam, lhe devés.

Teria muita curiosidade de saber se Bernardes havia mostrado esta Canção a Ferreira; desejava saber se elle lhe approvára algumas cousas, que nella estão, como por exemplo « *preso prendes, accezo accendes, Sol da Terra, culpes, e desculpes, de pés, e mãos atado* » mas é impossivel que aquelle Censor severo, aquelle Poeta tão classico, tão escrupuloso na escolha de idéas, e das expressões, que preferia a correção, e a elegancia a tudo, se contentasse com estes jogos de palavras, e trivialidades de expressão; é mais verosimil suppor, que Ferreira não vio tal Canção, ou que fóra escripta depois da sua morte.

O mesmo caracter se observa na Canção primeira deste Volume:

Amor, pois me emflamaste
 No teo mais vivo fogo,
 Onde o melhor de mim arde, e se apura,
 Pois nova luz mostraste
 A meos olhos, meo rogo
 Ache piedade em ti, ache brandura;

Daquella formosura
 Na terra peregrina,
 Do Ceo mais natural
 Com estilo immortal,
 Segredos altos a cantar me ensina.
 Tu minha voz levantas,
 Em mim, tu della canta.

Cantar de tal belleza,
 Amor, he gloria tua,
 Que tu não tens mór honra, nem mór gloria:
 Humana Natureza
 Na bella fórma sua
 Lhe quiz das mais formosas dar victoria:
 Qual digna de memoria
 Se vio na edade de ouro?
 Qual na de ferro, nossa,
 Que comparar se possa
 A esta por quem eu tão lêdo mouro,
 Que estimo mais tal morte
 Que huma felice sorte?

Levanta com som novo,
 Amor, este meo canto
 Do seo natural proprio baixo, e rudo,
 Sente, por quem me mouro
 Não posso dizer tanto,
 Que em fim não fique em tal sujeito mudo
 Si não cantar de tudo
 Como desejo, ao menos
 Tão docemente canto
 De vós, que o Mundo espante
 Olhos sobre o mortal curso serenos:
 Mas sendo de vós visto,
 Quem se hade espantar disto?

Si vós eterna Fama
 Em versos de vós dinos
 Quereis deixar entre a futura Gente,
 A luz, que o Ceo derrama
 Em vós, olhos divinos,

A mim volvei mais amorosamente,
Que logo em diferente
Estillo, do que ouvio
Té gora o Lima, e Téjo,
A beleza, que vêjo
Em vós, nelle verá quem vos não vio :
Tanto no lume vosso
Meo canto appurar posso.

Em quanto a sorte esquiva
A tanto bem resiste,
Em quanto não sentirdes o que sinto,
Que póde alma captiva
Mais que em silencio triste
Mostrar que sente o que no rosto pinto.
E pois na dôr consinto,
Por vêr d'onde nasceo,
Formosos olhos claros,
Não me sejaes avaros,
Olhai qual liberal vos foi o Ceo
Da luz, que me negaes,
Que não vos peço mais.

O que me parece melhor nestas Canções, na verdade
mediocres, é o serem mui breves. Ha porém uma, é a
quarta, em que o Author parece que teve em vista imi-
tar o estylo de Jorge de Montemaior, e em que me parece
haver maior merecimento poetico.

CANÇÃO.

Desertos montes, valles saudosos,
Montanhas altas, penedias graves,
Por onde andar me faz minhá ventura,
Arvores, que dos vôos trabalhosos
Certo repouso sois ás livres Aves,
Dos tenros Filhos seos guarda segura ;
Si da mór formosura,
Que neste Mundo vi,
Tão triste me parti
Que farei neste vosso appartamento

Onde sempre accrescento o meo tormento ?
O Rio, que sempre corre, e o penedo,
Que não faz movimento
Do Passarinho ao canto, ou triste, ou lêdo.

Tudo quanto em vós vêjo dizer ousou,
E tudo quanto escuto me carrega,
The vossas aves sinto já pezadas,
A sua clara luz o dia nega,
A noite o seo commum doce repouzo,
A meos olhos de lagrimas cansados.

Das fontes, e dos prados
O puro seo, e o verde
Parece que se perde
Com magôa desta minha grave dôr.
Sem tempo toda a fructa, toda a Flor
Do seo materno galho está cahindo,
De mim por onde fôr
A fresca Primavera vai fugindo.

Neste gran mal, de que não sei valler-me,
A todo o annimal, que em vós tem vida,
Dou materia de pranto, e de piedade.
Parte não posso achar tão escondida,
Que deixem meos suspiros esconder-me.
E só chorar a minha saudade.

Ah grande crueldade
D'Amor, que em mim ordena
Huma tão nova pena,
Que contradiz a toda a Natureza.
Tristes em vêr sentir sua tristeza
Sentem algum descanso ; eu só sem elle
Já tenho por certeza
Crescer meo mal no fundamento delle.

A vista se detem no que imagino,
Amor com falsas mostras me sustenta,
Porque, vivendo mais, mais magoas conte.
Na Rosa da Manhãa me representa
Aquella por quem peno de continuo,
A tarde no dourado do Horisonte.

Qual Nympha o bosque, ou fonte
Esconde mais formosa ?

Em qual valle qual Rosa

Se mostra mais córada ? nunca neve

Mais alva derramou o vento leve,

Como eu a vêjo aqui, e em toda a parte,

Mas este gosto é breve,

E vai-se logo ; o mal tarde se parte.

No fim deste erro doce, em que me vêjo,

De vós, altas montanhas, rodêado,

Tão longe de esperança, e longe d'onde

Amor meo peito quiz vêr inflamado

Em puro fogo d'hum alto dezejo.

Que dentro, e em meio delle accende, e esconde.

Digo a quem não responde,

A vós montanhas digo,

Acabem já comigo

Em mal tão certo, certos desenganos,

Que se pôde esperar de quem enganou

Negando vai a lagrimas tão vivas,

E dos meos firmes danos

Poem o remedio em sombras fugitivas ?

Cantiga, pois nasceste

Nestas frigidias serras,

Não busques outras terras,

Na tua natural fica escondida,

Que em outra parte não serás ouvida

Por mais gritos, que dês, e magoas contes

Chorando acaba a vida

Nas mais secretas Lapas destes montes.

Uma singularidade de Diogo Bernardes, é que na *en-*
dereça, ou cabo da Canção, lhe chama sempre Cantiga ;
não me lembro de que outro Poeta, antes, ou depois del-
le praticasse o mesmo.

Bernardes deixou um grande número de Voltas, Glo-
sas, Redondilhas, e outras composições no antigo estylo,
porém toda essa farragem apenas merece o trabalho de
lêr-se.

CAPITULO VI.

Eclogas, e Epistolas de Bernardes.

De todas as poesias de Diogo Bernardes parece-me, que as Eclogas, e as Epistolas, ou Cartas, que compõem o Lima, sam as que affiançam mëlhor a sua gloria, e o seu nome pela superioridade manifesta de correcção, que levam a todas as outras; sam estas as unicas, que pela data da sua publicação se podem suppôr devidamente emendadas, e dadas á luz por elle.

É fama, que o celebre Poeta hespanhol, Lope de Vega Carpio, affirmava, que de Diogo Bernardes havia apprendido a fazer versos pastorís; si o factó é verdadeiro, esta confissão de um dos genios mais extraordinarios, que na Europa tem cultivado a poesia, não pôde deixar de fazer viva impressão no espirito dos Leitores, e de lhe dar uma grande idéa do merecimento bocolico do nosso Poeta.

Mas seja assim, ou não, é indubitavel que estas Eclogas devem ser numeradas entre as melhores producções, que nos ficaram do seculo de quinhentos, e da Eschola Classico-Toscana de Ferreira.

É certo que Bernardes não se remonta á idealidade poetica, e mythologica da vida pastoril como Gesner, Schmidt, e outros Alemães, e entre nós Domingos dos Reis Quita quasi sempre, e Antonio Diníz da Cruz algumas vezes, mas a sua linguagem é pura, o seu estylo simples, e elegante, os costumes quasi sempre proprios, as paixões bem expressadas, os seus quadros verdadeiramente pastorís, e os versos fluidos, e harmoniosos. Imita frequentemente, porém a sua imitação nunca degenera em copia servil. Assim o vêmos no principio da Ecloga IX.

FERNANDO.

Dize, Cabreiro novo, esse rebanho
Quem to deo a guardar tão doudamente,
Que logo se vê nelle ser estranho.

RODRIGO.

Dize, Vaqueiro, antigo mal dizente,
Porque diceste á Justa hontem na Fonte,
Que na festa cantou milhor Vicente?

FERNANDO.

Pergunta tu a Aldonça que te conte
Isso como passou dessas cantigas,
Que tornava co' Gado então do monte.

Mas quero, pois perguntas, que me digas
Porque quebraste a Flauta de Gonçalo,
Causando entre os Pastores tantas brigas.

RODRIGO.

Si tal tal flauta quebrei, olha o que fallo,
Nunca mais estas cabras medrar vêja,
Mas bem mereço eu isso porque callo.

FERNANDO,

Pois nunca de quem amo amado seja
Si me não deve huma alma, era qual dia?
Que lha quebráras tu de pura inveja.

RODRIGO.

Certo, que, si alguém foi, que foi Maria,
Que anda de mim raivosa pela toca
Lavrada, que me vio dar a Luzia.

Toca de deservolta, e sempre toca
Huns pontos, que lhe sam bem excusados,
Zomba, escarnica, ri, tudo remoca.

Cuida que com seos olhos requebrados,
Todos leva apoz si, todos namora,
E que nos faz andar como pasmados.

Pois cré-me, e mais não digo por agora,
Que inda que ri daquelle, e ri daquella,
Por quem se della ri mil vezes chora.

Vê-se, que a idéa principal é de Virgilio, mas o Poeta
sabe disfarça-lo com trages portuguezes, e rodea-lá de ac-
cessorios seus, em um dialogo tão animado, como natural.

O Poeta na Ecloga segunda com muito arteficio, e estylo proprio, e picturesque estabelece o logar da scena.

N'hum solitario valle fresco, e verde,
Onde com veia doce, e vagarosa
O Vez, no Lima entrando, o nome perde ;
N'uma verde rosada graciosa
Quando no mar seos olhos resfriava
O Sol, deixando a Terra saudosa ;
Ouvi huma voz triste, que soava
Tão brandamente ali, que parecia
Hum Rio, que com outro murmurava.
O Gado, que do campo recolhia,
Deixando nelle por entre a espessura
Me fui chegando á triste voz que ouvia.
Vi Thirso, e Melibeo, que na verdura
Antre bastos Salgueiros escondidos
Choravam duras magoas com brandura.
Nesta nossa Ribeira ambos nascidos
Mas, como pouco nella conversaram,
Heram mais na do Téjo conhecidos.
Em Moços foram lá, lá se criaram,
Em outros de mór nome, mór estima
De tanger, e cantar fama cobraram.

A Ecloga V., que tem por titulo Marilia, é uma das mais ternas composições, que sahiram da penna de Bernardes, vêja-se que melancholia resumbrá destes tercetos, e como começam naturalmente.

Quão docemente agora aqui cantava
Hum Rouxinol entre estas Avelleiras,
Em quanto Phylis sua dôr chorava !
Eu vim a lansar fóra estas Cordeiras
Daquelle Trigo, e não ouvi jámais
Senão as diferensas derradeiras.
A sem ventura Phylis deu huns ais
Tão sentidos então, que me cortou
O coração com dôr de dôres tais.
Em fim triste se foi, elle vôou,
Não sei se vôou triste, ou vôou lèdo,
Co'a minha saudade me deixou.

Esta aproximação do canto do rouxinol, com pranto de uma Pastora é summamente poetica, e engenhosa.

Não sou eu tão ditosa que mais cedo
Viera a me lograr do seo bom canto,
Si eu não gritára, elle estivera quedo,
Inda que foi melhor assim por quanto
A magoa fôra mór, que não o gosto
Daquella triste ouvindo o triste pranto.

Mal haja quem dá causa a que tal rosto
Em lagrimas se lave, desamado
Seja quem seu amor tem n'outra posto.

Quanto mais firme, e mais desenganado
Foi o amor de Delio com Lisarda,
Inda que tambem della mal olhado.

Cruel amor, que nunca razão guarda,
A culpa tens de tantas semrazões,
Hum bem me prometeo, quanto que tarda!

Assim nos vai roubando os corações,
A troca de esperansas duvidosas,
Fundadas sempre em vãs opiniões.

Ditosas sam por certo, ah quam ditosas!
Que sam aquellas Nymphas, que não amam,
Tristes as que d'amor vivem queixosas!

Quantas vezes em vam seo fado chamam
Cruel, cruel amor, cruel ventura,
Que suspiros, que lagrimas derramam!

Que val mostrar nos olhos a brandura,
Do coração vencido, que nos val,
A's tristes digo, graça, e formosura?

Si somos desprezadas, grande mal,
Si mal tamanho não acaba asinha,
Asinha acabará quem sente tal.

Eu, coutada de mim! já triste vinha,
Mas não cuidei de me tornar mais triste,
A dôr de Phylis me dobrou a minha.

Dá-nos, ingrato Amor, pois nos feriste,
Algun remedio já, si não vingança,
De quem a nós despresa, a ti resiste.

Em promessas fui por minha esperanza,
Sem ventura de mim ! mas que promessas
Tão doces ! inda as tenho na lembrança !

» Assi, Marilia minha, não te esqueças

» De Silvio, (o mesmo Silvio me dizia)

» Que nunca negue cousa que me peças.

» Por ti entre serpentes andaria,

» Seguro, por ti lêdo, e sem temor,

» Por entre fogo, e ferro passaria.

» Creou Amor em mim hum novo Amor,

» Hum coração tão novo, que sem ti

» Sente no mór descanso maior dôr.

» Naquelle mesmo ponto em que te vi,

» Fosse força d'amor, fosse de Estrellas

» O gosto de mais vêr logo perdi.

» Muitas Ovelhas tenho, e as mais dellas

» Párem de cada parto dois Cordeiros,

» O leite tambem he dobrado nellas.

» Tenho cem Cabras mais, que dois Rafeiros

» Hum malhado de negro, outro de branco

» Nos vales guardam sempre, e nos outeiros.

» Pois tanger, e cantar poucos em campo

» Ousam correr comigo, porque sabem

» Que taes dois Mestres tive, Alcido, e Franco.

» Inda que de gabar-me me desgabem,

» Gabo-me porque saibas, que não erras

» Em querer que meos males já se acabem.

» Viveremos aqui entre estas Serras

» Contentes,... quam contentes!... sem inveja

» D'outros, que tem mais Gados, e mais terras.

» Que falta a quem alcança o que deseja ?

» Que tem o que não tem gosto da vida,

» Inda que só do Mundo Senhor seja ?

Ah Pastor falso ! desque de vencida

Com teus doces enganos me levaste,

Quam asinha de ti fui esquecida !

Mostravas querer bem, e nunca amaste,

É certo que os amores, que mostravas

Ou os ouviste d'outro, ou os sonhaste.

Amavate sómente ; si cuidavas
 Outra couza de mim, bem pódes crêr,
 Que tambem a ti mesmo te enganavas.

Mas que me fez a dôr aqui dizer ?
 Aqui, onde só Elio a meos queixumes,
 E Silvio não, me póde responder.

Depois que atravessou os altos cumes
 Daquella Serra, não quiz mais tornar,
 Negros fados os meos, negros Ciumes !

Deixou-me já tão pouco que esperar,
 Que bem seria, que desesperasse,
 Mas ainda amor me não quer dar logar.

Em fim tornar-me quero ; se encontrasse
 Acaso este cruel meo inimigo,
 Certo que vêr-me triste o alegrasse

Andai, minhas Cordeiras, ai no Trigo
 Entraram outra vez, outra vez fóra
 As deitarei, a dôr, que vai comigo
 Coitada, não, que dentro d'alma mora.

As Cantigas dos Pastores de Bernardes tomam de ordinario a fôrma lyrica, e sam verdadeiras Canções, como se vê desta da Ecloga VIII.

Si vós, Musas suaves,
 Neste meo triste peito,
 Algumas lêdas rimas inspirastes,
 Si com doces, e graves
 Accentos, o conceito,
 Que tinha dentro d'elle declarastes,
 Si vos não desprezastes
 De levantar meu canto
 A parte, onde não chega
 Aquelle, a que se nega
 O favor, que de vós dezejo tanto,
 Agora brandas Musas, me inspirai,
 Agora meo estilo levantai.

E tu, Santo Hymineo,
 Sem esperar mais rogo,
 Vem já, vôando vem, não te detenhas,

Vem de alegria cheio,
 Abranda o vivo fogo
 De quem arderá sempre athe que venhas,
 Quer Jupiter que tenhas
 O thalamo sagrado
 Composto da mão tua,
 Pois para gloria sua
 Este tam santo nó foi delle dado.
 Aonde arder se vêja brandamente
 O casto lume teu resplandecente.

Outras vezes essas Cantigas sam feitas em Sonetos,
 como acontece na Ecloga X.

Sombrio, e verde valle, onde se acolhe
 Marilia, quando o Sol mais se levanta,
 Onde doce suspira, e doce canta,
 E seos cabellos solta, e os recolhe.

Prados, por onde as alvas flores colhe
 Com tanta graça, que o Amor se espanta,
 Estes versos vos deixo nesta Planta,
 Dar-vos outro louvor meo fado tolhe.

A fresca, e namorada Primavera
 Nunca jámais daqui desapareça,
 Nunca vos mostre o Inverno a sorte sua.

Segura pelos Olmos trepe a Hera,
 Segura nasça a Flor, a Herva cresça,
 Favor tenha do Sol, favor da Lua.

Outras vezes os Pastores cantam alternadamente oitavas, e esta pratica tem sido mais seguida pelos Poetas modernos, que ainda se occuparam com este genero de poesia, hoje inteiramente abandonada, como Bocage, e Domingos Maximiano Torres. Sirva de exemplo este trecho da Ecloga XII.

ALPINO.

O' Tu que por teu Deos foste assetado
 Martyr, e juntamente Cavalleiro,

Que do signal da Santa Cruz armado,
Sahiste contra o Tyrano a terreiro;
Si fores lá no Ceo nosso Advogado,
Como na Terra cá, hes Padroeiro,
Erguendo com teo braço estes mãos ares;
De novo te ergueremos mil altares.

MENCIO.

Onde tuas Imagens visitadas
De nós sempre serão com mil offertas.
De Lyrios, e de Rosas coroadas,
E de ouro guarnecidas tuas settas;
Com mais quieto espirito veneradas
Das Gentes, que ora vês tão inquietas,
Primeiro do Gran Rey, que tem teu nome
Para que o Povo delle exemplo tome.

ALPINO.

Pastores, que moraes no monte santo,
Por graça do Pastor dos bons Pastores,
Que neste baixo valle amastes tanto,
Que fostes de tal bem merecedores,
Alcance vosso rogo, e nosso pranto
Outros tempos mais sãos, ares milhores,
Logo screis de nós mais visitados
Nos dias, que vos sômos obrigados.

Acha-se muitas vezes nas Eclogas de Bernardes, curtos, mas vivos, e amenos traços de poesia descriptiva, tal é esta da Ecloga XVII.

Sentámo-nos á sombra d'hums Olmeiros,
N'hum prado de Arvoredo rodeado,
Onde cruzar-se vinham tres Ribeiros.

Lugar fresco, e sombrio, aparelhado
Para fugir do Sol, que então entrára
No Rey dos Annimaes todo abrazado.

Por cima da corrente doce, e clara
Hum Freixo te mostrei, cuja verdura
Hum raio, que deu nelle chamuscára.

Em cujo tronco, nos, e seca altura
Huma Gralha trez dias gritou tanto,
Que sem folgo cahio na vêa dura.

O estylo affectuoso, tão proprio deste genero de Poema, brilha muitas vezes nas pastoraes de Bernardes, assi se nota nestes versos tão ternos, que um Pastor dirige á sua amante na Ecloga XIV.

Vem, Silvia, já vêr neste cristal puro,
Teu brando parecer daqui de cima
Deste penedo menos que tu duro.

Porque fazes, cruel, tão pouca estima
Desta fresca ribeira, destas flores,
Que mansamente rega o manso Lima.

Aqui as mansas Aves seos amores
De hum ramo em outro ramo vam cantando,
Aqui se veste o campo de mil côres.

Daqui donde por ti estou chamando,
No fundo deste pégo os negros Peixes,
E os brancos seixos estarás contando.

Ou te queixes de mim, ou te não queixes,
Ou branda, ou sempre irosa me respondas,
Este fresco logar, Silvia, não deixes.

Huma sombria lapa, em que te escondas
Do Sol, te mostrarei; dormirás nella
Ao som do murmurar das roucas ondas.

Em tanto do teu Gado serei vella,
E juntamente te estarei tecendo
De branca Madresylva huma capella.

Dali hindo o Sol já menos ardendo
Ao longo deste Rio nós hiremos
Ora huma Flor, ora outra flor, colhendo.

Os olhos pelo campo estenderemos,
O saudoso Melro de huma banda,
E o doce Rouxinol d'outra ouviremos.

Sylvia sóando hirá na Lyra branda,
Sôará Sylvia na Montanha dura,
Que sua dureza com teo nome abranda.

Des que deixei de vêr sua formosura
Já o Sol trez vezes lumiou a Terra,
Já outras tantas a deixou escura.

Qualquer logar, em que se esconda, e enserra,
Nunca o verei sem dôr, nunca sem magoa,
Ou seja campo, ou bosque, ou valle, ou serra.

Achei de duas rollas nesta fragoa,
Os tenros filhos sobre hum freixo antigo,
Que tem suas raizes dentro n'agoa.

Saltou a nossa Phylis já comigo
Com dadivas, e rogos, que lhos desse.
« Não trabalhes em vão, Phylis » lhe digo.

Tão corrida si foi, que si soubesse
Onde elles ora estam tenho por certo,
Que mos furtasse logo, si podesse.

Não estam estes versos cheios de imagens agradaveis,
de pinturas amenas, e de sentimentos ternos? Não é a
sua expressão verdadeiramente pastoral?

Não brilha menos em Bernardes o estylo pathetico,
vêja-se como na primeira Ecloga os dous pastores Syl-
vio, e Serrano lamentam a morte de Adonis, isto é, do
Principe D. João, segundo me parece pelo contheudo no
Poema.

SYLVIO.

Seccai-vos, verdes Campos Lusitanos,
Seccai Fontes, e Rios, seccai, Flores,
Mostrai neste gran dano grandes danos.

Cobri-vos, verdes Bosques, d'outras côres,
Tão tristes como traz a dôr comsigo,
Senti tamanha perda dos Pastores.

SERRANO.

Descobre esse mal já, ah Sylvio amigo,
Que pois he mal commum segundo vêjo,
Tambem o chorarei aqui contigo.

SYLVIO.

Levou a cruel morte sem ter pejo,
Aquelle bello Moço, a quem tributo
Esperavam pagar o Indo, e o Téjo.

Que bem na vida já, que rosto enxuto
De Nympha, ou de Pastor se póde vêr,
Qual Ave escuza dôr, qual fero Bruto?

Morreo contigo, Adonis, o prazer,
A brandura, o amor, o aviso raro,
De tudo quiz-se o Ceo enriquecer.

SERRANO.

Oh Adonis! Pastor formoso, e charo,
Comtigo nos crescia herva na Terra,
E das Fontes corria o cristal claro.

Os fructos sem trabalho dava a Terra,
Porque occultava o Gado nas montanhas,
Não lhe fazia o Lobo cruel guerra.

SYLVIO.

Chorai tamanho mal gentes estranhas
Nas frias, e nas quentes regiões,
Chorai perda, que fez perdas tamanhas.

SERRANO.

Dai lagrimas sem fim, varias Nações,
A dôr, que enche de dôr, enche de espanto
A dôr de Tigres magoa, e de Leões.

Não negue couza viva vivo pranto,
De quantas o Ceo vê, a Terra cria,
As que o mar cobre façam outro tanto.

SYLVIO.

Escuro torne sempre aquelle dia
Em que de branca neve andou roubando
A morte as frescas rosas com mão fria.

SERRANO.

Assim se foi teu rosto descorando
Como o Lyrio no campo, ou a Bonina,
A quem o arado talha em traspassando.

SYLVIO.

Levou-te pera si, oh Flor divina,
Esse que gera o Sol, enfrêa os ventos
A quem o Ceo, a Terra, o Mar se inclina.

SERRANO.

Já gozas immortaes contentamentos,
Nós ficámos sem ti nesta baixeza
Em magoas, em miserias, em tormentos.

Diogo Bernardes passou sempre por um dos nossos melhores Poetas Bucolicos, mas a sua reputação soffreu muito por um facto, que eu desejaria bem poder omitir. Manoel de Faria e Sousa nos seus Comentarios ás rymas de Luiz de Camões, accusou Bernardes nada menos, que de haver roubado ao Cantor dos Lusíadas as Eclogas, que

no Lima tem os números 3, 4, 11, 13, e 15, e o Poema de Santa Ursula, dando estes seis Poemas como seus, fazendo-lhe alguns accrescentamentos, e pequenas mudanças.

Uma accusação tão grave, e vergonhosa para um Author conhecido, e estimado, não podia admittir-se sem provas, e Manoel de Faria, que não ignorava isso, não se descuidou de apoiar a sua assersão com grande apparatus de razões, e de raciocinios, que pela maior parte não admittem dúvida, nem contradicção razoavel. Se as Eclogas de que se trata estivessem nas *Rymas Varias*, ou em qualquer dos outros volumes publicados depois da morte do Author, assim como a Santa Ursula, ainda a culpa de plagiato podia ser imputada á ignorancia, negligencia, ou má fé dos Editores, pois não é cousa nova, o admittirem estas obras alheias nas collecções posthumas dos Escriptores que dam á luz; mas desgraçadamente para Bernardes as cinco Eclogas estão no Lima, que elle publicou no ultimo anno da sua vida; e se não foi elle o Editor, teve conhecimento da Edicção, pois o teve seu irmão Frei Agostinho da Cruz, que falla do *Lima*, no Soneto XXVI., em que dirigindo-se ao Poeta diz

O Povo, cujo applauso recebeste
Vendo teo brando *Lima* dedicado
A Principe Real, claro, excellente,

A citação não admitte dúvida, pois o *Lima dedicado*

A Principe, Real, claro, excellente

não póde entender-se pelo rio Lima, mas sim pelo livro, que se intitula o *Lima de Diogo Bernardes*, pois esse é o que se imprimio em Lisboa em 1696 dedicado ao Duque d'Aveiro D. Alvaro de Alancastro, e como podia Bernardes vivendo em Lisboa, ignorar o que era sabido do pobre Capuchinho, que fazia vida eremitica na solidão da serra da Arrabida? E não é de toda a probabilidade, que, Bernardes, que muitas vezes o visitava, fosse o proprio, que communicasse aquelle livro a seu irmão, que de certo se não occuparia em mandar a Lisboa comprar livros de poesia?

O que custa a entender é: 1.º que um Poeta tão rico de seu proprio fundo, cabisse na leviandade de se attribuir obras alheias, e obras de um contemporaneo, sem receiar que tarde, ou cedo fosse descoberta a fraude: 2.º que as poesias de Luiz de Camões fossem tão pouco conhecidas, que havendo-lhe Bernardes usurpado cinco Eclogas, e a Santa Ursula, ninguem dêsse por isso desde 1594, até 1685, em que Manoel de Faria e Sousa publicou os seus Commentarios ás rymas de Camões.

Seja como fôr, a opinião de Faria e Sousa tem sido adoptada por quasi todos os bons entendedores, e especialmente pelo Padre Thomaz d'Aquino, e por José Victorino Barreto Feio, os dous melhores Editores de Camões, e eu não posso deixar de seguir o mesmo parecer, porque tendo examinado, e confrontado aquellas Eclogas com as de Bernardes com toda a attenção que em mim cabe, fiquei plenamente convencido de que o tom de composição, o colorido poetico, o estylo, a linguagem daquelles Poemas, se affastam tanto da maneira habitual de Bernardes quanto se approximam ao modo de compôr de Camões, e para me decidir bastava a versificação, cujo apuro, e harmonia não permite attribui-la nem a Bernardes, nem a qualquer outro Escriptor contemporaneo, excepto Camões. Junto a isto, que tudo o que nessas Eclogas foi accrescentado por Bernardes como a Dedicatoria da Ecloga XI, é muito inferior pelo estylo, pensamentos, e metro ao resto da obra, a que foi accrescentado.

É evidente que desta fraude comprovada, resulta um preconceito muito desfavoravel contra Bernardes, pelas obras deste, as de Ferreira, Sá de Miranda, e Caminha, nos consta que naquelle seculo floresceram muitos outros Poetas muito estimados, e admirados, como Antonio de Castillo, Francisco de Sá e Menezes, sem ser o Author da Malaca, D. João de Castello Branco, Luiz d'Alcaçova Carneiro, e outros de que chegaram a nós os nomes, e não as obras; e quem nos affiança, que algumas destas não foram usurpadas por Bernardes, e se lêiam entre as suas? Respeita-las-hia elle mais do que as de Camões? Isto não é uma affirmativa que eu faço, pôde ser que assim não succedesse, e eu o desejo muito por honra do Cantor do Lima, mas a suspeita seria legitima, á vista do que se

acaba de expôr, mas deixemos já estas miserias da fraqueza humana, e digamos alguma cousa ácerca das Epistolas de Diogo Bernardes.

As Epistolas, ou Cartas de Diogo Bernardes sempre eu tive pelas suas melhores composições. Menos instruído que Ferreira, não admira que seja menos fecundo de idéas, e mais mingoadado de doutrina, e philosophia do que elle, mas tem mais amenidade, mais allusões á sua vida privada, e versos mais fluidos, e harmoniosos, posto que ás vezes dá no prosaismo, e no desleixo, como Ferreira na dureza; sendo igualmente menos energico pela expressão, e menos vivo do que elle no colorido das pinturas.

Reina nestas Cartas um profundo respeito para com Sá de Miranda, e uma admiração sincera, e sem lemites para com Ferreira, de quem se vangloriava de ser amigo, discipulo, e imitador; a elle consultava, a elle pedia conselhos, e á sua emenda, e correccção submetia as suas poesias, eis-aqui como elle se lhe dirige na Epistola II.

Musa da Lusitania, pouco digo,
Das nove do Parnaso a principal,
Que menos não partio o Ceo contigo.

Inda que sei que pouco, ou nada val
Natureza sem arte, e sem doutrina,
Que pôde com amor parecer mal?

Si tal razão em tal materia he dina,
Bem, te podem meos versos parecer,
Pois mos inspira Amor, pois mos ensina.

Ha nelles que cortar, ha que estender,
Vam como parto de Ussa, buscam vida,
Outra fórma melhor, hum novo ser,

Que lhos podes dar tudo quem duvida?
Eu que lhe posso dar si não amor,
Suspiros tristes, dôr mal entendida?

Soberbo me faria o teo louvor,
Si me esquecera o Moço, que cahindo
Deixou o mar com nome, o Pay com dôr.

Este me faz temer, e o que subindo
No carro, que pedio, morto desceo
Inda debaixo d'agôa ardor sentindo.

Posto que logo então tanto se ergueo
A vã presumpção minha sobre si,
Que mal seu desengano recebeo.

Digo, quando meo nome escripto vi,
Daquella penna, que com largo ensino
A nós prudencia dá, dá fama a Ti.

O louvor traz comsigo desatino,
Altéra, e céga a quem he cobiçoso
Delle, e por tal respeito mais indino.

O que fama não quer por virtuoso,
O que de todo a Vícios se entregou,
Não póde, ainda que lembre, ser famoso.

Sinão vejam a fama, que deixou
O que pôz fogo ao Templo por memoria,
Que nem sómente o nome conservou.

Outros conselhos dás na triste Historia
Da triste Dona Ignez, outras lembranças
Dignas de fama cá, no Ceo de gloria.

As nossas bem fundadas esperansas
Virtudes devem ter por seu objecto
Para firmes estarem nas mudanças.

Quem vio o virtuoso andar sujeito
A successos do Mundo duvidosos?
Quando não foi seu bem firme, e perfeito?

Os que chegam a termos tão ditosos,
Que mais tem que esperar, ou que temer,
De que podem na vida andar queixosos?

Não ousa de fallar, póde-se crêr,
As Musas livres de sua natureza
Hum modo vam as faz emmudecer.

Pesa-me de vir dar nesta certeza,
Mas quem póde escutar tristes queixumes,
Vendo que o bem se engeita, o mal se presa?

Pouco presta escrever grandes volumes
Por parte da Virtude contra o Vicio,
Vencem boas palavras máos costumes?

Si buscas Alexandre, si Fabricio
Achas tu si não Elios, si não Midas,
Que fazem com dôr nossa o seo officio?

Quanto melhor seria vêr perdidas
Estas vâas pertenções atraz que andamos,
Aventurando as almas pelas vidas.

Mil couzas, que no publico tachamos,
Seguimos no secreto á redêa solta,
Cuidando de enganar, nos enganamos.

Em tanta confusão, nesta agoa envolta,
Fazemos da vontade nossa guia,
Mas onde vai parar quem não dá volta?

Que dizes tu daquelle que confia
Do seó juizo tanto, que vâmente
Escreve o que lhe vem á phantasia?

Este tal sente tudo, ou nada sentê,
Extremos perigosos pera quem
Segundo o fio vai da céga Gente.

Que gostos dás na vida, que mór bem,
Que ter Homem de si conhecimento?
Quem isto só alcansa tudo tem.

Não se deixa virar de cada vento,
Não morre por viver, não lisongêa,
Não faz em peito alheio fundamento.

Recolhe com prazer o que semêa,
Com gosto come, dorme descansado,
Da sua vida vive, e não da alhéa.

Dos antigos Romãos foi perguntado
Apollo qual dos Homens desta vida
Julgava por mais bemaventurado.

Respondeu á pergunta referida,
Que Giges, couza mais não declarando,
O que a resposta fez mal entendida.

Elles, que delle estavam esperando,
Que nomeasse algum mais conhecido
Dos Grandes, que no Mundo tinham mando;

Querendo conhecer quem preferido
Fôra em ventura á regia dignidade,
Acharam, tendo já muito inquirido,

Ser hum Homem que fôra da Cidade,
No campo cultivava huma Horta pobre,
O qual hera mais pobre de vontade.

Parece que já então hera de cobre
A idade que atéli fôra de prata,
E d'antes de metal muito mais nobre.

O Tempo tudo gasta, e desbarata,
Acabou, começou esta de ferro,
Onde tractam melhor quem peor tracta.

A terra, que nos deram por desterro
Esquecidos nos faz da Patria propria,
Que má desculpa tem tamanho erro.

Emfim esta materia que he impropria,
He pezo d'outros hombros, d'outro espirito,
A quem Phebo de si dá maior copia.

Por tanto meo dezejo, e não meo dito
Recebe com amor, e attenção pura,
Que chega onde não chega o curto escripto.

E se tua clara luz, que a nevoa escura
Dos bons engenhos vai alevantando,
E do Pindo lhe mostra a mór altura,

Me fôr por esta selva alumando,
Onde Amor me meteo, alta, e sombria,
Por onde vou a medo caminhando.

Inda eu espero que vêjas algum dia
Com novo louvor teo mais doce canto,
Por que tendo tão certa, e fiel Guia,
Não he muito de mim prometer tanto.

Ferreira respondeu a esta Epistola, com outra, em que lhe dá louvores, preceitos, e conselhos judiciosos. É na verdade espectáculo grato para os Amadores das Artes, vêr um Ferreira, um Caminha, um Bernardes, um Sá de Miranda, e outros homens grandes, que fôram a gloria, e a illustração do seculo, em que viveram, corresponder-se amigavelmente, fallar em puridade, consultar-se, aconselhar-se, defender-se reciprocamente sem inveja, sem pensamento reservado, e todos empenhados no progresso das Artes, e no esplendor da Patria. Mas esse quadro lisongeiro se esvaece logo que observamos a mudança que tem feito costumes tão louvaveis; quando vêmos que homens, que estão muito longe de emparelhar com aquelles venerandos Pais da nossa Poesia, fazem tymbre de

atassalhar-se mutuamente, de calumniar uns aos outros, desacreditando-se a si, e a arte com invejas mesquinhas, odios, e intrigas vergonhosas: parece que os abafa a gloria alheia, e que os louros dos outros redundam em descredito seu.

Na Carta XII., depois de louvar a Ferreira, confessa Bernardes francamente, que lhe deve quanto é, e quanto vale, e esta confissão é tão honrosa para um como para outro.

.....

Por mim nunca subira onde subi,
Meu nome com a vida se acabára,
O Mundo não sohera si nasci.

Comfesso dever tudo áquella rara
Doutrina tua, que me quiz ser guia,
Do celebrado monte á fonte clara.

E por te dever mais si á luz do dia
Te parecer que saiam meos escriptos,
Na tua pena está sua valia.

As faltas, os sobejos, duros ditos,
O não guardar decoro em pranto, e rogo,
Em fim erros, que ahi vam infinitos.

Emenda, corta, abranda, sintam fogo
Da tua ardente Musa, em que se apurem,
E, sendo dignos d'outro, dá-lho logo.

Na mesma Carta exprime o Author, mui poeticamente, o desejo de possuir uma mediocre fortuna campestre, e viver como bom Lavrador livre de encargos, e inteiramente desviado do serviço público, desejo razoavel, e prudente, e que muito mais o seria no nosso tempo, em que o serviço do Estado, que sempre foi captivoeiro trabalhoso, se tem tornado a sorte mais precaria, e miseranda, capaz de descurçoar as mais vivas ambições, si a ambição fosse susceptivel de emenda, e de desengano.

Em selva escura andamos ás escuras,
Sem vêr do gran Planeta claro, e puro
O lume, que dá luz ás luzes puras.

Oh bemaventurado o que seguro
No campo vive com seos Bois lavrando
A dura terra com arado duro.

Ou vai o longo rêgo semeando,
Ou o monda, ou o rega dèsque nasce,
Ou com founcinha torta o vai segando.

Ou em quanto no prado o Gado pace,
A videira sem mimo infructuosa
C'o Alamo sombrio espouse, e abraçe.

Ou em planta silvestre, e amargosa
Enxerta com mão dextra, e ferro agudo.
Outra de melhor gosto, e mais mimosa.

Bem se pôde chamar ditoso em tudo
O que tamanho bem do Ceo alcança,
Que gasta assim seo tempo, e seo estudo,

Que da Fortuna adversa aspra mudança
Não teme, nem dos Homens mil enganços,
Nos quaes ter-se não deve confiansa.

Nunca damna ninguem, nunca vê damnos,
Que causem na sua alma tal tristeza,
Que mais asinha vêja o fim dos annos.

Goza dos puros dons da Natureza,
De mil suaves fructos, de mil flores,
Que parte a Primavera com largueza.

Nunca se queixa em vão de vãos amores,
Nem vê cuidados doudos quaes eu tive
Quando sentia a dôr das suas dôres.

Finalmente, que vive, ah! como vive!
Pois vive de esperansas, e receios
Tão livre, que não tem quem o captive.

Digo, por concluir estes rodeios,
Que confesso de mim que tenho inveja
A quem de seos bens vive, e não d'alheios.

Pelo que rogo ao Ceo, que inda me vêja
Onde possa viver com liberdade
O pouco, que da vida me sobeja.

Onde siga rasão, negue vontade
A minha, com as mais que errado sigo,
O trabalho perdendo a poz a idade.

Esta pintura da vida campestre é cheia de amenidade, e traçada com colorido mimoso; Ferreira, respondendo a esta Epistola, indica os mesmos desejos de viver tranquillo no campo, e se lamenta de que as suas circumstancias lhe não permittam abandonar a Côrte, e trocar a beca de Desembargador pelos vestidos simples do Aldeão.

Toda minha alma em desejar se estende
A dôce vida, que tão dôce cantas,
Que quasi quebra a força, que me prende.

Mas ajunta a mil forças outras tantas
Todas quebrára eu, si azas tivesse,
Com que chegasse onde me tu levantas.

Si eu pudesse, oh Bernardes, si eu pudesse
Ser de mim só Senhor, eu vôaria
Onde do Vulgo mais longe estivesse.

Ali quam docemente me riria
De quanto agora choro, ali meo canto
Livre por ares livres soltaria.

Em quanto me vez preso, amigo, em quanto
Sem espirito, sem força, não me chames
Com teos versos, que a ti só honram tanto.

Assim estes dous Poetas amigos, unanimes em sentimentos, suspiravam pelas doçuras de uma vida livre, e tranquilla, e murmuravam contra o jugo da necessidade que os obrigava a viver, onde, e como menos lhe convinha.

A Carta VIII., endereçada a seu irmão Fr. Agostinho da Cruz, respira ternura paternal, pois nella se queixa com muita sensibilidade de elle se ter feito Capuchinho, sem lhe haver dado parte disso; lamentando ao mesmo tempo a perda da sua companhia.

Em que te mereci que me negasses
Teu pensamento bom, teu bom desejo
Primeiro que do Mundo te appartasses?

Agora sinto, Irmão, agora vêjo,
Que tinhas pouco amor pera comigo,
Sendo pera contigo o meu sobejo.

Perdoa, si te agravo no que digo,
 Não te posso negar que sou humano,
 E que da Natureza a regra sigo.

Faz nesta parte a dôr á rasão damno,
 Não me deixa cuidar quanto accertaste,
 E como tudo o mais he puro engano.

Si tu soubesses lá qual me deixaste,
 Não digo eu que te arrependerias,
 Que nunca do bom feito atraz tornaste,

Digo, que magoado ficarias
 Em responder tão mal a Amor tamanho,
 Que sempre em mim cresceo igual c'os dias.

.....

Fui suspirando só por esses montes,
 As lastimas, que disse, não escrevo,
 Porque de tal fraqueza não te afrontes.

Disto te não espantes, que mais devo
 A' tua saudade, e mil lembranças,
 Em que desmaio agora, em que me enlevo.

A amizade destes dous irmãos Poetas, para honra sua, e das Letras, nunca se desmentiu, posto que seguissem vida tão differente: mesmo quando Fr. Agostinho, não contente das austeridades da Ordem, em que professára, e abandonando de todo o mundo, se recolheu a fazer vida eremitica na Serra da Arrabida, Bernardes o visitava a miudo naquella solidão, e lhe hia pedir conselhos, e consolações nos seus trabalhos, e na sua vida não pouco atribulada. O mesmo Fr. Agostinho nos informa destas circumstancias na bella Elegia, em que deplorou a morte de seu irmão.

Na Epistola a Pero d'Andrade Caminha, que é a undécima da collecção, se queixa Bernardes dos amigos fingidos, que lhe faziam grandes promessas, e na occasião lhe faltavam a ellas. E o que de ordinario acontece no mundo.

E porque do melhor se não desvie,
 Mostra-me tu, Andrade, entre essa Gente
 Algum Espriço bom, de quem me fie.

Quem hontem me mostrou rosto contente
 Já hoje se me mostra carregado,
 Em tudo do primeiro diferente.

Por grave ficar quer desobrigado
 A me favorecer no que pertendo,
 De que palavra já me tinha dado.

Estes, montes, e valles prometendo,
 Sem nunca efectuar o prometido,
 Querem que o que não dam, fique devendo.

Mas eu como já bem tenho entendido
 Quam anchos Mestres sam de fingimento,
 Tambem lhes sei mostrar rosto fingido.

.....

O seguinte trecho é escripto com muita graça, e veia satyrica.

Outros se querem cá servir de mim
 Em dár sentido a versos, si sam versos,
 Os conjuros de Circe, ou de Merlim.

Outros com modos novos, mas perversos,
 Querem de mim, que seos contrarios note
 De vís, ou d'Agarenos, ou Conversos.

Hum quer que lhe responda a hum frio motte,
 Diz outro, que lhe grose huma Cantiga,
 Mais confusa que a Torre de Nembrote.

Que cuidas que me importa essa fadiga?
 Cuidarem que me deixam satisfeito
 Com dizerem « Não ha quem melhor diga! »

Parecc-te que tiro bom proveito
 Do trabalho, que passo, antes que a lima
 Por bom acceite o verso, e o conceito?

Vivo só do louvor da minha rima?
 Por ventura lho dá quem não entende
 Si he digna de desprezo, si de estima?

Mas o que sobre tudo mais me offende
 He tractar com Poetas, que me pedem
 Que suas obras vêja, e lhas emende;

Que risque, ou mude os versos, que precedem
 Sem arte, e sem medida, livremente,
 Que podêr pera tudo me comcedem,

Sendo a sua tenção mui diferente,
Que não querem emenda, mas louvor,
Que de emenda não ha quem se contente.

Ora louvai-me lá hum semsabor
Menti por gosto seo, sem ter vergonha
Da terra, nem do Ceo nenhum amor.

Si Diogo Bernardes, resucitasse no nosso tempo, veria, que no meio de tantas mudanças, como tem havido em Portugal, só a este respeito as cousas se tem conservado innalteraveis; acharia a cada passo ignorantes, que desprezam a poesia, e querem versos para tudo; importunos que querem que os Poetas percam o seu tempo em composições de sua encomenda, e que não julgam necessario remunerar-lhe o seu trabalho; e sobre tudo Escrevinhadores ridiculos, e fanfarões, que pedem que lhe emendem, e corrijam seus Poemas, só para que lhos louvem, e gabem, e que ao reparo mais judicioso, e sincero, em lugar de se aproveitarem delle, retiram-se descontentes, e vão vomitar injurias contra o Literato, que teve a franqueza de lhe fallar verdade! Só o que não acharia por certo seria ainda entre os melhores Poetas aquelle espirito de fraternidade, aquelle mutuo desejo de auxiliar-se, que reinava entre elle, Ferreira, Caminha, e outros grandes homens daquelle ditoso seculo da Literatura Lusitana.

Na Epistola a D. Fernando Alvares de Castro a (XXIII.) censura Bernardes, com toda a lepidéz satyrica de Horacio, a mania dos titulos, e tractamentos indevidos, que sempre reinou entre os Portuguezes, e que neste seculo tem chegado a um ponto verdadeiramente escandaloso. Os tractamentos, e as qualificações honorificas, e illegaes em vez de honrar, deshonoram a quem delles usa indevidamente, sam o merito dos que não tem merito, e as pennas do pavão, com que se desfarçam as gralhas.

Os titulos illustres, soberanos,
Senhor, ao Rey se devem tão sómente,
Pera todos os mais servem de enganos,

Digo isto, porque já mui largamente
Adulei por palavra, e por escripto,
Ma no per questo ho guadagnato niente.

Hum destes dias li hum sobrescripto
Em que se pôz illustre a huma Preta,
Que vende na Bitesga Peixe frito.

Este terceto comprova, que a rua da Bitesga foi sempre em Lisboa famosa pela venda de peixe frito, como ainda hoje acontece; mal cuidam os Frigidores actuaes, que a gloria artistica da sua profissão se mantem naquelle sitio desde tempos anteriores ao reinado d'El-Rei D. João III., e D. Sebastião! Que brazão para professores tão uteis! Ah! se fosse vivo o Chronista Mór Fr. Claudio, se tal soubesse, é natural que empregasse o seu talento de aguia em nos dár uma Chronica dos Frege-peixes da rua da Bitesga como nos tencionára deixar a *da Casa dos Vinte e quatro, de absoluta necessidade para bem se entender a Historia do Reino!* Grandes projetos interrompe a morte!

Nottai, Senhor, agora como beta
Illustre n'huma Côrva frigdeira,
Que foi tomada a gaita, ou com trombeta!

E deram-me a lêr outro na Ribeira,
E a quem me dêo a ler fiquei devendo
Ter bem que rir huma semana inteira.

Dizia « *Ao estimado, e reverendo*
Magnifico Senhor Lourenço Affonso
« Em cuja Senhoria me emcomendo.» »

Vêde si pôde usar deste Vasconso
Nem hum gran Bacharel, que serve em nora
Por mais que de cervello seja esconso.,

Pois esse tractamento de *Senhoria*, de que Bernardes assentava que um Bacharel não podia usar, exige-o hoje não só o Baicharel, mas o Malsim, o Cirurgião, o Tendeiro, o Çapateiro, e suas mulheres apodam de incivil, e malcreado todo o quelhes falla, sem de dez, em dez palavras ajuntar ao seu nome uma Excellencia mui campanuda, e repinicada.

Uma das melhores Cartas de Bernardes é a XXVI dirigida a João Gomes da Gram, que andara então na India; nella o Poeta, além de fazer sentir o quanto importa

para a gloria das nações a estima, e o cultivo da poesia, lamenta o pouco acolhimento, que o seu talento encontrava nos Grandes do seu tempo. Tinha razão, nessa mesma epocha um Poeta muito superior a elle em talento, e saber, não só era abandonado á miseria, mas alvo das mais atrozes, e immerecidas perseguições! E esse poeta é hoje contado entre os maiores da Europa, e é no seu Poema, que vivem, e resplandecem as antigas glorias, e as acções brilhantes dos nossos antepassados.

As Estatuas do Tempo sam gastadas,
Tambem o foram já suas memorias,
Si não foram das Musas conservadas.

Mas não te contariam mil victorias
Dos nossos valorosos Lusitanos,
Por que elles sam mais d'obras, que de Historias.

Os celebrados Gregos, os Troianos,
Os famosos Romãos Conquistadores
Não foram mais nas obras soberanos.

Mas si no Mundo tem muitos louvores,
A causa disso foi porque souberam
Grangear os prudentes Escriptores.

As honras, e mercês, que receberam
Oppiano, e Virgilio foram pennas,
Com que tão altas couzas escreveram.

Porque menos Coimbra do que Athenas,
Porque mais fará Roma, que Lisboa
Cantar ao som das Armas as Camenas?

Dos Engenhos a quem Phebo emcordôa
A doce, a branda Lyra com mão propria,
A quem de verde Louro dá côroa,

Quando he que entre nós houve maior copia?
E porém de Mecenas tantos temos
Como de Brancos tem a Ethiopia.

Nesta Epistola toca o Poeta elegantemente muitas das Fabulas antigas, com que dá não pouca variedade, e graça ao seu contexto.

Terminarei o que pertence a Bernardes transcrevendo a sua Carta a D. Gonçalo Coutinho, então retirado na

sua quinta de Vaqueiros, que é uma das mais ricas de pensamentos, e estylo poetico.

Senhor, si pertendêra acreditar-me,
Invocára favor de Caliope
Neste familiar, e amigo carne.

Mas pouco me dá já que muitos tope
Que digam que inda menos sei de rima,
De que de Grego sabe hum Ethiope.

Nunca de escuros versos fiz estima,
Sempre porque me entendam fallo claro,
Preze-se quem quizer de ser enigma.

Quizera a poucas voltas dár no faro
Da sentensa, que jaz no verso incluza,
Que o muito rastejar custa-me caro.

Aquella he mais formosa, e rica Musa,
Que sempre nas figuras, e palavras
Conformes ao sugeito, e uso, as usa.

Está tão mal a hum Pastor de Cabras.
Tractar de Astrologia, e Medecina,
Como a hum grande Rey de Gado, e Labras

Eu sei d'alguns, que, por mostrar Doutrina
Sem guardarem docóro se desviam
De quanto a experiencia, e Arte ensina.

Estes, e os que de si tanto se fiam,
Que não admitem bom juizo alheio
O castigo de Marsyas mereciam.

Com perdão de Diogo Bernardes, querer que seja es-
follado um pobre homem, sem mais culpa, que não accei-
tar os bons conselhos, que lhe dam para aprefeição seus
versos, parece-me rigor de mais, attendendo a que
versos ruins sam o menor mal, que afflige os filhos de
Adão! O unico perjuizo, que resulta dos máos versos, é
tornar ridiculo aquelle, que os faz, e que maior castigo
lhe querem?

Os versos destes taes sorve o Letheio,
Ou vam para embrulhar Drogas na Tenda,
Como tambem dos meus inda receio.

Esta pincelada é no gosto de Boileau.

Quem se teme de si, quem sofre emenda,
Não tem de quem temer, nem dá motivo,
Que nelle ache a malicia, que reprehenda.

Deixa depois de morto nome vivo,
E adorna os seus escriptos de brandura
Com ser contra si mesmo duro, e esquivo.

O Tempo o mau descobre, o bom apura,
Humas couzas reprova, outras inventa,
O que vai de vagar mais se segura.

Quem tanto de seus versos se contenta,
Quem cuida que não ha que emendar nelles,
Afronta ás suas faltas acrescenta.

A' porta punha o celebrado Appelles
Do seo Ingenho raro os partos bellos,
Não fiando de si a emenda delles.

Eu já li versos, que para entendellos
Cumpria ser Mirlem, ou Nigromante,
Ou andar com Apollo a os cabellos.

Para este verso ficar certo é necessario não pronunciar *aos* como toda a gente pronuncia, e pronunciar *á os*, como não pronuncia ninguem. Estes, e outros descuidos sam mui frequentes nos Quinhentistas, á excepção de Camões, que foi o primeiro que soube dominar a lingua, descriminar o dialeto poetico do prosaico, e fazer versos hendecasy-labos com perfeição.

E outros tão pezados, que Athalante
Não podera suster sós dois Tercetos,
E com trez não daria hum passo adiante.

Eu, Senhor, já podera ter bisnetos
Depois que comecei a fazer Trovas,
E ainda bem não caio nos Sonetos.

Cahir em alguma cousa, significa vulgarmente enredar-se nella, *cahir em erro* errar, *cahir em demencia* tornar-se demente; segundo os nossos Classicos *cahir em alguma cousa*, quer dizer, entende-la, conhece-la, percebe-la; assim disse Camões

Eu que cahir não pude neste engano.

Isto é « *eu que não pude conhecer, ou entender este engano*, e não como hoje se entenderia « *eu que não pude deixar-me illudir com este engano* » e neste logar de Bernardes, quer dizer « *haver-se bem com alguma cousa, pratica-la com perfeição.* » Este verso do Poeta

E ainda bem não caio nos Sonetos

quer dizer, *ainda não sei fazer os Sonetos com perfeição.* É bom notar estas variadas significações dos verbos, não só porque nellas está grande parte da riqueza da lingua, mas porque sem as saber não é possível entrar bem no sentido dos Authores.

E vêjo muitos que inda as pennas novas
Com que sahem do ninho não mudaram,
E querem de Poetas fazer provas ;

Por isso nas empresas, que tomaram,
Tão fraca, e friamente procederam,
Que em vez d'honra ganhar se deshonraram.

Si tão bem estes tempos responderam
Com nossos necessarios mantimentos,
Como em o dar Poetas floresceram,

Eu me rira de ter requerimentos,
Que fazem ser hum Homem chocarreiro,
E cauzam outros mil abatimentos.

Hum Asno carregado de dinheiro
Trepá por onde quer, acaba tudo,
E não acaba pouco o Lisongeiro.

O pobre virtuoso, e o seúdo
Perca do que merece a saudade,
E tome a paciencia por escudo.

Ah ! quem me dera agora a liberdade
Que tive n'outro tempo, n'outro estado,
Pera poder fallar mais á vontade.

Mas pera que ? si estou certificado,
Que certos desenganos pouco prestam,
Com quem não quizer ser desenganado.

Reprehensões, e verdades, que mollestan,
Basta serem tocadas de passagem,
Por que inda muito assim nos manifestam.

Por tanto mudo aqui a lingoagem,
A vida, que escolheste Aldeãa,
Que faz a esta de cá muita vantagem.

Ahi mais cedo vêdes a manhã,
Que bella em Oriente se levanta,
Vestida de ouro, azul, de neve, e grãa.

Ahi o Rouxinol mais doce canta,
E as mais Aves livres de Senhores
Mais livres vôm de huma em outra planta.

Ali se alegra a vista com as flores,
Que tem a verde selva matizada
De novas, naturaes, alegres côres.

Ahi no ramo a fructa pendurada
O gosto vos desperta, e vos comvida
Não colhida sem tempo, nem comprada.

Ali honra não ha que vos empida
Sahir de casa só desafeitado,
Nem Moço que murmure, e sempre pida.

Ahi cada manhã não sois filhado
Do Mercador, do Xastre, e Calceteiro,
Que na cama vos tinham emprazado.

Filhar significa tomar, agarrar, &c. como pôde vér-se a cada pagina do *Leal Conselheiro*, obra Philosophica de El-Rei D. Duarte.

Este verbo foi muito usado, mas já no tempo de Bernardes estava antiquado, quanto a mim semrazão nenhuma. Quasi o mesmo pôde dizer-se de *Xastre* por *Alfaiate*, posto que ainda usasse d'elle Francisco Rodrigues Lobo. *Calceteiro*; não quer aqui dizer o homem' que faz, ou con-certa calçadas, unica significação que hoje tem : mas o Fa-bricante de meias, em razão disso antes do Terremoto, havia em Lisboa uma rua chamada a *Calcetaria*, onde esta-vam arruadas todas as lojas em que se fabricavam meias.

Ahi cada Semana o Çapateiro
A vossa propria pelle não esfolla
A troco da de Bode, ou de Carneiro.

Ahi não encontraes com Mariola,
Que depois de moer-vos, vos diz « guarda ! »
Nem anda o pé por lamas em que atola.

Ahi basta vestir de roupa parda,
E servir de Rocim Gallego, ou Macho,
Ora pôsto de sella, ora d'albarda.

Ahi não rabeaes aos do Despacho,
Que vos levam traz si sem vos dar vento,
E nisto tambem eu a mim me tacho.

Rabear está aqui na significação de andar seguindo e acompanhando sem cessar os poderosos, para alcançar delles o despacho de suas pertenções, estou certo que Ferreira tão amante da correção, e da expressão nobre censuraria este uso de um verbo, que se explica pela phrase vulgar *andar ao rabo d'alguem* mas Bernardes pecca frequentemente na baixeza dos termos. O mesmo verbo *rabear* tambem se usa na significação de estar inquieto sobre um assento, revolver-se nelle com furia, e dar upas. Neste sentido disse Francisco Manuel na traducção dos *Martyres* fallando de Pithonissa

na tripode rabea.

Ahi, segundo o meu entendimento,
De mais alegre vida vos lograes,
Que quantos della tem contentamento.

Ahi, quando quereis caçar, caçaes
Pêga com Gavião, com Galgo Lebre,
A poucos passos, que no campo daes.

Ahi pouco vos dá que as pazes quebre
O Calipha do Egipto, e o Saladino,
Nem que o Prestre João mourra de febre.

E menos, que Rinaldo Paladino
Vá per amor d'Angelica la bella
A' serra d'Ossa a se meter Beguino.

Ahi, sem passar mar, nem mudar sella,
Vereis pintado o Mundo, ou por escripto
Em Plinio, Ptolomeo, Pomponio Mella.

Ahi não vos abrange o Interdicto,
Que pôz Rabi Asar em Babilonia,
Porque largou Granada El-Rey Chiquito.

Ahi viveis em fim sem cerimonia,
E lêdes, sem estorvo, hum dia todo
Sem vos ser necessario Celidonia.

Cartas, e Dados vam-se pôr de lôdo,
Ou vam-se apposentar c'os do contrato,
Que trazem o dinheiro em caza a rôdo.

Ahi, não da ribeira, mas do matto
Vos trazem Perdigões, e Laparinhos,
O Cabrito de mama, o tenro Pato.

Trazem-vos da esparrella Passarinhos,
E Rolas, amarellas de gordura,
Os Criados da caza, e os visinhos.

Faltam-vos hi Perú's pola ventura ?
Bem sabem nesta Casa, como sabem
Onde a lembrança em vez de gosto dura.

O Azeite, por mais que vo-lo gabem
De mui claro, de louro, e de gostoso,
Muito môres louvores nelle cabem.

Tambem tendes ahi Trigo espantoso,
Segundo ouço dizer, que de certeza
Não sei si faz pão feio, si formoso.

Foi liberal em tudo a Natureza
Com essa vossa Quinta dos Vaqueiros,
E deu-lhe inda comvosco môr riqueza.

Hum gabo me esquecia dos primeiros,
Que lhe poderá dar para tropheo
Dos mais louvores seos bem verdadeiros.

E he, que tal licor lhe da Lieo,
Que não sómente alegra huma alma afficta,
Mas antecipa o placido Morphee.

Ahi, que seja sempre o Ceo permita !
Para vos occupardes no divino
O Monte, o valle, o bosque vos incita.

Imita-vos o Rio cristalino,
A Planta, a Flor, o Bicho, o Passarinho,
E a Fonte, que murmura de continuo.

E tendes o Egypto por visinho,
Onde podeis gostar celeste fumo
No pobre, e penitente Capuchinho.

Finalmente, Senhor, eu me resumo,
Que outra vida não ha que melhor seja,
Posto que a todas vou lansando o prumo.

Quem a pôde gozar, que mais dezeja?
A que Banda, a que Mythra, a que Corôa,
A que couza do Mundo tem inveja?

Do mal ahi mais tarde a nova sôa,
Do bem hi vô-la manda o bom amigo,
Ou seja de Madrid, ou de Lisboa.

Huma, e outra vos affirmo, e digo,
Que na vida do campo corre a vida,
E a alma tambem, menos perigo.

Soberba não he vista, nem ouvida
Entre simples, e humildes Lavradores,
Nem falsa hypocrisia conhecida.

Não trazem entre si aduladores,
Que por proveito seu, e alheio damno,
Ao gosto sempre fallam dos Senhores.

Ali não tem logar o falso engano
Em Escripturas, tractos, e destractos,
Em ouro, e prata, nem em seda, e pano.

O que Diogo Bernardes affirma nestes versos está em perfeita contradicção, com o que ouvi muitas vezes ao Padre Diogo dos Santos, um dos mais eloquentes Ora- dores sagrados, que tem florescido em Lisboa. « Tremo (me dizia elle muitas vezes) quando vêjo a meus pés um homem, ou mulher do campo, porque a longa pratica do confessorario me tem ensinado, que não ha gente mais perversa, e com menos disposições para emendar-se. » E os Poetas a aturdir-nos com os seus encomios da innocencia, e sinceridade dos Camponezes, e as doçuras da vida rustica; mas os Confessores julgam os rusticos pelo exame de suas consciencias, e dos actos da sua vida privada, e os Poetas os celebram quasi sempre sem haverem visto vinte, e quatro horas com elles.

Ahi em vãos, sobejos apparatus
Não gastam o que tem, e o que não tem,
E appellar depois pera Pilatos.

Emfim, Senhor, vós escolhestes bem,
Seja por huma via, ou outra via,
Tal vida por agora vos convem.

Concede-vos ahi a noite, e o dia
Branda conversação, casta, suave
Com vossa bella Esposa em companhia.

Ella do peito seo vos deo a chave,
Vós lha destes tambem do peito vosso,
E assi não tem Amor, de que se agrave.

Ah, Senhor Dom Gonçalo, que não posso
Tractar desta materia como devo,
Tal ando eu, tal anda o tempo nosso.

Este, em que eu estes versos vos escrevo,
A negocios, que emportam, fui roubando,
Por elles ser mais largo não me atrevo,
State sano, ed a Dio vi raccomando!

Esta Epistola, apesar de algumas incorrecções de estylo, e de metro, é uma das mais ricas de Bernardes, nella se encontra boa moral, preceitos de gosto, rasgos satyricos expressados com graça, e concisão, e agradaveis pinturas campestres, foi por isso que a preferi para terminar o que tinha que dizer a respeito deste Poeta.

A fama deste Escriptor, assim como a dos seus contemporaneos, esteve eclypsada em quanto floresceu a Eschola de Gongora; a cujos discipulos seu estylo parecia rustico, prosaico, e falto de engenho; porém Bernardes ainda cahiu em maior desprezo não só porque Manuel de Faria e Sousa lhe provou o plagiato de cinco Eclogas, e de Santa Ursula de Camões, além de outras obras, que elle desconfiava serem do Cantor dos Lusíadas, e que não deu definitivamente como taes por não as haver achado em algum manuscrito debaixo do nome de Camões, mas porque tractou as suas outras poesias como parto misaravel de um homem sem talento.

Felizmente os Arcades, restabelecendo o bom gosto da poesia, e o estudo dos antigos, e dos Quinhentistas, lhe fizeram justiça, e desde então ninguem deixou de contar a Diogo Bernardes entre os melhores Poetas do seculo de ouro das nossas Letras.

CAPITULO VII.

Fr. Agostinho da Cruz.

Foi como acima dissemos irmão de Diogo Bernardes, e nasceu como elle na Villa da Ponte da Barca no anno de 1540, porém não consta o mez, e o dia do seu nascimento.

Chamou-se no seculo, como tambem já dissemos, Agostinho Pimenta, appellido desgraçado, por que sendo usado por dous Poetas, Fr. Agostinho, e seu irmão, nenhum delles é conhecido por elle.

Agostinho Pimenta mostrou desde os seus primeiros annos grande viveza, e engenho, e muita facilidade em comprehender todas as disciplinas a que se applicava.

O genio poetico se desinvolveu nelle mui cedo, e as suas composições foram recebidas com grande applauso, e na verdade o mereciam, porque eram senão superiores, pelo menos não inferiores ás de seu irmão.

Era naquelle tempo a casa do Senhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, neto d'El-Rei D. Manuel, o mais famoso ponto de reunião de todos os que cultivavam as Letras, porque o seu nobre dono herdára de seu Pai o amor do saber, e das boas Artes, e com o seu benevolo acolhimento convidava a frequenta-lo a todos os Alumnos das Musas, a quem amava, e tinha na mais alta estimação.

Agostinho Pimenta foi admittido entre os fidalgos da casa daquelle Principe, que tendo quasi a mesma idade, iguaes inclinações, e conhecendo o seu honrado, e virtuoso proceder, o tractou sempre mais como amigo, que como criado.

E' facil de vêr quanto esta situação vantajosa, e o tracto contínuo com tantos homens de letras, que então davam honra á nossa patria, habilitaram Agostinho para distinguir-se na carreira Literaria, aproveitando-se das lições, conselhos, e conversação de taes amigos.

Entre as altas personagens, que frequentavam a casa de D. Duarte, distinguia-se muito D. Alvaro, Duque de Aveiro, e seu filho D. Jorge, Duque de Torres Novas, e estes fidalgos, que muito se compraziam de ouvir recitar as bellas poesias de Agostinho Pimenta, lhe tomaram uma affeição tão viva, que o Poeta lhes deveu muitos, e importantes obsequios, tanto no seculo, como no claustro.

Com tão grandes, e poderosos proctetores, com a recommendação do seu talento, e com as suas obras, que eram lidas, estimadas, e disputadas por todos os que eram dotados de bom gosto na Literatura, podia Agostinho Pimenta fazer fortuna no mundo, se o Omnipotente o não tivesse predestinado para marchar por outro caminho, trocando as glorias mundanas pelos gozos ineffaveis do Ceo.

Todos sabem, que a Infanta D. Isabel, viuva do Infante D. Duarte, edificou o Convento de Santa Catharina de Ribamar, no anno de 1591, e o entregou aos Religiosos Arrabidos em testemunho da grande estima, e devoção, que professava áquella Ordem, e ao seu santo Patriarcha.

Era por isso a casa de seu filho, em cuja companhia a Infanta vivia, diariamente frequentada pelos Religiosos mais dignos daquella Congregação, que a sua Padroeira recebia sempre com aquella amavel, e piedosa affabilidade, que em taes pessoas é meio seguro de impôr respeito, e grangear affecto, e veneração.

Entre estes dignos Padres, o que mais assiduamente visitava a Infanta, era Fr. Jacomo Peregrino, a quem chamavam *o Tio*, para distingui-lo de outro Religioso do mesmo nome, e de igual virtude, que era sobrinho do primeiro; e que havia nascido em Obidos, e depois gozou de grande privança com El-Rei D. João IV.

Fr. Jacomo era muito respeitado por suas virtudes, seu saber, e zêlo religioso, e nas occasiões, em que visitava a Infanta tinha largas conferencias com Agostinho Pimenta, em quem conhecia grande disposição para a vida espiritual, e que era um dos mais assíduos ouvintes dos seus Sermões, a que não faltava senão quando era impedido pelo desempenho das suas obrigações.

Agostinho Pimenta era de character jovial, e amigo de folgar, mas honesto, temente a Deos, e mui fervoroso em

tudo que dizia respeito á Religião, e por isso os discursos de Fr. Jacomo sobre o nada das grandezas humanas, sobre a fragilidade da amizade dos homens, e as vantagens da penitencia para conseguir a vida eterna, fructificaram exclusivamente em seu coração.

A esta disposição de espirito vieram dar o ultimo abalo o mau exito de algumas pertencções, algumas calumnias de invejosos, e algumas censuras injustas, algumas perfidias de amigos, com quem a sua alma candida se havia enganado. Então aborrecido do mundo tomou a resolução irrevogavel de fugir para a solidão, e vestir o habito de S. Francisco, na Provincia da Arrabida.

Nem representações de amigos, nem lagrimas de familia foram poderosas para o fazer tornar a traz com seu proposito, e pediu o habito ao Provincial, precedendo licença da Infanta.

Uma das opiniões mais irroneas, que divagam por esse mundo, é a que muitas pessoas tem da irreligiosidade dos Poetas, quando a verdade é, que não se pòdendo merecer o nome de grande Poeta, sem uma imaginação ardente, uma sensibilidade exaltada, e a paixão do maravilhoso; sam os homens, que possuem estes dotes os mais dispostos para se enthusiasmarem pela gloria eterna, e para sentirem com gratidão os benefícios do Creador, e fervidamente ama-lo.

Não pensava assim o Provincial, pois que desconfiando muito da constancia, e fervor da vocação de Agostinho Pimenta, não quiz logo expô-lo ás austeridades da Arrabida, e para experimenta-lo, mandou que tomasse o habito, e tivesse o seu noviciado no pobre, e pequeno Convento da Serra de Cintra, o que teve logar no dia de Vera Cruz no anno de 1560.

Enganou-se porém o Provincial no conceito que fizera de Agostinho Pimenta, e sahiram baldados os seus receios, pois o Noviço, em vez de esfriar no seu primeiro ardor, cada dia se tornava mais fervoroso, sujeitando-se ás mais austeras penitencias, jejuns e disciplinas, e assim volveu o anno das provanças, findo o qual fez a sua profissão solemne, no mesmo dia da Vera Cruz, em virtude do que se ficou chamando Fr. Agostinho da Cruz.

Depois de professo continuou na mesma austeridade de

vida, desempenhando todos os preceitos da Ordem reformada, que abraçára; não julgou porém que estivesse obrigado a deixar de corresponder-se com as pessoas de quem fôra obsequiado, com os seus amigos, e parentes, a quem algumas vezes visitava, sentando-se á sua meza, mas portando-se sempre com a gravidade, e modestia propria de um Regular. Fr. Agostinho da Cruz não era fanático, nem misantropo, mas religioso na rigorosa acceção deste termo, sabia por isso que a sua obrigação não era aborrecer, e fugir dos seus irmãos seculares, mas instruí-los com as suas praticas, e edifica-los com os seus exemplos.

Pelo mesmo motivo, posto que tivesse rasgado, ou queimado quasi todas as poesias compostas no seculo, não deixou de sempre cultivar a primeira das Bellas-Artes, reconduzindo-a á sua instituição primitiva, porque ninguém ignora que o primeiro officio da poesia foi tributar louvores, e hymnos de gratidão ao Creador, e fazer parte das ceremonias do culto, como ainda hoje se pratica, pois a Igreja tem hymnos, que se cantam nas suas festividades. Nem sam poucos os que contém o Breviario.

O comportamento modesto, e religioso de Fr. Agostinho da Cruz, a mansidão, e amabilidade de seu character, sua devoção fervorosa, e sua austeridade deviam torna-lo objecto de respeito, e admiração para os Religiosos, com quem vivia, e por isso não admira, que muitas vezes fosse eleito em Capitulo para os cargos da Ordem; era porém tamanha a sua humildade, e tão completo o seu desapego das cousas, e honras terrestres, que sempre os regeitou todos; e só quando já contava sessenta annos de idade é que cedeu aos rogos, antes importunações do Provincial Fr. Antonio da Assumpção, e se resolveu a exercer o cargo de Guardião no Convento de S. José de Ribamar.

Desempenhou este logar alguns tempos com aprazimento, e louvores dos seus subditos; mas acceitando aquelle cargo, não houvera elle em vista subir a outros de maior graduação, mas sómente facilitar os meios de alcançar a sua transferencia para a Serra da Arrabida, onde muito desejava terminar seus dias entregue ao retiro, e á penitencia.

Obtida, não sem custo, a sua patente, em dia de S. Jo-

sé de 1605, tomando a benção do Provincial, o bastão, e o alforge, e cheio de contentamento partiu para o seu destino.

O Duque de Aveiro, e seu filho D. Jorge, Duque de Torres Novas, Padroeiro do Convento de Nossa Senhora da Arrabida, estavam então vivendo na sua quinta de Azeitão, e como Fr. Agostinho da Cruz era mui obrigado a estes fidalgos os visitou em seu caminho para lhe dar parte de que ia diffinitivamente recolher-se no Convento da Serra, para onde partiu apenas comprira com este acto de gratidão, e civilidade.

Havendo ali chegado, fez oração na igreja, e repetiu o seguinte Soneto á Senhora, que é o orago daquella casa.

SONETO.

Aqui, Senhora, minha, onde sohia
Cantar na minha leve mocidade,
O muito que de vossa saudade
Desejei de accender nesta alma fria,

Aqui torno outra vez, Virgem Maria,
Desenganado já, mais de verdade,
Pois me mostrou do Mundo a falsidade,
Que a lagrimas comprei quem me vendia.

Conselham-me tão claros desenganos,
Que comece de novo nova vida
Nesta Serra deserta, alta, e fragosa.

Mas sam conselhos vãos, leves, humanos,
Que vós nunca quizestes ser servida
Sinão por puro amor, Virgem formosa.

Feita a sua apresentação ao Superior, que o recebeu com a benevolencia devida á sua virtude, e á sua idade, passou á serra, e como nella não havia gruta alguma, ou estancia desoccupada, teve elle proprio de erguer por suas mãos uma choça de ramos de arvores onde se abrigou da intemperie do tempo, até que o Duque lhe mandou fazer outra mais commoda.

Foi na primeira noite, em que dormiu na sua choupana da serra, que elle, elevando o pensamento a Deos, cantou o seguinte :

SONETO.

Que logar acharei no pensamento
Tão aspero, medonho, triste, escuro,
Onde, meu Redemptor, esté seguro
De mais vos offender hum só momento !

Não digo pelo meu contentamento,
Que brando me faria outro mais duro,
Mas por não ser ingrato a Amor tão puro,
Que morreo por me dar merecimento.

Como vos servirei pois vos não amo?
Como vos amarei, pois vos offendo?
E sempre cada vez mais gravemente.

Nestes frios suspiros, que derramo,
Sem servir, sem amar, Senhor, entendo
Que não ha poder ser, viver contente !

Os Leitores, que conhecem a Serra da Arrabida, sabem que difficilmente poderá encontrar-se na terra um sitio mais agreste, e pictoresco, uma solidão mais propria para inspirar devota melancholia, e para nos reconcentrar em nós mesmos, fazendo-nos esquecer do bolicio do mundo, das suas intrigas, das suas paixões, e nadas brilhantes ! O convento nella collocado, as lapas, em que viveram, e em que vivem os Eremitas, os penedos sobre postos em penedos, os rogididos dos ventos, o bramir do mar ao longe, e suas vagas, que se enrollam, quebram, e retumbam nas raizes das rochas, que servem de fundamento á serra, e echoam no ouco das suas cavidades, tudo nos arrebatava aos Ceos, e nos familiarisa com o aspecto da morte.

Neste deserto vivia tranquillo Fr. Agostinho da Cruz redobrando cada dia em austeridades, e penitencia. Alevantava-se antes de amanhecer, e depois de fervorosa oração, ia á Ermida de Nossa Senhora da Memo-

ria ajudar á Missa de outro Solitario por nome Fr. Diogo dos Innocentes, que depois lhe ajudava á sua; voltava então para o seu retiro, onde empregava o tempo na reza do officio divino, em santas meditações, e na leitura da Biblia, e do Evangelho: algumas vezes passeiava pelos cabeços da serra, ouvia os canticos das aves, colhendo algumas flores agrestes, ou compondo de cór alguns versos, que á noite escrevia; foi em uma destas excursões, que compôz este bello

SONETO.

Tempo foi, que pastava neste prado
Bem fóra de cuidar que poderia
Tornar a vêr-me nelle inda algum dia,
De tantos mil cuidados descuidado.

O Senhor, que me trouxe a tal estado,
Quando castigos graves merecia,
Dando-me muito mais do que pedia,
Para sempre jámais seja louvado.

Estas agoas correntes, estas flores,
Estes bosques cobertos de verdura
Os Passarinhos nelles escondidos.

Aqui lhe dem comigo mil louvores,
Sem fim o louve toda a creatura,
Não sintam outra couza meos sentidos.

Passava horas em pé sobre os pinearos revestidos de verdura, atalaiando o Occeano, que vai pegar-se com a athmosphera nos confins do horisonte; ou contemplando as riquissimas côres, e os recortes pictorescos das nuvens, no momento do pôr do Sol.

Todos os domingos pela manhã ia ao Convento receber o pão para toda a semana, e nos dias mais solemnes ficava para assistir aos officios divinos: pão, e agoa era o seu sustento diario, e ordinario, excepto nos dias de festa, em que fazia uso de algumas hervas, ou fructas, porém sempre em pequena quantidade.

Para fugir do ocio, algumas vezes se empregava em trabalhos braçaes, como os antigos Monges, e fabricava cestinhos de verga, e bordões, que distribuia pelos seus Frades, e pelos Duques, e Duquezas de Aveiro, e de Torres Novas, que muitas vezes o visitavam na sua solidão, e que no claustro, e fóra d'elle sempre lhe tributaram a mais sincera amizade.

A fama das suas virtudes se divulgou de pressa por todas as terras circumvisinhas, e foi causa de que muitas pessoas o procurassem, já para lhe pedir conselho, já para se confessarem com elle, ou para sugeitar-se á sua direcção espiritual. O Servo de Deos recebia a todos com agrado, e benevolencia, prestando-se como bom religioso, que era, a este desempenho dos seus deveres de Ministro do Altar, porém estas visitas, e forçado tracto com seculares o incommodavam muito, porque perturbavam a sua solidão, e o destrahiam das devotas meditações, em que sempre andava engolfado.

Naquelle deserto recebeu Fr. Agostinho da Cruz a amarga noticia da morte de seu irmão mais velho, Diogo Bernardes, a quem amava ternamente, e de quem fôra ternamente amado. Elle deplorou esta perda na Elegia IX. , uma das melhores da sua collecção.

ELEGIA.

Claras agoas do nosso doce Lima,
Secou no Téjo já vossa corrente,
Onde me seca a dôr, que me lastima.

Lembranças de vos vêr suavemente,
Correr ao som da voz, que em vós sôava,
Não me deixarão já viver contente.

Lembra-me a tenra idade, que passava
Lembrando-me daquella companhia,
A quem tanta brandura acompanhava.

Lembra-me quantas vezes succedia
Das Plantas, e das Fontes convidados
Acceitar sombras frescas, e agoa fria.

Outros mil pensamentos renovados
A magoa me offerece imaginando,
Que nunca ham de tornar tempos passados.

Fique-se o Mundo já desenganando,
Que não se abranda a morte com brandura,
Pois a não abrandou teu peito brando.

Que mór consolação, que mór ventura,
Antes quanto favor de Deos alcança
Quem dá na vida á vida sepultura !

Ah claro, e charo Irmão, que confiança
Me fica neste passo saber certo,
Que tinhas lá no Ceo tua esperança !

Sabias que da morte andavas perto,
Perto tambem de Deos a desejavas,
Como d'antes me tinhas descoberto.

Que nem sempre do Lima praticavas,
Nem sempre cá do Téjo só comigo,
Nem tudo hera Poesia o que tractavas.

Eras, alem de Irmão, mais do que amigo,
Por me vêres do Mundo despedido,
Cujos males chorar vinhas comigo.

Tinhas chorado assás, tinhas gemido,
O tempo vão da verde mocidade,
Na velhice madura conhecido.

Não se deixa sentir a vaidade,
No principio da vida grangeada,
Quando contra a Rasão reina a vontade.

D'hum gosto n'outro falso emcaminhada,
Não sofre mais ouvir do que dezeja,
Nem sabe dezejar couza accertada.

He necessario pois que se proveja
D'alheio parecer na cauza sua,
Porque na sua o seo sempre manqueja.

Mas porque mais não note, nem argua,
Os defeitos communs da Natureza
Dos meos quero tractar na morte tua.

Eu cuidava bastar a fortaleza
Da solitaria serra, em que eu habito,
Para fortalecer minha fraqueza.

Mas nella se abalou mais meo Esprito,
Que chorando não fica consolado
Da muito aguda dôr, que o tem afflicto.

Dôr, que no coração amargurado,
De momento em momento mais si entranha,
Sem que possa ficar desafojado
Nas lagrimas de amor, em que se banha.

Desta Elegia se depreheude, que entre os dous irmãos reinava viva, e reciproca amizade, que Bernardes, persintindo a proximidade do fim de sua existencia, havia requintado na sua habitual devoção; que ia muitas vezes visitar seu irmão á Serra da Arrabida, para lhe confiar suas magoas, para lhe pedir conselho, e receber delle consolação nos seus trabalhos.

Apesar do seu quasi completo desapego das cousas do mundo Fr. Agostinho da Cruz não podia esquecer-se de Bernardes, levava, como diz Fr. Antonio do Espírito Santo, noites inteiras orando pelo descanso de sua alma; e tornou de novo a tocar por elle o alaude de Eutherpe na seguinte

ELEGIA.

Junto das bravas agoas Occeanas
Choro quanto cantei na mocidade,
Ao som daquellas mansas Limianas.

Daquellas, que já foram n'outra edade
Com nome de Letheas celebradas,
Por lhe faltar do curso a liberdade.

Que estando tanto tempo represadas,
O tempo lhe deu nome de esquecidas
Athe lho dar Bernardes de lembradas.

Mostrai-vos claras agoas, tão sentidas,
Quanto vos deo Bernardes de brandura,
Vêjam-vos de correr ficar corridas.

Deixai seccar nos campos a verdura,
Como já nos do Téjo se secou,
Por darem a Bernardes sepultura.

Mostrai mais do que nelles se mostrou,
Pois o ser natural mais vos obriga
Alem de quanto mais vos obrigou.

Cuidai que não se achou memoria antiga,
Que tanto vosso nome celebrasse,
Quanto não faltará quem melhor diga!

Quem dissesse melhor do que Bernardes, e que todos os outros contemporaneos existia havia muito tempo, mas nem Ferreira, nem os Poetas da sua escola fallaram nunca em Luiz de Camões. Em outro lugar examinarei os motivos probaveis desta singularidade.

Ainda que se agora não deixasse
De lhe dar o louvor, que se lhe deve,
Não faltaria quem me desculpasse.

Mas quem tão differente do que teve
A vista dos seus olhos desencolhe,
Quanto mais quer louvar menos se atreve.

Que de humanos louvores não se colhe
Outro fructo senão remordimento
De quem semêa, e mais de quem recolhe.

Podera-me aballar o sentimento
Da fraca humanidade n'outra terra,
Não nesta, em que só pobre, vivo isento.

Metido n'huma Lapa desta Serra,
Que tenho que esperar, ou que temer
Nos successos da Paz, ou nos da Guerra?

A Morte já não tem que me empecer,
A vida pouco já deve durar,
A conta não me fica por fazer.

Poderam-se os Gentios quietar,
Sem gosto da Christãa Philosophia,
Com gostos desta vida desprezar.

Quanto mais o que delles se desvia
Escolhendo o melhor, e mais seguro
Por outra mais suave, e doce via,

Onde se faz mais claro o mais escuro,
Onde muito mais leve o mais pesado.
Onde muito mais brando o que he mais duro.

Onde se o pé descalso he magoado,
Se cura com lembrar, que seo Senhor,
O foi nos pés, e mãos, cabeça, e lado.

A tanto se estendeo o Redemptor,
Que pelo máo trocou seo amor, sendo
O seo de Deos, o meo de Pecador.

Daqui não sei passar, aqui suspendo
Quanto posso alcançar, quanto sentir,
Pois que me vêjo amar de quem offendo.

D'onde posso acabar de concluir
Que quando não poder chegar amando,
Suprirei com desejos de servir.

Póde ser que se abrande dezejando
Tanto no peito meo minha dureza,
Que de duro se venha a fazer brando.

Para que sinta esta alma em fogo acceza,
Tanto quanto mais nelle arder dezeja,
Sem mais contradicção da Natureza
Do que divino amor quizer que seja.

Quatorze annos de vida eremitica na Serra da Arrabida passou Fr. Agostinho da Cruz, orando, poetando ao divino, e entregue aos jejuns, e penitencias mais austeras; seu corpo, como era de esperar, se ia definando com a falta de alimentos, e das commodidades para a conservação da vida, sem que nunca desse signal algum de esfriar na resolução tomada, o que prova bem a sinceridade de sua vocação, até que em 14 de Março de 1619 a natureza succumbiu inteiramente aos maus tractamentos, á falta de alimentos, que se chama virtude, mas que se é tal aos olhos da devoção, aos da razão não póde escapar da nota de suicidio lento, e prolongado.

Declarou-se-lhe então uma febre ardentissima, que ia consumindo a olhos vistos as poucas forças, que ainda restavam naquelle já, não corpo, mas cadaver animado, de modo que foi necessario transferi-lo para a enfermaria, que a Communidade tinha na Villa de Setubal; a jornada foi por mar, e o Servo de Deos voltava saudoso os muribundos olhos para aquelles rochedos cobertos de verdura, e musgo, de que elle fizera o seu paraíso na terra, e que estava certo, que não tornaria a habitar.

Chegado a Setubal, e recolhido na enfermaria, foi logo pôsto em tractamento regular, sendo visitado pelo Duque de Torres Novas, e outras personagens, que sabiam apreciar os seus talentos, e as suas virtudes; mas todos os remedios, e todos os disvellos dos Enfermeiros, e em especial do seu amigo Fr. Antonio Netto Corrêa, que nunca

se apartava da sua cabeceira, foram inefficazes, e os Facultativos declararam depreça ao Guardião, que a hora do passamento não podia tardar.

Da bocca do Guardião recebeu Fr. Agostinho da Cruz esta noticia com serenidade, e resignação, preparando-se para a eterna jornada, despedindo-se dos Religiosos com muitas lagrimas, pedindo-lhe perdão do escandalo, que lhes havia dado, ou melhor que presumia haver-lhe dado, e recebidos do Guardião os soccorros espirituaes, ficou esperando tranquillo a visita do Anjo da morte.

Assim falleceu Fr. Agostinho da Cruz, em 14 de Março de 1619, com 79 annos de idade, 59 de Religioso, e como dissemos, 14 de Monge na Serra da Arrabida.

O Duque de Torres Novas lhe quiz dar nova prova de estima, mandando tirar-lhe o retrato depois de morto: dizem que nessa occasião o cadaver se rira, e que Pintor, e assistentes fugiram espavoridos; a este respeito cada um acreditará o que lhe pareça, mas pela minha parte digo que este milagre sem motivo, nem fim me parece um parto de imaginação fradesca.

Fr. Agostinho da Cruz havia manifestado muito desejo de ser sepultado no seu Convento da Arrabida, e os Duques de Aveiro, e Torres Novas se empenharam em que a vontade do Poeta tivesse o seu effeito, e para isso mandaram apromptar uma falua, guarnecida com toda a pompa, e asseio, em que foi transportado a Arrabida, acompanhando-o muitos Religiosos, e pessoas distinctas, e entre ellas o Duque de Torres Novas, e o Marquez de Porto Seguro.

Na Arrabida lhe celebrou a Communidade um solemne Officio, em 16 de Março; findo o qual, se deu o corpo á sepultura, sendo o logar desta, fora das grades, do lado da sacristia.

Si Fr. Agostinho da Cruz no excesso do seu zêlo religioso, e fervor da sua conversão não houvesse queimado todas as poesias da sua mocidade, e a sua nova vida não restringisse o seu estro aos assumptos puramente asceticos, é muito probavel, que o seu nome, e as suas obras fossem hoje tão populares como as de seu irmão. Não tem, é verdade, tanta amenidade, o que se deve ás materias, que tracta; é certo que, como elle, cahc muitas ve-

zes no uso de palavras baixas ; mas parece-me, que a sua expressão é mais forte ; seus pensamentos mais philosophicos, a sua imaginação fecunda, e o metro igualmente harmonioso, e podemos sem escrupulo nenhum classificarlo como um dos melhores Poetas desta epocha.

Seu estylo simples, talvez demasiado ás vezes, corre como um arroio, limpido murmurando por um leito de aréas, e cortando prados matizados de flores : a miudo apresenta trechos de poesia descriptiva, que arrebatam o coração do Leitor ; a sua moral é pura, os seus sentimentos elevados, e a devoção, e espirito religioso resumbra por todas as suas composições.

As obras de Fr. Agostinho da Cruz constam de vinte e seis Sonetos, doze Eclogas, dez Elegias, quatro Odes, trez Epistolas, um Poema em oitavas, sobre o martyrio de Santa Catharina, e alguns Motes, Voltas, Redondilhas, e Endechas.

Entre os Sonetos ha bastantes de grande merecimento, e um delles é aquelle em que excitado com a vista do mar, que muitas vezes contemplava, exclama.

SONETO.

Do meio desta Serra derramando
A saudosa vista nas salgadas
Agoas, humildes quando, e quando enchadas
Conforme a qual o Tempo vai soprando.

Estou comigo só considerando
Donde foram parar couzas passadas,
E donde hirão presentes malfadadas,
Que pelos mesmos passos vam passando.

Oh qual se representa nesta parte
Aquella derradeira hora da vida,
Tão devida, tão certa, e tão incerta.

Em quantas tristes partes se reparte,
Dentro desta alma minha entristecida,
A dôr, que em taes extremos se desperta !

A aproximação dos successos da vida, que vam correndo com as vagas do Oceano, a comparação da instabilidade destes, com a daquelle cujo aspecto varia com o sopro dos ventos, terminando estas considerações com a certeza da morte, me parecem idéas de viva imaginação, ligadas por um sentimento profundo.

Igual belleza de pensamentos, e mui bons rasgos de poesia descriptiva vêmos no segundo

SONETO.

Passa por este valle a Primavera,
As Aves cantam, Plantas emverdecem,
As Flores pelos campos apparecem,
O mais alto do Louro abraça a Hera.

Abranda o Mar, menor tributo espera
Dos rios, que mais brandamente descem,
Os dias mais formosos amanhecem,
Não para mim, que sou quem d'antes hera.

Espanta-me o porvir, temo o passado,
A magoa choro d'um, d'outro a lembrança,
Sem ter já que chorar, nem que perder.

Mal se póde mudar tão triste estado,
Pois para o bem não póde haver mudança,
E para maior mal não póde ser.

Entre alguns Sonetos a Magdalena, me parece que é devida a preferencia ao que se segue

SONETO.

Diante do Senhor está lansada
A Magdalena triste, e vergonhosa,
Qual na força do Sol vermelha Rosa
Dos seus ardentes raios traspassada.

A nova, e grave dôr lhe tem roubada,
Signal do que padece, a voz queixosa,
Lembra-lhe, que passou tão perigosa
Vida, da vida sua descuidada.

Os pés, que de seos passos foram guia,
Em lagrimas banhados alimpava,
Com os cabellos, de que se cobria.

Ali do Redemptor, a quem buscava,
Encaminhada foi, porque queria,
Que amasse muito mais quem tanto amava.

As Elegias, que acima se transcreveram, me parecem
sufficientes para dar idéa de seu merito, neste genero de
Poema, accrescentarei áquellás a segunda Elegia, que
me parece excellente.

Alta Serra deserta, d'onde vêjo
As agoas do Oceano d'uma banda,
E d'outra já salgadas as do Téjo.
Aquella saudade, que me manda
Lagrimas derramar em toda a parte,
Que fará nella saudosa e branda !

Daqui mais saudoso o Sol se parte :
Daqui muito mais claro, mais dourado,
Pelos montes, nascendo, se reparte.

Aqui sobe-lo mar dependurado
Hum penedo sobre outro me ameaça,
Das importunas ondas solapado.

Duvido poder ser que se desfaca
Com agoa clara, e branda a pedra dura,
Com quem assim se beja, assim se abraça.

Mas ouço queixar dentro a Lapa escura,
Roidas as entranhas apparecem,
Daquella rouca voz que lá murmura.

Eis por cima da rocha aspera descem,
Os troncos meios seccos, emcurvados,
Eis sobem, os que nelles emverdecem.

Os olhos meus d'ali dependurados,
Pergunto ao mar, ás plantas, aos penedos
Como, quando, por quem foram creados.

Respondem-me em segredo mil segredos,
Cujas primeiras Letras vou cortando
Nos pés d'outros mais verdes arvoredos.

Assim, com cousas mudas conversando,
Com mais quietação dellas apprendo,
Que outras, que hi ensinar querem fallando.

Só pejejo, só grito, só contendo
Com armas, com razão, com argumentos,
Ellas só com callar ficam vencendo.

Ferido de tamanhos sentimentos
Fico fóra de mim, fico corrido
De vêr sobre que fiz meus fundamentos.

Ali me chamo cêgo, ali perdido,
Ali por tantos nomes me nomeio,
Quantos por culpas, tenho merecido.

Ali gemo, suspiro, ali prantêo,
Ali geme, suspira, ali pranteia
O monte, e vai de mil suspiros cheio.

Ali me faz pasmar, ali me enleia
Quanto colhendo estou da saudade,
Que por toda esta terra se semeia.

Ora me ponho a rir da Vaidade,
Ora triste a chorar com quanto estudo
Erros solícitos da mocidade.

Tudo se muda em fim, muda-se tudo,
Tudo vêjo mudar cada momento,
Eu de mal em peor também me mudo.

Sohia levantar meo pensamento
Assentado sobre estas penedias,
Duras, e eu duro mais nellas me assento.

Punha-me a vêr correr as agoas frias
Por cima d'alvos seixos repartidas,
Que faziam tremer Hervas sombrias.

As flores, que levava já colhidas,
Passando pelos valles engeitava
Por outras, d'outra nova côr vestidas.

O livre Passarinho, que vôava,
Cantando, pera o Ceo, deixando a Terra,
Da Terra pera o Ceo me encaminhava.

Cuidei que se esquecesse nesta Serra
A dura imiga minha Natureza,
Mas donde quer que vou lá me faz guerra.

Oh! quem vira naquella Fortaleza
Rodéada de fogo d'amor puro,
Daquelle amor divino esta alma acceza!
Quam firme, quam quieto, e quam seguro
No campo se pozera em desafio,
E quam brando sentira o ferro duro!
Mas si agora de mim me não confio,
Si fujo, si me escondo, si me temo,
He porque sinto fraco o peito frio.

Alevantam-se os mares; pasmo, e tremo;
Vêjo vento contrario, desfaleço,
A corrente das mãos me leva o remo.

Confesso minha culpa. Bem conheço,
Que por mais graves males, que padeça,
Menos padecerei do que mereço.

Mandaes, Senhor, que busque, bata, e peça,
Eu busco, bato, e peço, a vós, Senhor,
Sem haver cousa em mim que vos mereça:

Com os braços na Cruz, meo Redemptor,
Abertos me esperaes, com tudo aberto
Manifestos signaes do vosso amor.

Ah! quem chegasse um dia de mais perto
A vêr c'os olhos d'alma essa ferida,
Que esse coração mostra descoberto.

Esse, que por salvar Gente perdida,
De tanta piedade quiz usar,
Que deu nas suas mãos a propria vida,
A sangue nos quizeste resgatar
De tão cruel, e duro captiveiro,
Vendido fostes vós por nos comprar.

Padecestes por nós, manso Cordeiro.
Pizado, preso, e nú entre Ladrões,
Ardendo o fogo posto no madeiro
Arçam postos no fogo os corações.

Estes tercetos sam bem fabricados; os pensamentos ora philosophicos, ora ternos, a poesia pictoresca, a expressão forte, o estylo claro, e desaffectedado, como o requerem composições desta qualidade. Em Bernardes, e Caminha creio que não haverá Elegia alguma superior a esta. Talvez a haja em Ferreira, mas essa nunca a emparelhará

na correnteza de metro, que em Ferreira nunca, ou raras vezes, é exempto de dureza.

Fr. Agostinho da Cruz parece ter comprehendido melhor a Ode, do que os outros Poetas da escola, a que pertencia : pelo menos nas poucas, que delle nos restam, ha menos pezadez, menos monotonia, e mais movimento, mais sentenças, e linguagem mais elevada ; está com tudo muito longe da correccão, da elegancia, e das pinturas brilhantes, e amavel philosophia de Horacio, de Garchão, e de Francisco Manuel, mas cumpre não sermos muito severos com elle, attendendo ao tempo, e circumstancias, em que escreveu. Alguns trechos escolhidos de suas Odes, servirão de comprovar, o que temos escripto.

Si tão suavemente
O Passarinho canta,
Movido só da sua saudade,
Que fará quem se sente
Magoado de tanta
Misturada com faltas de amizade?
Ode I.

He muito diferente
Do que ao longe parece
O verde Bosque visto de mais perto.
Nem para toda a gente
Mais formoso apparece
O dia pelos valles do Deserto.
Quantas vezes desperto
Gritando ao nosso Lima
Porque se não consuma
No mar, como costuma,
Pois livre correr pôde para cima?
Quem vos visse appartadas,
Agoas do manso Lima, das salgadas.
Ode II.

O Tempo, que fugindo
Com tamanha mudança
Desengana quem nelle se confia,
Abatendo, e subindo

Diversas esperansas,
 Me faz, Lima, cuidar o que faria
 Si faltasse agoa fria,
 Si me escusasse a tua,
 Por mais clara que seja!
 Quem me tolhe que veja
 Claro de dia o Sol, de noite a Lua?
 Buscando a formosura
 De quem fez tão formosa a Creatura?

Ode III.

O Martyrio de Santa Catharina, me parece o melhor Poema deste genero, que se compoz naquelle seculo, si exceptuarmos a Santa Ursula de Camões; mas não se julgue por isso, que seja Poema de muito merecimento poetico; quero sómente dizer, que o estylo é geralmente sam, e correcto, como pódeprehender-se dos seguintes trechos.

Passa por annimaes bravos atados,
 Que, pondo os olhos nella, estão bramando,
 De verem com seo sangue venerados
 Aquelles, que sem fim estão penando,
 Adonde tendo já considerados
 Quantos nos casos seos se estão culpando,
 A Maxencio mandou dizer da porta
 Do Templo, que fallar-lhe logo importa.

.....

Mas pois tua malicia assim te cega
 Para não poder vêr idolatrando,
 Como quem seo juizo a cego entrega
 A cego, que seos passos vai guiando,
 Manda vir á disputa quem te préga;
 E verás como venço disputando;
 Moça de tenros annos, sabedores,
 Escolhe de teus Reynos os maiores.

.....

Quaes Lobos vigiando dos outeiros,
 Que viram sem Pastor a mansa Ovelha,
 Famintos, furiosos, e ligeiros,

Da pelle branca vam fazer vermelha,
Tacs foram, os algozes carniceiros,
Tanto que a voz sôou na sua orelha,
Da boca do Tyrano, que não cansa
De bradar contra aquella ovelha mansa.

Mas ella nos tormentos florescendo
Como Lyrio nos valles regadios,
Tanto mais na firmeza vai crescendo,
Quanto de sangue mais crescem os rios;
Eis o Tyrano vai desfalescendo
Do furor, desfalescem os Sandios,
Ministros seos, cansados de ferir
Quem mais ferida os faz mais consentir.

As Epistolas, ou Cartas de Fr. Agostinho da Cruz, em número de trez, não tem, é verdade, a abundancia de pensamentos didaticos, e a concisão nervosa, que admiramos nas de Ferreira, nem a variedade das de Bernardes, mas não tem tambem as durezas metricas do primeiro, nem as negligencias, e prosaismos do segundo, sam com tudo escriptas em linguagem pura, estylo simples, elegante ás vezes, e em versos quasi sempre bons, respiram excellente moral, sentimentos ternos, bem que um pouco asceticos, com especialidade a segunda, dirigida a D. Branca, confirmando-a na resolução de se meter Freira.

Que pódes esperar por mais que esperes
Do Mundo, que te tem desenganada?
Que te póde faltar se a Deos te deres?
Si vires que por tudo deixas nada,
Por nada deixarás o que descansa
No curso desta vida tão cansada.

A tanto subirás nesta mudança,
Que não haverá dôr por mór, que seja,
Na qual não cresça mais tua esperança.

Assim de culpas minhas eu me vêja
Tão longe, como perto essa alma tua
Daquillo, que esta minha vêr deseja.

Que vás apóz de quem á custa sua
Por nos levar ao Ceo d'onde nos chama
Na terra padecce morte tão crua.

Hum firme coração, que em vós se inflama,
Ardendo por se vêr de vós amado,
Por vos amar, Senhor, tudo desama.

Na primeira, escripta a seu irmão Diogo Bernardes, em resposta a outra, que este lhe inviára pouco depois da sua profissão, expondo-lhe as saudades, que delle sentia, o bom Religioso o consola com affecto verdadeiramente fraternal, mas defende o partido, que tomou como ao seu parecer mais acertado, e affirma, que por tomar o habito não é obrigado a deixar de ama-lo, como até ali fizera.

Culpas o meo amor, e dizes quanto
Me tinhas; muito foi; não sei se diga
Que tenho agora mais sempre outro tanto.

A Ley do Redemptor não desobriga
A quem a proffessou, ser obrigado
Daquillo, a que a razão humana obriga.

Si quiz que nosso imigo fosse amado,
Como não quererá que nosso amigo
Seja no mesmo amor avantajado?

Daqui se vê, que Fr. Agostinho da Cruz não era um fanatico atrabiliario, e inimigo dos homens, mas sim, um homem sensivel, que procurou refugio na religião.

Na Carta a Francisco Barreto de Lima, um dos fidalgos que ficaram presioneiros dos Serracenos na funesta batalha de 4 de Agosto de 1578, toma o Poeta um estylo menos austero, e mais cortezão, como quem levava em vista dissipar a melancholia de um captivo, divertindo-lhe a imaginação com objectos mais apraziveis, e por isso, com muito artificio lhe faz a pintura breve, mas viva, dos divertimentos daquelles, que vivem felizes retirados nas suas terras, e fugindo dos cargos públicos, e do bolicio da côrte.

Quão ditosos, quam bem considerados
Os dias sam daquelles, que fugindo
Pelos desertos vam despovoados.

Agora do Coelho vam seguindo
Os passos, que lhe mostra o Cão ligeiro,
Que busca, corre, salta, e vaí latindo.

Ora se vai trepar no Sovereiro
D'onde, sem ser ferido, o Porco fira,
Que por ferir escuma no terreiro.

Ora no raso campo onde se estira
O Galgo apoz da Lebre fugitiva,
No cansado Rocin se ponha á mira.

Ora tome, caçando, a Perdiz viva,
Das mãos do seo Açor, ou do seo laço,
Ficando a preza d'hum d'outro captiva.

E si de condicção fôr mais escaço,
No Rio vá pescar peixes á cana
Que a Marateca tem como bagaço.

Estes versos não só sam bons pelos idéas, pela harmonia, mas pela propriedade dos termos. O Cão que *busca, corre, salta, e late*; o Galgo que *se estira apoz da Lebre*, sam tudo termos technicos, que exprimem ao vivo, os movimentos destes animaes no exercicio da caça *tomar a presa* das mãos do Açor é tambem expressão tirada da linguagem da Caça da Volataria.

E' natural que um Poeta, que no seculo tivera relações com tantas pessoas, que viveu na casa de um Principe, não escrevesse sómente trez Epistolas, sendo estas um genero de Poema, que no seu tempo andava muito em moda, como se evidenccia das obras de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, e Caminha; mas é crível que, pelos seus objectos, fossem sacrificadas sem piedade ao fervor religioso, e aos escrúpulos de consciencia do Poeta, na occasião de entrar na vida conventual, e não foi isto pequena perda para o nosso Parnaso, mas a devoção exaltada transforma muitas vezes as idéas do homem, e as leva além das raias da razão.

Temos doze Eclogas pastoris de Fr. Agostinho da Cruz, que sam talvez as mais bem escriptas das suas composições; este número, e o serem compostas, na maior parte, no tempo de frade, mostra bem, que este era o genero predilecto do nosso Poeta, que para elle se sentia com maior disposição. O contheudo destes Poemas sam pela maior parte factos de sua vida envolvidos, e cobertos com o véo da allegoria pastoril, e o Poeta procede neste disfarce com tanta naturalidade, e artificio, que não faz sen-

tir muito a frialdade, que de ordinario resulta deste modo de compôr, de que outros Poetas tanto abusaram depois. Parece-me encontrar nestas Eclogas um toque mais original, sentimentos mais vivos, e um estylo mais energico, que o que se encontra nas pastoraes daquelle tempo.

Na primeira Ecloga, alusiva á sua conversão, o pastor Limabeo, lança-se entre uns penedos, e ali medita sobre a instabilidade dos bens do mundo, os seus enganos, e inconvenientes, comparando-os com as vantagens do retiro, e finalmente pede a Deos perdão de suas culpas; nesta composição deparam-se excellentes trechos, por exemplo:

Lansou-se Limabeo entre huns penedos,
D'onde via correr hum claro Rio
Accostumado a ouvir os seos segredos.

Com os olhos n'hum bosque alto, e sombrio,
A quem a Primavera já pagava
A perda, que lhe fez o tempo frio,

„ Aquillo (começou) que vos contava
„ Plantas, agoas, penedos, foi engano,
„ Já me desenganou quem me enganava.

„ Mais foi a perda sua que meo dano,
„ Mas, como dizem, tudo o Tempo cura,
„ Pois o que perde o Mez não perde o anno.

„ Engeita-se no campo a formosura
„ Do Lyrrio já colhido, que não cheira,
„ Mais hade ter o bosque que a verdura.

„ Inda mal pois não foi esta a primeira,
„ Como devêra ser, que me levára,
„ Onde não vira mais esta ribeira.

„ Não falta nos desertos agoa clara,
„ A Lapa, que da calma me defende,
„ Si ventar, ou chover, tambem me ampara.

„ Ali tem liberdade, ali se estende
„ O Pastor solitario com seo Gado;
„ Não se offende de alguem, ninguem o offende.

„ Não tenho que fazer no Povoado,
„ A Razão me aconselha, que me guarde,
„ Eu não me atrevo nelle a andar guardado.

- „ Si escutar sempre quem me diz que aguarde,
 „ Nunca já buscarei a quem me espera,
 „ E peor me será nunca, que tarde.
 „ Ainda que mais males não tivera
 „ Quem bens na Terra tem, que ser captivo
 „ Delles, por isso só, fugir devera.
 „ Apoz d'hum gosto falso, e fugitivo
 „ Leve de noite vou, cégo, ás escuras,
 „ Sem me lembrar, que para morrer vivo.
 „ Quebraram-se, meo Deos, as pedras duras,
 „ Mostrou o Sol, e Lua sentimento,
 „ E não, vossas humanas creaturas.

-
 „ Em pecados, Senhor, fui concebido,
 „ Em pecados minha alma foi creada,
 „ De pecados tão mal arrependido.

 „ Viestes amostrar ao peregrino
 „ O caminho da sua Natureza,
 „ Querer hir lá por outro he desatino.
 „ A carga, que cauzou minha fraqueza,
 „ Os passos me detem, faz-me que desça,
 „ E quanto desço mais, tanto mais peza.
 „ Não vos peço, Senhor, porque a mereça
 „ Graça para ficar entre esta Serra,
 „ Mas porque vós quereis que vô-la peça.
 „ Aqui não temerei a cruel guerra,
 „ Daqui verei no Ceo formosas côres,
 „ Assi me esquecerão couzas da Terra.

Na segunda, feita no anno do noviciado, o pastor Mincio encontrando-se com outro pastor, por nome Flavio, se admira da mudança de côr, e de aspecto, que nelle observa, e este lhe diz, que o seu pezar nasce de que Limabeo, o unico amigo que tinha, lhe desaparecera, e diziam que para ir meter-se em uma serra, junto ao Oceano; ora esta serra é a Arrabida, e o pastor fugido é Limabeo, isto é, o Poeta, de cuja nova vida elle faz a seguinte pintura.

- Disseram-me que andava cá metido
 Junto do mar Oceano n'hum a Serra
 De hum novo, não sei qual, amor ferido.

Por elle deixou só quanto na terra,
Tinha, com tudo o mais que ter podera;
Por elle anda comsigo em cruel guerra.

Si não chegára a vê-lo não o crêra,
Quasi mudou de todo a Natureza,
Que não he Limabeo, mas ferro, e cêra.

Nunca se imaginou tal aspereza,
Não digo dos penedos do Deserto,
Mas da fome, do frio, e da pobreza.

Dos pés the á cabeça anda coberto
De lãa d'alheias cabras, remendado
De mil côres sem ordem, nem concerto.

Traz hum corda grossa, a que anda atado;
Pelo meio, descalso, sem mais nada,
Sem bolsa, sem çurrão, e sem cajado.

Barba, e cabeça traz toda rapada,
Qualquer couza, que quebra, ou fende, ou fura,
No seo pescosso a leva pendurada.

Os pés, si por compasso por não cura,
Quer gretados do frio, quer doentes,
Tambem nelles lhe poem hum atadura.

Não póde responder aos maldizentes,
Nem dar razão de si, que se boqueja
Atravessado leva hum pau nos dentes.

Os olhos si alevanta, ou pestaneja
Nem inda para quem falla com elle,
Hum pano lhe poem nelles, que não vêja.

Hum Principal de seis nas costas delle
De tal maneira, faz sôar as varas,
Que não lhe queiras tu jazer na pelle.

Porque não fica dôr, pena, ou tormento
De cruel invenção, qualquer maneira,
Que deixe de sofrer hum só momento.

Debaixo de hum penedo na Ladeira
Do monte todos tem cada hum seo ninho,
Mas o triste sempre anda na carreira.

Estes rigores excessivos, estes tractamentos barbaros,
que tendiam a apagar no homem o sentimento da sua di-
gnidade, e embrutecer o seu espirito, haviam por necessa-

ria consequencia trazer comsigo a relaxação do espirito religioso, e foi isso o que de preça aconteceu.

Mincio horrorisado de tanta barbaridade pede a Flavio, que não continue, por que já intende, que Limabeo se fez Capuchinho. Continuam depois a discursar sobre a resolução tomada por Limabeo, e Flavio canta alguns versos dos que elle agora costuma cantar.

Na terceira dous pastores, Rodrigo, e Silvestre, encontram-se, e depois de discursarem um pouco cantam alternadamente uma Cansão ao divino.

A quarta contém queixumes de Limabeo, em que narra a Mencio as offensas de um pastor, que ternamente amava, e que foram causa de elle se retirar a um deserto.

Na quinta, debaixo da costumada alegoria pastoril, se tracta de um, que o tempo conduzira a abraçar a vida do claustro.

Na sexta o Poeta, debaixo do nome de Limabeo, deplora, pelo modo seguinte, a morte de um amigo.

LIMABEO.

O meo Cordeiro branco, que saltava,
Ao som da minha flauta, ah meo cordeiro!
Tão branco como o Leite, que mamava.

Em quanto vegiava o Gado Alfeiro,
Huma Aguia mo levou atravessado
Nas unhas lá de traz daquelle Outeiro.

Ah Fortuna cruel! ah cruel Fado!
Que si de crueis Lobos me vegio,
Das Aves de rapina sou roubado.

Si nisto hade parar tudo o que crio,
Como já succedeo da minha Corsa,
Que se afogou naquelle negro Rio,

Comvem que a Natureza faça força,
Porque não se ofereça gosto humano,
Que primeiro que venha o não retorça.

Que maior confusão! que mór engano
Ao triste coração, que se affeição,
Para pagar tributo do seo dano.

O simples Passarinho, que se escôa,
Do visco, em que cahio incautamente,
Com menos pennas foge, menos vôa.

Deixei de conversar humana gente
Para me afeiçoar cá no Deserto
A Brutos annimaes mais brutaemente.

Com que composição, com que concerto
Sobre que saudades adormeço,
Si com tão leves couzas me desperto!

Como posso chegar, si não começo?
Quando começarei como desejo?
Ou como subirei pois sempre desço?

Si qualquer leve couza me faz pejo,
Para accender no peito amor divino,
Porque de tudo já me não despejo?

Assi convem valer-me de continuo;
Assi fortalecer minha fraqueza,
Que não sinta descuido repentino.

Assi soprar de novo esta frieza,
Atiçar no madeiro onde se atêa
O fogo, que desfaz tudo em pureza.

Nasci para lavrar na Terra alhêa,
Terra de maldição, de Deos maldita,
De Cardos, e de Espinhos sempre chêa.

Tenta, move, perturba, afaga, incita
A buscar o peor, o mais nocivo,
Não deixa repouzar esta alma afflicta.

Nesta contradicção, neste incentivo
De males, que me rende a minha herdade?
Quasi me sinto já como captivo.

Mas pois a verdadeira liberdade
Depende de trazer o pensamento
Accezo na divina saudade,

De tudo que me fôr impedimento
Para podêr gozar hum bem tamanho
Determino fazer appartamento.

Experiencia tenho do que ganho,
Essas vezes, que saio da Cabana,
Pois que no campo limpo inda me arranho.

Muito pequena couza turba, e dana.
Huma composição clara, e serena
Em quanto respirar na vida humana!

Foge do Povoado a Magdalena,
Vai fazer no Deserto vida nova
Depois de ter perdão da culpa, e pena.

Ali metida dentro n'hum cova
Chora, suspira, geme, noite, e dia,
D'hum n'outra aspereza se renova.

Procure quem quizer a companhia,
Branda conversação d'outros Pastores,
Que só me quero a mim por outra via.

Muitas cappellas fiz de muitas flores
Compassando nos olhos a pintura,
Bellas por variar formosas côres.

Escolhendo da fructa a mais madura,
Pelos bosques agrestes me espinhava,
Deixando o Gado meo posto em ventura,

O louro Laparinho que tirava :
O Tralhão, que cahia na costella,
O Tordo, que na vara se emforcava.

O Pombo, que vôava na courella,
A Perdis, que picar vinha na Lousa ;
Ou meter o pescosso pela trela.

Em fim que não colhi nem cacei cousa
Que para dar não fosse, mas quem nega
Plantas, a cuja sombra não repouza ?
Não deixa de pagar quem mal se emprêga.

A septima tracta da mudança da Arrabida, e nella notam-se, entre outros, os seguintes versos.

Como queres que esteja sempre a ponto
Para dobrar a minha singeleza
Pois não côso remendos com pesponto ?

Por não contrafazer a Natureza
Sinto tornar a vêr-me entre Pastores,
Cuja conversação tanto me peza.

Elles querem colher no campo flores,
Eu medronhos na Serra entre penedos,
Assim desconcordamos nos humores.

Elles no povoado cantam lédos
Os gostos, de que vivem; eu chorando
Por acabar debaixo dos rochedos.

Mas pois tudo se vai contrariando,
Na Serra, nem na Terra buscarei
Cousa, que o tempo possa andar mudando.

Por donde quer que for levantarei
Os meos olhos ao Ceo, de cuja vista
Aquellas saudades colherei,

Com que possa fazer nova conquista
Para me consumir no fogo puro
D'amor, de cujo amor divino vista

Esta alma, caminhando mais seguro,
Que buscando repouzo nas montanhas,
Pois no gosto da Terra me aventuro

De não podêr lograr couzas tamanhas
Do Ceo, em toda a parte tão formoso,
Que pôde penetrar duras entranhas.

A Ecloga VIII. é das que chamam Piscatorias, inventadas, como acima dissemos, pelo Napolitano Sannazaro, um dos mais affamados Poetas da Italia, tanto pelos seus versos Toscanos, e a sua Arcadia, como pelas suas poesias Latinas, e o seu Poema de *Partu Virginis*, porque é ainda mais conhecido no mundo Literario.

Vejamos o estylo do Poeta nesta qualidade de composição.

LIMABEO.

Em quanto se dilata a Pescaria,
Pois será por demais provar ventura
Mofino Pescador, maré vazia.

Debaixo desta rocha antiga, e dura,
Que d'um n'outro penedo sustentada
Por cima desta praia se pendura,

Se quizeres ouvir nova sôada
De hums versos, que cantei em Sampeneda
Em quanto a rêde ao mar tinha lansada.

Verás que vida logra quem se arreda
Da communicação dos Pescadores,
E qual quem nos conselhos seos se emreda.

LAURO.

Ah ! não damnes com versos semsabores
Huma tarde, que tarde me acontece,
Si queres cantar bem seja de amores.

E se de todo ainda te parece
Milhor cantar do meo justo, e suave
Que do mal que me fez já se conhece.

Não queiras que com rogos mais te agrave,
Nem deixes de cantar posto que vejas
Lagrimas derramar, em que me lave.

LIMABEO.

Si tu d'amor cruel ouvir dezejas
Agravos, semrazões, duros conceitos,
Cuja victoria cuidas que festejas ;

Alembra-te que em passos tão estreitos
Te pôde entristecer qualquer lembrança,
Que amor tem jurdição em ternos peitos.

Deque serve, no tempo de bonança,
Alevantar de novo tempestades
No mar, d'onde escapou tua esperança ?

Rompendo por cem mil adversidades,
De terra em terra alheia te levaram
Justas, mas tarde pagas, saudades.

Quantas vezes os remos te faltaram
Depois das vellas rôtas pelos ventos,
Que na firmeza tua se quebraram !

Prolongaram-se os teus merecimentos
De perigo em perigo navegando,
Alagado no mar dos sentimentos.

Sentimentos, nesta accepsão, tem sido muitas vezes tachado de galicismo pelos Puristas perluxos, e já se vê com quanta injustiça, pois este vocabulo em tal sentido se encontra nas poesias de um Poeta tão classico como Fr. Agostinho da Cruz. Isto prova o pouco que tem sido lidas as suas obras, talvez pelo preconceito de serem Poemas de devoção, e como taes de leitura fastidiosa.

Quantas vezes na praia murmurando
 Conforme a seo juizo, ou seo dezejo
 A tua cauza, andava mariscando?

He muito de notar com que despêjo
 O nescio Pescador sentenciava
 Aquillo, que contar inda me pêjo!

Em que Fera, em que Pedra não sóava
 O nome teu, Liana? que Serpente,
 Si de parir deixou, não te criava?

Desviado teu nome andou da Gente,
 De Liana em Liona; nem me espanto,
 Pois tractavas teu sangue cruelmente.

LAURO.

Dezejoso de ouvir suave canto
 Te roguei, que de amores me cantasses,
 E tu provas d'amor reprovias tanto.

Si tu nas rêdes tuas te pescasses,
 Não cuido que tão pouco estimarias
 Queixumes seos, que delles te queixasses.

Antes a mariscar me ajudarias,
 Ameijôas nas areias revolvendo,
 Tirando Mexilhões das penedias.

Arrancando Percebes, que pertendo
 Levar para Liana este cestinho,
 Que vêja si me esqueço não a vendo.

LIMABEO.

Darte-hei, que leves, mais hum Passarinho
 De verde, azul, e branco salpicado,
 Que sem pena furtei á May do ninho.

Dentro d'hum Buzio hirá todo pintado
 De pardo, e de vermelho, que Palemo
 Para Marfida tinha sotterrado.

Não sei que couza foi, não sei que Demo
 Tomou tal formosura, tal aviso
 Por quem nem ter na mão sabia o remo.

.....

Mas deixemos motivos de tristeza,
O novo cabazinho concertemos,
Lavado muitas vezes n'agoa teza.

na agua teza parecerá a muita gente uma expressão estranha, e acarretada pela necessidade da ryma ; mas não é assim ; *agua teza*, quer dizer, *agua* que corre com força ; ou *agua alta* ; dahi vem as expressões maritimas *vento tezo*, *mar tezo*, e o chamar-se *tezo* a um outeiro, ou elevação de terreno. Tambem se chama *tezo* a um homem, que tem firmeza de character, e que não cêde facilmente.

Verdes limos debaixo lhe poremos,
O verde Perrexil de cima posto,
Fazendo de experança dois extremos,
O presente no meio bem composto
Por ordem, que lhe dê muito mais graça,
A ti de lho levar muito mais gosto.

Estou bem longe de emparelhar esta Ecloga, e as duas seguintes, que tambem sam Piscatorias, aos cantos de Alicuto, na Ecloga VI. de Luiz de Camões, ou ás Eclogas, que deste genero nos deixou Bocage, mas tenho para mim que podem merecer pelo seu estylo, e pensamentos o applauso dos entendedores.

É de notar, que a Ecloga X. é a unica entre as doze do Author, em que fallam mais de duas personagens, e em que se observa mudança de metro, pois o canto final dos Pescadores é em verso octosylabos ; copia-la-hei aqui, por ser a mais importante das poucas poesias que Fr. Agostinho da Cruz conservou do tempo de secular, naturalmente por que tem por objecto celebrar o nascimento de D. Jorge de Lencastre, filho do Duque de Aveiro, e que depois foi Duque de Torres Novas, receando o Poeta, si a destruísse, de incorrer no desagrado daquelles fidalgos, a quem sempre fôra muito acceito, e de quem recebêra muitos obsequios, tanto no seculo, como na Religião.

ECLOGA PISCATORIA.

GALAPO, ALPORTUXO, ALMILÃO.

GALAPO.

Queres ouvir cantar hum Pescador
Pobre, que de Marisco se sustenta,
E, segundo o que dizem, foi Pastor?
Não sei onde, nem como, ou que tormenta
O lansou nesta praia ha poucos dias,
Que nem sempre do Norte o Vento venta.
Naquellas solapadas penedias
Huma lapa buscou escura, escura,
Que não se deixa vêr d'outras sombrias.
Dali forçado sahe da fome pura
A buscar o salgado mantimento,
Duro de se arrancar da pedra dura.
Depois sobre hum penedo cresco, e lento
Ao som d'hum arrabil, que traz no seio,
As ondas faz parar, fugir o Vento.
O primeiro d'Abril ali se veio
A cantar, e tanger tão docemente,
Que do mar Oceano fez Letheio.
Mas tanto mais alegre, e mais contente,
Que logo quem ouvisse julgaria,
Que festejava algum gosto presente.

ALPORTUXO.

Agora sabes tu que foi o dia,
Em que fructo nos deu a Primavera,
Fructo, que só do Ceo cahir podia.
Do Ceo, por cujo dom já se descera
Da sua opinião isempta, altiva,
Mais branda agora, mais que branda Cêra.
Mas ah, livre Liana! quam captiva
Te fez o justo amor daquelle teu,
A quem tu te mostraste tão esquivã.
Agora tu não tua, elle não seu,
Hum n'outro si, de dois hum só formado,
Tal vos conserva Amor qual elle o deu.

GALAPO.

Outros muitos sobre esse tem já dado,
Que tempo nem fortuna dura, imiga
Poderão desatar; perde o cuidado.

O bom será cantar uma cantiga
Em louvor dessa festa nesta praia.

ALPORTUXO.

Começa tu, si queres, que te siga.

GALAPO.

Esperemos hum pouco antes que caia
A sombra lá da Serra; póde ser
Que tambem Almilão da Lapa saia.

ALPORTUXO.

Eu tenho pera mim que ouço tanger,
Deve de ser aquelle? Vê-lo vem,
Como se vem regando de prazer.

ALMILÃO.

Ouçá-me quem quizer, vêja-me quem
Folgue com bens de Lauro, e de Liana,
Que sempre dos séos bens cantarei bem.

Que fica mais por vêr na vida humana,
Que vêr dois corações n'hum convertidos,
De cuja flor tão doce fructo mana?

Que fica por sentir a meos sentidos
Quando vestida vêjo Magdalena
Dos seus, antes dos meos, pobres vestidos?

Eu tomarei na mão um dia a penna,
E nem remendo seo, nem graça sua,
Ficarão por cantar grande, ou pequena.

Das formosas Estrellas, Sol, e Lua,
As côres mostrarei em Violante:
A dos olhos ao Ceo se restitua.

Nelle pois passar quero mais ávante
 Convem que vá fazer o meo alforge,
 Porque mais cedo tanja, e melhor cante.

Amor tempere a fragoa, accenda, e forge
 Com que festeje dia tão ditoso
 Do novo Anjo do Ceo, do novo Jorge,
 Detenha-se no bosque saudoso
 A verdura na planta, a flor no valle,
 Nasceo Jorge, nasceo todo formoso.

Antes que desta praia hoje me aballe
 A Fera amansarei, o duro Seixo
 Ousarei abrandar, farei que falle.

Já não sei murmurar, já não me queixo,
 Queixe-se o Rouxinol, murmure a Fonte,
 Ella de pedra em pedra, elle no Freixo.

D'encarnado, e de azul nosso horisonte
 Se vista nesta festa, cujas côres
 Callo, que pôde ser que inda se afronte.

Fazei novas Cappelas, Pescadores,
 Nos salgados penedos, nas arêas,
 A seo Principe já cobri de flores.

GALAPO.

Quaes Alciões na praia, ou quaes Serças
 Igualar já se podem com teo canto,
 Em louvor desse Infante, que noméas?

Não sei qual affeição te ensinou tanto,
 Mas como cuidarei que se affeioa
 Quem não vêjo medrar n'hum pobre manto.

ALMILÃO.

Si tractas de interesse de Pessoa
 Pelas partes que tem, não pela renda,
 A tal opinião julgo por boa.

Comigo, que não posso ter Fazenda,
 Que fazenda fará o nescio rico,
 Que não pôde emendar, nem ter emenda.

Cuidarás por ventura, que me pico
 Desse juizo teu, commum juizo,
 Que, como dizem, traz agoa no bico.

Sabe, que com ninguem comtemporiso,
Que a pelo me não falta na amizade
Singela condicção, brandura, aviso.

ALPORTUXO.

Eu pois cantar não sei da Saudade,
Antre estes dois Cantores callar quero,
Por não cahir nas mãos da necidade.

Mas isto só direi, que não tempero
Com quem destemperar-se quer comigo,
A' custa de cuidar que delle espero.

O que quizer que seja seo amigo
Por ser tamanho meo, queira que seja,
Não pelo seo, que come só comsigo.

GALAPO.

Queres que o nosso canto sobresteja
Em quanto vou buscar que cozinheos,
Que festa sem comer não se festeja?

Pescado no Batel pescado temos,
O fogo sahirá da pedreneira,
A lenha pelo matto juntaremos.

Do Medronho, de Estiva, e de Aroeira
Farei curtos espetos aguçados,
Dos quaes rodearei toda a fogueira.

De ruivos Salmonetes carregados,
De Vezugos, de Choupas, de Tainhas,
E com trez sapateiros Lingoados.

ALPORTUXO.

Ainda por cantar taes versos tinhas,
Eu ferirei o fogo, e trarei Lenha;

GALAPO.

Já sabemos de ti quam bem cozinhas.

ALPORTUXO.

Não haja quem de nós se desavenha
De cantar, e tanger, e fazer festa.

GALAPO.

A quem não festejar má festa venha,
Veremos Almilão pera que presta;
Sabei que se Almilão sahe ao terreiro,
Que a alguem hade fazer suar a testa.

Que de Arrabil, de Flauta, e de Pandeiro ;
Nunca ninguem lhe teve a barba teza ;
Viva Jorge mil annos, mil primeiro
Viva o Duque seo Pay, viva a Duqueza.

ALMILÃO.

Vivam Pays, e vivam Filhos,
Outros destes, d'outros mais,
Vivam Filhos, vivam Pays ;
Vivam como os viver vêjo
Com taes excessos d'amor,
Que nem menos, nem maior,
Possa ser, que o seo dezejo.
O gosto, com que festejo
O seo não pôde ser mais.
Vivam Filhos, vivam Pays.

GALAPO.

Tal amor nelles se vêja,
Vêja-se seo amor tal,
Tam conforme, e tam igual,
Que nem mais, nem menos seja.
A festa, que se festeja,
Convertida noutras mais,
Festejem Filhos, e Pays.

ALPORTUXO.

Ditoza foi sua Estrella,
A mesma d'ambos ditosa,
A quem não foi poderosa
Resistir toda Castella.
Nasceo Jorge delle, e della.

ALMILÃO.

Elle fez quanto podia :
Ella mais do que elle fez ;
Pois se fez sua : em que péz
A quantos na Côrte havia.
Igual seo bem poderia
Firmeza em peitos Reaes,
Mas no della muito mais.

GALAPO.

Ella foi a conquistada,
Ella firme, ella constante,
Ella a quem d'um só amante
Se quiz deixar ser amada :
Em tudo foi costumada,
Na firmeza muito mais,
Tal como ella poucas tacs.

ALPORTUXO.

Acabemos de dizer,
Por remate, da Duqueza,
Que foi d'outra natureza
Diversa da de Mulher :
Por isso devia ser
O seo louvor muito mais,
Vivam Filhos, vivam Pays.

As Eclogas de Fr. Agostinho da Cruz, na minha humilde opinião, emparelham com as melhores que nos ficaram do seculo venturoso, em que floresceu : sómente Camões lhe é superior na riqueza da poesia e do estylo. Si não tem a amenidade das de seu irmão Diogo Bernardes, nem as reminiscencias classicas, que admiramos nas de Ferreira, sam-lhe muito superiores pela versificação. A sua linguagem é correcta, quasi sempre elegante, abunda de phrases, e termos pictorescos, que se não encontram em seus contemporaneos, a sua poesia descriptiva é cheia de viveza, e mostra muita invensão, e colorido Bocolico, e por isso se conhece, o que poderia esperar-se de tal Poeta, se a vida Eremitica lhe não houvera agorentado os vãos da imaginação. Um dos grandes meritos, que eu acho nestes Poemas é a originalidade, estando livres daquellas interminaveis lamurias amorosas, que fazem a base de quasi todo o Bocolismo impertinente, que infestou por alguns seculos o nosso Parnaso. É certo que a Cruz, o Redemptor, a Virgem, a Penitencia, parecem ás vezes estranhos, e mal collocados no meio destes quadros campestres, mas estas inconveniencias, sam amplamente resgatadas com bellezas de outro genero, assim

como será necessario demasiado rigor para não perdoar ao Poeta algum vocabulo mais plebeo, ou mais humilde, alguns conceitos, e jogos de palavras, mas raros, que ás vezes lhe escapam.

Outro merito tem elle, e não pequeno no meu modo de encarar os objetos, e é ser elle o unico dos nossos Poetas antigos, que como Ferreira nem um verso escreveu em lingua estranha, quando nem Miranda, nem Bernardes, nem Caminha, nem finalmente Camões, tão didicido amigo da patria, puderam resistir á tentação de escrever parte das suas obras em Castelhana, para lisongear o depravado gosto, que então reinava pela lingua dos nossos visinhos.

Nada mais vulgar, que dizer-se, e escrever-se no nosso tempo, que os sessenta annos de dominação hespanhola introduziram entre nós a mania de escrever na lingua dos oppressores; nada mais mal fundado, que esta assersão; aquella mania data dos primeiros tempos da Monarchia; a lingua castelhana sempre foi tão corrente, e usada entre nós como a lingua do paiz; ella era fallada pelas pessoas de ambos os sexos no Paço, no tracto familiar, nas escholas; e o que é ainda mais vergonhoso, a maior parte dos Portuguezes tinham a sua lingua por menos bella, e harmoniosa, e por consequencia por menos perfeita, e propria para a escripta, poesia, e canto, que a castelhana: grande parte das poesias de D. Pedro I., do Infante D. Pedro, sam em castelhana; em castelhana escreveu Jorge de Montemór, em castelhana sam a maior parte dos versos de Sá de Miranda. Os Dramas de Gil Vicente quando não sam em castelhana, sam escriptos nas duas linguas, assim como as Comedias de Simão Machado, e para não fazer maior lista de citações mais de um terço das Trovas, que formam o copioso Cancioneiro de Resende sam em lingua castelhana! Louvor pois a Ferreira, e Fr. Agostinho da Cruz, que souberam sentir as bellezas da lingua patria, e com a sua doutrina, e com o seu exemplo insinaram a cultiva-la, e a fazer-lhe a justiça devida,

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO.

LIVRO III.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA ITALIANA.

CAPITULO VIII.

Jorge de Montemayor.

Jorge de Montemór, ou de Montemayor, como dizem os Hespanhoes, e como se acha impresso no frontespicio das suas obras, nasceu na Villa de Montemór em Portugal, situada a quatro leguas de distancia da Athenas Lusitana. Porém nem o Abbade Barbosa, nem alguns dos authores contemporaneos nos informaram do dia, mez, e anno de seu nascimento, nem dos nomes de seus Pais, nem da sua posição social, nem de quaes foram os seus estudos, contentando-se com dizer-nos, que sendo ainda de mui tenra idade fôra levando para Madrid, onde se criou.

É indubitavel que estudou a musica com grande assiduidade, e proveito, pois consta que naquella côrte fôra admittido na Capella Real, na qualidade de cantor, e que foi ali muito estimado pela melodia da sua voz, e pela singularidade de seu estylo, e maneira de cantar.

Consta igualmente, que nesse tempo amou uma formosa Donzella do Paço, que muito celebrou em seus versos com o fingido nome de Diana, e a este respeito contam a seguinte anecdota.

Andando Jorge de Montemayor passeando uma tarde no Terreiro do Paço, embebecido na contemplação da sua Dama, que estava a uma das janellas do alcaçar,

chegou-se a elle um Mendigo, que lhe pediu esmola, Montemayor, apontando para a Senhora dos seus pensamentos, respondeu ao pobre com a seguinte Quintilha.

Si Ermano pedis por Dios,
A'quella Deidad pedid,
Y pedid para la dos;
La lismosna para vos,
La libertad para mi.

Estes amores parece que não foram um objecto de simples galanteio, e passatempo; pois o Poeta desejando tornar-se mais digno da sua amada, fiado nas suas promessas, e com deliberação firme de contrahir com ella os laços do matrimonio, abandonou a musica, e a Capella Real, abraçou a vida militar, e partiu para a guerra com o corpo a que pertencia.

Infelizmente quando voltou a Madrid, para receber o premio do seu amor, e da sua dedicação, achou as cousas em estado mui differente daquelle, em que as tinha deixado.

A bella Diana, pois que lhe não sabemos outro nome, ou levada da natural liviandade feminina, muito fraca para resistir á força da ausencia; ou como elle parece indica-lo, constrangida pelas ordens de seus Pais, esquecendo-se de todas as suas promessas, e juramentos, havia casado com um homem rico sim, e poderoso, mas pouco amavel, e com quem vivia amargurada, si o Poeta nos não engana nisto.

Montemayor cahiu das nuvens com esta noticia; todos os seus projectos de ventura se desvaneceram como o fumo, e não podendo viver na mesma terra, que a sua ingrata pisava; abandonou tambem a vida militar para buscar linitivo ás suas penas nas viagens, e no commercio das Musas, a que sempre fôra muito dado desde o tempo de sua adolescencia.

Foi durante as suas viagens pela França, Alemanha, e Italia, que elle compôs a sua Diana, Novella Pastoril, intercallada de muitas, e diversas poesias, que por aquelle modo reuniu em um corpo. Não pôde porém terminar aquella composição, porque lh'o impediu a morte, sendo assassi-

nado em uma das suas excursões pelo Piemonte, ignorando-se inteiramente os motivos, e circumstancias deste crime, que roubou á Hespanha um dos seus melhores Escriptores, e a Portugal um dos maiores Poetas, que naquelle seculo produziu. Sómente sabemos, que este desgraçado acontecimento teve logar em 26 do mez de Fevereiro de 1561.

Poucos Poetas gozaram no seu tempo de uma reputação tão colloçal como Jorge de Montemayor, Francisco de Sá e Miranda lhe dirigiu uma Epistola, em que lhe tece os maiores elogios; outros muitos Poetas lhe tributaram iguaes applausos, ufanando-se de serem contados no número dos seus amigos. As obras que delle se conhecem sam as seguintes:

O seu Cancioneiro, que consta de Cartas, Sonetos, Canções, Eclogas, e outras poesias de menos consideração. Foi impresso a primeira vez em Saragoça, em formato de 12, em 1561. Em Salamanca, no mesmo formato, em 1571. Ibid., em 1572, tambem em 12, e em Madrid, em 1588, formato de 8.º Esta multiplicidade de edições, em tão pouco tempo, prova bem, segundo me parece, o grande apreço que então se fez daquelles Poemas.

Fabula de Pyramo, y Thisbe, que de ordinario se encontra junta com a Diana, é um Poema em Coplas Castellhanas, muito bem escripto em estylo poetico sem a pesadês, que de ordinario se sente em os Poetas daquelle tempo, que tractaram assumptos mythologicos, deste Poema fez depois uma bella imitação o fecundo Poeta Italiano João Baptista Marini.

Além destas obras, que se publicaram pela imprensa, existia de Jorge de Montemayor uma collecção, não pequena, de poesias manuscriptas, que pertencia ao Duque de Lafões, e se guardava com grande cuidado na sua copiosa livraria: porém desgraçadamente consta que dali se extraviára com a perturbação, e tumulto do fatal dia primeiro de Novembro de 1753, em que um terrivel terremoto, o mais forte que se tem experimentado neste paiz, destruiu, e derribou a maior parte dos edificios de Lisboa, com grande mortandade dos seus habitantes.

Eis aqui um dos grandes inconvenientes da ambição de amontuar manuscriptos, e esta fatal mania se tem desenvolvido em todos os tempos não só em Portugal, mas

em todos os paizes da Europa, entre os Governos, e, o que é mais para lamentar, entre certa ordem de Literatos. Examinem-se as livrarias particulares, e as bibliothecas públicas de todas as capitães, e cidades notaveis da Europa, e vêja-se a ufanía com que os empregados desses estabelecimentos mostram áquelles que os visitam, os copiosos Cathálogos de manuscriptos raros, com que gemem, e vergam as estantes de algumas das suas salas, e chamam a isto uma grande riqueza. Sim, é uma grande riqueza, mas uma riqueza inutil; é o ouro do avarento, que está fóra da circulação, que nem avimenta a agricultura, nem faz progredir a industria, nem prosperar o commercio, nem mata a fome ao pobre: é a luz escondida debaixo do alqueira, que não alumia ninguém. É uma collecção de hieroglyphicos Egypcios, que todos admiram, e que ninguém entende. E que de um momento para outro um terremoto deixa sepultado entre ruínas; um bombardeamento destroe; um roubo despersa, e um incendio reduz a cinzas!

Quizeramos que os Governos por zêlo, e por desejos do aperfeiçoamento da razão humana, e pela gloria das suas respectivas Nações; que todos esses ricos, que blasonam de Amadores das Letras, e das Sciencias, porque procuram áfinco, e compram por alto preço obras manuscriptas, para sepulta-las sem piedade nos seus copiosos biblotaphos, dessem provas da sua paixão pelo saber imprimindo todos os seus manuscriptos, que o merecessem, porque os outros, nem valem a pena de guardar-se, pon-do-os assim pela imprensa a salvo de perecerem por algum desastre, e em estado de aproveitar aos homens estudiosos, e de servirem de barreira contra alguma nova erupção de barbaridade.

« Uma nova erupção de barbaros! » Que idéa phantastica! dirão alguns; e porque não? Quem sabe o que está gravado no seio do futuro? Ignoraes que neste mundo todas as cousas se agitam, e revolvem em uma continuação de situações felizes, e desgraçadas? Não sabeis que as Nações vivem, crescem, florescem, invelhecem, caducam, e morrem como os individuos, pôsto que a sua existencia seja sem comparação mais dilatada? Pensais, que só foi dado as Cabildas Septemtrionaes, e aos

Sarracenos invadir, e dominar a Europa? Que os Reinos actuaes, que cada dia se corrompem pelo luxo, pelos vicios, e pelas riquezas, terão mais força para resistir a uma aluvião bárbara do que o Imperio Romano, de que elles foram Provincias? Que as nações mouriscas, e negras, que povoam a Africa, se conservarão sempre na mesma indolencia? Que não surgirá entre elles um Gengis-Kan, que os arroje sobre os nossos climas com o desejo de desfructar alguma sombra, e o engôdo de fartar-se de licores espirituosos? Que os Tartaros se enterterão sempre na caça das Raposas, e dos Alces? Que estes acontecimentos tenham logar daqui a cem, ou a duzentos seculos, mais cedo, ou mais tarde, é cousa que não altera a verosimilhança da idéa, nem impede que se verifique. Continuemos.

A obra mais importante de Jorge de Montemayor é a sua Diana, que a morte lhe não permittiu terminar, deixando-a no Livro setimo. Este Romance Pastoral é a historia dos seus amores, disfarçada em nomes pastoris, adornada de algumas invenções magicas, e tecida com diferentes episodios, que tem relações com aneddotas, e pessoas conhecidas, relações, que nós hoje não percebemos, mas que os contemporaneos attingiam perfeitamente, e talvez fosse essa uma das principaes causas, além do merito intrinseco da obra, do grande acolhimento que teve não só em Portugal, e Hespanha, mas igualmente nas outras nações, sendo traduzido em francez por Nicoláu Colire, cuja traducção sahiu á luz na cidade de Rheims, em formato de oitavo, no anno de 1578, seguindo-se-lhe depois outra em lingua alemãa, por Harsdorfer, que se publicou em Nuremberg, no anno de 1646.

Poucos livros haverá, que na Hespanha produzissem tamanho entusiasmo como a Diana de Jorge de Montemayor; a delicadeza das pinturas campestres, a variedade dos incidentes, a eloquencia, e verdade das paixões, a ternura da linguagem, a pureza, e facilidade do estylo, a cadencia da prosa, e a belleza das poesias, que nella se misturam, faziam com que os Leitores saboreassem com delicias a sua leitura, e que os exemplares fossem disputados, e se encontrassem nas livrarias, nos gabinetes, nos toucadores das Damas, nos balcões

dos Mercadores, e nos tabernaculos dos Artistas. Basta dizer, que desde 1578, em que este Romance sahio pela primeira vez á luz, na cidade de Pamplona, até 1622 se fizeram, e consummiram sete edições, que Diogo Barbosa Machado aponta na sua Bibliotheca.

Esta predilecção do público pela Diana de Montemayor e o desgosto que todos mostravam de não estar acabada, instigou alguns engenhos a compôr-lhe a continuação; o primeiro foi Alonso Peres, cujo supplemento se encontra junto com a maior parte das edições do Romance. Este Escriptor tem bastante invenção, e fecundidade, mas o seu estylo é um pouco pezado, a sua prosa menos rapida, e cadente, e os seus versos muito inferiores aos do original.

O que se sahio melhor desta empreza, ganhando um lugar distincto no Parnaso, com a sua continuação, a que deu o titulo de *Diana Enamorada*, foi sem dúvida Gil Polo. Era natural do Reino de Valencia, e a natureza o havia creado grande Poeta; foi um digno continuador de Jorge de Montemayor, e alguns criticos Hespanhoes o julgam superior a elle na poesia, posto que muito inferior na invenção.

Inda que não entre no plano, que adoptei para esta obra, o exame dos Poemas, que os Poetas Portuguezes escreveram em castelhano, ou em outras quaesquer linguas, não deixarei por isso de fazer algumas excepções a esta regra geral, e será uma dellas a favor da Diana de Jorge de Montemayor, não só pelo genio original, que o Poeta desenvolveu nesta composição, mas por ser ella uma creação nova, que serviu de modello a todos os Romances Pastorís, que depois se publicaram na Peninsula.

Pela rapida exposição, que passo a fazer da Diana de Montemayor, verá o Leitor, que ella deve considerar-se mais como um fragmento, que como uma obra perfeita, porque o Author, em razão de sua morte extemporanea, e violenta, não ponde conclui-la, e emenda-la; mas tambem se verá, que ella abunda de interesse individual, e narrativo, e que o Poeta possuia o raro talento de pintar as penas, e prazeres do amor, e transformar os sentimentos do seu coração de individuos em geraes.

O pastor Sireno, prototypo do Poeta, depois de longos trabalhos, e peregrinações volta á patria, onde, como era natural, a inspecção dos logares, onde outr'ora gozára os seus innocentes amores com a pastora Diana, que depois o trahira, commove profundamente o seu coração, e exaltam a sua phantasia, tira do seio uma madeixa de cabello da sua amada, e uma carta da mesma, que lê attentamente, e nesta situação é encontrado por outro pastor, que já havia tambem sido adorador de Diana, e ambos, cada um por sua parte, questionam sobre qual é mais desgraçado, si Sireno, que fôra um tempo amado de Diana, e já o não é, si Silvano, o pastor recém-chegado, a quem ella nunca attendêra; e termina o primeiro Livro com a chegada da pastora Selvagia, que tambem se mostra queixosa d'amor, e que dá larga noticia das suas aventuras, e desgostos amorosos.

No segundo Livro, vê-se ao romper da aurora os pastores sahirem com seus gados para apascenta-los nas margens do Elza, e Selvagia, descendo uma encosta, procura o bosque, onde estivera na vespóra com os dous pastores, onde se assenta pensando nas ingratidões d'Alanio, e tomando o seu rabil, canta uma Sextina sobre este objecto.

Apenas a pastora tem terminado a sua cantiga, ouve-se ao longe a voz de Silvano, cantando as seguintes Estanças :

Cansado ya d'oirme el claro Rio,
El valle, y soto tengo importunados,
Y estan de oyir mis queexas, e amor mio
Alisos, Haias, y Olmos ya cansados.
Invierno, Primavera, Otoño, Estio,
Con lagrimas regando estos collados
Estoy a causa tuya, oh cruda Fiera,
No avria en essa boca un no siquiera ?

De libre me hiciste ser cantivo,
De hombre de razon quien no la sciente;
Quiseste-me hacer de muerto vivo
Y alli de vivo muerto incontinente.
De afable me hiciste ser esquivo,
De conversable aborrecer la gente,
Solia tener ojos, ya estoy ciego,
Hombre de carne fui, ya soy de fuego.

Que es esto, corazon? no estais cansado
 Aun ay mas que llorar, dezi, ojos mios?
 Mi alma, no bastava el mal passado?
 Lagrimas, aun hazeis crescer los rios?
 Entendimiento, vos no estais turbado?
 Sentidos, no os turbaron sus desvios?
 Pues como entiendo, lloro, veo, y siento,
 Si todo lo ha gastado ya el tormento?

Quien hizo a mi Pastora, ai! ai! perdido!
 Aquel cabello d'oro, y no dorado,
 El rosto de cristal tan escogido,
 La boca d'un rubi tan estremado,
 El cuello d'alabastro, y el sentido,
 Porque su corazon no hizo ante
 De cera, que de marmol, y diamante?

Un dia estoy conforme a mi fortuna,
 Y al mal que me ha causado mi Diana,
 El otro el mal me aflige, y importuna,
 Cruel la llamo, fiera, y inhumana
 Y assi no hay en mi mal orden alguna,
 Lo que oy affirmo, niego-lo mañana.
 Todo es assi, y passo assi una vida
 Que presto vean mis oyos consumida.

Selvagia, depois de findar o canto, vai ter com elle, e em breve apparece Sireno, tambem cantando como é costume em taes composições; depois de Sireno haver recitado um Soneto, ouvem cantar vozes feminis em um bosque de loureiros, que fica perto, encaminham-se para lá, e escondidos entre umas ramagens, descobrem trez Nymphas sentadas na margem do regato, sobre uma alcatifa de flores do prado, e trajando roupas brancas recamadas de folhagens de ouro, e com os cabellos louros como os raios do Sol, tomados com fios de perolas orientaes, que faziam no alto da cabeça uma laçada, e no meio della uma aguia de ouro tambem, tendo nas garras um fino diamante.

Estavam cantando, e tangendo, e logo Dórida, uma dellas, entôa uma Canção, em que conta os amores de Sireno; porém antes da conclusão desta historia, cheia de

pastoril simplicidade, sam surprehendidas por um bando de trez Selvagens, de grandeza descommunhal, e bem armados; os Pastores para defender as Nymphas os atacam ás pedradas, mas o exito do combate seria funesto para estes senão sahisse do bosque uma Amazona vestida de caçadora, que com as suas settas mata os roubadores, e conta depois ás Nymphas, e Pastores a sua propria historia, e com esta e algumas conversações, e cantigas, que se seguem, termina o segundo Livro.

No terceiro Livro, as Nymphas guiam a sua defensora, e os pastores por entre um denso arvoredo, á habitação de uma famosa Encantadora, conhecida pelo nome da sabia Felicia, Sacerdotisa de Diana; no caminho encontram a pastora Belisa, que as acompanha, depois de contar tambem a sua historia, e com a descripção da jornada, e dos magnificos adornos da habitação de Felicia, se prehenche o terceiro Livro.

Felicia no quarto recebe com grande agasalhado todos, e conduzindo-os a um pomposo pateo, onde lhe mostra um grande número de Estatuas de heróes antigos, e de heróes de Hespanha, com seus disticos, e inscrições landatorias, passam logo a um salão, onde se encontram outras Estatuas de personagens Castelhanas de ambos os sexos, havendo no meio uma rica fonte, junto á qual estava encantado o antigo Orpheo, que todo o mundo antigo, e moderno tinha julgado morto pelas Bacchantes, e lançado ao Hebro, e ainda estariamos nesta opinião errada, si Montemayor não ouvesse feito este importante descobrimento.

A' chegada da companhia Orpheo péga na sua lyra, e canta, não em grego, ou na lingua dos Thracios, mas na castelhana, umas formosas Estanças em louvor das heroínas de Hespanha; cujas vidas o Filho de Caliope, e de Apollo tinha tido sobejo tempo para estudar durante o seu longo encantamento, e, depois de algumas praticas engenhosas, fecha o Livro com a historia de Rodrigo de Narvaes, do Mouro Abendarracz, e da formosa Xarifa, contada por Felismena.

No quinto Livro a sabia Felicia faz, por meio de uma bebida encantada, que Sireno, e Silvano fiquem livres da paixão por Diana, e Selvagia do amor de Alanio, e que Silvano, e Selvagia se namorem um do outro.

Sireno, Selvagia, e Silvano entranham-se por um bosque de myrtos, onde encontram Diana cantando; e é esta a primeira vez, que a Protagonista do Romance, e que lhe dá o nome, apparece nelle. A cantiga de Diana é um lindo Romance em toda a primitiva singelleza de estylo dos antigos Romances castelhanos, e semelhante a alguns, que se lêem no *Romancero general*.

Quando yo triste naci
Luego naci desdichada,
Luego los hados mostraram
Mi suerte desventurada.

El Sol escondió seus raios,
La Luna quedó eclypsada,
Murió mi madre en pariendo,
Moça, hermosa, y malograda.

El amor, que me dió leche
Jamás tuve dicha en nada,
Ni menos la tuve yo
Soltera, ni desposada.

Quise bien, y fui querida,
Olvidé, y fui olvidada;
Esto causó un casamiento,
Que a mi me tiene cansada.

Casara yo con la tierra,
No me viera sepultada
Entre tanta desventura,
Que no puede ser contada.

Moça me casó mi padre,
De su obediencia forçada,
Puse a Sireno en olvido,
Que la fé me tenia dada.

Pagó tambien mi discuido,
Qual nó fué cosa pagada,
Zelos me hacen la guerra
Sin ser en ellos culpada.

Con zelos voy al ganado,
Con zelos a la majada,
Y con zelos me levanto,
Contino a la madrugada.

Con zelos como a su mesa,
Y en su cama estoy acostada,
Si le pido de que ha zelos,
No sabe responder nada.

Jamas tiene el rosto alegre,
Siempre la cara inclinada,
Los ojos por los rincones,
La habla triste, y turbada,
Como vivirá la triste
Que se ve tan mal casada?

Segue-se um pequeno dialogo entre Diana, e Sireno, em que da parte desta transflora o pesar, e daquelle a indifferença. O resto do Livro contém a chegada do Pastor Arcilio em busca de Belisa, e o encontro destes dous amantes.

No sexto, e no setimo Livro, a acção principal não adianta um só passo, apenas ha no sexto uma scena interessante entre Sireno, e Diana, em que esta procura desculpar a sua falta de fé, com a authoridade de seu Pai, que a isso a constrangêra, o resto é tudo occupado por episodios, e cantares, e pelo casamento a final de algumas das personagens secundarias.

Já se vê que a novella não tem desenlace regular, nem admira, visto que o Author não teve vida para terminalla; nem é mui facil prever, que meio inventaria o Author para a levar ao cabo, se tivesse tempo para isso: no estado em que ficou encontra-se na Diana mais invenção, que artificio, mais variedade, que enredo, mais imaginação, que unidade: a cada passo o Author se abandona á discussão dos affectos amorosos, e a toda a subtileza da philosophia escolastica, que havia aprendido nas aulas, e parece que o seu fim é apresentar no ponto de vista poetico aquella quinta essencia de fidelidade nos amores, que ainda ninguem encontrôu si não nas Comedias, e nos Poemas: mas estas impertinencias metaphysicas, que sam

para nós um verdadeiro defeito, eram belleza, e grande belleza para o seculo, um pouco pedantesco, em que o Author escreveu.

Ha de mais na Diana uma mistura de acontecimentos, e de idéas tão desvairadas, e repugnantes entre si, que ora parece que lêmos um Romance Pastoril, ora um Conto de Fadas, ora um Livro de Cavallarias; os ritos pagãos emborilham-se com as opiniões Christãs; porém do meio deste cahos rebenta a luz do genio que o enfeita, e nos deslumbra. Montemayor é sobre tudo felicissimo em achar novas imagens, e novas fórmulas para exprimir a ternura. A poesia é a parte principal, e mais interessante da sua obra, elle prodigalisa os Sonetos, e uma serie de composições lyricas, ora no gosto italiano, ora no gosto popular, parecendo que toda a composição prosaica não é mais, que um fundo procurado de proposito para collocar os seus versos, e dar-lhe maior realce.

A *Diana* é o mais solido fundamento da gloria de Jorge de Montemayor, pois que o seu Cancioneiro é difficilissimo de encontrar-se; ella foi recebida, no tempo da sua apparição, com os mais vivos applausos em Hespanha, e Portugal; traduzida, e imitada em diversas linguas; impressa repetidas vezes tanto em Castella como nas nações estrangeiras, e como acima dissemos, alguns Poetas de grande talento se deram ao trabalho de completa-la cada um segundo as suas idéas; e a prova de que nesta composição ha um merito real, e verdadeiro, é que apesar das variações, que o gosto tem soffrido no decurso de alguns seculos, aquella primeira reputação não tem consideravelmente diminuido, e ainda hoje Jorge de Montemayor é contado entre os melhores Poetas da Peninsula Hespanhola, e a sua obra será sempre grata a todos os que forem dotados de imaginação ardente, e de coração sensivel.

Eis aqui as unicas poesias portuguezas, que elle introduziu na sua Diana, que por isso mesmo que sam portuguezas as copiamos aqui.

Os tempos se mudarão,
A vida se acabará,
Mas a fé sempre estará
Onde meos olhos estão.

Os dias, e os momentos
As Horas com suas mudanças
Imigas sam de esperanças,
E amigas de pensamentos.

Os pensamentos estão,
A esperança acabará,
A fé não me deixará
Por honra do coração.

He causa de muitos danos
Duvidosa confiança,
Que a vida sem esperanza
Já não teme desenganos.

Os tempos se vem, e vão
A vida se acabará,
Mas a fé não quererá
Fazer-me esta semrazão.

A seguinte Cançoneta me não parece menos engenhosa
do que esta.

Suspiros, minha lembrança,
Não quer porque vos não vades,
Que o mal, que fazem saudades
Se cura com esperanza.

A Esperança me val,
Por a causa, em que se tem,
Nem promete tanto bem
Quanto a saudade faz mal.

Mas Amor, Desconfiansa
Me deram tal qualidade,
Que nem me mata a Saudade,
Nem me dá vida a Esperança.

Errarão, si se queixarem,
Os olhos, com que eu olhei,
Porque não me queixarei
Em quanto os seos me lembrarem.

Nem poderá haver mudança
Jamais em minha vontade,
Ou me mate a saudade,
Ou me deixe a Esperança.

Rematarei este Capitulo com uma Canção de Jorge de Montemayor, que eu ha muitos annos tinha vertido em portuguez, junto com muitas outras poesias lyricas de varias linguas antigas, e modernas, de que tenho conhecimento.

O assumpto desta bella composição é o seguinte. O pastor Silvano narra a Sireno, no primeiro Livro da Diana, que um dia vira esta pastora, saudosa pela ausencia de Sireno, sentar-se em um bosque, collocar um retrato delle junto a um tronco, e cantar estes versos dirigindo-se ao retrato.

CANÇÃO.

Olhos, que já não vêdes quem olhava
Para vós, sendo espelho, em que se via;
Que vereis, que vos possa dar contento?
Prado florido, e verde, onde algum dia
Pelo meu doce amigo eu esperava,
Comigo lamentai o meu tormento;
Aqui me declarou seu pensamento,
Aqui o ouvi agastada,
Mais que serpente irada
Chamando-lhe mil vezes atrevido;
E o triste ali rendido
Parece que está ainda, e que inda o véjo,
E é esse o meu desejo.
Ai! si eu agora o visse! ai, tempo ameno!
Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno?

Aquella é a ribeira, é este o prado,
Dali assoma o Souto, o Vale umbroso,
Por onde o meu rebanho apascentava,
Vêdes o Arroio brando, e sonoro
Onde a sêsta pasceo meu manso Gado,
Quando o meu doce amigo aqui morava?
Daquella verde Faia á sombra estava,

E é este aquelle Outeiro,
Aonde o vi primeiro,
E aonde elle me vio!... dia felice
Foi esse, si infelice
Meu Fado tão bom tempo não findasse!
Oh Faia! oh fonte clara!
Tudo está hi, mas não por quem eu peno,
Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno?

Aqui tenho um Retrato, que me engana,
Porque o meu Pastor vêjo quando o vêjo,
Posto em minha alma está melhor gravado.
Quando chega de o vêr grande o dezejo
Do qual o Tempo logo desengana,
A'quella fonte vou, que está no prado
Encosto-o nos Salgueiros, e a seu lado
Ai cégo Amor! me assento
Para a corrente attento,
E vêjo a elle, e a mim bem como o via
Quando elle aqui vivia.
Esta invenção um pouco me espaireece,
Mas logo se esvaece,
E clama o coração de magoas pleno,
Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno?

Outras vezes lhe fallo, e não responde,
E penso que de mim se está vingando,
Porque algum tempo eu não lhe respondia,
E digo-lhe tristonha assim chorando :
« Falla, falla, Sireno, que estás onde
« Jámais o figurei na phantasia,
« Vives nesta alma, e della és alegria. »
E elle sempre callado
Conserva-se a meu lado,
Que me falle em meu siso lhe supplico,
Que fero engano inico!
Exigir siso, e voz de uma Pintura!
Ai tempo, em que a ventura
Me tinha em podêr d'outrem com despeno;
Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno?

Ai! não posso jámais ir com meu gado
Quando transmonta o Sol em nossa Aldeia,
Nem voltar em demanda da abrigada
Sem vêr, bem que não queira, sobre a areia
A Choça do meu Bem tão suspirado,
Toda quasi desfeita, e derribada,
Ali me assento um pouco descuidada
De Ovelhas, e Cordeiros,
Té que emfim os Vaqueiros
Me dam vozes dizendo « Olá, Pastora,
« Em que scismas agora?
« O Gado pelos Trigos vai pascendo. »
Meus olhos o estão vendo,
Por quem a relva cresce ao prado ameno,
Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno?

Razão fôra, Sireno, que fizeras
A' opinião mais força na partida,
Pois te entreguei sem ella quanto havia
Em mim! de quem me queixo já perdida?
Tu a rogos de alguem te suspenderas,
Quando o Fado, ou Fortuna assim queria?
Tua a culpa não foi, nem poderia
Eu crer que tu fizesses
Cousa, com que offendesses
Um tão sincero Amor singelo, e vero,
Nem persumi-lo quero,
Inda a ter os signaes mais evidentes,
Os Fados inclementes
Me tem nublado um Ceo puro, e sereno,
Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno?

Canção, olha que vás onde te digo,
Mas fica-te comigo,
Que póde conduzir-te impia fortuna
A parte onde te chamem importuna!

Esta Canção no seu original é admiravel, ou se considere a singeleza dos sentimentos, ou a delicadeza das idéas, ou a vehemencia dos affectos, ou a harmonia do estylo, e metro, e a terna melancholia, e saudade, de que está re-

passada: é uma composição original no gosto grego, e tem sido sempre considerada como uma das melhores obras deste genero, que honram a lingua castelhana. O Sr. D. Manuel José Quintana, excellente Poeta, e Literato de muito apurado criterio a incluiu nas suas *Poesias selectas Castellanas*. O erudito Bouterweek, na sua *Historia da Literatura Hespanhola*, mostra tanta predilecção por ella, que depois de copiar-lhe os trez primeiros ramos, não dúvida acrescentar, que é um dos mais formosos Poemas Lyricos, que se tem composto em todas as linguas.

Jorge de Montemayor foi grande amigo de Sá de Miranda, a quem dirigiu uma bella Epistola Castelhana, que anda entre as obras daquelle Poeta com a sua resposta; e de Pero de Andrade Caminha, com quem se carteava a miudo, e que respondendo a uma das suas Epistolas, se exprime a respeito delle nestes termos, muito honrosos na verdade para Montemayor.

Montemayor, cujo alto engenho espanta
Grandes Engenhos, e ditozamente
A todo o estylo, e verso se levanta.

Teos graves versos li, nelles presente
Estive todo, que tal fundamento
Forçára a sentir muito quem não sente.

Quem milhor que ti nota o vão intento
Das humanas tenções tão retorcidas,
Que vem todas parar em leve vento?

Quem as idades todas consumidas
Apoz hum gosto vão, fraco, e forçoso,
Que não dura, e destroe almas, e vidas?

Quem o fim que seguimos vanglorioso,
Engeitando o seguro, e verdadeiro
Para as almas, e vidas proveitoso?

.....

Deos sofre tudo, mas não sei the quando
O quererá sofrer, por mór castigo
Quiçá nos dar está dissimulando.

Tentar sua paciencia he gran perigo.
Tudo ouve, tudo vê, e tudo entende,
E contra seo podêr não s'acha abrigo.

Mas tu, Montemayor, a quem se rende
O que eu sinto, e entendo, sinto quanto
A meo entendimento se defende.

Mais podéra dizer-te, mas he tanto,
Que o quiz antes comigo estar sentindo,
Mas a ti o deixo, que com grande espanto
O Monte das Irmãs foste subindo.

Cam. Epist. VII.

Sá de Miranda não se expressa com menos admiração.

Si con Montemayor tracto d'amores
Quando lo alcanaré? va de corrida,
De lourel coronado, y yedra, y flores.

Y si antes quiero tratar de la vida,
Que sola es vida perpetua, y segura,
La entrada es alta, ciega la salida.

Oh buen Mondego que en la Estremadura
Nuestra a Neptuno pagas el tributo
Devido, como uviste gran ventura!

Alfin (diré) del Mundo has dado in fruto,
Que lo inche d'odor todo, y que levanta
Del campo, y sierras niebla, el campo ha enxuto.

Mientras tañendo el va, mientras el canta
La su Marfida por los campos llanos
De tus agoas regados quien no espanta?

Tambem finalmente o Padre Antonio dos Reis, no seu
Enthusiasmo Poetico, mencionou honrosamente a Jorge de
Montemayor, eis aqui os versos, que lhe dirigiu.

Tu quoque carminibus nostris celebravere, gentis
O decus æternum Lysiæ, quem fudit in alto
Monte parens, coelis rutitis conterminus astris,
Sis ut ab ingressu vitæ; te fonde decorat
De silvis Diana suis, hand immemor, urbes
In medias venisse tibi debere silentum
Lucorum ex tenebris!

CAPITULO IX.

O Doutor Antonio de Castilho.

A villa de Thomar, uma das mais bellas, e melhor povoada do reino, parece não ter alcançado graça perante as Musas, pois apenas se conhecem dous Poetas, que ali tivessem o nascimento, o Desembargador, José Pedro da Camara, e o Doutor Antonio de Castilho.

Ignora-se o anno do nascimento deste Escripitor, e igualmente o do seu obito; sabe-se apenas, que foi filho de João Castilho, e que este João Castilho passava por um dos mais habéis Architectos, que naquelle tempo existiam em Portugal.

A natureza dotou Antonio de Castilho com grande disposição para o estudo, tanto das linguas, como das sciencias; e muito especialmente para a eloquencia, e poesia, em que alcançou muito honrosa reputação.

Consta que concluidos os estudos preparatorios fôra admittido no Collegio de S. Paulo na Universidade, de Coimbra, em 2 de Maio de 1563, e que ali perfizera os cursos de jurisprudencia com grande applicação, e aproveitamento.

As boas informações de seus Mestres, as provas authenticas, que dera de sua applicação, e regular procedimento, levaram o Governo a despacha-lo para reger uma Cadeira, que se achava vaga, e ali exerceu dignamente o magisterio, durante trez annos, no fim dos quaes foi elevado ao cargo de Desembargador da Casa da Supplicação, em 21 de Novembro de 1566.

Bem recebido na côrte, e gozando da confiança do Governo, serviu differentes cargos de grande importancia, entre elles o de Embaixador na côrte de Inglaterra, onde fez grandes serviços, de que teve por premio, quando voltou ao reino, o ser nomeado Guarda Mór da Torre do Tombo, e Chronista Mór do Reino de Portugal, por fal-

lecimento de Damião de Goes, que tambem desempenhou aquella incumbencia, como o comprovam as Chronicas que deixou escriptas, e que o fazem contar no numero dos nossos melhores Historiadores.

Foi casado com D. Luiza Coutinho, de quem deixou numerosa descendencia.

O Abbade Diogo Barbosa Machado, que faz menção deste Poeta na sua Bibliotheca Lusitana, nem apponta o anno em que nasceu, nem o em que morreu, nem nos informa da linhagem, e familia de sua Esposa; e o que é mais, mencionando muitas obras suas em prosa, tanto impressas, como manuscriptas, não falla em nenhuma das suas composições em verso.

Mas para suprir este descuido; para certificar-nos do seu talento poetico existem não poucos testemunhos, de que elle possuira esta nobre faculdade, nos escriptos dos Poetas seus contemporaneos, em que elle é frequentes vezes mencionado como tal; e um dos de maior pezo é sem dúvida a Carta VI. do Livro segundo, das do Doutor Antonio Ferreira, que passava por Mestre de todos os Poetas do seu tempo, em que lhe diz :

Castilho, de meos versos douda Lima,
Que cuidarei que fazes lá escondido,
D'onde me não vem prosa, nem vem rima?
Trabalhas por ventura que vencido
Fique o gran Ferrarez no doce canto,
Thequi com tanto gosto, e fama lido?

Parece-me que um homem como Antonio Ferreira não podia dar maior prova da grande conta em que tinha, como Poeta, a Antonio de Castilho, do que chamar-lhe *douda Lima dos seus versos*, e julga-lo capaz de escurecer a fama do grande Ferrarez, isto é, de Luduvico Ariosto, que passava então pelo maior Poeta da Europa, e que inda hoje conserva uma reputação Collossal: vêja-se mais o entusiasmo com que accrescenta na mesma Epistola

Quando será que eu vêja a clara historia
Do nome Portuguez por ti entoada,
Que vença da alta Roma a gran Memoria?

.....

Abre já, meo Castilho, essas riquezas,
Que tanto ha já que em ti Phebo enthesoura,
Solta o gran Rio, farta mil pobrezas.

Assim consentirás, cruel, que moura
Teu nome, e desse espirito o claro lume?
Assi a corôa, que te Phebo emloura?

Parece deduzir-se destes versos : primeiro, que o Doutor Antonio de Castilho havia composto grande número de poesias, muito estimadas dos que tinham conhecimento dellas : segundo, que entre ellas havia algum Poema Epico, celebrando as façanhas dos Portuguezes, pois só assim poderia elle obscurecer o canto de Ariosto : terceiro, que os conselhos de Ferreira fizeram pouca força ao seu animo, pois não consta que desse á luz alguns versos, vindo assim a ficar a sua gloria poetica até aos nossos dias puramente tradicional, e nós privados de poder fazer idéa do seu estylo, e versificação.

Estavam pois perdidas todas as esperanças de apparecer alguma poesia de Antonio de Castilho, quando um acontecimento, venturoso para as Letras patrias, veio reanima-las, mostrando a possibilidade de apparecerem algumas, quando haja zêlo em examinar as bibliothecas publicas, e particulares do reino. Em carta datada do 1 de Janeiro de 1848, o Sr. L. T. Leite, mancebo de grandes esperanças pela sua applicação, e saber, remetteu da Villa da Ribeira Grande, ao Redactor, e proprietario do excellente periodico a *Revista Universal Lisbonense*, o Ill.^{mo} Sr. Sebastião Ribeiro de Sá, a copia de um Auto de Antonio de Castilho, que elle deparára em um livro de 625, com o titulo de *Miscelanea de versos, e prosas*, todo escripto de letra de mão.

Esta preciosidade poetica não podia ser dirigida a pessoa mais zelosa da gloria, e das Letras da nossa patria : elle a deu logo á luz no número 35 do seu Jornal, d'onde passo a transcreve-lo, para que os Leitores, pelas dimensões deste dedo, possam calcular a grandeza do Gigante, e avaliar a perda, que tem soffrido o nosso Parnaso com o sumisso dos escriptos poeticos deste Author tão elegante, e correcto.

Este Auto intitula-se da *Boa Estrea*, e foi representa-

do nos Paços da Ribeira, na presença d'El-Rei D. Sebastião, e da sua côrte, aos 23 de Junho de 1578; e o seu objecto é bem agourar a expedição, que então se preparava contra os Mouros de Marrocos, que tão funestos resultados teve para o Rei, e para o reino.

O estylo, e systema dramatico desta composição indica um discipulo de Gil Vicente: ha porém nelle, além da maior pureza de linguagem, e mais sonoridade dos versos, muito mais apurada fabricação de coplas, e viveza de expressão, o que mostra o progresso, que a arte tinha feito; juntando-se a isto a circumstancia de todo o Drama ser escripto em portuguez, sem mistura de castelhano, como se observa nas obras dramaticas de Gil Vicente, de Simão Machado, e Luiz de Camões.

Sem que este Drama possa julgar-se uma composição extremada, não pôde com tudo negar-se que ha nelle trechos de boa poesia, e que a sua representação, sendo bem executada, devia recrear e agradar muito pela pompa do espectáculo, e pela musica dos Choros. Os interlocutores sam os seguintes, que parecem pouco proprios para se acharem juntos

ERMITÃO.

O DEOS MARTE.

FADA MARINHA.

CHORO DE SERAPHINS.

CHORO DE DIABOS.

SCENA I.

ERMITÃO, que faz o Prologo.

Da Serra de Cynthra por Deos enviado
Por estes grans Paços entrei da Ribeira,
A vêr-vos, Rei Alto, Cabeça guerreira
Do Reino esforçado.

E pois vossa Frota lustrosa, e possante
Já sofrega, dizem, que aguarda a partida,
Primeiro que o ferro soberba levante,
Aqui virá logo, Senhor, quem vos cante
Qual sorte dos Fados vos foi pervenida.

Será difficultoso encontrar um Prologo menos extenso,

e que menos diga : porém os versos sam bem torneados,
e o estylo poetico.

SCENA II.

O Mouro só.

Em Tituão me foi dito,
Que um gran Rei da Christandade,
Imigo do nosso rito,
Tinha exercito infinito
No porto desta Cidade :
Parti logo em continente ;
Porque se fosse que a armada
Ponha prôa em nossa Gente,
Eu a sumisse affundada
De repente.

SCENA III.

FADA, e o dito.

FADA.

Eu sou a Fada Marinha,
Amiga dos Marinheiros,
E desta Terra, que é minha,
E vim ora a ella azinha,
Com cuidados verdadeiros ;
Que em mal dos meus Lusitanos
Ouvi ser vindo um Mouraz
Grande enliçador de enganos,
Que c'os feitiços que traz
Fará sessenta mil danos
Si lhe apraz.

Um *Mouraz* quer dizer um *Mouro*; este vocabulo foi usado muitas vezes por Simão Machado nas suas Comedias do *Cerco de Dio*, e de *Alphea* ; mas não me recordo de o ter visto usado por outro algum Classico. Parece ser termo chulo ; e trazer em seu significado idéa de depreciação, como *machacaz*, *linguaraz*, e outros semilhantes.

Mas eu porém determino
De estar sempre de vigia
Contra aquelle Cão malino ;

E veremos se o seu sino
Contra o meu signo aporfia.
Elle cá é!... Mouro mano,
Quanto folgo de vos vêr
Neste Jardim Lusitano!

MOURO.

Serea do Mar Oceano,
Hajais vós mui gran prazer!

FADA.

Como de Africa viestes,
Que não vos senti passar?

MOURO.

Vim em nuvens pelo ar,
Que carroçam mui mais prestes,
Do que as Galés pelo mar.

FADA.

Grão podêr é logo o vosso!
E em que vos determinaes?

MOURO,

Em um grão feito, si o posso,
Juntemos o podêr nosso;
Que assim poderemos mais.

FADA.

Contente sou, mandai ora,
E eu farei o que bom seja.

MOURO.

Fazei que saia em má hora
A Armada, porque se veja
Que sois vós a Imperadora:
E antes que em Africa aporte,
Vosso gran mar a consuma.
Heis soffrido um jugo forte;
Quebrai-o, e tropheos d'escuma
Lhes arvorai sobre a morte.
E eu me obrigo que d'Atlante
Até ás pedras do Egypto
Vosso esforço a tudo espante,
Tudo, Senhora, vos cante,
E vos beje o nome escripto
Em Diamante.

FADA.

(O pérro cuida embair-me,
Vêremos nós quem se engana!)
Senhor, não quero eximir-me,
E pois vosso ajuste é firme,
Hermano hallareis la hermana,
E vós sabeis bem conjuro
De bem danado empecer?

MOURO.

Não no ha hi mais seguro
Conjuro de Gallo suro,
Morto depois de comer,
Com rins de demoninhado,
E olhos de Sapo saltão;
Conjuro bem temperado,
O qual me fôra ensinado
Nas covas de Salamão;
Tudo é destro nesta Vara,
Que em eu riscando com ella
Logo uma fonte seccára,
E uma Estrella se apagára,
Que nunca mais fôra Estrella,
Nem se achára!

E mais si o vós quereis vêr,
C'uma palavra que eu der,
De São João, em Latim,
Logo vereis a correr
Quem me dá esforço a mim,
Em tudo de que hei mister.

Ora sus!

Moradores infernaes,
Demonios, que arrenegais
Da agua benta, e mais da Cruz.
Vinde já!

E trouxei cem mil agouros,
Com que vençam nossos Mouros
Toda esta Gente de cá.

Este dialogo é natural, facil, rapido, e cheio de força,
e mostra bem que ao Poeta não faltava talento, e dispo-
sição para o genero dramatico.

SCENA IV.

FADA, MOURO, *Choro de Diabretes.*

« O Mouro bate com a vara no chão trez pancadas, e surge um bando de Diabretes saltando, e cantando em redor delle. »

DIABRETES, *cantando.*

Que nos chamas,
D'entre as chammas,
Poderoso !

Que nos tiras
D'entre as pyras
Aleivoso !

Ha hi mandas ?
Que demandas ?
Tens demandas ?
Que nos mandas ?

Feia é a Terra !

Feio é o Mar !

Feio é o Ceo !

E feio é o Ar !

Feia é a noite com Luar !

Feio é o Dia com Solar !

Preste havia, ou nos envia

No affundo no mais fundo

Da profunda do raivar !

Esta cantiga diabolica é perfeitamente no gosto, em que Shakespeare costuma fazer expressar estes Entes sobrenaturaes, é assim que as invenções do Genio costumam fortuitamente encontrar-se.

MOURO.

Callai, Manos,

Quanto ora digo fazei ;

Hide aos Astros soberanos

Lêr os Destinos d'El-Rei,

Mais os dos seus Lusitanos :

Si virdes que sam piedosos

Apagai-os, arrancai-os,
Esses taes,
Mas a serem rigorosos
Assoprai-os, inflamai-os
Muito mais.

*Em quanto o Mouro falla, a Fada tira-lhe a vara ; e os
Diabretes batem palmas, e dão uma gargalhada
infernál.*

FADA.

Verei ora a vossa vara
O poderio, que encerra.

MOURO.

Quereis rir ?
Para nada vos prestára ;
Hontem a cortei na Serra,
Sem mentir,
Sem ella não dera passo,
Que sou gastado dos annos
Inda mal.

FADA.

Mas quero eu vêr mais d'espaco
Os seus feitiços, e enganos,
E não al !

MOURO.

Mana, rosto de boninas,
Manso Abril d'Alexandria,
Meu amor,
Deos vos chova perlas finas ;
Como a vara é sem valia
Nem valor !

FADA.

Porque logo instaes por ella ?
Ou me enganaes, ou mentistes.
A la fé,
Que a verdade heide eu sabêla.
Quebra a vara, e sahe della muito fogo.

MOURO.

O meu podêr destruistes,
Já meu imperio não é.

Os Diabretes travam do Mouro, um pelas roupas, e outros pelas mãos, e o levam.

SCENA V.

O ERMITÃO.

Depois que metêra no charco infernal
Ao pérrro maldito, que as tramas urdia,
A Fada Marinha, que sempre vigia,
Desvellos redobra c'o seu Portugal,
Pois seu lhe ha chamado,
Já lá desde o tempo de Fuas Roupinho
Até estes nossos, por vêr allastrado
De palmas continuas seu campo marinho;
O Infante de Sagres á luz das Estrellas
Com ella tractava segredos profundos
Pedralvares, Gama pediram-lhe Mundos,
E Mundos não vistos lhe viram as vélas,
Em summa que sempre d'amor se morrêra,
Por estes seus Lusos, Tritões humanados,
Té que alfim aos delles juntando seus Fados,
A Manuel ditoso seu dote offrecêra,
E Esposos se uniram com laços dourados,
Por isso procura trazer dos Planetas
A vós, seu gran Neto, destinos propicios
Com que se destruam dos féros Cometas
Os negros auspícios.

SCENA VI.

A FADA.

Oh signo de Salamão,
Que lançado foste ao mar,
Pela sua benta mão,
E que eu logrei apanhar
Em noite de São João,
Pelo podêr do Condão,
Que o Altissimo te deu,
Traze aqui, que o mando eu;
Lá da eternal região
Os Seraphins mais amantes,

Mais sabios, e mais galantes
De quantos moram no Ceo !

*Apparece um bando de Seraphins coroados de flores, e
com harpas doiradas nas mãos.*

SERAPHINS, *cantando, e dançando.*

Cantares tecamos
Com festas, e riso,
Que a terra onde estamos
Inda é Paraíso.

MAIORAL DOS SERAPHINS.

Que desejas, boa Fada,
Gran Senhora, e gran Princeza
Nossa Irmã ?

FADA.

Que me fadeis bem fadada
Esta armada Portugueza
Tão louçã !

SERAPHINS, *cantando.*

Mui abençoada
Suas vélas solte,
Rica, e laureada
Presto, presto volte,
Leve, e traga as vélas
Cheias, e redondas :
Riso nas Estrellas,
Musica nas ondas
Sereas amigas
Ao ir, e ao tornar
Lhe cantem Cantigas
De summo folgar.
Para lá esperanças,
Para cá victorias,
E sempre bonanças,
Bonanças, e glorias.

Este Choro além das idéas graciosas, de que está cheio, faz-se notavel pelo côrte musical das clausulas, que de balde se procuraria nas obras dos melhores Poetas contemporaneos.

FADA.

Agora, que a nossa armada

Já tem condão mui inteiro,

Falta El-Rei.

Quero aqui o escudo, e espada

Do grande Affonso Primeiro.

Sus correi !

Sahem dous Seraphins.

Isto não é uma ficção poetica ! D. Sebastião teve o capricho de levar para Africa o escudo, e a espada, de D. Affonso Henriques, e para a podêr manejar melhor lhe mandou cortar um palmo de ferro : mas nem do escudo, nem da espada pôde servir-se na funesta batalha de Alcaçar Quibir, porque na occasião do desembarque não appareceu a caixa, em que iam guardadas, e por isso tornaram ao reino estes dous venerandos monumentos : sem este feliz acaso lá ficariam perdidos com o cadaver do desgraçado Monarcha.

Quero mais o capacete
Do Imperador Carlos Quinto,

Sus, voai.

Partem outros dous Seraphins.

Tudo triumphos promette

Agora, Pérros, consinto

Blasphemar !

Seraphins, manso, rosinhas,

Oh Empyrias Borbuletas

Eternaes,

Hide-me vêr os Planetas

Se dam sortes como as minhas

Tão reaes !

Si topardes por acaso

Com o Deos Marte em sua esphera,

Lhe pedi,

Por Venus, e por Cythera

Que, pondo todo o al de parte,

Venha aqui.

Partem outros dous Seraphins.

1.º SERAPHIM.

Aqui tens a espada, e escudo
Daquelle alto Affonso Henriques,
Que lá jaz !

2.º SERAPHIM.

E para certificar-te
De quam bem cumprimos tudo,
Ouvirás,

Batemos ao seu moimento,

1.º SERAPHIM.

E elle bradou aturdido
« Quem é lá ? »

2.º SERAPHIM.

Dissemos-lhe o nosso intento,

1.º SERAPHIM.

Abriu, e disse folgando,
Aqui está !

2.º SERAPHIM.

E nos deu o que estás vendo,
Com estas palavras suas,
Como lei !

« Parta meu Neto, que entendo,
« Que logo das Gentes cruas
« Será Rei ! »

*Voltam os dous Seraphins, que foram pelo capacete, e o
apresentam.*

SERAPHIM 1.º

Capacete diamantino
Inda croado de louro
Imperial.

SERAPHIM 2.º

Por condão, que ha do Destino,
Nem montante, nem pelouro
Lhe faz mal.

FADA,

*Tomando da mão dos Anjos o escudo, capacete, e espada,
e depositando-os aos pés d'El-Rei.*

Gran Principe, e Flor de Reis,
Si de Monarchas imigos,

Ricas páreas recebeis,
Mais ricas hoje as haveis
Dos vossos mortos, e antigos.

SCENA VI.

MARTE, dous SERAPHINS, *que por elle foram, e os ditos.*

MARTE.

Senhora do Mar profundo,
C'roa das Fadas marinhas,
Que ordenaes?

FADA:

Que ao primeiro, sem segundo,
Sebastião, glorias minhas
Assistaes.

MARTE.

Quizera-vos eu prender,
Alto Principe excellente,
Com algum dom singular,
Porque não ficasse á Gente
Mas nada, que desejar!

Mas porém

Meu coração esforçado
Já Vossa Alteza o lá tem,
Que ha muito mo ha tomado,
E em si o guarda mui bem.

SCENA VII.

Os mesmos, menos MARTE.

FADA.

Oh Reaes Pagens da Tocha,
Da Sancta Virgem Maria,
Dizei-nos, nos Ceos que havia?

SERAPHINS.

Um signo que desabroxa
Com muito grande alegria.

FADA, *para a Rainha D. Catharina.*

Recebei-me, e dai-me emboras

Pelo que o signo adevinha
Oh poderosa Rainha !

A' Princeza.

Oh alta Dona Maria,
Princeza de tantos bens,
Acceitai meus parabens !

A's Damas.

Lyrios, Papoulas, Boninas,
Aljofradas, diamantinas,
Cheirosas, e preciosas,
Ramalhete desatado
Em cima do regio estrado
Como em lêdo altar as rosas ;
Vós, Donzellas, vós, Sereas,
Havei-me boas Estreas
No que a vosso Irmão ouvís,
Pois que os vossos servidores
Tem de volver vencedores
Daquella guerra feliz.

Aos Seraphins.

E pois não ha que mais queira,
Cantai nessas harpas de ouro,
Que tanto bem seja Eterno ;
Cantai, e por tal maneira
Que façaes raivar com o Mouro
Todos os Choros do Inferno.

O Choro dos Seraphins canta acompanhado de suavissima toada de harpas, e de flautas ; e o dos Diabos lhe responde subterraneamente, acompanhado de trompas, businas, e timballes.

UM SERAPHIM, *cantando.*

Para os Ceos partamos ;
Em volvendo a Armada,
Com palmas, e ramos
Faremos tornada.

OUTRO.

Faremos tornada
Com palmas, e ramos,
Em tornando a Armada,

Que nós vigiamos.

CHORO DOS SERAPHINS.

Anjos, não esquiva
Benção lhe trazei ;
Viva, viva, viva,
Viva, viva, El-Rei.

CHORO INFERNAL.

Em hora de prantos,
Em hora minguada,
Em hora de espantos
Se parta esta armada !
E cresça indomada
Dos Mouros a Grey !

CHORO DE SERAPHINS.

Anjos, não esquiva
Benção lhe trazei,
Viva, viva, viva,
Viva, viva El-Rei !

AS DAMAS NO SARAIO.

Anjos, não esquiva.
Benção lhe trazei,
TODOS OS CAVALLEIROS.
Viva, viva, viva,
Viva, viva El-Rei !

Todos.

Anjos, com fé viva
Benção lhe trazei ;
Viva, viva, viva,
Viva, viva El-Rei.

FIM.

É preciso confessar, que nunca a lisonja mostrou mais espirito, nem se exprimiu com tanta graça, e elegancia ! Mal pensava, o Poeta quando se empenhava tanto em adular o espirito guerreiro do Rei, e dos fidalgos, que o rodeiavam, que a sua Fada, e os seus Seraphins haviam sahir em breve mentirosos nos seus agouros, e nas suas promessas, e que a verdade, desta vez, sómente sahiria da boca dos Espiritos das trevas, que costumam mentir sempre ! Que aquelle Rei tão joven, e tão brioso, que assistia áquella representação tão ufano do seu poder, phantasian-

do victorias, e conquistas, dentro de pouco tempo jazeria enterrado nos arêaes de Africa, rodeado da nobre, e valente nobreza, que ali lhe offerecia incensos ! Que os poucos, que escapassem

De tanto mal, de tanta desventura,

gemeriam sepultados nas sejanas de Fez, e de Marrocos, arrastando os ferros daquelles Mouros, que ali tanto desprezavam, tratando-os de pérros, e de pagãos ! Que este reino, que dominava os mares, que estendia o seu poder até ao berço da Aurora, curvaria a cerviz ao jugo estrangeiro, perdendo o seu Commercio, a sua grandeza, a sua opulencia, a sua gloria literaria, que então tocava o ponto culminante da sua elevação ! Tão caro pagou o Povo Portuguez os erros de um Monarcha valoroso, e inexperto, dominado, e fanatisado pelas doutrinas perdidas, e traiçoeriras dos Jesuitas !

CAPITULO X.

Estevão Rodrigues de Castro.

Este Poeta nasceu em Lisboa, no anno de 1559, mas nem Diogo Barbosa Machado, em sua Bibliotheca Lusitania, nem nenhum dos poucos authores, que d'elle fazem menção, nos informam de quem foram seus Pais, e de quaes foram os seus estudos, e aonde foram feitos, o que provém sem dúvida de elle haver passado fóra do reino a maior parte da sua vida. Alguns o tem por Judeo, ou Christão novo, supposição, que me parece verosimil, e talvez se ausentasse da patria receioso das perseguições da Inquisição.

O que sabemos com certeza, é, que sempre foi considerado como grande Poeta, grande Orador, e um dos mais profundos Latinistas do seu tempo, como se prova

das muitas obras, que escreveu na lingua dos Romanos; professou a Medicina, e foi Lente de Prima desta faculdade na Universidade de Pisa, que então era uma das mais affamadas da Europa, tanto pelos mestres, que occupavam dignamente as suas Cadeiras, como pela multidão de estudantes, que ali concorriam de todos os paizes da Europa.

As suas brilhantes prelecções na Universidadé, a publicação de muitos dos seus escriptos sobre objectos da sciencia, e o feliz resultado de suas curas, grangearam taes creditos ao Doutor Estevão Rodrigues de Castro, em todos os paizes da Italia, que o Grão Duque da Toscana o despachou seu Physico Mór, logar de muita consideração, de muita confiança, e que tinha além disso mui pingue ordenado.

Sabe-se que foi casado, e que teve um filho, que foi depois editor de parte de suas composições, mas nada consta do nome, patria, e linhagem de sua Esposa, com quem viveu feliz até ao anno de 1637, em que na avançada idade de 74 annos, terminou seus dias na cidade de Pisa, com grave sentimento dos seus collegas, e discipulos, que muito o amavam, e respeitavam.

Do que temos expendido, se deduz naturalmente, que o Doutor Estevão Rodrigues de Castro entra no número daquelles Literatos, não muitos, que podem considerar-se felizes, pois que a sua longa vida correu tranquillamente repartida entre os estudos das sciencias naturaes, e mathematicas, o desempenho dos deveres do magisterio, e o exercicio da clinica, gozando de uma fortuna prospera, sem inimigos, e tendo por desenfadamento dos seus estudos mais serios, o cultivo da poesia, e os prazeres domesticos.

Podem vêr-se, na Bibliotheca de Barbosa, os titulos das obras, quasi todas em latim, e sobre assumptos da profissão, que elle durante sua vida publicou, tanto em Pisa, como em Florença. As que seu filho, Francisco de Castro deu á luz depois de sua morte sam as seguintes.

Rithmas. Florença, no anno de 1632. Formam um Volume em formato de 12, que contém Sonetos, Odes, Eclogas, e Canções, em Portuguez, Hespanhol, e Italiano, linguas que elle soube com toda a perfeição.

Posthuma Variatas, Florentiæ, em formato de 4.º, consta de uma Collecção de Cartas, e Orações, ou Discursos na lingua latina, recitados pelo Doutor na Universidade de Pisa nas occasiões de se conferirem os graus de Doutor; contém igualmente um grande número de Epigrammas, e Sonetos, tanto em portuguez como em italiano.

Todas estas obras, por isso mesmo que se imprimiram fóra do reino, foram sempre mui pouco conhecidas entre nós, e o sam agora muito menos, mesmo dos Literatos de profissão, sendo muito para notar, que um homem que se distinguio tanto na poesia latina, portugueza, italiana, e hespanhola, esteja em tamanho esquecimento.

O amor, e talento da poesia se desenvolveram em Estevão Rodrigues de Castro desde a epocha dos seus primeiros estudos, e o acompanharam até ao ultimo termo da sua existencia. Com o seu cultivo se destrahia das suas fadigas literarias, com ella se acompanhava em suas viagens, com ella desaffogava as suas magoas, e celebrava os seus prazeres, as suas venturas, e os seus amores.

Sem embargo do Doutor Estevão Rodrigues de Castro ter passado a maior parte da sua vida em paizes estranhos, e longe de todo o tracto, e conversação com Portuguezes, fallando habitualmente latim na Universidade, e italiano no tracto civil, a sua lingua é pura, correcta, e rica como, ou tanto como a de outros authores de boa nota, que nunca sahiram de Portugal.

O seu estylo é claro, elegante, e poetico, e moldado pelos modelos italianos, que estudava, e imitava cuidadosamente, como se depreheende da leitura das suas obras; as Estrophes das suas Odes sam de ordinario bem cortadas, regulares em sua extensão, e nellas se acham harmonicamente collocados as rymas, e os versos de diferentes medidas, circumstancia esta, que muitas vezes se não encontra em Poetas, aliás de grande merecimento, que umas vezes alongam as Estrophes das Odes tanto como os ramos das Canções, o que prejudica a marcha rapida, e impetuosa, propria daquelle genero de Poema; e outras vezes, ou amontoam as rymas umas sobre as outras, ou as collocam a tamanha distancia, e tão fóra das clausulas do periodo harmonico, que ficam quasi imperceptiveis ao ouvido.

Estevão Rodrigues de Castro não tem uma imaginação fecunda, e creadora; mas sua phantasia é cheia de amenidade, e ás vezes graciosa, sua versificação é corrente, facil, e harmoniosa, sem que lhe falte variedade, e movimento; mas tenho as suas poesias italianas e latinas por muito superiores ás, que nos deixou em castelhano, e portuguez, que não sam em grande número; entre estas se destingue a seguinte Ode, do genero erotico.

ODE.

De cuidado em cuidado
Seguindo amor, de quem sempre me queixo,
Mil vezes enganado,
Mil caminhos procuro, e todos deixo,
Que por mais que cometa,
Toda a estrada de Amor acho inquieta.

Nas partes, onde provo
Aquietar-me, ou onde os olhos lanço,
Nasce um cuidado novo
Imigo de meo bem, e meo descanso,
Com que d'extremo a extremo
Dezejando, e temendo, eu ousou, e tremo.

No monte, e na Cidade
Todo o trato igualmente me he contrario,
Que minha saudade
Tudo me representa solitario,
Senão quando se cria
Meo pensamento em vossa companhia.

Não ha Flor, Herva, ou Planta
Por onde quer que passo, onde não vêja
Aquella imagem santa,
Em que, se o Espirito contemplar dezeja,
Da terra se desata,
E ao Ceo em nuves altas se arreбата.

Com prazer infinito,
Como a seo centro, a vossos olhos corre:
E o corpo de que he Espirito

Soccorre logo, e quando lhe soccorre,
Posto que o tempo he breve,
Parece que mil annos se deteve.

Depois, vendo-o comigo,
Tornado já nesta morada triste,
Viro-me a elle, e digo
D'onde tornaste, e onde te partiste?
E elle com voz escaça
Me diz « Gloria d'amor, gloria he que passa.

Inconstante apparece
Agora n'huma, agora n'outra fórma;
Vêde-lo, que parece
Vir triumphando, vêdes se transfórma,
De si proprio esquecido,
Cheio de morte a vista, e o sentido.

Vem de victorias cheio,
Quando acha em vós lembrança o pensamento,
Mas se encontra hum receio,
Que vos finge nas mãos do esquecimento,
Cuida que vos offende,
Já se retira atraz, já se arrepende.

Oh quanta dor! oh quanto
Accidente mortal vêjo em meo peito!
Quando frio de espanto,
Quando ardendo em dezejões, tudo effeito
De huma luz, que presente
Suster não posso, e que não soffro ausente.

Fugindo hum, e outro dano
Comvosco ponho o pensamento á falla,
Ai triste que me engano,
Que o pensamento aos olhos nunca igualla!
Mas porque em meo desterro
Não canse de viver, vivo nesse erro.

Esse erro he a justa paga,
Amor, depois de largas esperanças,
E por nunca estar vaga

Minha memoria de vossas lembranças,
 Quer n'hum bem, que não vêjo,
 Que, onde os olhos não vam, vá o Dezejo.

Oh Cidade ditosa,
 Oh May de tantos Reys, e Imperadores,
 Por quem o Mundo goza
 Sceptros invictos, braços vencedores,
 A cuja origem devem
 Quanto de illustre, e grande a obrar se atrevem.

Si mais crescer podera
 Tua gloria, que no Mundo o sceptro ergueo,
 Oh quanto mais crescera
 Quando em ti minha Estrella appareceo!
 Mas não augmenta hum Rio
 Do Grão Padre Occeano o Senhorio!

Não criam as minas ouro,
 Que tuas altas riquezas accrescente:
 Torna-me o meo thesouro
 Onde o meo coração viveo contente.
 A mi só me convinha
 Pois nelle tenho a milhor parte minha.

Tudo quanto está dentro
 Deste gran Mundo perfeição procura;
 Busca a terra o seo centro,
 O fogo sua esphera, e em mór altura,
 Vai tomar minha Estrella,
 Sua perfeição em ti, e eu minha nella.

Della soberbo venho
 Ensinar a esperanza a andar tão alta;
 Nella a vida sustenho,
 Que nesta ausencia pouco a pouco falta;
 E de seo raio hum lume
 Lá me restaura, quanto cá consume.

Nesta Ode ha mais espirito de Petrarcha, que de Horacio. É o mesmo Platanismo nas idéas, a mesma methaphisica de sentimentos, a mesma personalisação de af-

fectos, os mesmos raptos, e arrobamentos sentimentaes, que nem Gregos, nem Romanos conheceram, e de que o Poeta de Vauclusa fez caracteristicos da lyrica moderna, de que elle foi o criador, e de que tanto se abusou depois.

O mesmo character, e ainda mais pronunciado se encontra nas Canções deste Poeta, o que assim devia ser, porque então era ainda mais directa a imitação de Petrarca, como se deprehende da seguinte

CANÇÃO.

Já vi mais claros estes horisontes ;
Agora me emtristecem
Faltos da luz ; que busco suspirando.
Meus suspiros no echo destes montes,
Quando mos traz, parecem
Que, engeitados, se tornam d'onde os mando.
E si, de quando em quando,
Não formára a Memoria
Imagem de huma gloria,
Que pouco ante meos olhos se deteve,
Breve fôra o meo mal com vida breve.

Entre tanto, que dura esta lembrança,
Cuido que usa piedade,
Sustentando-me a vida em doce engano :
Mas mandar-me viver sem esperança,
He, com maior verdade,
Matar-me de vagar como Tyranno.
No derradeiro damno
Se acaba a triste sorte,
E he remedio a morte
Si a vida he pena ; porém he fraqueza
Dar-lhe o fim sem o dar a huma alta Empreza.

Vivo, Senhora, pera minha pena,
O mais he covardia,
He morrer por fugir de mór perigo.
Si culpa contra vós não me condemna,
Grande culpa seria

Matar a quem vos ama, que castigo
 Dareis a vosso Imigo?
 Mas se de amar-vos muito
 Se colhe amargo fructo,
 Baste que viva amando desamado,
 Vivirei satisfeito, e castigado.

De que me queixo, si me estaes presente?
 Si ausente, a quem me queixo?
 E si vos quero bem, que outro bem quero?
 Si he bem, como me traz tão descontente?
 Si mal, porque o não deixo?
 E si vos tenho em mim, que mais espero?
 Quando he mais brando, e fero
 O remedio, que provo,
 Pera tormento novo,
 Que pela luz de Escravo fugitivo
 Quero fugir, e fico mais captivo.

Cansão, nestes rochedos fique escripta
 Minha fé, que os imita,
 Sem perder esperança,
 Que se a perdera, houvera em mim mudança.

As poesias lyricas de Estevão Rodrigues de Castro sam das melhores, que entre nós produziu a Eschola Italiana, ou se considerem as idéas, e colorido, ou a harmonia da versificação.

Segundo o gosto do tempo, e o uso dos Petrarchistas não podia o Poeta deixar de compôr um grande número de Sonetos. Este pequeno Poema, de invenção sciciliana, e apperfeiçoado na Italia, molda-se a todos os assumptos, accommoda-se a todos os coloridos, e é, digamo-lo assim, a miniatura de todos os generos de Poemas; a disposição das suas rymas tem soffrido differentes alterações; umas vezes os Poetas formaram a sua primeira parte de quartetos terceados, e outras de quartetos perfectos, isto é, rymando entre si o primeiro, quarto, quinto, e oitavo verso, e entre si o segundo, terceiro, sexto, e septimo: qualquer das duas combinações é excellente, mas a segunda é a mais usual.

Nos tercetos ha mais variedade, e Petrarcha, e os nossos Poetas antigos rymaram a maior parte dos tercetos dos seus Sonetos ligando o primeiro verso do primeiro com o primeiro do segundo, e assim o segundo com o segundo, e terceiro com o terceiro; mas neste caso as rymas ficam muito distantes umas das outras, e descontentam o ouvido, tirando grande parte da sua energica ao Poema. Quanto a mim o unico modo de fechar bem um Soneto é termina-lo com dous tercetos perfeitos, e essa tem sido a pratica dos melhores Poetas modernos. Além desta variedade houve antigamente o costume de juntar ao Soneto, uma cousa que se chamava cauda, isto é, um número indeterminado de hendecasyllabos, e septenarios, que ás vezes faziam trez vezes o dobro dos quatorze, de que deve constar o Soneto. Esta exerecencia ridicula encontra-se nos Sonetos enigmaticos de Burchiello, e o que é mais para admirar nos Sonetos jocosos do Abbade Frugoni, um dos melhores Poetas da Italia moderna. Entre nós só tenho achado esta monstruosidade em alguns dos Poetas seiscentistas, e assim mesmo muito raros.

O Soneto acha-se na Poesia de todas as nações modernas da Europa, e com maior abundancia na Italiana, Hespanhola, e Portugueza. Ninguém tem peiores Sonetos que os Francezes, e ninguém tem regras mais rigorosas para esta composição; ellas obrigaram Despreaux a dizer, na sua Arte Poetica, que o Deos Apollo

Voulant pousser á bout tous les rimeurs François,
Inventa du Sonnet les rigoureuses loix.

Voltando aos que nos deixou Estevão Rodrigues de Castro, diremos que em geral nos parecem bem escriptos, bem versificados, e muitas vezes engenhosos. Eis aqui um dos melhores:

SONETO.

Vôando imagens pinta o pensamento,
Onde de Apelles o pincel não chega,
E passando adiante inda se emprega,
Em pintar Anjos d'alto entendimento.

Tudo isto imaginado he sombra, e vento,
A par do vosso ser, e a quem o nega
Direi, que o raio dessa luz o cega
Pera não ter de vós conhecimento.

Si tudo pelo nome se conhece,
Que nome podia ter tanta Belleza,
Senão estranho, pois que he peregrina ?

Mas pelo ter commum não desmerece,
Que tanta graça, tanta gentileza
Chame-se o que quizer, mas he divina.

Eis aqui outro bem engenhoso, endereçado a uma Dama, que se chamava *Justa da Paz*, nome com que o Poeta joga subtilmente, como ás vezes Petrarcha com o nome de Laura.

SONETO.

Ondados fios de ouro, onde enlaçado
Em doces nós está meu pensamento,
Que quando mais vos solta o leve vento,
Mais preso fico então de hum vão cuidado.

Amor, d'hums bellos olhos sempre armado,
Me combate co'as forças do tormento,
Provando de minha alma o sofrimento,
Que a luz *justa da paz* trago obrigado.

Assi que em vosso gesto mais que humano,
Amo a paz justamente, e o perigo
Que em amar hum, e outro não he engano.

Muitas vezes dizendo estou comigo,
Que pois he *Justa* a causa de meu dano,
Justa he a guerra, *Justa* a *Paz* que sigo.

Estes jogos de palavras parecem hoje estranhos ; e seria mui censurado qualquer Poeta por este desperdicio de espirito, e de subtilêza rebuscada ; mas no tempo em que o Doutor Castro compôs este Soneto passava isto por discricção, e bizaria de engenho, e graciosa, e urbana cor-

tezania, de que dera exemplo o proprio Petrarcha ; não é pois de estranhar, que o bom juizo do Author se deixasse algumas vezes influenciar pelo gosto do seu seculo. Grande louvor merece elle por não haver dado nos excessos, em que cahiram muitos Poetas Italianos, aliás de grande merecimento , que eram mui celebrados naquelle tempo, e cujos exemplos lhe poderiam servir de desculpa.

O seguinte Soneto, expondo o sentimento de uma Dama pela immatura morte de seu amante, me parece uma composição cheia de muita rebustez, em que a força das idéas correu parellas com a belleza de expressão, e a força do metro ; o ultimo verso sobre tudo não o desdenharia Bocage por seu.

SONETO.

Quantas vidas roubaste n'huma vida
Morte, inimiga cruel ! como arrancaste
A bella Joia de seo rico engaste,
A nós agora, ao Ceo depois devida !

Como viverei eu, si devidida
Da melhor parte minha me deixaste ?
Oh grande pena ! nunca o tempo gaste
A rigorosa dôr desta partida !

E tu, que a mortal vida aborrecendo,
Gozas d'outra immortal, alma ditosa,
Socorre a quem por ti vive em tristeza.

Assim disse Beliza humedecendo
De puro orvalho huma, e outra rosa,
Chorou Amor, e rio-se a Natureza.

Eis aqui mais dous Sonetos tão repassados do espirito de Petrarcha, que parecem duas traducções daquelle Poeta, tanta é a semelhança do estylo, e do modo de phantasiar, e encarar os objectos.

SONETO.

Manda Amor á Memoria que renove
Da Deosa, em fôrma humana, altos louvores,
Quando os passos, do Ceo competidores,
Sobre o curso mortal na terra move.

Suavidade, e alegria chove,
Em dansa as Graças vam lançando flores,
E ordenam que, cercando-a mil Amores,
Cada hum em quem o vir mil settas prove.

Quem chega a vê-la, e acceita a doce pena,
Em suas proprias feridas se recréa,
Desconhecendo a dôr, cheio de gloria.

A companhia gentil, que o ar serena,
Victoriosa vai, e onde passêa
Pégadas deixa de imortal memoria.

O verso

Em dança as Graças vam lançando flores,
apresenta um quadro gracioso, accompanhado da expressão mais simples, e singella.

SONETO.

Por mais que hum grave pensamento opprime,
Outro com novas azas se levanta,
Ao doce mover de huma, e de outra planta,
Que por cousa immortal convem que estime.

Forças o coração em si reprime,
Força mais poderosa lhas quebranta;
Tanta brandura, em magestade tanta
Nelle, e na terra o grave passo imprime.

Do resplendor divino huma apparencia,
Que se nos mostra cá tambem divina,
Com suave modo volve a toda a parte.

Honestidade, e Graça, obediencia

Lhe dam, e alma, que a seos pés se inclina,
Como em logar de gloria, não se parte.

Algumas vezes o Poeta levanta o tom, e o estylo, e tracta em seus Sonetos graves assumptos de moral, e de philosophia, tal é este sobre a virtude da caridade.

SONETO.

Habita na alma Deos, si nella habita

Como em sagrado templo, a Charidade;
Sem ella, qual sem Deos, a Liberdade
D'alma em officio inutil se exercita.

Virtude, que a virtude imforma, e incita,

Ao Summo Bem, nem sofre que a vontade,
Ande em campo menor, que a Eternidade,
Ou queira menos gloria, que infinita.

Generosa Princeza, em quem receio,

Em quem pena não ha, que lhe he devida
Da ardente hierarchia a melhor palma.

He espirito divino, he suave meio,

Que ajunta huma alma a Deos, e lhe dá vida,
Antes he o mesmo Deos, que he vida d'alma.

O Poeta considera aqui a caridade como base, e fundamento da religião, o que é conforme ao mandamento do Decalogo « *dilige Deum tuum, et proximum tuum sicut te ipsum,* » e na verdade neste amor de Deos, e dos homens, tornando-os irmãos, se resumem todas as virtudes christãs.

O mesmo character de moralidade se encontra neste Soneto, sobre o amor da virtude como meio de adquirir a verdadeira gloria, e o desprezo dos bens, e honras do mundo.

SONETO.

O espirito que honras vãs, que o Mundo vende,
Julga por cousa vil, e campo estreito,
Neste logar pequeno, mas perfeito
He maravilha vêr como se entende.

Daqui a Terra, e o Mar, e o Ceo comprehende,
E sem temer amigo contrafeito,
Das rochas, secretarias do seo peito,
Alta firmeza, e sofrimento aprende.

He difficil, e aspera a subida
Para significar outros rigores
Com que a Virtude vai parar na gloria.

Na porta tem a rama entretecida
Do Louro, premio já de vencedores,
E agora mostrador de outra victoria.

Nos dous Sonetos, que abaixo se transcrevem, o Poeta, sahindo da sua habitual madureza de pensar, se abandona a idéas alambicadas, e contrapostos pueris, que não sam muito triviaes na totalidade do seu estylo, e modo habitual de escrever, tanto é difficil, ainda aos engenhos mais graves, o eximir-se dos preconceitos do seu seculo, e da influencia da moda, porque tambem ha modas na maneira de escrever.

SONETO.

Claros olhos, que ao Ceo, que se mostrou
Mais que nunca sereno, a côr roubastes,
Quando depois mais bella lha mostrastes,
Todo de amor, e inveja se matou.

Com mil olhos. d'Estrellas vos olhou,
Com mil raios dos vossos o abrazastes,
E só do resplendor, que lá lansastes
Todas as escondeo, e emvergonhou.

Ora a côr azul querem as Estrellas,
De azul o Prado em Maio se quer pôr,
Deixando flores rôxas, e amarellas,

De tudo o vosso azul he vencedor,
Que do Ceo tem belleza as couzas bellas,
E elle he bello, porque he da vossa côr.

Que desperdicio de espirito ! Que idéas forçadas ! Que opposições conceituosas ! Que puerilidades a respeito de uns olhos azues ! Os olhos desta côr passaram sempre pelos mais serenos, e derretidos ; mas os olhos azues, desta Dama, eram certamente de natureza malefica, pois fizeram com que o Ceo se matasse d'amor, e de inveja ! Que desgraça para o pobre mundo se isto fosse uma realidade ! E os *mil olhos de Estrellas* com que o Ceo olhou para esta Dama, contrapostos *aos mil raios com que elle o abraçou* não é uma lembrança mui feliz ! E as *Estrellas que querem ser azues*, e os prados querem o mesmo !... De certo pôde-se dizer, com razão, que os taes olhos azues faziam andar tudo azul ! O fecho do Soneto não desdiz do seu contheudo, pois afirma que o Ceo, de quem se deriva a belleza de todas as cousas, só é bello porque é azul, como os olhos daquela Dama ; grande fortuna foi que ella não nascesse com olhos pretos, ou pardos, porque nascendo do Ceo toda a belleza das cousas, e não podendo o Ceo ser bello por não ser da côr dos taes olhos, seguia-se por natural consequencia, que nada haveria bello no mundo ! Véjamos o outro.

SONETO.

Quando com furia, e impeto embravece
O fero mar, dos Ventos combatido,
Mais medonho que nunca, e mais temido
De côr azul nas ondas apparece.

Quando o Sol, que no Mundo resplandece,
No mais alto da esphera está subido,
Entre nuvens azuis todo escondido
Com falta de sua luz nos escurece.

Ambas as couzas fujo, e a claridade
De huns olhos busco, e azuis os acho, e creio,
Que ambas as couzas nelles se comprehendem.

Nelles acho mais feia a tempestade,
Nelles o azul das nuves he mais feio,
Tanto huns olhos azuis aos meos offendem.

Quando pensamos mal, é mui raro que nos expliquemos bem, por isso não admira, inda que os versos destes Sonetos sejam elegantes, e sonoros, que nem por isso as idéas sejam mais exactas; que ha de commum entre uns olhos azues, e o mar batido de uma tempestade? Não sabem todos, que nessas occasiões é que elle se mostra menos azulado, pois branqueija todo com os rolos de espuma, levantados pelas vagas açoutadas dos ventos, e revolvidas por elle? Não foi por isso que Homero, tão exacto pintor da natureza, comparou o ondear dos penachos brancos de um exercito em marcha, com o mar em tempestade? É igualmente falso, que as nuvens sejam azues, quando obscurecem o Sol, pois nessa occasião se tornam pardas, porque com sua densidade empedem, que os raios do Sol as penetrem, e é da luz dellas, quando reflecte em sua transparencia, que ellas tiram a côr azul, branca, ou vermelha, que ellas nos apresentam em tempo sereno. Creio que o Poeta não acharia muita facilidade em explicar-nos a razão porque achava a tempestade, e o azul das nuvens mais feios nos olhos azues, muito mais não nos havendo dito, que esses olhos estavam animados pelo furor, ou pela tristeza. Quando se quer engrandecer demasiado objectos pequenos, força é cahir nestas exagerações ridiculas, e supposições monstruosas!

Os Poetas desta Eschola faziam muito uso das Oitavas para exprimirem os seus sentimentos. Esta combinação rythmica tambem foi invenção dos Scicilianos, mas estes cruzavam as rymas por outra maneira, na verdade menos graciosa, mas, apesar disso as Oitavas foram geralmente adoptadas na sua istrictura primitiva. Foi João Boccaccio, o celebre author do *Decamerone*, quem nos seus Poemas da *Theseide*, *Nymphale*, e outros as aperfeiçãoou, dando-lhe a fôrma, que hoje tem, que é na verdade a mais elegante, e

harmoniosa, que pôde imaginar-se, e que tanto na Italia, como em Portugal, e na Hespanha se julgou a mais digna de entrar na composição do Poema Epico : mas por isso não deixaram os Poetas de ousar dellas nas Eclogas, nas Epistolas, nas Elegias, e até nas Satyras, e uma Elegia formam as seguintes Oitavas, em que Estevão Rodrigues de Castro se dirige a uma Dama de quem hia ausentar-se, fazendo-lhe mil protestos de firmeza, e de constancia, duas cousas, quanto a mim, tão difficeis de manter nos Poetas, como nas Bellas.

OITAVAS:

Segura fé, com esperanza incerta,
Remedio fraco, forte sofrimento,
Serrada porta ao bem, ao mal aberta,
Unir-se hum a alma mais no apartamento :
Perigo, que se vê, dôr emcoberta,
Gloria, breve em passar, largo tormento
N'hum a ausencia cruel, doce memoria
De mim tecem jámais ouvida historia.

Quem ouvio nunca, que antes de sabido
Hum cuidado amoroso tanto cresça,
Que por mais que em secreto esté escondido
Ante elle outro qualquer desapareça ?
Eis que se mostra, e quasi conhecido
Espera que c'o tempo mais mereça ;
Não sofre isto Fortuna, e, com inveja,
D'altos principios triste fim dezeja.

Em vão quer encontrar minha firmeza ;
Não sabe os muros em que vai guardada,
Que a cadeia que tem minha alma presa
Não pôde por ausencia ser quebrada ;
Em grandes perfeições da Natureza
Tal perfeição d'amor está fundada,
Que quando desta terra vir partir-me,
As azas quebrará por ficar firme.

A falta do meo Sol d'hum claro dia
Fará noute a hum Esprito descontente,
Mas o fogo amoroso, que accendia,
Como o Sol por cristal seo raio ardente,
Nunca se apagará, que antes se cria
Milhor entre lembranças d'hum ausente:
Mas eu por natureza, ou por costume,
Guardarei nestas cousas vivo lume.

Hum retrato, Senhora, n'alma emfrêa
Do vil esquecimento a força ingrata,
Que vossa imagem, vossa bella idéa
Os poderes do tempo desbarata;
O Pensamento nella se recréa,
Nella das Leys da ausencia se desata;
Nobre Guerreiro, em campo o pensamento
Poem contra ausencia, tempo, esquecimento.

Fortuna não fará, por mais que faça,
Que ao longe não influam duas Estrellas,
Onde amor reina, e as almas ameaça,
Si se quebrar a fé jurada nellas.
As de mais perfeições, que sempre a Graça,
Pera as compôr, e honrar anda atraz dellas,
Deixam-me entre rubis, perolas, ouro,
Qual coração de Avaro em seo thesouro.

Parto-me, e com Amor Honra contende
Dentro em minha alma só de intentos rica,
Manda-me Honra partir, Amor me prende,
Vai-se a parte menor, a maior fica,
Que Amor o coração onde se estende
Ante vossos altares sacrifica,
Parte-se o corpo, e tornam-no em fiança,
Pera o tornar, o Tempo, e a Esperansa.

Breve o tempo hade ser, que o meo desejo
Azas lhe emprestará, e a claridade
De vossa vista, com que a vida rejo,
Lá será guia em toda a tempestade.
Já me vêjo em naufragios, e já vêjo
Sahir a nado salva huma Verdade,
Que, em voto offerecida, vos presenta
Os vestidos molhados da tormenta.

Estas Oitavas sam bem fabricadas; mas hoje desejariamos em composição semelhante mais paixão, e menos rethorica; mais ternura, e menos metaphisica; mais naturalidade, e menos methaphoras; mas prevalecia então o gosto da declamação, e o amor era mais um thema para discorrer, que um sentimento verdadeiro, profundo e violento, que procurava manifestar-se pela linguagem das Musas: daqui tantos Poetas namorados sem amor, tantos contrapostos, trocadilhos, idéas alambicadas, exageradas, obscuras, que os Poetas eroticos da Grecia, e de Roma nunca conheceram, porque só exprimiam affectos naturaes, e era força, que natural fosse tambem o seu modo de exprimir. As amantes de Propercio, de Ovidio, de Tibulo, e de Catulo não eram Entes de razão, mas Pessoas existentes, e os versos, que lhe dirigem, não sam para ostentar espirito, e entreter a occiosidade dos Leitores; mas para lhe captar o affecto, celebrar os seus mimos, ou queixar-se dos agravos, que dellas recebiam, por isso as louvavam, as requestam, as injuriam, ou lhes pedem perdão, segundo os motivos, que ellas lhe dayam, ou com elles se mostravam brandas, ou esquivas, infieis, ou reconciliadas: e é esta alternativa de finezas, de queixumes, de injurias, &c. que fórma o interesse da leitura daquellas poesias, cheias de fogo, e palpitantes de uma paixão, que ás vezes toca em delirio.

Uma cousa, que se torna mui notavel nas obras de Estevão Rodrigues de Castro, é que vivendo elle a maior parte de sua longa vida, desterrado, ou foragido de Portugal, se não encontre nessas obras uma unica expressão de saudade, de desejo de tornar a vêr a patria, em que nascêra, a terra, em que descansaram os ossos de seus Pais; para dar-se tão total esquecimento em um Portuguez, tal insensibilidade de coração ausente dos ares da patria, é necessario que elle se achasse fundamentalmente aggravado dos seus contrerraneos, e que por isso se julgasse mais feliz, e seguro vivendo entre os estranhos; e o que é ainda maior phenomeno, é que ao mesmo passo lhe não escapa um queixume, uma invectiva contra elles! Confesso que semilhanté comportamento se torna incompreensivel para mim! É nisto, que elle fórma um vivo contraste com Francisco Manoel; o grande Lyrico queixa-se

altamente da ingratidão da patria, de que fôra obrigado a fugir para salvar a vida, despede os raios da sua indignação contra os Naires, e os Bonzos, que o calunniaram, e perseguiram; tramaram sua ruina, e o precipitaram na pobreza, e no abandono! Mas ao mesmo tempo suspira pelas margens do Têjo, pela conversação dos amigos, pelo uso da lingua nacional; ufana-se com a recordação das antigas glorias portuguezas, celebra os seus heróes, e a *muito ingrata Elysia* nunca lhe sahe daquella alma verdadeiramente patriótica.

Estevão Rodrigues de Castro não é um Poeta de genio, mas é um Escriptor puro, elegante, erudito; um versificador harmonioso, e que faz honra á Eschola a que pertenceu! Seria muito para desejar, que as suas obras poeticas, hoje quasi inteiramente desconhecidas, fossem novamente impressas para se lhe dar o apreço, que merecem.

CAPITULO XI.

O Infante D. Luiz.

Entre os Principes, que neste seculo de illustração litteraria para Portugal, cultivaram as Sciencias, e a Poesia, e o que é mais, protegeram, e animaram os que nelas se avantajavam, merece um logar mui distincto o Infante D. Luiz, filho de El-Rei D. Manuel, e da Rainha D. Maria, sua Esposa, Duque de Béja, Prior Mór do Crato, Condestavel do Reino, Fronteiro Mór das Comarcas de entre Têjo, e Guadiana, Senhor de Covilhã, Serpa, Almada, Salvaterra, e da Cidade de Ceuta.

Nasceu este Principe na Villa de Abrantes, a 3 de Maio de 1505, a sua educação foi confiada a Ruy Telles de Menezes, quarto Senhor de Unhão, que logo foi destinado Guarda Mór da sua Casa, e Camareiro Mór da sua Pessoa.

Estudou, com grande aproveitamento, as linguas doudas, a philosophia racional, e moral, e todas as mais huma-

nidades, de cujo conhecimento a mocidade nobre então se não dispensava.

Teve por Mestre nas sciencias mathematicas, o Doutor Pedro Nunes, o maior homem, que Portugal então possuia nestas disciplinas. A sua applicação, junta á facilidade de comprehender, com que a natureza o havia enriquecido, o habilitaram para fazer rapidos progressos naquella sciencia, com razão considerada como a mãe de todas ellas, e a mais util aos Estados.

Não se tornou menos habil no manejo das armas, na equitação, bem como na politica, em que deu repetidas provas do seu atilado engenho, e prudencia, e por isso D. João III., seu irmão, o admittia nos seus conselhos, e tinha por costume não tomar resolução de importancia sem ter ouvido o parecer do Infante.

Todos os homens sam mais, ou menos influenciados pelo espirito do seu seculo, e por isso não admira que o Infante D. Luiz, vivendo em um seculo de fervor religioso, em uma côrte em que se não tractava senão de navegações, descobrimentos, e conquistas, dotado de espirito belicoso, se abrazasse no desejo de assignalar-se por proezas militares, e de propagar a Fé Catholica na Africa, e no Oriente á ponta da espada, que era o meio, que então se julgava mais prompto, e decisivo para convencer os Mouros, e os Idolatras, quando a Inquisição não podia argumentar com elles com as linguas de fogo das suas fogueiras:

Por muitas vèzes requereu D. Luiz a seu Real Irmão a faculdade de hir combater os Infieis nas partes da India, porém D. João III., que conhecia bem o seu merecimento, e que julgava que elle o serviria melhor no gabinete, que nos campos de Marte, se recusou sempre a satisfazer-lhe este desejo.

Hariadan Barbaroxa, um dos mais valentes Musulmanos do seu tempo, havendo-se apoderado do Reino de Tunis, com a protecção do Gran Senhor, infestava com seus navios as costas de Italia, fazendo repetidos insultos, roubando gente, e fazendas, do mesmo modo que tolhia a navegação, e commercio maritimo com as multiplicadas presas, que fazia no Mediterraneo.

O Imperador Carlos V., dando attenção aos clamores dos

Povos, aos rogos do Pontifice Romano, e sobre tudo indignado da audacia, com que o Corsario salteava os seus portos, e os seus navios, diminuindo assim os rendimentos de suas alfandegas, resolveu livrar a Italia daquelle flagello, pondo no mar uma poderosa armada, com que fosse em possoa restabelecer no throne de Tunis Muley Hassan, que delle havia sido privado por Barbaroxa.

Para melhor assegurar o exito desta empreza, requisi-
tou o auxilio dos seus aliados, porque o negocio interes-
sava a todas as nações maritimas, e as que eram membros
da Sociedade Christãa.

O Rei de Portugal não foi dos ultimos a que o Impe-
rador se dirigiu, e D. João III. , sempre disposto para
guerrear os Infieis, mandou preparar uma esquadra de
vinte caravellas, e alguns navios grandes, em cujo nú-
mero entrava o galeão S. João, que tambem se denomi-
nava o Bota-fogo.

Este galião, é tão celebre na nossa historia, como
a nau da Fada Urganda nos livros de cavallarias. É fa-
ma, que este galeão fôra fabricado em Lisboa, ás portas
do mar, debaixo da direcção do constructor João Galle-
go, e que na sua construeção trabalharam, durante dez me-
zes, effectivamente duzentos e trinta operarios, sem inter-
rupção; que a sua quilha, tinha dous comprimentos da
maior nau da India, e accrescentam, que está embarcação
monstro tinha cinco batarias, guarnecidas por trezentas
e sessenta e seis bocas de fogo. Tenho para mim que an-
da nisto muita exaggeração. E muito mais me conformo
nesta idéa vendo que o Vice-Almirante Ignácio da Costa
Quintella, nos seus Annaes da Marinha Portugueza, não
duvidou affirmar, que este famaso galeão, deveria orsar
pela grandeza da nau Trindade, de cento e quarenta pe-
ças, que os Inglezes tomaram aos Hespanhoes na batalha
de Trafalgar; e esta conjectura de um homem d'arte tem
para mim mais peso, que as affirmativas de pessoas alheias
ao mister da navegação, e que por isso não podiam saber
até que ponto era verosimilhante o que affirmavam.

O que não admite duvida, é que o galeão S. João era
o maior navio, que até áquella epocha se tinha visto; nel-
le, em duas naus, e nas vinte caravellas se embarcaram
dous mil e quatrocentos soldados de diferentes armas,

afóra muitos fidalgos, que serviam como voluntarios, sendo commandante geral da frota Antonio de Saldanha, official veterano, que havia encanecido na guerra, onde tinha grangeado larga, e bem merecida nomeada.

Sahindo esta armada fóra da barra de Lisboa, nos fins do mez de Março, chegou com prospera viagem a Barcellona nos fins de Abril, entrou no porto daquella cidade, pomposamente embandeirada, e amiudando as salvas de artilharia, fundeou na melhor ordem possivel.

O Infante D. Luiz, a quem não soffria o animo, que tão grande empreza se levasse a effeito sem elle tomar parte nella, resolveu não malograr tão bella occasião de satisfazer o seu espirito guerreiro, e capacitado de que lhe seria impossivel alcançar licença de El-Rei, tomou o partido, um tanto violento, de passar sem ella; e tanto que lhe constou, que a armada havia sahido do Téjo, escapou-se furtivamente de Evora, onde então a côrte se achava, sendo acompanhado nesta aventura por D. Theodosio, Duque de Bragança, André Telles de Menezes, Luiz Alvares de Tavora, Senhor de Mogadouro, Manuel de Sousa Chichorro, D. Affonso de Portugal, primogenito do Conde de Vimioso, Francisco Pereira, e Tristão de Mendonça, todos, como elle, sem licença.

Com quanto El-Rei, como era de esperar, soffresse muito pesadamente esta desobediencia do Infante, dissimulou prudentemente, e para de algum modo cobrir a quebra da sua authoridade, apenas soube do caso, expediu pela posta o Conde da Castanheira D. Antonio de Ataide, que ainda pôde alcança-lo, e lhe entregou a licença d'El-Rei, e um credito de cem mil cruzados, para as despesas da sua jornada. A licença d'El-Rei abrangia todos os fidalgos, que seguiam o Infante, menos o Duque de Bragança, que foi chamado á côrte por carta do punho do proprio Monarcha.

Chegado o Infante a Barcellona foi pelo Imperador acolhido, e hospedado com a benevolencia, e affabilidade, que eram devidas a tal personagem, por Principe, e por parente.

Seis dias depois da chegada do Infante a Barcellona, estando ahi reunidos todos os contingentes tanto dos dominios, como dos aliados de Carlos V., deu este ordem

para que a esquadra se fizesse de véla, embarcando elle com o Infante em uma galé nova, que André Doria para esse fim havia mandado construir em Genova; tinha esta embarcação, mui veleira, e elegante, trez mastros, vinte e quatro bancos de quatro remeiros cada um, era toda dourada, e estava magnificamente mobilada.

Entre grandes, e pequenos, constava esta armada de quatrocentos navios, e levava a seu bordo vinte e quatro mil infantes, e mil e quinhentos cavallos, todos bem disciplinados, e bem armados, como eram naquelle tempo os soldados hespanhoes, cuja infantaria passava pela primeira da Europa. Depois de alguns incommodos de viagem, e de uma tempestade, que abrigou as embarcações grandes a se abrigar em Porto Mahon, e as galés em Malhorca, chegou a armada a Calhari, em cuja bahia ancorou, no meiado de Junho.

Ali chegou pouco depois o Marquez del Vasto, conduzindo de Italia um reforço de tropas, e navios daquelle paiz, ficando assim a armada composta de quarenta galões, cem embarcações redondas, oitenta e duas galés, vinte e cinco caravellas, e sessenta urcas, sem contar muitos vasos ligeiros, que faziam montar o número das quilhas a mais de quatrocentas.

Sahiu a armada da bahia de Calhari dous dias depois de entrar nella, ordenada em duas divisões, commandada a primeira por D. Alvaro Bazan, e a segunda por André Doria, Doge de Genova, e o primeiro homem de mar do seu tempo. Em duas singraduras ganhou a bahia de Tunis, e foi surgir toda em Cabo de Carthago, a cinco milhas do Castello da Goleta.

Barbaroxa havia fortificado esta praça com todo o esmero, abastecendo-a de viveres, de munições, e machinas de guerra, presidiando-a com uma numerosa guarnição de Turcos, e Janisarós, commandados por um renegado Israelita, por nome Simão, que havia aquistado fama de excellente soldado. A estas disposições juntava-se uma grossa, e fortissima viga, (cadeia dizem outros) que atravessando o canal, vedava que as embarcações podessem navegar por elle acima; porém esta viga, apesar da sua fortaleza, se fez em pedaços ao segundo encontro do galção S. João.

Não cabe aqui narrar os promenores deste cerco, a obstinada resistencia do inimigo, o rendimento do forte, a derrota do exercito de Barbaroxa, a conquista de Tunis, e sua restituição a Muley Hassan, que Barbaroxa havia desthronado, e a cedencia, que este Principe fez á Hespanha da Goleta, e de outras praças maritimas. Basta dizer, que em toda esta campanha o Infante D. Luiz se fez notar por um valor heroico, e digno dos seus antepassados, tomando parte nas facções mais perigosas, e assistindo sempre ao lado do Imperador, brilhando igualmente nos conselhos pela madureza das suas opiniões.

Voltando a Portugal, foi recebido por El-Rei de modo, que merecia a grande reputação, e gloria militar, que havia adquirido, e continuou a servir a patria no gabinete, e até desempenhou algumas missões diplomaticas muito á satisfação, e contentamento d'El-Rei.

O Infante D. Luiz conservou-se sempre no estado de celibatario, apesar de se lhe haverem proposto cinco casamentos; porém o Infante era Poeta, e não podia por isso ser insensivel ás doçuras do amor, e aos feitiços do bello sexo, e a prova está em que de D. Violante Gomes, Dama formosissima, e dotada de grandes prendas, teve a D. Antonio, que foi Prior do Crato, que depois disputou a corôa de Portugal a Philippe II. de Hespanha.

Para se conhecer a verdadeira indole, e character de um Principe, parece-me que não ha melhor meio que observar o procedimento dos seus privados. E que alto conceito não devemos fazer de D. Luiz, sabendo que D. João de Castro foi desde a infancia o seu valido mais intimo, e que por suas diligencias foi aquelle virtuoso Varão escolhido para governar, e salvar a India?

O Infante D. Luiz era naturalmente munificente, e liberal, e grande parte das suas rendas eram empregadas em soccorrer a indigencia; não pôde com tudo dissimular-se que a sua religiosidade não era das mais illustradas, porque degenerava em certo instincto fradesco, pouco proprio de um grande Principe, e por isso duas vezes tentou entrar no claustro; a primeira vestindo a roupeta de Jesuita, de que foi dissuadido por Santo Ignacio de Loyola, e S. Francisco de Borja; e a segunda, professando em um Convento de Arrabidos, que havia edificado em

1592, entre Benavente, e Salvaterra, de que era donatario. Obistou-lhe porém a Nobreza, que via quasi extincta a linha da successão Real.

Falleceu este Principe com quarenta e nove annos de idade, a 27 de Novembro de 1555, e foi sepultado no Mosteiro de Belem, soberba fundação d'El-Rei D. Manuel seu Pai, e sobre o seu tumulo se esculpiram os seguintes versos.

*Magnus conciliis Infans Luduvicus, et armis,
Hic silet angusto, morte jubente, loco.*

O Infante D. Luiz professou a musica com muita pericia, tanto vocal, como instrumental, e ajudando o conhecimento, que tinha do contraponto com o seu grande saber em mathematica, produziu algumas composições, que foram muito applaudidas.

Era além disso um Escriptor polido, e elegante Poeta, e por isso, e pela protecção, e bom acolhimento, que sempre lhe deveram os cultores das Musas, é que tem logar neste Ensaio.

Além de algumas Cartas a D. João de Castro, e a alguns Religiosos graves de diferentes Ordens, que andam na Vida daquelle heróe, e nas Chronicas dos Conventos, a que pertenciam as pessoas, a quem foram endereçadas: deixou em manuscripto as seguintes obras.

Tractado dos modos, proporções, e medidas.

Tractado da quadratura do circulo.

Explicação do Psalmo « *Benedicam Domino in omni tempore.* »

Explicação do Psalmo « *Quem admodum desiderat Cervus ad fontes aquarum.* »

Consta que estas duas obras existiam na bibliotheca do Duque de Lafões, e como esta se incendiou pelo terremoto, é natural que percessem com muitos outros thesouros literarios, que ali estavam depositados.

As suas poesias formavam uma grande Collecção de Sonetos, Canções, e Glosas, que nunca foram impressas, e sabe Deos que caminho levaram, e tambem é mui possivel, que algumas destas poesias fossem impressas sem nome, ou em nome alheio nas muitas compilações de

versos, que sahiram á luz no seculo passado, e que hoje estão quasi esquecidas.

Manuel de Faria e Sousa, que tinha feito continuado e attento estudo do estylo, e modo de expressar de Luiz de Camões, affirma nos seus Commentarios áquelle Poeta, que o Soneto trinta e um da Centuria terceira, não é del-
le, mas sim do Infante D. Luiz, e que por engano fôra incluído entre os do Cantor dos Lusiadas. Ei-lo aqui.

SONETO.

Imagens vãs me imprime a phantasia,
Discursos novos acha o pensamento,
Com que dam á minha alma gran tormento
Cuidados de cem annos n'hum só dia.

Si fim grande tivessem, bom seria
Responder a esperança ao fundamento,
Mas o Fado não corre tão attento,
Que reserve á razão sua valia.

Caso, e Fortuna podem accertar,
Mas só por accidente dam victoria.
Sempre o favor da Fama he falsa historia,

Excede ao saber determinar:
A' constancia só deve toda a gloria:
O animo livre he digno de Memoria.

A respeito deste Soneto, sinto perfeitamente com Manuel de Faria e Sousa, e tenho para mim, que é de D. Luiz, e não de Camões; e uma das razões que me induzem a esta supposição é vêr que os tercetos sam rymados de um modo particular, de que se não acha outro exemplo nos Sonetos do grande Epico.

O mesmo Critico dá tambem, como do Infante D. Luiz; o seguinte Soneto, que tambem se encontrou confundido com os de Camões.

SONETO.

Horas breves do meo contentamento,
Nunca me pareceo quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos annos de tormento.

As altas torres, que fundei no vento,
Levou em fim o Vento, que as sustinha,
Do mal, que me ficou, a culpa he minha,
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

Amor com brandas mostras apparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura,
Mas logo no melhor desaparece.

Estranho mal! estranha desventura!
Por hum pequeno bem, que desfalece
Huma alma aventurar, que sempre dura.

Estes Sonetos sam bons ; mas creio que nenhum perito avaliador de estylos, deixará, ao lê-los com reflexão, de conhecer que nem as idéas, nem o modo de expreça-las, nem o tom geral da versificação podem pertencer ao grande Poeta, a que se attribuiram, e de dar razão a Faria e Sousa, que os tem por suppostos. Mas dirão, ainda mesmo admittida a supposição, isso não prova que elles sejam do Infante, como quer Manuel de Faria ; é verdade, mas este ultimo acha-se impresso em nome de D. Luiz na *Phenix Renascida*, Tomo III., paginas 252, Lisboa 1618, e como entre os Sonetos ha perfeita identidade de estylo, parece não haver dúyda em attribui-los ao mesmo Author.

Estavam, como dissemos no Tomo I., muito em uso no Paço as representações Dramaticas, introduzidas por Gil Vicente, e o Infante, como muitas outras personagens do tempo, deu-se a este genero de composição, e até publicou pela imprensa um Auto seu, intitulado : *Os Captivos*. No Indice Expurgatorio de Filippe II., que existe na Bibliotheca Real de Madrid, se lê a paginas 84, que é prohibido o Auto dos Captivos, chamado de D. Luiz, e dos Turcos,

e esta prohibição foi talvez o motivo de haverem desaparecido todos os exemplares deste Poema; mas pôde ser que seja possível deparar-se com algum delles, impresso, ou manuscripto em alguma livraria de Alemanha, ou na do Rei de França.

Algumas pessoas tem attribuido este Auto a Gil Vicente, filho primogenito do grande Poeta Gil Vicente, mas hoje ninguém ignora, que este Gil Vicente Junior nunca existiu neste mundo, pois Gil Vicente nunca teve mais que dous filhos, a saber: Luiz Vicente, e Paula Vicente.

Outros, e destes é João Baptista de Castro, o attribuíram a Luiz Vicente, filho de Gil Vicente, e primeiro editor das suas obras; mas a opinião mais probavel é ser do Infante o Auto, até porque assim se depreheende do supracitado Indice Expurgatorio.

Si dermos credito a D. Antonio Caetano de Sousa *Hist. Gen. da Casa Real Portugueza*, e ao Conde de Vimioso na *Vida do Infante D. Luiz*, escriptores mui doutos, e bons investigadores das cousas, com especialidade o primeiro, é tambem do Infante o *Auto de D. Duardos*, que se publicou debaixo do nome do celebre Gil Vicente, e que hoje anda junto com as suas obras.

Manuel de Faria e Sousa é da mesma opinião, e accrescenta, que aquelle Auto *esta lleno de illustres politicas, y maravillosos affectos*. Posto que me incline muito a esta opinião, pormotivos que seria mui longo especificar, deixo a cada um a liberdade de admitti-la, ou não, depois de maduro exame; sómente direi, que naquelle tempo não era raro que as pessoas de alto character, que se deixavam dominar pelo pêjo, nada sensato, de publicar em seu nome poesias, que não tinham pêjo de compôr, e de recitar como suas, as dessem á luz debaixo do nome de outrem. Este costume ainda se conservava em tempos mais proximos, visto que a Condeça da Eryceira D. Joanna, publicou o seu Poema hespanhol do *Despertador*, em nome de Apolinario de Almada, um dos seus criados, quando não havia na côrte, e na cidade quem ignora-se a quem pertencia verdadeiramente aquella producção, quando os Censores ensinuavam a supposição de nome nas suas licenças, e depois seu proprio filho, o Conde D. Francisco Xavier de Menezes, não teve dúvida de o declarar formal, e ex-

plicitamente nos discursos, que precedem á sua Henriquida; ora ninguém dirá, que o Conde ignorava os segredos da sua familia, nem que elle inventou uma fabula para dar grande idéa dos talentos de sua Mãi, porque o caracter bem conhecido daquelle honrado, e erudito fidalgo não dá lugar para delle se suspeitarem tão ridiculas imposturas.

Tambem passa por ser obra deste Principe o seguinte Epigramma.

Muito vence quem se vence:
Muito diz quem não diz tudo:
Porque a hum discreto pertence
A tempo fazer-se mudo.

Nada mais facil do que amontoar citações de authores contemporaneos abonando as virtudes, saber, e applicação continua deste grande Principe, contentar-nos-hemos com duas, a primeira será a do sabio Pedro Nunes, que foi seu mestre de mathematica, diz este, escrevendo a El-Rei D. João III. « *Magnanimo Infanti Ludwico, Fratri tuo Litterarum studiosissimo, quotidiana lectione Aristotelis libros expono. Nec enim satis et putavit ad expugnandum Tunetum, munit tissinam Africæ urbem cum Carolo Imperatore transfretasse in omni belli expeditione, et prelii incursu, strenuissimum se prebuisse, nisi enter missa studia revocasset Arithmeticam, Geometriem, Musicam, et Astrologiam nisi precaluisset, et vero nune reliquarum Scienciarum ornamento animum excolere non cessat, &c.*

Seja o segundo testemunho o de um Poeta Latino por nome Jeronymo Cardoso, mencionando o Infante diz assim:

*Lusi spes altera Regni
Magnanimus Regis frater, Ludwicus in armis
Clarus, et egregius, cujus pavet Africæ nomen,
Virtutemque viri; quod si Vexila tulisset
Obvia, et armatus Libicas penetrasset in oras
Proh! quales victor titulos, qualesque triumphes
Gentibus ex domitis, captoque ex hoste referret?*

FIM DO TOMO SEGUNDO.

INDICE DO TOMO SEGUNDO.

CAPITULO I. <i>Introducção</i>	5
CAPITULO II. <i>O Doutor Francisco de Sá de Mi- randa.</i>	8
CAPITULO III. <i>O Doutor Antonio Ferreira.</i>	74
CAPITULO IV. <i>Epistolas, e Obras Dramaticas de Ferreira.</i>	120
CAPITULO V. <i>Diogo Bernardes</i>	159
CAPITULO VI. <i>Eclogas, e Epistolas de Bernardes</i> .	196
CAPITULO VII. <i>Fr. Agostinho da Cruz.</i>	229
CAPITULO VIII. <i>Jorge de Montemayor</i>	269
CAPITULO IX. <i>O Doutor Antonio de Castilho,</i> . .	287
CAPITULO X. <i>Estevão Rodrigues de Castro.</i> . . .	303
CAPITULO XI. <i>O Infante D. Luiz.</i>	322

4. 凡屬我國人民，不論男女老幼，均應遵守
此法。如有違反，定予嚴懲。此法自公布之日
起施行。凡我同胞，務請一體知照。此致
全體國民。中華民國二十九年十月一日。





